

SANGUE NO VERÃO

MONS KALLENTOFT



Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**SANGUE NO
VERÃO**
MONS KALLENTOFT

Tradução do sueco por
JAIME BERNARDES

Benvirá

Para minha mãe. E para Karolina, Karla e Nick.

PRÓLOGO

Eu não vou matá-la, meu anjo de verão.

Vou apenas fazer com que renasça.

Voltará a ser virgem. Toda a sujeira da história vai desaparecer, o tempo irá se enganar, e tudo aquilo que foi bom virá a reinar por si só.

Portanto, vou matá-la, já a matei, para que o amor possa renascer.

Tentei não a matar, mas, agora, o renascimento seria impossível, a matéria ficaria, permaneceria teimosamente, e tudo o que é nefando continuaria vibrando como uma lava quente e negra dentro de mim e de ti.

A maldade hibernada. O tempo perdido, feito em pedaços.

Tentei de várias maneiras, ensaiei, não cheguei a lugar nenhum.

Esfreguei, lavei, limpei.

Vocês, meus anjos de verão, viram os tentáculos brancos como a neve, as pernas da aranha como recifes e as garras de coelhos.

Cuidei, tratei e trouxe vocês.

Agora, cheguei.

Ele está sentado no sofá.

O seu ventre está aberto e os intestinos como pequenas víboras saem desse ventre e caem no chão.

Pode vê-lo?

Agora, ele já não pode mais fazer mal nenhum. Portanto, diz que quer e ousa voltar. As tábuas de carvalho do chão não vão ranger mais, nenhum vapor de álcool vai mais se incendiar no ar por ansiedade e angústia.

Neste verão, o mundo está em chamas.

As árvores transformam-se em esculturas negras, elanguescentes, monumentos aos nossos fracassos e à nossa incapacidade de nos amarmos uns aos outros, de nos entendermos.

Nós somos iguais, o fogo e eu. Destruir para que a vida possa voltar.

Alguém aprisionou as víboras, atirou-as a um barril de petróleo, já aberto, jogou gasolina e ateou fogo.

Os pequenos animais mudos arrastam-se em labaredas, fazem tentativas inúteis para evitar as dores.

Pare de se arrastar, minha querida menina.

Passei de carro pela floresta em chamas há cerca de uma hora. Escutei você bater dentro do carro, pronta para sair, de volta, pura e livre de qualquer outro pecado.

Ela achava que sabia alguma coisa sobre mim.

Que vaidade.

Mas não fique com medo. Quem quer que seja.

A questão é a seguinte: nenhuma pessoa pode sobreviver com medo e sem fé. A morte é o castigo para quem tira de alguém a capacidade de ter fé. A fé é vizinha do amor e, por isso, é vizinha da morte e das pernas brancas da aranha.

Nós precisávamos de você, apesar do que fazia. Apesar disso. Você possuía o nosso mundo. Não podíamos fugir, apesar disso ser tudo o que queríamos. E, de vez em quando, fomos à sua presença, pois não tínhamos outra escolha. E isso me consternou, essa permanente procura no escuro. Sei agora que nunca vou poder escolher alternativa, a não ser fazer mal a mim.

Mas, quando renascer, essa maldição vai terminar.

Portanto, em breve, tudo terminará.

Tudo ficará claro e puro.

Branco e iluminado.

Você não sentirá nada, exatamente como aconteceu conosco.

Vai se agitar e se arrastar de joelhos no chão.

Mas não tenha medo.

É apenas o amor que vai renascer. Com toda a sua inocência.

E, depois, vamos andar de bicicleta na margem ao longo do canal de Göta, num verão que durará eternamente.

PARTE 1

AMOR RENASCIDO

Que barulho é esse que ressoa?

O que irá acontecer?

É a chuva que vem aí. Trovoadas. Finalmente, um pouco de água caindo na terra.

Mas Malin Fors sabe mais. O calor deste verão veio para ficar, decidiu secar a vida na terra e a chuva ainda vai demorar.

Em meio à gritaria dos clientes que ainda estão no *pub*, Malin ouve o ruído do ar-condicionado a trovejar, a bufar, a protestar contra seus longos e exigentes turnos de trabalho, contra o fato de, neste verão, as horas extras não terem fim. Toda a maquinaria parece estar prestes a quebrar, estala em seus eixos e parece dizer: “Basta, basta, basta! Vocês terão de aguentar o calor ou baixar a temperatura com cerveja. Nem mesmo uma máquina aguenta tanto”.

“Está na hora de voltar para casa?”

Ela está sozinha, sentada ao balcão do bar. A quarta se tornou quinta-feira e o relógio já marca quase uma e meia da madrugada. *Pull & Bear* está aberto o verão inteiro, e os clientes que estavam bebendo lá fora fugiram do calor e entraram no *pub*, onde o ar-refrigerado faz pensar no reino dos céus.

As garrafas estão lá, nas prateleiras, bem na frente do espelho.

Tequila. Envelhecida em barris. Devo pedir uma dose simples ou dupla?

A umidade condensada no copo de cerveja, acabado de servir. Nota-se, nitidamente, o cheiro de suor e da acidez de álcool desperdiçado na atmosfera fechada, mas sem fumaça de cigarro.

Ela vê seu rosto no espelho do bar, refletido incontáveis vezes na sua frente pelo efeito dos espelhos que se encontram às suas costas, por cima e por trás do sofá de couro verde.

Mil reflexos, mas de um único e mesmo rosto. A pele levemente bronzeada, os fios louros ao lado das faces ossudas, mais curtos do que normalmente por causa do calor do verão.

Malin descera até o *pub* quando terminou o filme na televisão. Era uma produção francesa sobre uma família problemática em que uma irmã acabou tirando a vida de todos. Realismo psicológico, foi o que disse o apresentador. E, de fato, podia se dizer que sim, que era mesmo, embora a ação das pessoas, na realidade, não seja tão clara e tão fácil de ser entendida como no filme.

O apartamento parecia vazio e ela não estava assim tão cansada a ponto de ir para a cama dormir. Não, estava bem acordada e esperta, sentindo a solidão escorrer pelas paredes assim como o suor escorria, pelas costas e por baixo da blusa. Os tapetes da sala de estar cada vez mais desgastados. O relógio Ikea da cozinha que, de repente, um dia em maio perdeu o ponteiro dos segundos, as facas que perderam o fio e precisavam ser afiadas, todos os livros de Tove, os últimos que ela ainda guardou na terceira

prateleira. Títulos avançados para qualquer pessoa, mas, apesar de tudo, não inalcançáveis para a sua menina de 14 anos.

O homem sem qualidades. Os Buddenbrooks. O príncipe das marés.

“Alô, Tove?, Marian Keys está chamando.” Leituras.

Como é muitíssimo mais fácil para uma menina de 14 anos resolver hoje os seus problemas.

Malin bebe mais um gole de cerveja. Ainda não se sente cansada. Mas só? Ou algo mais do que isso?

A calma do verão no Departamento de Polícia Judiciária não lhe oferecia trabalho suficiente para ficar cansada ou para deixá-la absorvida no serviço. Desejou o dia inteiro que alguma coisa acontecesse.

Mas nada aconteceu.

Nenhum morto foi encontrado. Ninguém telefonou anunciando um desaparecimento. Nenhum estupro. Enfim, nada de extraordinário, a não ser o calor e os incêndios espontâneos nas florestas, principalmente, em Tjällmo, onde o fogo resolveu enfrentar a luta contra os bombeiros. A cada dia, o fogo “engolia” hectares e mais hectares de árvores de grande porte.

Ela pensa no corpo de bombeiros que trabalha a todo o vapor. Pensa também em todos os voluntários. Acorreram algumas viaturas da polícia para desviar o trânsito, mas nada de serviço para ela e seu colega Zeke Martinsson. Quando o vento sopra da direção das florestas, dá para sentir o cheiro de fumaça dos incêndios passando por toda a cidade de Linköping, toda ela envolta por um calor diabólico, dia e noite, provocado por ventos quentes sulistas que estacionaram por toda a região sul do país, em função de um cerco de altas pressões.

O verão mais quente registrado na memória dos homens.

E das mulheres, também.

Malin bebeu mais um gole de cerveja. O gosto amargo e frio aliviou o calor que ainda restava no corpo.

Lá fora, a cidade parece transpirar, de dia fica com uma cor sépia fosca. Linköping está vazia. Só restaram os que têm de trabalhar ou estão sem dinheiro ou sem refúgio. A maioria dos universitários voltou para as suas cidades. As ruas estão sem gente até mesmo durante o dia. Parecem as ruas de uma cidade fantasma. As lojas estão abertas apenas porque devem, por lei. Apenas uma delas está fazendo grande negócio: a Bosses, que fabrica sorvetes, seguindo uma receita particular, vendidos por um buraco na rua do hospital, a Hospitalsgatan. É o único lugar onde tem gente na fila o dia inteiro. É um mistério como as pessoas chegam ao Bosses sem serem vistas pelo caminho.

Está tão quente que elas nem se mexem.

Deve estar 38, 39, 40 graus. E anteontem foi alcançado um novo recorde de calor na cidade: 43,2 graus na estação meteorológica de Malmslätt.

Novo recorde de calor!

Batido o recorde anterior.

Este verão não tem comparação com nenhum outro.

São as manchetes do jornal *Östgöta Correspondenten*, mais conhecido por *Corren*, ao comentar a

situação com uma energia que não se compara a nenhuma outra na cidade atacada pelo calor.

Os músculos protestam, o suor escorre pelo corpo, os pensamentos derretem-se, as pessoas procuram incessantemente as sombras, o frescor. A cidade tem uma vida letárgica, tal qual as pessoas. Há um odor de poeira, de fumo, no ar, não dos incêndios nas florestas, mas da grama que, lentamente, fica queimada, sem que arda.

Nem uma gota de chuva desde o meio do verão, em junho, o *midsommardag*, feriado nacional. Os camponeses falam de catástrofe, e hoje tem um artigo no *Corren* da grande estrela do jornalismo local, Daniel Högfeltdt, que cita um professor que trabalha no hospital da Universidade, dizendo que qualquer trabalhador braçal, neste calor, deve beber no mínimo dois litros de água por dia.

Trabalhador braçal?

Será que ainda existe algum trabalhador braçal em Linköping?

Aqui há apenas professores, engenheiros, loucos por informática e médicos. Normalmente, essa é a impressão que se tem. Mas no momento fugiram todos.

Mais um gole da terceira cerveja faz com que Malin relaxe, se descontraia mais; se bem que, na realidade, ela precisa é renovar as energias.

Os clientes do *pub* vão embora, um a um. E ela sente como a solidão exige mais espaço.

Oito dias antes, Tove de mala pronta no *hall*, cheia de roupas e de livros, alguns novos que ela mesma comprou. Janne, o pai, atrás da filha. E Pecka, a amiga do pai, na rua, com o seu Volvo, pronta para lhes dar uma carona para o aeroporto de Skavsta.

Pecka mentira para Janne quando este lhe pediu uma carona dias antes. Disse que teria de trabalhar, não ia viajar. Na realidade, queria manter Janne à rédea curta, mostrar-lhe que estava chateada por ele insistir em levar a filha Tove com ele para Bali, na Indonésia, do outro lado deste maldito planeta.

Bali.

Janne ganhou a viagem na loteria de viagens, entre os funcionários do município. Primeiro prêmio para o herói dos bombeiros de Linköping.

Um sonho de verão para Tove e para Janne. Apenas pai e filha. A primeira grande viagem juntos. A primeira, para Tove, fora da Europa.

Malin ficara receosa de que Tove não quisesse viajar com o pai, por não querer ficar longe de Markus, o namorado, ou porque os pais do namorado, Biggan e Hasse, tivessem outros planos para ela.

Mas Tove ficou alegre e satisfeita.

— Markus vai ficar bem — disse ela.

— E eu? Como é que vou ficar sem ter você por perto?

— Mamãe! É simplesmente perfeito: poderá trabalhar o quanto quiser, sem ficar com a consciência pesada por minha causa.

Malin quis protestar. Mas todas as palavras em que pensara lhe pareciam fracas e, pior ainda, mentirosas. Quantas vezes Tove não teve de preparar a sua própria comida e ir para a cama sem ver a mãe, só porque Malin estava ocupada com algum assunto que o Departamento de Polícia a mandara

resolver?

Abraços no *hall*, há pouco menos de uma semana, corpos que se abraçaram.

Janne já segurava a mala de Tove.

— Cuide-se bem.

— Você também, mamãe.

— Sabe muito bem que eu me cuido.

— Tchau, até a volta.

Três vezes dizendo a mesma coisa.

A hesitação.

E, depois, tudo recomeçou. Janne dissera algumas idiotices, e ela se sentiu constrangida quando eles saíram e a porta se fechou. As lembranças do divórcio, 12 anos antes, vieram à tona. Os silêncios, a raiva, a sensação de que as palavras não apareciam para exprimir tudo o que pensava, e tudo o que era dito estava errado.

Viver juntos, nunca. Separados, nunca. Um amor forte, mas impossível.

E ela se recusou a reconhecer para si mesma como ficou aborrecida com a viagem dos dois, como se fosse uma menininha, abandonada por aqueles que mais deviam amá-la.

— Vamos nos ver quando eu for buscá-los na volta, no aeroporto. Mas a gente se fala antes disso — disse ela, já com a porta escura fechada.

E sentiu solidão no *hall*. Só havia passado cinco segundos desde que partiram, e Malin já sentia uma infinita falta dos dois. A ideia da distância foi insuportável e, por isso, ela seguiu direto para o *pub*.

“Para ficar bêbada como, de fato, estou agora”, pensou Malin.

“Bebendo uma dose de tequila de uma vez como acabei de fazer.”

A voz de Daniel Högfeltdt ao telefone:

— Quer dizer que está aí sentada no *Pull*?

— Vem ou não?

— Calma, Fors. Já vou!

Os dois corpos enroscados um no outro. Suas mãos a acariciar o peito sem pelos de Daniel Högfeltdt, sentindo na ponta dos dedos a umidade ainda dos seus beijos e lambidas. “Estou marcando o seu peito”, pensa Malin. “Estou marcando o seu corpo com as minhas digitais. E por que fecha os olhos? Olha para mim! Você me completa agora. E eu arranho você compulsivamente. Portanto, abra os olhos, os seus lindos olhos verdes, atlânticos.”

A troca de frases, no *pub*, apenas 10 minutos antes:

— Está com sede?

— Eu, não. E você?

— Não.

— Então, estamos esperando o quê?

Tiraram a roupa logo no *hall* de entrada. A torre da igreja aparecia como uma figura fantasmagórica pela janela da cozinha.

E o som.

As batidas do sino da igreja indicavam duas horas. Malin já o ajudava a tirar a camiseta branca de algodão já gasta, mas limpa, a pele quente contra seu peito, as palavras dele: “Vai devagar, Malin, devagar!”. E todo o seu corpo ansiava, tinha pressa, apalpava, esfregava, e ela dizia em voz baixa: “Daniel, nunca houve tanta pressa como agora”. E pensava: “Acha que o quero devagar? Devagar, basto-me a mim mesma. Daniel, você é corpo. E não tente me enganar, simular”. Ele já a empurrava para a cozinha. O relógio da Ikea continuava no seu tique-taque, e a sombra da igreja na janela, os ramos das árvores frágeis pela seca.

— Assim, sim — disse ele. Ela ficou em silêncio, as pernas abertas, deixando que ele a penetrasse, o membro duro, intumescido, proporcional, quente. E ela encostou-se para trás, por cima da mesa, agitou os braços, as xícaras ainda com um pouco do café da manhã resvalaram pelo tampo da mesa e caíram no chão, partindo-se em dezenas de pedaços.

Nessa altura, Malin empurrou o corpo de Daniel.

Sem dizer uma palavra, seguiu para o quarto.

Ele foi atrás.

Ela parou diante da janela, olhou para o jardim embaixo, a rua mais lá na frente, e, à luz tênue que entrava pela janela, ordenou:

— Deite!

Ele obedeceu.

O corpo de Daniel estendido na cama, o membro ainda ereto, apontando para o umbigo. O armário com as armas de Malin na parede, ao lado da janela. Daniel, de olhos fechados, estendendo os braços para trás, para cima da cabeceira de pinho puro. Ela parou, olhou, esperou, deixou que a pausa se transformasse quase em dor. Depois, subiu na cama, baixou seu corpo sobre o dele, ajeitou-se e sentiu a penetração de novo, do jeito que queria, do jeito de que mais gostava.

“Sonho que as serpentes se movimentam de novo, em algum outro lugar. Como é que uma menina na sua idade, Tove, movimenta-se entre as árvores sedentas, no que parece ser um parque, durante a noite. Ou é uma floresta, perto de uma lagoa de água escura. Ou é uma poça de água reluzente que cheira a cloro. Imagino que você flutua sobre a grama amarelada e, lá longe, longe, gira um irrigador direcionando a água sobre um canteiro de lilases recém-podados.

“Sonho que isso acontece, Tove.

“Acontece agora e eu fico com medo, paralisada, alguém, alguma coisa, sai de seu esconderijo no escuro, corre e aparece por trás dela, lança-a por terra, e as raízes das árvores em volta avançam para o seu corpo e envolvem-no, penetram nele, profundamente, como cobras vivas e quentes, cujos corpos famintos estão cheios de correntes de lava de tempos imemoriais.

“Ela grita.

“Mas nada se escuta.

“E as cobras caçam-na, vão atrás dela por um longo e enorme prado que antes era fértil, porém agora choringa, abrasado pelo calor do Sol. O terreno estala, sacode, e de suas brechas sai um cheiro de enxofre e uma voz rouca: ‘Nós vamos destruí-la, minha menina. Nós vamos destruí-la!’.

“Eu grito.

“Mas nada se escuta.

“Isso, sem dúvida, é um sonho, não é? Diz que é um sonho, Tove.

“Eu estendo a mão sobre o lençol ao meu lado. Está vazio.

“Janne, você não está aí, meu aconchego.

“Quero que vocês dois voltem para casa.

“Até você, Daniel, já foi embora. Levou consigo o calor insensível e me deixou aqui sozinha com o meu sonho e a minha depressão, neste quarto.

“Acho que foi um sonho ruim. Ou será que foi bom?”

Tove e Janne estão comendo bacon com ovos fritos num amplo terraço com vista para a praia, a *Kuta Beach*, sequer a ideia de bombas terroristas existe em suas mentes.

Janne e Tove já estão bronzeados e descansados, e os seus sorrisos maravilhosos deixam à mostra uns dentes brancos, bonitos e brilhantes. Janne, musculoso, já deu o seu mergulho matinal na piscina do hotel. Ao sair da água, uma belíssima balinesa espera por ele com uma toalha na mão, bem lavada e passada.

Tove já está estendida sob o Sol.

Sorri, com um sorriso ainda mais aberto, para o pai e pergunta:

— Papai, o que vamos fazer hoje? Comer arroz-doce com mel e nozes num templo budista de mármore cor de marfim, como mostram as fotografias dos catálogos de agências de viagens?

Malin arruma seus óculos Ray Ban com uma das mãos. E a imagem de Tove e Janne juntos em Bali desaparece. Depois, segura com mais firmeza o guidão da bicicleta ao pedalar com mais rapidez pelo quiosque de comida asiática na St. Larsgatan, a rua que leva à Trädgårdstorget, a praça central de Linköping. Malin pensa que se deixar as ideias soltas elas podem parar em qualquer lugar, imaginando as imagens que quiserem, fazendo até caricaturas daqueles que melhor conhecemos e mais amamos.

Instinto de autopreservação. Deixe a sua mente parodiar sobre a sensação de ausência, de preocupação e de inveja.

Ainda nem são 7h15 e Janne e Tove devem certamente estar na praia a esta hora.

E Janne nem sequer gosta de mel.

Malin pedala com ainda mais energia, mal chega a sentir o cheiro de fumaça dos incêndios, a cidade fica um pouco amarelada através dos óculos escuros.

O corpo começa a acordar.

Mas aguenta. A sensação é a de que hoje está mais quente. Nem quis olhar para o termômetro pendurado na janela da cozinha. O asfalto está meio oleoso por baixo das rodas da bicicleta. Parece que o chão da rua vai rebentar a qualquer momento e expelir centenas de víboras incandescentes.

Um verão para andar de bicicleta.

As distâncias são curtas no centro da cidade. Nessa época, em Linköping, quem pode anda de bicicleta, a não ser que o calor seja demais. Ela prefere andar de carro, mas toda hora vem aquela conversa sobre o meio ambiente nos jornais e na televisão. É preciso pensar nas próximas gerações. Elas têm direito a um planeta vivo.

Àquela hora, Malin anda completamente sozinha nas ruas. Nas vitrines da loja H&M, na praça, cartazes anunciam um período de liquidação. A palavra está acima da figura de uma conhecida modelo de que Malin devia saber o nome.

REA. SALE. Liquidação.

Está na hora dos descontos de verão. O calor. Quanto menos roupa, melhor.

O semáforo está vermelho. Malin para perto do McDonald's na esquina da Drottningatan, a rua da rainha. Arruma a saia, passa a mão para endireitar a blusa branca de algodão.

Roupa de verão, roupas mais femininas. E, com este calor, saia é melhor do que calças.

A pistola no coldre está escondida por baixo do casaco leve de algodão. Ela lembra-se da última vez que, com Zeke, praticou tiro no estande da polícia, de como os dois disparavam freneticamente contra as figuras negras de papel, ao fundo.

O restaurante Hamburgo está instalado num velho edifício da década de 1950, com uma fachada de pedra escura e um terraço côncavo e branco na frente. Do outro lado da rua, num prédio ainda mais antigo, está o consultório da psicanalista Viveka Crafoord.

Espremedora de cérebros.

“Ela me viu, direto, por dentro.”

Malin recorda o que ela lhe disse durante uma conversa na fase final de uma investigação.

— E você? Qual é a razão dessa tristeza? — E acrescenta: — Telefone se precisar falar.

Falar.

Já existem palavras demais neste mundo. De silêncio, pouco ou nada. Malin nunca chegou a telefonar para Viveka Crafoord para falar sobre assuntos particulares, mas telefonou várias vezes para tratar de casos em que precisou de “assistência psicológica”, como a própria Viveka prefere denominar.

Mas as duas tomaram café juntas algumas vezes, quando se encontraram por acaso na cidade.

Malin vira-se.

Olha de volta para a Trädgårdstorget, para os pontos de ônibus criados especialmente para a região e para os canteiros de flores e outras plantas nas calçadas enfeitadas com desenhos artísticos. Vê a fachada avermelhada do prédio em que há uma loja de flores e sementes e a pastelaria Schelin.

Uma praça agradável numa cidade agradabilíssima.

A fachada polida diante de pessoas indecisas. Tudo pode acontecer nesta cidade, onde o antigo e o moderno se encontram, em que pobres e ricos, instruídos e sem instrução, permanentemente se enfrentam, onde os preconceitos se espalham como o pó de cobertores sacudidos. Na semana anterior, pegou um táxi com um motorista de meia-idade que se manifestou a respeito dos habitantes da cidade: “Imigrantes malditos! Não tentam honestamente ajudar seja quem for. É melhor usá-los como combustível na fundição Gärstad, assim teriam alguma utilidade”.

Ela queria sair do carro, mostrar o distintivo e dizer: “Eu o meto na prisão por preconceito racial, seu patife”. Mas ficou em silêncio.

Um homem negro, de agasalho esportivo verde, atravessa a praça com uma longa ponteira na mão para evitar ter de se abaixar para apanhar papéis e bitucas de cigarro no chão. Das garrafas e latas, o Pant-Gunnar, ou alguma outra das empresas de limpeza da cidade, tomou conta.

Malin olha para a frente, segue pela St. Larsgatan em linha reta até virar à esquerda, onde começa o

bairro mais sofisticado da cidade, o Ramshäll.

Hasse e Biggan, os pais de Markus, moram lá, perto do hospital, visto que ambos são médicos.

O semáforo do cruzamento fica verde, e Malin volta a pedalar seguindo em frente.

A cerveja e a tequila de ontem não deixaram marcas no corpo. Nem mesmo Daniel Högfeltd. Ele saiu enquanto ela dormia e, se o conhece bem, é de imaginar que esteja na redação do jornal neste momento, reclamando da quietude do verão e esperando que alguma coisa aconteça.

Malin passa de bicicleta pela academia de ginástica, escondida atrás dos bordos verdejantes, e, algumas centenas de metros adiante, perto do início da rua Linnégatan, ela vê o prédio da Associação de Jardinagem, a Trädgårdsföreningen. Depois da academia, desaparecem as construções e surge um estacionamento. Por trás dos carros parados, finalmente, o hotel Ekoxen, considerado por todos o melhor da cidade. Mas Malin vira para o outro lado e segue em direção à entrada do balneário Tinnerbäck, o *Tinnis*, como o povo chama. O balneário abre às 7 horas e, no estacionamento, à entrada, estão apenas dois veículos, um Volvo vermelho, tipo van, modelo antigo, e outra van branca, sem identificação, que pode ser um Ford.

Ela salta da bicicleta, estaciona num lugar próprio, perto da cabine da entrada, e pega a bolsa que estava na pequena cesta.

Ninguém no caixa, junto à roleta da entrada.

Em vez disso, um aviso na janela suja: “O balneário abre às 7 horas da manhã. Entrada livre até as 8 horas”.

Malin passa pela roleta da entrada. O sol entra por cima da arquibancada, pelo lado da Folkungavallen, e bate em cheio no rosto dela. Apenas em alguns segundos, o relativo frescor da manhã transforma-se em calor causticante.

Na sua frente, Malin vê a piscina de 25 metros, coberta, vazia, a margem do lago, as encostas verdejantes, a grama, e, por toda parte, a água. Saudades da água.

O vestiário cheira a mofo e a material de limpeza.

Ela puxa o maiô pelas coxas, pensa que ainda estão firmes, que o treino mantém os anos sob controle e que não se encontram muitas mulheres de 34 anos que estejam em melhor forma. E, então, levanta-se, acerta o maiô por cima dos seios e o contato faz com que os bicos se enrijeçam sob o tecido sintético.

Malin solta os braços, se descontraí. Pega os óculos de natação na bolsa. Está quente demais no ginásio do Departamento de Polícia. É melhor nadar.

Pega a carteira, a pistola e o celular e sai do vestiário em direção à piscina ao ar livre. Passa pelos chuveiros. Não quer tomar a ducha, embora saiba que isso é contra o regulamento. Acha que a primeira água que tocará a sua pele deve ser aquela em que vai nadar.

As férias estão marcadas para meados de agosto.

A maioria de seus colegas vai gozar o bem merecido descanso em julho, menos Zeke e o chefe do departamento, o comissário Sven Sjöman.

Johan Jakobsson, sua mulher e seus filhos estão na casa de campo da família, perto de algum lago em Nässjö. Johan parecia estar sofrendo ao contar a Malin, na cozinha do departamento, a respeito de seus planos para as férias de verão.

— A minha sogra e o meu sogro mandaram construir duas pequenas casas de campo, uma para nós e outra para Petra, a irmã de Jessica, com cozinha, banheiro, tudo completo, só para não termos desculpa para não passar as férias lá.

— Johan, você está com 35 anos. Deve fazer o que quer.

— Mas Jessica é louca por aquele lugar. Quer que as crianças tenham de lá as melhores lembranças da infância.

— Muitas brigas?

— Brigas? Isso é muito pouco. A minha sogra é de uma passividade, a mais agressiva que você possa imaginar. A mentalidade de vítima é a base de sua sustentação.

Johan tomou um gole de seu café bem grande, mas foi obrigado a cuspir tudo na pia da copa. O café estava quente demais, e ele queimou a boca.

— Maldito café, como estava quente!

Exatamente como o verão.

Malin sai pela estreita passagem de cimento que leva às bancadas que dão acesso à escada para a piscina, e sente como o maiô aperta a virilha.

Börje Svärd.

Ana, sua esposa com esclerose múltipla, está internada numa enfermaria do hospital da Universidade. Três semanas fora da casa que ela decorou com total bom gosto, três semanas numa enfermaria, totalmente dependente de pessoas estranhas. Mas estar dependente não é novidade para ela; há muitos anos é tetraplégica.

Börje está fazendo uma viagem muito desejada à Tanzânia para caçar. Malin sabia que ele tinha, durante vários anos, poupado dinheiro para realizá-la.

Sabia também que ele havia deixado seus cães num canil em Jägarvallen. E foi sobre os cães que ele falou com a esposa quando a trouxe de volta do hospital, numa noite de sexta-feira, no final de junho.

— Malin — disse ele, enquanto seus bigodes estremeciam de emoção —, eu fico com a minha consciência pesada quando tenho de abandonar meus cães.

— Börje, eles vão ficar bem. O canil em Jägarvallen é bem conceituado.

— Mesmo assim. Ninguém abandona dessa maneira seus animais. Quero dizer, eles são membros da nossa família.

Semanas antes de viajar, o corpo de Börje começou a encolher, como se fosse pressionado para baixo por um arrependimento antecipado.

— Ana também vai se sair bem, Börje — disse-lhe Malin, no momento em que pararam diante do portão da rua Ågatan. — Ela vai ficar bem no hospital da Universidade.

— Mas eles não vão nem conseguir entender o que ela diz.

Malin já tinha na ponta da língua as palavras “não se preocupe”, mas resolveu não dizê-las. Preferiu tocar no braço de Börje, em silêncio.

No dia seguinte, pela manhã, na habitual reunião do departamento, o chefe, Sven Sjöman, disse:

— Viaje, Börje. Vai lhe fazer bem!

Börje que, normalmente, poderia ficar zangado com um comentário desses, recostou-se na cadeira e apenas abriu os braços:

— Está tão evidente que eu prefiro não viajar?

— Não — reagiu Sven. — Está nítido que precisa viajar, que deve viajar. Vá à Tanzânia e mate um antílope. É uma ordem!

Malin está agora à beira da piscina. O cheiro do cloro entra por seu nariz. Caminha pelo lado da piscina, segue em direção ao lado onde os blocos de partida parecem quadrados de açúcar cristalizado, amarelados, em contraste com as faixas negras no fundo da piscina para orientar os nadadores. Ao longe, em frente, ficam os imponentes ulmeiros, cujas folhas já estão amarelando. Malin continua sozinha na piscina. Ao que parece, mais ninguém na cidade consegue se levantar tão cedo. Será?

Karim Akbar.

O chefe do departamento da polícia de Linköping.

Não tão controverso na escolha do lugar para passar as férias quanto no exercício de sua profissão. Ele, a mulher e o filho de oito anos alugaram uma casa de campo em Västervik. Três semanas de férias para Karim. Mas, na realidade, nada de férias. Ele contou a Malin que vai escrever um livro sobre integração dos imigrantes na Suécia, de acordo e conforme as suas próprias experiências. A mulher e o filho vão fazer excursões na região e tomar banho de mar.

Malin já sabe sobre o que o livro vai tratar. O pequeno curdo que vive apertado em seu modesto apartamento, no bairro de Nacksta, na cidade de Sundsvall. O pai suicida-se por desespero de viver fora de sua sociedade. O filho vingá-se, estuda Direito e torna-se o mais novo chefe de polícia de todos os tempos na Suécia. O único com um passado de imigrante. Além disso, escreve artigos para jornais e revistas e participa de debates em rádio e televisão.

Malin aproxima-se do bloco de partida. Gosta de nadar no meio da piscina. Sente-se prejudicada pelas ondas provocadas pelas laterais. Curva-se, coloca a toalha e o celular no chão, esconde a pistola no meio da toalha e põe os óculos de natação. Em seguida, se prepara para pular na água.

O colega Degerstad deve voltar do seu curso em Estocolmo no início de setembro. E Andersson continua de licença médica.

Enfim, está pronta. Estica os braços, dobra os pulsos várias vezes, sente o corpo preparado para o impacto na água. Mentalmente — cada músculo, cada órgão, cada célula, cada gota de sangue —, fez um check-up tão completo quanto rápido.

Tudo pronto, músculos tensos. E lá vai ela.

Malin não escuta seu celular tocar. A insistência da chamada antecipa que alguma coisa aconteceu, que Linköping acordou de sua letargia estival, quente e maravilhosa.

Um braço para a frente, outro para trás. Inspiração a cada cinco braçadas. Seu plano é nadar 80 vezes a piscina de 25 metros.

Ao completar os primeiros 25 metros, ela faz o retorno e sente, feliz, que o corpo está bem, corresponde ao esforço, acha que as horas no ginásio da polícia dão resultado, que está controlando o corpo, e não o contrário.

Mas é, claro, uma ilusão.

Por que, afinal, um ser humano é o seu corpo?

O corpo é uma bola na água, o maiô parece uma faixa vermelha de sangue. Em volta, as construções e as árvores aparecem apenas de relance quando ela respira. Além disso, nada.

Malin aproxima-se novamente da borda da piscina. A primeira série de 40 voltas está prestes a terminar. Prepara o corpo para mais um retorno, mas nesse momento ouve uma voz, num tom de urgência, grave e calma.

— Desculpe, desculpe, desculpe...

Ela quer nadar, não quer parar, nem falar com ninguém, nem responder a nenhuma pergunta. Quer movimentar o corpo, ficar livre de todos os pensamentos, de todos... De todos o quê?

— O seu celular...

“Será que é Tove? Janne?”

Malin diminui a velocidade e, em vez de retornar, para e coloca as mãos na borda da piscina.

Entre a respiração ofegante, ouve uma voz difusa, longínqua. E vê um rosto escuro na contraluz.

— Desculpe, mas o seu telefone tocou quando eu passava.

— Obrigada — diz Malin, enquanto tenta recuperar o fôlego.

— Não tem de quê — diz a voz, antes de continuar a andar e a sua figura desaparecer na contraluz.

Malin sai da piscina, senta-se na borda, ainda com os pés na água. Estende o braço em direção à toalha e apanha o celular.

O aparelho é à prova d'água, um modelo básico.

O número de Zeke no visor.

Além disso, uma mensagem.

Dispensa a mensagem e liga.

Zeke atende após três toques.

— Malin, é você?

— Quem queria que fosse?

— Vá à Associação de Jardinagem — diz Zeke. — Vá para lá o mais rápido que puder. Deve estar por perto, não?

— O que aconteceu?

— Ainda não sei exatamente. Recebemos uma chamada no departamento. Mas vamos nos encontrar no parque infantil, perto da rua Djurgårdsgatan, assim que puder.

As palavras levam embora o frescor da água. Fica o Sol, o calor, o tom na voz de Zeke.

“É agora que se abrem as brechas no campo seco”, pensa Malin. “O tempo das víboras em brasa chegou.”

Malin volta correndo para o vestiário com a toalha ao pescoço. A água de seu corpo que escorre no cimento da escada evapora-se antes de ela chegar ao topo.

Tira rapidamente o maiô, nem pensa em tomar uma ducha para tirar o cloro do corpo, nem passa desodorante, nem se incomoda em pentear os cabelos. Veste a saia, a blusa branca, põe o coldre e o casaco. Enfia o tênis de ginástica nos pés.

Passa pela roleta da entrada.

Sobe na bicicleta.

Respira fundo.

Agora.

Agora, está acontecendo alguma coisa.

“O que me espera no parque da Associação de Jardinagem, a Trädgårdsföreningen?”

Alguma coisa aconteceu. Isso está mais do que certo. As palavras de Zeke antes de desligar. Ele falou rapidamente da chamada que chegou 15 minutos antes no departamento. Passaram a chamada da recepção para ele. Na outra ponta, uma voz assexuada, pouco clara, agitada:

— Há uma mulher nua no parque da Associação, está sentada no caramanchão, junto ao parque infantil.

Alguma coisa horrível aconteceu.

Uma mulher nua.

No maior parque da cidade.

Quem telefonou não informou nada a respeito da idade da mulher nem se ela estava morta ou viva. Na realidade, não informou nada a respeito de nada. Já deve haver uma viatura no lugar.

Talvez um falso alarme?

Mas Malin notou na voz de Zeke que o caso é sério. A maldade tinha recomeçado a se mexer, aquela corrente negra, subterrânea, indefinida, que sempre existe onde o ser humano está.

Quem terá telefonado?

Não se sabe. Uma voz ofegante.

Nenhum número registrado no telefone de Zeke, nem na recepção.

Malin para junto à grade do parque, perto do hotel Ekoxen. Acabara de passar pelo portal de entrada para o hotel. Muitos ônibus com turistas alemães — os hóspedes mais frequentes nesta época do ano. E, ao passar em frente da sala de jantar, vê os velhotes alemães a enxamear a mesa central do café da manhã.

No centro do parque, o grande gramado está rodeado de altos carvalhos. Ela sabe que é ali que se realizam as festas, principalmente, das escolas secundárias, na primavera, onde se bebe muito. Malin

acha que ainda consegue distinguir o cheiro de bebidas alcoólicas, de vômitos e de preservativos usados. Embaixo, do lado direito, está situado o caramanchão, construído onde antes existia um restaurante que ardeu num incêndio tempos atrás.

Malin continua pedalando, mas já vê o carro branco da patrulha lá em cima. Pedala mais rápido.

Sente a proximidade da violência cometida. Tem estado nessa situação com muita frequência. Já consegue imaginar o caso pelo cheiro.

A viatura estacionou perto do caramanchão, na base de uma pequena colina. Ao lado do veículo, uma ambulância. Ao fundo, veem-se alguns edifícios residenciais, com varandas cobertas e, entre as árvores, Malin consegue enxergar também uma construção amarelada do início do século passado.

Ela encosta a bicicleta com a ajuda do pedal.

Entra na cena que passa a ser sua.

Perto há uns balanços feitos com pneus e correntes, dentro de uma cerca de madeira impregnada e pintada de verde. Uma área com areia, um escorregador, um trepa-trepa, três gangorras com as duas pontas com aspecto de cabeça de touro, e uma caixa de areia.

Dois policiais fardados, com óculos de piloto, exageradamente grandes — o sarado Johansson e o gordinho Rydström —, andam na grama, perto da areia. Eles ainda não haviam percebido sua chegada, até porque Malin se aproximou vindo por trás da viatura.

Esses policiais pareciam estar em estado de choque.

Deviam tê-la notado. Ou ter visto que os enfermeiros da ambulância a cumprimentaram do banco em que estavam sentados, cada um de um dos lados de um pacote envolto num cobertor cor de laranja. Há um outro homem, enorme, mais velho. Malin sabe que ele se chama Jimmy Niklasson, e uma jovem, loura, que não tem mais de 20 anos e que deve ser nova no ramo.

Malin sabe também que eles têm tido dificuldades para encontrar mulheres para trabalhar. Muitas não conseguem passar no teste físico.

Niklasson olha para Malin, preocupado.

Um ser humano entre os dois, um pacote laranja, um corpo.

Envolto no cobertor do hospital e amparado pelos dois enfermeiros. A cabeça, meio escondida pelo cobertor, está pendente, olhando para o chão. É como se, entre os dois, alguém existisse e, ao mesmo tempo, não existisse.

Malin aproxima-se do banco, lentamente.

Niklasson acena para ela, cumprimentando-a. A jovem loura, também.

Finalmente, Johansson e Rydström notam-na e dizem um para o outro:

— Achamos que é...

— Ela deve ter sido...

— ...Estuprada!

E quando essa palavra atravessa a atmosfera, sai do parque infantil e chega ao banco, a figura no

cobertor levanta a cabeça, e Malin vê, enfim, o rosto de uma menina, com uma expressão carregada de medos, reconhecendo que a vida pode nos dar um presente de grego, em qualquer lugar, a qualquer hora.

Olhos castanhos que se fixam em Malin.

Parece perguntar-se: “O que está acontecendo? O que vai acontecer comigo agora?”.

“Meu Deus”, pensa Malin, “ela não é mais velha do que a minha Tove.”

— Agora, fiquem em silêncio, está bem? — grita ela para os dois policiais fardados.

Onde está o Zeke?

A garota tombou a cabeça novamente. Jimmy Niklasson afasta o braço do ombro dela e levanta-se. A loura continua sentada no mesmo lugar. Nessa altura, Malin confunde-se. Por momentos, acha que Niklasson é Zeke. Ou, então, gostaria que fosse Zeke — e não ela — a chegar primeiro ao local. Que fosse ele o primeiro a falar com a garota, a restaurar a sua calma, a sua confiança. Mas é ela, agora, que precisa fazer isso.

O Zeke é bom nisso, para falar com calma. Embora também seja bom na hora de reagir com decisão e força.

Johansson e Rydström chegaram, enfim, até Malin. Um muro de carne máscula, de repente, ao seu lado.

A voz grossa de Rydström diz:

— Nós a encontramos ali adiante, perto do caramanchão. Estava caída no assoalho.

Johansson:

— Nós tivemos que ajudá-la a se levantar. Mas ela continuou em silêncio, sem dizer uma palavra.

Nada. Foi então que chamamos a ambulância.

— Muito bem — diz Malin. — Muito bem. Vocês encostaram em mais alguma coisa lá embaixo?

— Não — respondeu Rydström. — Só nela. Fizemos com que se sentasse aí nesse banco de jardim, exatamente como ela está agora. E trouxemos o cobertor que estava no porta-malas do carro. Depois, a ambulância trouxe outros.

— Existem roupas lá embaixo?

— Não.

— Ela sangrou pela virilha — diz Niklasson. E a voz do policial é muito aguda para pertencer a um homem tão grande e forte. — E, pelo que pude perceber, ela está ferida nos antebraços e nas pernas. De resto, está estranhamente bem limpa. Parece até que alguém a limpou.

— Cheira a desinfetante Klorin — completa Rydström. — Está com o corpo todo branco. As feridas nos braços e nas pernas também parecem ter sido lavadas e desinfetadas, com força, intensamente.

— Levem-na para a ambulância — ordena Malin. — Vai sentir-se mais calma lá dentro.

— Não quer — responde Niklasson. — Já tentamos, mas ela se recusa balançando a cabeça.

— Por acaso ela parece saber em que lugar se encontra?

— Ela ainda não emitiu um único som.

Malin vira-se para Johansson e Rydström.

— Quando chegaram aqui, vocês não viram mais ninguém?

— Não. Quem poderia ser? — inquiriu Johansson.

— Aquela pessoa que telefonou, por exemplo?

— Não vimos ninguém aqui.

Malin hesita.

— Vocês dois, por favor — pede Malin —, isolem o local do crime. Comecem lá embaixo na fonte e continuem até aqui.

Malin senta-se lentamente no banco do jardim. Não quer invadir o espaço da garota. Tenta então aproximar-se, demonstrando amizade e respeito.

— Você me ouve? — pergunta Malin, notando que a pele branca e as feridas da menina são como ilhas decorativas. Nota ainda que a garota parece ter passado nua uma fria noite de inverno ao ar livre, apesar do calor. Existe em sua pele branca um leve tom de inocência, como se tivesse dançado com o diabo a dança da morte e, por alguma razão, sobrevivido.

A garota permanece quieta, não emite qualquer som.

Chega até Malin um notório cheiro de desinfetante.

Lembra o cheiro da piscina no balneário Tinnis.

A jovem enfermeira está do outro lado da garota, em silêncio, parece não se importar com o fato de Malin não ter se apresentado.

— Pode contar o que aconteceu por aqui?

Paira um silêncio, mas há um pequeno movimento lateral.

— Está com dores?

— Lembra de alguma coisa?

— Não precisa ter medo.

Nenhuma reação. Nenhuma resposta. Nada.

— Fique aqui com ela — diz Malin, levantando-se. — Não a deixe sozinha.

Embaixo, junto à fonte, os dois policiais colocam uma fita em volta de uma árvore. E Niklasson mexe em alguma coisa na ambulância.

— Podemos levá-la para o hospital?

A jovem motorista da ambulância tem uma voz suave e dócil, tranquila.

— Aliás, o meu nome é Ellinor. Ellinor Getlund.

Malin estende-lhe a mão.

— Malin Fors, detetive policial. Você terá de esperar um pouco mais antes de voltar para o hospital, embora fosse melhor levá-la agora. Talvez fale algo se ficar um pouco mais aqui. Vou olhar lá embaixo.

O caramanchão fica à sombra de um enorme carvalho.

Malin sente o suor nas costas.

O relógio no celular marca 8h17.

Faz muito calor, como nos fornos do inferno!

O caramanchão tem um microclima próprio. Malin encontra um calor úmido, esquisito, ao pisar no espaço aberto. Certamente, cinco graus mais quente do que lá fora, apesar de não existirem paredes. É mais um conjunto de pilares do que uma sala.

É um calor irreal.

Como se a atmosfera reunisse moléculas incomuns num lugar especial, na dança aérea de um diabo invisível.

Ela olha para os pés. Tem o cuidado de não pisar em nenhuma marca de sapato ou de pé. Há uma poça de sangue um pouco mais além, rodeada de pequenos pingos também de sangue. Ao todo, quase a forma de um corpo.

O que é isso?

O sangue dela.

“Uma mancha escura. O que é que vocês tinham de fazer aqui durante a noite? Você?”

“Você não é mais velha do que a minha Tove. Veio parar onde não devia.”

Nada de roupas, nada de tecidos, pelo menos que Malin possa ver a olho nu.

Um toque do celular. A voz tranquila de Ellinor Getlund atrás dela. A voz cada vez mais perto. Será que ela deixou a garota sozinha?

Malin abaixa-se, fica agachada. Respira fundo. Passa a mão pelo chão de madeira, com cuidado, para não tocar em nada importante para os investigadores e peritos criminais como Karin Johannison.

Vê que tem sangue no parapeito, acima do lugar onde a garota foi encontrada deitada.

“Alguém a jogou por cima do parapeito? Ou você mesma saltou?”

Vozes de crianças, ao fundo.

“Devo ignorá-las. O que estão fazendo aqui a esta hora, tão cedo?”

Malin levanta-se, vai até o parapeito. Depara-se com uma quantidade de pistas de marcas de sapatos do outro lado, de solas de pés, galhos partidos de arbustos um pouco mais além. Uma árvore, um pinheiro, ainda mais longe. Foi lá que você a esperou? Foi lá que você entrou no corpo dela, naqueles arbustos? Ou essa é a pista de outra pessoa? De quem será? Será que aconteceu tudo de maneira completamente diferente?

As crianças.

São muitas.

Elas riem.

Dizem: “Polícia, mãos ao alto!”.

E, depois, as crianças gritam. E gritam de novo. E ecoam no espaço vozes femininas, preocupadas. E a voz de Niklasson:

— Que droga, o que está acontecendo?

Malin vira-se.

Dez crianças da creche, com uniforme amarelo, aparecem agora, gritando. Duas assistentes, com expressões de espanto. Uma garota, nua, ferida, cortada, mas incontestavelmente pura, corre naquela direção. As crianças gritam de medo, como se, de repente, todas tivessem apanhado o vírus do pavor diante da estranha aparição que surge à frente delas e se aproxima.

As crianças gritam. Simplesmente gritam.

— Você devia ter ficado lá, junto dela — reage Malin.

Ellinor Getlund vai atrás da garota. O celular numa das mãos, o cobertor laranja na outra, apanhado na grama.

A garota nua, quase transparente, pula por cima das estacas para os balanços sem se preocupar com as feridas nos braços e nas pernas ou com o sangue coagulado nas partes internas das coxas. Passa por cima da areia. Senta-se num pneu do balanço. E balança para a frente e para trás, num movimento pendular que parece ser uma tentativa desafiante de parar o tempo.

O corpo branco, brilhante, o sangue nas coxas, a imagem completa de um momento iluminado.

Embaixo, junto à fonte, Rydström e Johansson continuam o trabalho de isolar o local com a fita amarela, como se nada estivesse acontecendo.

“Onde você está, Zeke?”, pensa Malin. “Preciso de você aqui.”

Zeke, cautelosamente, está agora ao lado de Malin, no caramanchão.

Ele chegou logo depois de a garota ter sido retirada do balanço, envolvida por um novo cobertor laranja e colocada numa maca dentro da ambulância. Ela entrou sem hesitar.

As crianças da creche saíram do parque. Quando seus primeiros medos se apaziguaram, até se divertiram com a imagem da tia que balançava nua. Podia continuar, se quisesse. Algumas das crianças ficaram tristes quando Malin e Ellinor Getlund ajudaram a garota a descer do balanço.

Malin explicou para uma das assistentes da creche que o parque infantil, agora, era local de um crime, mas no dia seguinte as crianças poderiam voltar a brincar. A assistente nem perguntou o que tinha acontecido, parecia mais interessada em retirar as crianças o mais rápido possível.

Zeke chegou correndo pelo caminho que levava ao caramanchão. Sua cabeça recém-raspada pulava para cima e para baixo, e as gotas de suor penduradas nas rugas da testa dos seus 45 anos ficaram mais nítidas à medida que se aproximava. Estava de camisa azul-clara, jeans da mesma cor, casaco bege de linho, sapatos pretos, pesados demais para o calor que fazia, mas de acordo com as exigências oficiais.

Malin conseguiu conter-se quando ele, sem fôlego, parou ao seu lado. Ela já estava junto à ambulância e tinha acabado de dar uma bronca em Ellinor Getlund.

— No local do crime, você faz aquilo que quem está no comando lhe diz para fazer. E eu disse para você ficar ao lado da garota e não perdê-la de vista.

Ellinor Getlund não se deu por vencida e insistiu:

— Quando é que podemos ir embora com ela? A garota precisa ir ao hospital.

— Quando eu autorizar.

— Mas...

— Nada de mas...

Para Zeke:

— Por que você demorou tanto?

— Na gíria daqui, tive de comer “sopa de bacalhau”, ou seja, acabou a gasolina no tanque e o carro parou. Felizmente, o posto da Statoil mais próximo estava a 200 metros de distância. Há muitos anos que não passava por uma situação dessas. Foi este maldito calor.

— Calor?

— Faz o cérebro trabalhar mais devagar.

— É verdade. Espero que a gente não erre muito durante esta investigação.

Malin relatou-lhe o que sabia, o que viu no caramanchão, e os dois foram então ao local do crime. No momento, Zeke está ao lado de Malin na sala sem paredes, o rosto com uma expressão de ceticismo.

— Não sabemos ainda, ao certo, se ela foi violentada, não é?

— Não, mas tudo indica que sim, não é?

— É verdade.

— E isso pode ter acontecido ali entre os arbustos.

Zeke concorda.

— Ou, então, alguém lhe fez mal em outro lugar e a trouxe para cá. Droga, como está quente. É estranho.

— Gostaria que falasse com ela — pede Malin. — Veja se consegue fazê-la falar, pergunte qualquer coisa. Tenho a sensação de que é aqui, e não em outro lugar, que vamos conseguir que ela fale.

A porta traseira da ambulância está aberta.

A jovem com o cobertor laranja está sentada em cima da maca, com a enfermeira ao seu lado, tão perto, como se jamais pudesse sair de onde está. A garota puxou o cobertor para cima da cabeça, mas o olhar continua voltado para baixo. Cheira a hospital e a material de limpeza no interior da ambulância. Veem-se os tubos de oxigênio ao longo da parede e os bocais amarelos pendurados no teto. Há um aparelho cardiopulmonar preso na outra parede.

“Já salvou alguma vida?”, pergunta-se Malin.

“Não poderá salvar a garota aqui dentro. Pode?”

Zeke entra primeiro. Malin, atrás. Faz um sinal para Ellinor se levantar. Os dois sentam-se um de cada lado da garota.

Zeke vira-se para ela e pergunta:

— Será que você pode levantar a cabeça e olhar para mim? Se puder, tudo bem. Se não, tudo bem também.

A garota continua sem se mexer.

— O que aconteceu aqui essa noite? Pode nos contar?

Um silêncio que dura vários minutos.

— Alguém a atacou?

Zeke passa a mão em seus cabelos brilhantes.

— Se você quiser continuar sem falar, não tem problema, mas seria bom se nós soubéssemos pelo menos o seu nome.

— Meu nome é Josefin Davidsson.

Em seguida, volta a ficar em silêncio.

A ambulância parte direto para a fonte, as luzes do freio acendem quando o veículo faz a curva para sair pela rua Linnégatan.

Josefin Davidsson não disse mais nada. Apenas seu nome.

O que lhe aconteceu?

O que você fazia no parque?

Suas roupas, onde estão?

Alguém lavou você?

Quem são seus pais?

Onde você mora?

Quem foi a pessoa que telefonou? Quem a viu primeiro? Ou...

As vozes cada vez mais desesperadas. Imaginando as razões do seu silêncio. As palavras que passam pela cabeça deles, cada vez mais quentes:

— O meu nome é Josefin Davidsson.

— E agora? — pergunta Zeke, assim que a ambulância desaparece de sua vista.

— Agora, vamos esperar pela Karin.

— Johannison?

Malin consegue detectar o desprezo na voz de Zeke. Pensa: “Por que razão não gosta dela? Por que ela é bonita? Por que ela é inteligente? Ou por que ela é rica? E ser rica é o mesmo que ser melhor?”.

— Bali. Nós vamos ficar na estância de Uluwatu, num hotel da cadeia Bulgari — diz Karin Johannison, ao mesmo tempo em que raspa o sangue coagulado do parapeito. — Tenho férias marcadas para agosto, e vamos passar um mês nesse lugar. É a melhor época do ano para ir para lá.

— Janne e Tove estão lá agora.

— Que bom para eles. Em que lugar?

— Num hotel, na praia, chamado Kuta.

— É a praia mais fina. Mas muito turística.

Malin pensa em como Karin ainda está bronzeada, apesar de ter trabalhado o tempo todo dentro do laboratório de criminalística, o SKL, o verão inteiro. Ela continua parecendo indecentemente fresca e ágil como de costume, os olhos azuis sempre com um brilho positivo, a pele bem cuidada. O vestido, de tecido rosa, caro, caindo suntuosamente por seu corpo, contribui para a impressão de pertencer à alta classe.

Antes, Karin passou um pente-fino nos arbustos e na grama em volta do caramanchão. Encontrou lixo e o colocou dentro de pequenos sacos plásticos já etiquetados.

— Vou procurar por impressões digitais. Mas podem existir milhares ou também nenhuma. É difícil encontrá-las na madeira.

— Eu achava que vocês podiam encontrar impressões digitais em tudo — diz Zeke.

Karin não responde.

— Pode ter acontecido como você disse, Malin. Que o criminoso a atacou lá nos arbustos e, depois, a arrastou até aqui e a atirou por cima do parapeito. Vamos ver o que dizem os médicos a respeito de seus ferimentos.

— Nem sabemos ainda se ela foi violentada. E se quem a atacou foi um homem.

É a voz de Zeke, provocante.

— Está na hora de voltar para o departamento — diz Malin. E passa a imaginar onde Daniel Högfeltdt possa estar àquela hora. Ele, ou alguém do *Corren*, já deveria ter chegado há muito tempo. Mas talvez o informante deles dentro da polícia esteja de férias. Ou talvez a notícia no rádio sobre a garota tenha parecido muito inocente.

Mas logo Daniel aparecerá. Tão certo quanto o calor deste verão. A história mais quente da estação está aqui. Até mais quente do que os incêndios nas florestas.

Garota violentada no parque da Associação.

Do outro lado da fita de isolamento, aglomeram-se os curiosos, pessoas vestidas com roupa de verão, e fazendo a mesma pergunta que os dois policiais:

O que aconteceu?

Zeke deixa o carro no local. Algum dos policiais fardados o levará para a garagem do departamento. Malin pega sua bicicleta, olha uma última vez para o caramanchão antes de ela e Zeke deixarem o parque.

O Sol já está bem alto e chega por faixas estreitas de luz dentro da sala redonda. Os raios solares parecem rolar por cima do que aconteceu lá dentro e tentam participar na dança das diversas hipóteses.

“Isto é apenas o começo”, parecem dizer os raios. “O verão ficará ainda mais quente, muito menos tolerável. Esperem para ver: depois de nós, a escuridão.”

— Você vem, Fors?

A voz de Zeke, ao mesmo tempo exaltada e calma.

Finalmente, um caso sério a que se dedicar. E é verão. Está dispensado de ver o hóquei no gelo.

Malin sabe que Martin, o filho de Zeke, a grande estrela do orgulho da cidade, o Linköping Hockey Club, está de férias por três semanas. Zeke odeia hóquei, mas é leal ao filho e vai vê-lo jogar todas as partidas durante a temporada. Mas nestes dias de verão nem existe gelo no Cloetta Center.

O caminho dos pedestres na saída do parque da Associação de Jardinagem passa entre dois prédios residenciais, com os seus canteiros de flores que murcham e perdem a cor no calor. Na rua em frente, Djurgårdsgatan, passa o ônibus 202, que segue na direção do hospital da Universidade.

“São menos de 600 metros até o departamento”, pensa Malin. “E é tão perto do coração da lei que uma garota acaba de ser atacada e violentada.”

Toda segurança é uma quimera.

Quatro garotas, nos últimos anos de sua adolescência, passam voando em suas bicicletas. Equipamentos de jogos aquáticos nas cestas de transporte.

A caminho para se refrescar. No balneário de Glyttinge? Ou no Tinnis?

Gritos e brincadeiras. Férias de verão. E algo que está à espera, por trás de uma árvore, no escuro.

Vamos tomar banho, banho, banho, dizem vocês, mãe, viu as minhas almofadinhas, viu a minha boia, onde está a boia? Eu não quero afundar, mãe.

Eu ouço vocês.

Vocês estão em cima de minha sombra, mas não sei se podem me ouvir. Quando eu chamo: mãe, mãe, pai, pai, onde estão vocês, vocês devem vir, devem vir me buscar. E quem são todos vocês que gritam para tomar banho, que perguntam por boias, por sorvetes?

Mas eu senti as gotas.

Que demoram, que ficam. A que cheiram as gotas? Elas têm outro cheiro em relação ao cheiro que a água costuma ter. Cheiram a ferro? A esterco de animais?

Seus pés.

Escuto seus pés que pisam em cima de mim.

Por cima.

E eu acho que estou deitada no chão, mas talvez seja eu que tomo banho, talvez seja a água, escura e úmida, à minha volta. Deve ser água, eu gosto de água.

E agora vocês brincam.

Onde está minha bola, mãe?

Devo pegá-la para você? Mas meus braços não conseguem alcançá-la. Estão presos e estendidos ao lado de meu corpo. Tento mexê-los, mas parecem grudados naquilo que está ao redor de meu corpo.

Mas por que estão pisando em mim?

Não quero que pisem em mim.

Onde eu estou?

Onde está você, papai?

Eu sei nadar, sei flutuar, mas não chego a lugar nenhum.

Sei nadar. Mas não consigo respirar.

O meu espaço acabou.

A creche do outro lado do parque, em frente à janela da sala de reuniões do departamento, está fechada durante o verão. Não há crianças nos balanços nem nos escorregadores pintados de vermelho. Não há mãos de três anos mexendo na areia.

O calor não tem crianças. No verão, na cidade, quase também não.

Em vez de crianças, dois pintores diante das janelas da creche. Os dois, cada um em cima de sua escada, de troncos nus, passando, nas paredes, seus rolos de tinta rosa a um ritmo muito mais rápido do

que parece.

Cores alegres. Crianças alegres.

Malin olha em volta, na sala de reuniões. As paredes, forradas com papel de parede amarelo, claro, um quadro branco ao fundo, perto da porta. Trouxeram cadeiras novas. As antigas estavam com defeito. E as novas, de madeira encurvada, com os assentos pintados de preto, são ainda, se possível, menos confortáveis.

Com o calor e com o suor, a tinta gruda os tecidos na pele das pessoas. O ar-condicionado do departamento não é suficiente para manter a grande sala a uma temperatura agradável.

O relógio na parede da sala marca 10h25. A reunião matinal está bastante atrasada em razão do caso da garota no parque da Associação.

Qual é a temperatura agora?

Agora está 35 graus lá fora e 30 aqui dentro.

Em frente a Malin está sentado Sven Sjöman, que sofre. As marcas de suor na camisa acastanhada, junto aos sovacos, estão cada vez maiores, alastrando-se para a barriga, que aumentou durante a primavera e o início do verão.

“Tome cuidado, Sven.”

“Os ataques de coração são normais no calor. Mas você sabe como se comportar com cautela, até aí, eu sei. Se existe alguma coisa que define sua personalidade é, justamente, a sabedoria e o bom senso. Está com 55 anos, é policial há 33 anos. Você me ensinou tudo o que eu sei na profissão.

“Pelo menos, quase tudo.

“Mas, em especial, fez com que eu acreditasse que tinha condições de ser uma boa investigadora, uma boa detetive.”

Você é a policial mais talentosa com quem já trabalhei, Malin.

“Sabe o que essas palavras significam, Sven? Certamente, sabe. Se não, nunca as teria dito.”

Zeke está ao seu lado. Gotas de suor na ponta do nariz e na testa, que está completamente encharcada desde a raiz dos cabelos, como se ele tivesse terminado uma sessão de treinamento no ginásio.

— Muito bem. Quer dizer que somos apenas nós, agora, no verão, os investigadores no departamento de criminalística — diz Sven. — Portanto, cabe a nós três manter a ordem dos acontecimentos da noite passada e montar a investigação do caso daquela garota que diz se chamar Josefin Davidsson. Mas chegou ao nosso conhecimento outro caso, esta manhã. Uma garota, Theresa Eckeved, de 14 anos, foi dada como desaparecida por seus pais. Assumo a responsabilidade das pesquisas preliminares de ambos os casos.

— Oi, oi, oi — diz Zeke. — Estamos diante de uma nova moda, a das garotas!

“Primeiro, não acontece nada”, pensa Malin. “Depois, acontece tudo ao mesmo tempo.”

— Desaparecida. Uma jovem de 14 anos? — pergunta Malin. — Com toda a certeza, apenas fugiu de casa.

— Um momento, um momento — interrompe Sven. — Os pais de Theresa Eckeved fizeram-me um

relato do que aconteceu. Mas vamos começar pelo caso de Josefin Davidsson.

— Uma coisa de cada vez — completa Zeke, sorrindo. Malin nota que a energia está voltando para os olhos superaquecidos pelo calor, cansados pelo ambiente de verão. No conjunto, um amargo paradoxo. São a violência e o sofrimento alheios que lhes dão trabalho e, dessa maneira, contribuem para a sua alegria. “Será que posso, realmente, sentir alegria no trabalho?”, pensa Malin.

“Depressão e alegria”, volta a pensar.

“Se eu misturar os dois sentimentos, o que acontecerá depois? Uma das sensações que você, como policial, algum dia, irá sentir. Um dos sentimentos que provoca uma consciência pesada e que leva a duvidar do caráter humano, não tanto na sequência daquilo que vê e que ouve, mas daquilo que faz consigo mesma.”

Estupro.

E você entra em ação.

Assassino.

E você, de repente, explode de paixão e de zelo.

— Josefin Davidsson será analisada pelos médicos no hospital da Universidade. Eles vão verificar se foi violentada e, depois, ela passará pelos psicólogos para receber ajuda e para voltar a falar.

— Já verifiquei — diz Malin. — Existem 120 Davidsson apenas em Linköping. Vamos ter de colocar todas as pessoas disponíveis para telefonar a todos eles, caso ela não fale ou ninguém registre seu desaparecimento.

— E não sabemos, também, quem foi que telefonou para informar que a garota Josefin andava sem destino no parque — acrescenta Zeke.

— Não sabemos, não. E vai ser difícil saber — diz Sven. — A chamada deve ter vindo de um celular pré-pago. Já sabemos como são essas coisas. Pode ter sido alguém que passou, viu, mas não quer se identificar para a polícia. Ou, então, alguém envolvido no ataque à garota. E ainda ninguém da família de Josefin Davidsson foi ouvida — continuou Sven. — Nem um sinal. Vamos ter que mandar bater de porta em porta, nos arredores do parque. E, quando os médicos e os psicólogos tiverem feito o trabalho deles, vamos tentar ouvi-la, lá mesmo, no hospital.

— Talvez ela seja mais velha do que parece — diz Malin. — E talvez estivesse sozinha em casa, enquanto os pais estão viajando.

— Isso nos leva ao caso de Theresa Eckeved — diz Sven. — Os pais estiveram em Paris, e Theresa devia estar em casa, uma vila em Sturefors, sozinha com seu namorado.

Malin estremece quando escuta as palavras “vila” e “Sturefors”.

Sturefors.

Subúrbio de Linköping onde ela cresceu.

Milhares e milhares de imagens passam por sua mente. Seus pais andando, nunca ao lado um do outro. Ela correndo em volta, no quarto, no jardim, sempre com a sensação de que não sabe onde está, que a realidade é outra, muito diferente daquela em que vive. E que cada recanto, cada arbusto, cada palavra e

cada suspeita, esconde um segredo. O desejo de que a idade adulta chegasse mais cedo, e a vã ilusão de que tudo nessa hora se esclareceria, de que tudo ficaria nítido.

O quarto de adolescente. Posters de Duran Duran.

Nick Rhodes.

“See them walking hand in hand across the bridge at midnight.”

“Girls on film.”

— Mas ontem, quando chegaram em casa, Theresa não estava e, depois de uma conversa com os pais do namorado, ficou claro que ele esteve o tempo todo na casa de campo da família e sem Theresa.

Markus.

Tove.

“Ela, talvez, não tenha mentido no início do namoro, mas escondeu a verdade. Como se esgueirou, a fim de encontrar um lugar para um amor, com o qual julgava que eu ficaria zangada. Ela não confiava em mim. Achava que eu desaprovava. Eu também. Convenci-me de que devia defendê-la. Tentei apenas evitar que cometesse o mesmo erro que eu. Meu Deus, fiquei grávida de Tove aos 20 anos. Eu não aguentaria vê-la na mesma situação confusa em que fiquei, a mesma sensação, duplamente doentia, de amar e de estar me sentindo pressionada contra a parede. Por isso, não confiei em você; pensei em mim. E você escondeu seu primeiro amor de mim.

“Essa atitude... como a podemos chamar?”

“Maternidade malsucedida. Nem mais nem menos.”

— Os pais não falaram com ela por telefone quando estavam em Paris?

Zeke parece cansado novamente. Sua voz já está rouca, arrastada.

“Devem estar arrependidos de terem viajado”, pensa Malin.

— Certamente que não — responde Sven. — A garota não atendeu seu celular, nem respondeu ao telefone de casa, mas eles acharam isso normal, nada estranho.

— Não?

— Desobediência, apenas. Costumava perder o celular.

— E quanto tempo ficaram em Paris? — pergunta Zeke.

— Viajaram por seis dias.

— Portanto, ela pode estar desaparecida há quase uma semana.

— E os pais não fazem a mínima ideia de onde ela possa estar?

— Não, eu mesmo lhes fiz essa pergunta.

Sven Sjöman endireita a camisa, antes de continuar:

— Vamos dar prioridade ao caso da garota do parque, mas vocês podem começar indo até Sturefors. Falem com os pais de Theresa, tentem acalmá-los, mostrem-lhes as estatísticas. Ela, certamente, vai voltar.

Nessa altura, Sven entrega um endereço.

Apenas a um quarteirão de distância da vila onde Malin cresceu.

A mesma área.

O mesmo sonho prematuro da década de 1970. Piscinas em alguns dos jardins. Casas bem amplas, com fachadas de madeira e azulejos. Árvores frutíferas já adultas e imponentes sobre gramados bem tratados.

Malin nunca chegou a voltar à região, desde que seus pais venderam a casa para comprar um apartamento antigo num parque sofisticado, o Infektionsparken. Eles ainda estão em Tenerife onde passam a maior parte do ano. Normalmente, só voltam à Suécia no verão, mas, como o pai lhe disse ao telefone:

— Este ano vamos ficar por aqui. Sua mãe começou a jogar golfe e vai fazer um curso neste verão. É mais barato agora do que na alta estação, ou seja, no inverno.

— Vou continuar molhando as flores, pai. Não se preocupe. Elas estão em boas mãos.

Na realidade, as flores sobreviventes já são poucas, agora, no apartamento dos pais. É bem possível que essas que restam não consigam aguentar o calor. Mas o que se pode esperar? Faz, agora, um ano que os pais estiveram em Linköping pela última vez. Afinal, para que querem manter o apartamento aqui? De repente, Malin fica com saudades de voltar lá, para a sensação de frescura que ela sempre sentiu. Deve estar bem agradável, agora, no apartamento.

— E a mídia — lembra-se Malin. — O que dizer para os jornalistas? Podemos ter certeza de que eles vão cair em cima dos casos de Theresa e Josefin como formigas no mel.

— Com toda a certeza — concorda Sven. — Mas vamos com calma. Ainda não sabemos se o caso de Josefin é de estupro e vai demorar um tempo antes de eles saberem da denúncia sobre o desaparecimento de Theresa, não é? Talvez a gente tenha um dia inteiro para trabalhar com calma. E talvez nós precisemos da ajuda do público nos dois casos. Vamos ver como a coisa evoluirá. Mandem todas as chamadas dos jornalistas para mim. Eu sei como enfrentar os lobos enquanto Karim estiver fora.

— Com certeza, ele vai voltar assim que souber dos acontecimentos — diz Zeke. — Ainda mais se os dois casos aquecerem.

— Podem estar certos disso — confirma Malin. E, neste momento, o seu celular começa a tocar.

O aparelho está bem na sua frente, em cima da mesa, e o celular toca, ao que parece, com raiva, impositivamente, como se quisesse lembrar aos três que até então a conversa versara apenas a teoria. Estava na hora de enfrentar a dura realidade.

Malin vê o número no visor.

Atende.

Escuta.

— Sobre isso terá de falar com Sven Sjöman. É ele quem atende a imprensa durante o verão.

Ela estende o celular para Sven Sjöman, levanta as sobrancelhas e abre um sorriso irônico.

— É Daniel... Daniel Högfeltdt, do *Corren* — diz ela. — Ele pergunta sobre a garota estuprada no parque da Associação e a garota desaparecida, de Sturefors. Quer saber se suspeitamos de alguma ligação entre os dois casos.

Alguma ligação?

Uma garota está desaparecida.

A outra foi atacada, talvez estuprada, no parque da Associação de Jardinagem. Um tiro no escuro? Não é impossível. O tempo, o trabalho dos investigadores vão demonstrar se há ligação.

“No momento, sabemos apenas que devemos continuar com a mente aberta. Essa é a ordem do dia. E, assim, é a estrada Brokindsleden que está no nosso caminho, aquele que podemos ver pelo para-brisa, em frente. Ao lado da estrada, corre a ciclovia, agora deserta por causa do calor. Uma pista com a forma de uma cobra, sem cheiros. A atmosfera parece completamente parada, cintilando, sem oxigênio. O campo de trigo está acachapado pelo calor, como se um punho gigantesco houvesse pressionado a colheita contra o solo e tivesse dito: ‘Não acredite que a sua vida é possível, não neste verão. Este ano é o dos incêndios e das queimadas’.”

As mãos de Zeke no volante do Volvo.

Firmes.

Como as mãos de seu filho, Martin, no taco de hóquei.

No final da temporada, Martin recebeu um convite para jogar na equipe do Toronto Maple Leafs, no Canadá, mas agradeceu e recusou. Sua namorada está esperando um bebê e quer tê-lo e criá-lo em Linköping. E os principais patrocinadores, Cloetta, com os seus chocolates, e Saab, com os seus carros e aviões, colocaram na mesa alguns milhões de coroas para Martin ficar.

— Agora, está rico, o meu garoto — foi o comentário de Zeke. — E vai ficar ainda mais rico quando for para os Estados Unidos.

Essas palavras de Zeke soaram como se quisesse que Martin se mudasse para a América, como se já estivesse farto, até as pontas dos cabelos, de ouvir falar de hóquei no gelo, de honrarias, de elogios e de dinheiro.

— O hóquei, que esporte mais desgraçado!

Malin perguntou-lhe o que ele pensava de, em breve, ser avô.

— Deve estar ansioso e orgulhoso.

Mas Zeke soltou apenas um grunhido como resposta. Malin não insistiu no assunto. Já sabia que, quando o garoto nascesse, ele ia gritar de alegria. Tinha certeza. O garoto esfregará com a mão a careca dele e dirá: “Bola, bola!”. E Zeke vai adorar.

Sturefors.

Eles continuam rodando em silêncio e aproximam-se agora de um dos extremos do bairro.

Malin fecha os olhos.

Se o calor lá fora não tem cheiro, aqui dentro do carro, qual é o cheiro que existe?

Wunderbaum e o perfume masculino Aramis.

A que é que cheira agora? Nos jardins das casas? Qual é o perfume?

A grama recém-cortada.

Pisadas de menina sobre a palha seca. Ela flutua, sozinha no jardim. “Cheira ao meu pai. À minha mãe.

Escuto quando ela grita comigo e me leva para dentro de casa. E reclama. E o pai se cala. E eu quero que ele me defenda, contrarie a mãe, me faça entender que eu, Malin, sirvo para alguma coisa.”

“E como ele fica ali, de pé, parado, ao lado da mãe. De boca aberta, enquanto minha mãe grita comigo.

Com as palavras de protesto saindo e entrando de sua boca, enquanto ela continua, insistentemente, a ralhar comigo.

“O vento a fustigar os cabelos quando eu circulava no bairro, de bicicleta, ao longo das ruas até chegar à escola. As pernas rodando, os pés pedalando e eu voando pela pista de ciclismo.

“É uma competição. Tudo na vida é uma competição.

“E lembro-me agora, só agora, pela primeira vez, no ar-condicionado do carro, que uma noite quando pensavam que eu já estava dormindo e, na realidade, escutava junto à porta de seu quarto, a mãe disse:

‘Ela jamais deve saber disso. Será para sempre um segredo nosso’.

“A voz aguda da mãe. Um tom de voz de alguém que nunca ficou satisfeita.

“Pai, o que é que eu não devo saber?”

Os jogos de futebol entre os rapazes, no campo por trás do edifício vermelho da escola. As camisetas vermelhas da equipe da casa.

Os corpos, quentes. As luzes ligadas. As equipes: Bankeberg SK, Ljungsbro IF, Linköping FF, Saab. Todas as equipes, os rapazes, as moças ao lado, por baixo do cobertor, no porão, imagine se vem alguém.

A sirene toca. A cerca de madeira pintada de verde. Famílias que tentam ser famílias. Crianças que são crianças. Que nadam nas águas da vida e sabem que um dia terão de assumir responsabilidades.

Sturefors.

Prédios residenciais de poucos andares e casas, perto de uma lagoa, Stångån. A maioria das casas construída nas décadas de 1960 e 1970. Algumas construídas pelas famílias de lá, artesãos interessados em ter o seu próprio lar, feitas por eles mesmos. Outras, compradas por engenheiros, professores e funcionários públicos.

Nada de médicos por aqui, nessa época.

Mas agora, sim, com certeza.

Doutores e engenheiros por trás da paisagem amarelada, das cercas, de azulejos amarelos e brancos, e das placas vermelhas das fachadas.

Gramados por cortar. Árvores que começam a dar frutos e todas as casas com pequenos canteiros de flores que murcharam e ou imploram por água. Abandonar a cidade no verão era normal para a maioria

dos habitantes de Sturefors. Não tanto para os milhares de habitantes que vivem no bairro de Ekholmen, uma área cujo projeto custou milhões e que agora estavam atravessando.

— Prepare-se para virar e sair da estrada — diz Malin. — É já na próxima saída.

— Quer dizer que conhece bem este lugar, não é?

— É...

Por algum momento, Zeke desvia o olhar da estrada, não liga para uma placa de alerta de “crianças brincando” fixada num muro de azulejos brancos.

O velocímetro indica 35 quilômetros por hora, cinco a mais do que o permitido.

— Como é possível?

“Nem o meu colega mais chegado, o Zeke, sabe disso a meu respeito”, pensa Malin. “E também não precisa saber.

“Não penso contar que cresci numa rua bem próxima daqui, que vim da maternidade de Linköping para morar e viver aqui até que saí de casa, neste bairro chamado Sturefors, cada vez mais fechado, de pessoas bem de vida. Não penso contar nada a respeito de Stefan Ekdahl e do que fizemos um dia na cama dos meus pais, quatro meses antes de eu completar 13 anos. Não penso contar nada a respeito de como tudo pode estar bem, mas, ao mesmo tempo, mal. E, sabe uma coisa, Zeke, eu não faço a menor ideia de como as coisas podem ser assim ou assado, de como podem ocorrer de uma maneira ou de outra. E muito menos faço ideia de como puderam acontecer.

“Janne.

“Nós estamos separados há mais de 10 anos, mas nunca conseguimos nos desligar por completo. A minha mãe e o meu pai estão casados desde a ‘Pré-história’ e talvez nunca tenham estado juntos, próximos um do outro.”

— Acontece apenas que eu sei — responde Malin.

— Quer dizer que você guarda segredos de mim, Fors?

— Talvez seja melhor assim — diz ela, no momento em que Zeke estaciona o carro diante de uma casa de fachada envidraçada e cercada por um muro baixo de cimento pintado de branco.

— A casa de Theresa Eckeved. Resta sair do carro e avançar, senhorita.

Uma piscina cintila ao fundo. Em volta, arbustos bem aparados, com formato de hélice, de um tipo que Malin conhece, mas do qual não lembra o nome. Ao que parece, terra nova em todos os canteiros.

Café e bolinhos já estão dispostos na mesa de teca. As cadeiras com almofadas extras, de bonita cor azul. Num terraço, ao lado de uma lareira, no teto, circula um ventilador que sopra uma agradável brisa. Vê-se ainda um balde com gelo, ao lado da cafeteira.

— No caso de vocês quererem o seu café *con hielo* — reforça Agneta Eckeved, antes de se sentar com eles à mesa.

— Eu quero quente — afirma Zeke, do seu lugar na ponta da mesa. — Mas obrigado pelo oferecimento.

E a seguir as palavras de Sigvard Eckeved, tão emocionadas como preocupadas.

— Eu não entendo como ela poderia ter nos enganado...

E nessas palavras existe também uma certeza: a de que ele não decide muitas coisas na vida de sua filha. Se é que decide alguma coisa.

Os bolinhos soltam um cheiro repugnante no calor, e o café queima a língua.

A voz de Sigvard Eckeved é clara, mas tem uma ressonância grave quando conta o que eles já sabiam: que ambos estiveram em Paris e que o namorado devia ter ficado com Theresa. Mas o namorado permaneceu o tempo todo com os pais, em sua casa de campo, perto de Valdemarsvik, que a carteira e o celular de Theresa não foram encontrados em casa etc. Malin e Zeke deixaram que ele recontasse tudo, apenas com as curtas intervenções da esposa confirmando as palavras do marido. A voz da mulher era muito mais preocupada. “Você sabe de mais alguma coisa”, pensa Malin, “que devêssemos saber?”

Assim que Sigvard Eckeved para de falar, Zeke pergunta:

— Têm algumas fotografias de Theresa? Para nossa orientação e para enviar para todas as delegacias do país, caso seja necessário.

Agneta Eckeved levanta-se, deixa-os na sala sem dizer uma palavra.

— Ela deve ter fugido, não? — pergunta Sigvard, assim que a esposa desaparece por trás de uma porta, entrando na casa. — Foi com certeza isso que ela deve ter feito, não? Não deve ter sido qualquer outra coisa, não acham?

— É justamente isso que nós vamos ter de apurar — responde Malin. — Mas ela vai voltar, com certeza. Pelas estatísticas de casos semelhantes, esse é o desfecho em quase cem por cento dos desaparecimentos.

Malin também pensa assim. “Porém se ela não voltar, o que é que eu vou fazer de minhas palavras de esperança que acabei de pronunciar? Nesta altura, o que eu disse é o menor dos problemas. Mas uma coisa é certa: minhas palavras produzem agora maior bem do que mal.”

Agneta Eckeved volta com um pacote de fotografias coloridas nas mãos.

Ela mesma as espalha por cima da mesa, diante de Malin e Zeke.

— Olhem e escolham as que quiserem levar.

Todos dizem sempre que eu sou uma jovem bonita.

Mas como é que vou acreditar neles? Como é que vou saber se não é uma coisa, apenas, que eles dizem da boca para fora? Aliás, não me importo nem um pouco em ser bonita.

Quem é que no mundo quer ser bonita?

Ser bonita serve para as outras garotas, não para mim.

Agora, eu já sou uma adulta.

E você fala comigo de outra maneira. De um modo que me faz corar, mas a água estava fria, portanto, ninguém notou nada.

Sujeira.

Está sujo aqui? E de onde vêm estas fotografias? Como é que eu posso vê-las? Não entendo.

Eu já vi quase todas antes. São deste ano. Algumas delas foram tiradas pela minha mãe, que é louca por tirar fotos da família. Pare com essa mania de fotografar, mãe!

Mas venha.

Venha me buscar.

Estou com medo, pai.

Praia em Maiorca, no verão passado.

Inverno em St. Anton, sol em céu azul, neve perfeita.

Natal e Páscoa.

Como é que eu posso ver as fotografias e escutar o que dizem, embora não esteja aí com vocês?

E a água? Que água? E por que estão todos tão sérios, paralisados, como se estivessem congelados, quando deviam ser calorosos e expansivos em relação ao meu corpo?

Dê-me a boia, mãe!

— Ela é uma garota muito bonita, não é?

E tem uma voz de jovem, um pouco mais velha.

Muito bonita, não é verdade, Reke? Reke, quem é?

Eu estou tão cansada, pai. Tem algo brilhante e pegajoso em minha pele.

Por que não diz nada, pai? Eu os vejo à mesa do terraço, os raios do Sol refletindo na água da piscina e os reflexos batendo em suas faces. Mas aqui onde estou, está escuro, frio e úmido. E eu estou sozinha.

Não devo ficar aqui. Assim eu entendo.

Não quero ficar aqui. Quero ficar com vocês. Eu posso vê-los, mas é como se vocês não existissem, como se eu não existisse.

Eu não existo?

Ao pensar nisso, fico com um medo que nunca senti antes. Ao pensar em ti, pai, sinto calor.

Mas também medo.

Por que não vem logo?

Malin escolhe uma fotografia do rosto de Theresa Eckeved que está bem nítida. Lábios pequenos, mas espessos, bochechas rosadas de adolescente e olhos escuros, quase negros, vivos. Cabelos escuros, meio longos.

Não vale a pena perguntar com qual roupa ela saiu. Mas talvez perguntar que tipo de roupa ela costumava usar.

— Jeans e blusa. Nunca saia. Isso ela considera ridículo — diz Agneta Eckeved.

— Na foto ela está bem jovem e feminina.

— A imagem engana. Na realidade, é do tipo durona — diz Sigvard Eckeved.

— Vocês fazem alguma ideia de onde ela possa estar? Tem algum ou alguma amiga em especial? — pergunta Zeke.

Ambos, mãe e pai, balançam a cabeça, negativamente.

— Ela não tem muitos amigos — diz Agneta Eckeved. — Quer dizer, tem muitos amigos, mas são poucos os verdadeiros.

— Gostaríamos de ter o número de telefone do namorado — pede Malin. — Também dos amigos que vocês conhecem e de outras pessoas que signifiquem muito para ela. Algum treinador, professor, ou outra pessoa mais chegada.

— Ela não gosta muito de esportes — observa Sigvard. — Mas havia uma garota que vinha aqui de vez em quando tomar banho de piscina. Uma amiga da cidade. Lembra do nome dela, Agneta?

— Chama-se Nathalie. Não faço a menor ideia do seu sobrenome.

— E o número de telefone?

— Não, infelizmente. Mas chama-se Nathalie. Disso tenho certeza.

— Se vocês se lembrarem, telefonem para nós, ok?

— Theresa tem computador? — pergunta Zeke.

— Sim, está no quarto. Mas não o usa com muita frequência.

— Podemos levá-lo? Para verificar as mensagens, coisas assim?

— Claro!

— Obrigado — diz Zeke.

— A piscina parece bem convidativa — acrescenta ele, depois.

— Podem dar um mergulho, se quiserem — diz Sigvard.

— Temos de trabalhar.

— De fato, é muito atraente — concorda Malin. — Refrescante.

Parem com essa conversa fiada.

E venham me encontrar.

Estou desaparecida.

Compreendo agora. Deve ser isso. Caso contrário, o senhor, meu pai, viria me buscar. Não é verdade?

Acreditam que eu quero ficar aqui por minha livre vontade?

Vocês partiram do princípio de que ele era meu namorado. Até que ponto uma pessoa pode ser facilmente enganada?

Mas eu quero contar para vocês como é.

Eu grito, mas vocês não me ouvem.

E o toque dos celulares lá em cima.

Parem de me pisar. Parem.

— Sim, é Fors.

Malin está na escada de entrada da elegante casa dos Eckeved. Pescou o celular da bolsa e atendeu ao

terceiro toque. Zeke está ao seu lado, com o notebook Toshiba de Theresa de baixo do braço.

— Aqui é Sjöman. Vocês podem ir direto para o hospital, enfermaria 10. O médico já a examinou, e ela está melhor. Contou até quem é.

— Josefin Davidsson?

O calor, como uma rede em brasa, em volta do cérebro.

— Que outra pessoa poderia ser? Quem?

— Queria ter certeza.

— Ela tem 15 anos e mora com os pais em Lambohov.

Ao desligar, Malin vê, através das vidraças esverdeadas, de ambos os lados da porta, como Sigvard Eckeved está andando, com ar preocupado, para a frente e para trás, no *hall* de entrada.

Para nós, você chegou tarde, Theresa.

Uma filha temporã. Eu já tinha 42 anos e sua mãe, 41.

Fizemos todos os testes, e os médicos disseram que talvez alguma coisa desse errado contigo, mas você veio ao mundo, no final de fevereiro, e veio perfeita em memória de toda a bondade deste mundo.

Para mim, você é o aroma, o sentimento, o som, a respiração, a noite, na nossa cama enorme.

Aproxima-se engatinhando, fica ao meu lado, e o que é que eu sou para você? O mesmo que você é para mim. Somos um para o outro, Theresa.

Dizem que as crianças chegam como um presente que nós temos de encaminhar na vida. Damos ao mundo uma criança e um mundo à criança.

Eu torço o nariz para essa definição.

Você é minha.

Eu sou seu, Theresa.

Juntos, somos o mundo.

As crianças procuram ascender, procuram com sensibilidade entender que somos um. A criança é a principal portadora desse mito.

A própria criança sou eu.

Você tem dois anos e corre pela casa, pela sala de estar, começa a falar, gesticula e aponta; absorve o mundo. Nós absorvemos o mundo. Embora eu, às vezes, ralhe contigo, você vem a mim, procura em mim o mundo.

Você tem quatro anos e meio e bate em mim com raiva.

Depois, corre por todos esses anos, cada vez mais longe de mim, porém, mais próxima também, você é uma percepção de mim mesmo.

Você tem 12 anos.

Com amor, entro em seu quarto durante a noite, acaricio sua face, sinto o odor dos seus cabelos.

Nós estamos ao lado dos bons moços, penso eu, nesses momentos.

Você, eu, sua mãe, os nossos sonhos, e tudo nesta vida que vivemos juntos, como uma e a mesma pessoa.

O mundo existe através da sua pessoa.

Você tem 14 anos.

Decidida, persistente, corajosa, zangada, mas a própria amizade em si. Você é a mais bonita que este mundo já viu.

Eu a compreendo, Theresa. Não acredite em outra coisa, senão nisso. Eu não sou ingênuo. Só não quero ir em frente rápido demais.

Nós temos a mesma sensibilidade, você e eu.

O sentimento do amor eterno.

O homem negro da limpeza passa o esfregão para a frente e para trás, sobre o chão de linóleo já cheio de rachaduras, uma sombra que fica iluminada pelo sol e que se transforma em sombra à medida que o seu imponente corpo passa em frente à janela aberta, nos fundos do corredor da enfermaria.

Quando o Sol aparece, parece que partes do chão se levantam. No ar, um leve cheiro de material de limpeza e de suor, o suor que, lentamente, se esvai dos corpos em descanso.

Enfermaria 10.

Uma enfermaria normal, de recuperação. No sétimo andar, o lugar mais alto do hospital. As portas para certas salas estão abertas. Quadros claros nas paredes amarelas, de pintura já escurecida. Através das janelas das salas, Malin consegue ver a cidade, banhada pelo sol, quieta, silenciosa, no seu arfar, na sua involuntária desertificação.

Os pacientes descansam em suas camas. Alguns deles vestem umas batas esverdeadas, já quase amarelas, cor de urina. Outros estão com as próprias roupas. Não está muito quente dentro do hospital. Os ventiladores, ao que parece, são suficientes. No entanto, é como se a indolência dominasse a enfermaria. É como se os doentes ficassem ainda mais doentes. É como se aqueles que vieram trabalhar durante o verão não conseguissem, não agentassem realizar os serviços do dia.

Aparece, enfim, uma enfermeira numa das portas.

Cabelos ruivos, soltos. Sardas que cobrem mais da metade de seu rosto redondo.

Ela olha para Malin e Zeke com seus olhos grandes e verdes.

— Vocês são da polícia? Ainda bem que chegaram tão depressa.

Malin e Zeke param em frente da enfermeira. “É assim tão fácil ver de onde somos?”, pensa Malin e pergunta:

— E a garota, Josefin Davidsson, onde está?

— Na sala 11. Está com os pais. Mas, primeiro, é melhor vocês falarem com a dra. Sjögripe. Podem entrar aí que ela já vem.

A enfermeira ruiva aponta para uma sala de onde acabara de sair.

— Em cinco minutos a doutora virá.

O relógio pendurado na parede do corredor indica 12h25.

“Devíamos ter almoçado no caminho. O estômago começa a reclamar, a sentir-se mal.”

Eles fecham a porta e sentam-se em cadeiras de madeira, diante de uma mesa cujo tampo é laminado e coberto de folhetos de propaganda e de pastas. Ao lado, uma janela que dá para a área de ventilação. Mais pastas nas prateleiras por trás da escrivaninha.

Está mais quente aqui.

Sai um jato de ar mais frio do teto através de uma abertura com a forma de um coração. Ouve-se o barulho da ventilação.

Uns 5 ou 10 minutos.

Ficam os dois sentados, em silêncio. Querem poupar palavras, apresentá-las mais tarde, frescas e puras. Nessa altura, é só o silêncio que funciona.

Afinal, do que deveriam falar?

O que acha desta situação?

Vamos ter de esperar.

Será que ela foi violentada ou o sangue vem de algum outro lugar? E o cheiro de Klorin? A brancura? Os ferimentos limpos?

A porta abre-se e entra a dra. Sjögripe, de avental branco.

Ela deve ter uns 55 anos, cabelos curtos, grisalhos, arrumados e emoldurando o rosto. As faces, o nariz e a boca parecem mais salientes do que realmente são.

Um par de óculos de leitura, com armação de plástico transparente, está pendurado em seu pescoço. Modelo Statoil para um par de olhos brilhantes, inteligentes, conscientes e cheios de autoconfiança como só podem ser os olhos de quem teve tudo na vida, desde o primeiro momento.

Tanto Malin como Zeke quase pularam de suas cadeiras, diante da repentina entrada da médica.

Sjögripe.

A família mais nobre em toda a província de Östergötland. A grande mansão Sjölunda da família, perto de Kisa. Uma importante empresa na província, uma das mais importantes e a mais lucrativa empresa agrícola do país inteiro.

— Louise Sjögripe.

Seu aperto de mão, firme, sem ser forte demais, feminino mas enfático.

A dra. Sjögripe deixa que eles se sentem primeiro, antes de tomar lugar do outro lado da mesa.

Malin não faz a menor ideia do lugar que Louise Sjögripe ocupa na família, mas não pode deixar de pensar no assunto. Embora ache que não interessa. Rumores, boatos. “Pense apenas no que viemos fazer aqui.”

— Diante das circunstâncias, agora Josefin Davidsson está bem — diz Louise Sjögripe. Sua maneira de pronunciar as palavras faz com que a voz pareça rouca.

— O que é que pode nos contar? Certamente foi você mesma que a examinou, não?

Zeke parece um pouco irritado, mas imperceptível às outras pessoas.

Louise Sjögripe sorri.

— Fui eu que a examinei e registrei todos os ferimentos. E vou dizer o que acho.

— Ficaríamos agradecidos, quer dizer, contentes — diz Malin, tentando olhar a doutora e aristocrata nos olhos, mas a segurança que eles demonstram faz com que ela desvie o olhar para a janela.

— Com toda a certeza, a garota foi maltratada. Mas os ferimentos nos braços e nas pernas podem ter

sido feitos por ela mesma, pois não são ferimentos provocados por autodefesa diante de um ataque. Normalmente, quando a pessoa se defende, os ferimentos não costumam ser esses, como devo dizer, tão regulares. Alguém provocou esses ferimentos com um objeto afiado e, depois, lavou-os e limpou-os cuidadosamente.

— Que tipo de objeto? — pergunta Malin.

— Impossível afirmar. Uma faca? Talvez sim, talvez não.

— E o sangramento na vagina?

— O hímen rompeu-se por causa da penetração de alguma coisa. A parede interna do duto vaginal rompeu, e daí o sangramento. Mas é um sangramento normal de primeira penetração. É possível, entretanto, tenha sido usado, com certa cautela, um objeto macio.

Louise Sjögripe respira fundo, mas, aparentemente, não tanto por ter dito algo que demandasse um esforço. Na verdade, queria dar mais ênfase àquilo que diria a seguir:

— Não havia qualquer traço de espermatozoides dentro dela. E o agressor também não deve ter usado preservativo. Não encontrei nenhum traço de vaselina. O que encontrei, porém, foram resíduos de plástico azul, pequenos, quase microscópicos, como se Josefin Davidsson tivesse sido penetrada por algum objeto e não pelo pênis de um homem.

— E...

Zeke tenta fazer uma pergunta, mas a dra. Sjögripe agita a mão na sua frente, interrompendo-o:

— Eu já enviei os resíduos encontrados para o laboratório. Já conheço a rotina. Também colhi sangue da vítima para exames e provas do sangue encontrado na coxa dela. O sangue é o mesmo. E era dela.

E a médica logo acrescentou:

— E podem ficar tranquilos. Não disse nada sobre os ferimentos para os pais da garota. Os ferimentos têm a ver com um crime. Portanto, achei que vocês é que devem tocar no assunto. Só falei com eles em relação à medicação.

Malin e Zeke entreolham-se.

— Ela não pode ter provocado todos os ferimentos, não é verdade? — pergunta Malin.

— Não. Isso seria praticamente impossível. A dor seria muito forte. A penetração? Não é de crer.

— E os exames de sangue? Há algo estranho? Ela pode ter sido drogada?

— As primeiras análises não demonstraram nada. Mas eu mandei amostras para o laboratório central para uma análise mais completa e, então, vamos saber se havia alguma substância estranha no sangue. Também é certo que muitas substâncias desaparecem rapidamente.

— E quanto ao fato de ela ter sido insistentemente lavada? Ela cheirava a desinfetante Klorin... — diz Malin.

— Alguém a lavou com muito cuidado, a fundo, é verdade. Como para deixá-la completamente limpa. Ela não tinha no corpo nem um pelo sequer que pudesse levar a seu dono por meio do teste de DNA.

— Há a possibilidade de encontrar vestígios do eventual material de limpeza usado em seu corpo?

— Provavelmente. Eu raspei um pouco da epiderme das costas e das coxas da garota. E já mandei as

amostras para o laboratório.

— Em sua opinião, como é que ela está agora? Já fala? No local do crime, não disse uma palavra.

— Ela fala. Parece estar bem. E, honestamente, na realidade, parece não se lembrar de nada.

— Não se lembra?

— Não. Os bloqueios mentais são muito comuns depois de situações traumáticas, e quase se pode dizer que talvez seja melhor assim. Os estupros são uma das grandes formas de tortura de nosso tempo. É uma perversidade que, atualmente, se amplia. A falta de respeito cultural pelas pessoas estranhas, por seus corpos, na maior parte das vezes, corpos de mulheres. Quer dizer, só aqui, em Linköping, tivemos dois casos de estupro de mulheres em três anos.

“Você fala como se citasse as palavras de um artigo polêmico”, pensa Malin, e pergunta:

— Quando é que ela começou a falar?

— Na hora em que eu a examinei. Sentiu dor, gritou e, de repente, as palavras saíram de sua boca. Antes disso, só silêncio. Disse apenas o nome e olhou para o relógio da sala. Depois, perguntou por que estava no hospital e disse que os pais, certamente, deviam estar preocupados.

— Será possível fazê-la se lembrar do que aconteceu?

— Essa não é a minha área, detetive Fors. Sou médica, não psicóloga. Um psicólogo especializado falou com ela umas horas atrás, mas Josefin não se lembra de nada. Está agora com os pais na sala 11. Vocês podem ir lá. Em minha opinião, acho que ela está em condições de ser interrogada.

A dra. Sjögripe pega uma pasta, coloca os óculos que estavam pendurados no pescoço e começa a ler.

A sala 11 é de uma brancura total, iluminada por uma luz incandescente. O pó flutua no ar, dança lentamente, para a frente e para trás, na solidão da sala.

O casal Davidsson está sentado na beirada da cama, cada um em um dos lados de Josefin, que veste um vestido de verão, até o joelho, de tecido leve e florido, com flores vermelhas e brancas. Está com curativos nos ferimentos, tão brancos como sua pele.

“Podia ser eu sentada ali”, pensa Malin.

Pais e filha sorriem para eles, quando entram na sala, depois de terem batido na porta. Ouvem, então, a voz clara de Josefin:

— Entrem.

— Malin Fors, detetive da polícia.

— Zacharias Martinsson, também detetive.

Os pais levantam-se e cumprimentam os dois.

Birgitta e Ulf voltam a sentar-se. Eles e Josefin sorriem para os recém-chegados como se os fatos da noite anterior não tivessem acontecido.

“Eu já passei pelo que você passou”, pensa Malin. Numa noite quente de verão também saí sozinha... Mas comigo não aconteceu nada mau, isto é, não doeu muito.

Quinze anos. Apenas um ano mais velha do que Tove.

Podia ser você nessa cama, Tove. Eu e o seu pai, Janne, ali ao lado, desesperados. E eu, a pensar, que maldito monstro faz uma coisa dessas e como eu iria prendê-lo. Ou a mulher. Ou ambos.

— Estamos investigando o caso de Josefin — diz Malin. — Temos algumas perguntas a fazer.

Os pais acenam com a cabeça, compreendem.

Em seguida, Ulf Davidsson conta:

— Ontem, nós fomos para a cama, Birgitta e eu, e não notamos que Josefin ainda não tinha voltado para casa. De manhã, achamos que ela ainda dormia em seu quarto. Não queríamos acordá-la. Nem notamos que sua bicicleta não estava lá fora...

— Eu não me lembro de nada — interrompe Josefin. — A última coisa de que me lembro é de ter saído de casa, de bicicleta, com a intenção de ir ao cinema sozinha. Uma sessão bem tarde do filme *X-Men 3*.

O pai:

— É, nós moramos em Lambohov. Costumamos sair de bicicleta e descer para a cidade.

Malin e Zeke entreolham-se.

Olham para os pais.

Sabendo o que cada um tem que fazer, Zeke diz:

— Posso falar a sós com vocês no corredor, enquanto a minha colega fala com Josefin?

Hesitação entre os pais.

— Pode ser? — pergunta Malin. — Precisamos falar com vocês separadamente. Posso falar com você, Josefin?

— Está bem — responde Birgitta Davidsson. — Vem, Ulf — diz, enquanto avança para a porta, não sem antes olhar, demoradamente, para a filha.

Malin deixa o corpo cair na cama. Josefin afasta-se um pouco, embora não fosse preciso. É a mesma garota que estava sentada no banco do parque, de manhã. Que também estava no balanço. Era a mesma garota e, ao mesmo tempo, não era.

— Como é que você se sente?

— Estou bem. Senti um pouco de dor nas feridas. Tomei uns comprimidos que a médica me deu, e agora a dor já quase passou.

— E você não se lembra de nada?

— É. Não me lembro de nada. Só de que eu saí de casa, de bicicleta.

“Não havia nenhuma bicicleta no parque”, pensa Malin. “Onde teria ido parar a bicicleta?”

— Ia encontrar-se com alguém?

— Não. Disso eu me lembro porque foi antes de eu sair de casa.

— Você chegou a entrar no cinema?

Josefin balança a cabeça:

— Não sei. Tudo isso parece que foi apagado de minha memória, até que acordei aqui, com a médica me examinando. E, então, eu vi que estava num hospital.

“Ela não se lembra de mim”, pensa Malin. “Nem do parque, esta manhã”.

— Você pode tentar se lembrar? Só para me agradar?

A garota fecha os olhos.

Franze a testa.

Depois, começa a rir.

Abre os olhos e diz:

— É como se fosse um grande papel em branco! Eu entendo que, de qualquer maneira, teoricamente, alguém deve ter batido em mim, mas, de resto, é como se fosse um papel em branco, e não é terrível.

Ela não quer se lembrar.

Não pode.

O organismo defende-se. Esconde as imagens, as vozes, os sons, num recanto do subconsciente, fora do alcance daquilo que chamamos de pensamentos.

Mas as lembranças estão lá, enraizadas; estremecem, doem e enviam ao corpo ondas de choque. Transformam-se em dores, paralisação, hesitação e preocupação.

— Você não se lembra de como foi ferida ou de que alguém a lavou?

— Não.

— E sua bicicleta, onde a deixou?

— Não faço ideia.

— Qual é a marca dela?

— Uma Crescent, vermelha, com três marchas.

— Você não fez contato com ninguém pela internet? Nada que lhe pareça estranho?

— Não costumo fazer nada disso. MySpace? Chat? Triste.

Batidas na parede, do lado do corredor. Malin já estava à espera disso.

Palavras de Zeke, apenas alguns minutos antes:

— Sua filha foi atacada e introduziram um objeto redondo e macio, não um pênis, na vagina dela. Tudo leva a crer que alguém fez isso à força.

E, nessa altura, Ulf Davidsson começou a bater na parede com o punho fechado e a murmurar qualquer coisa que Zeke não conseguia entender. Birgitta Davidsson, em silêncio, ao lado dele, olhava, fixamente, para a porta da sala.

Depois, as palavras da mãe:

— Mas ela não se lembra de nada. É como se nada tivesse acontecido, não é verdade? Não aconteceu?

Ulf Davidsson recupera-se, fica quieto, aconchega-se ao lado da esposa, abraça-a, deixa o braço por cima dos ombros dela. E diz:

— Não. Não aconteceu.

A família de novo reunida na cama.

As perguntas feitas pouco antes continuam suspensas no ar. As respostas flutuam no ar como pó.

— Todos os outros viajaram agora no verão, mas nós ficamos em casa.

— Você têm o número de telefone de alguma pessoa amiga com quem possamos falar?

— Não, nada de amigo ou amiga em especial.

— É. Nós vamos ficar na cidade para poupar dinheiro até o inverno e, depois, viajaremos para a Tailândia.

— Isso, particularmente, não nos interessa.

— Algum namorado?

— Não.

— Outra pessoa que possa ter alguma coisa a ver com isso?

— Não, ninguém em quem possamos pensar.

— Não faço ideia.

— Ninguém na família? Nas relações mais próximas?

— Não — diz Ulf Davidsson. — Os parentes moram em outra parte do país. E nenhum deles iria fazer uma coisa dessas.

Duas garotas.

Theresa. Josefin.

E nenhuma delas parece existir de verdade. São como sombras de pó numa cidade no verão. Invisíveis e incógnitas. Quase adultas, vagando como a fumaça dos incêndios nas florestas.

Em seguida uma batida na porta, a qual se abre sem que ninguém tenha respondido “Entre!”.

Um esfregão voador. O gigantesco homem da limpeza, um homem de cor, com um jaleco azul, muito pequeno para o seu tamanho.

— Preciso limpar — diz ele, antes que alguém fizesse alguma objeção.

No corredor, a caminho dos elevadores, os detetives encontram uma mulher loura, de meia-idade, vestida com uma saia laranja que Malin acha que foi comprada na Gudrun Sjödén.

O dedo de Malin no botão do elevador.

— Essa aí deve ser a psicóloga — diz Zeke. — Acha que ela conseguirá alguma coisa?

— Nada. Sem chance. — Malin suspira e pensa: “Para termos alguma chance de resolver este caso é preciso que Josefin volte a se lembrar do que aconteceu. Ou que apareça alguma testemunha. Ou que Karin Johannison ou seus colegas do laboratório SKL descubram alguma coisa importante.”

“Hipnose”, Malin continua pensando.

“Sob hipnose, qualquer pessoa se lembra seja do que for? É isso?”

O relógio marca 1h30 da tarde.

Crianças obedientes ao redor de Malin.

O ar quente e seco procura a entrada das vias respiratórias e vai para os pulmões, entra em choque com o corpo e obriga o organismo a se defender, apesar da agradável sensação. As cores claras, iluminadas pela luz do Sol que, em Linköping, se estende até as 10 horas da “noite”, chegam a perturbar os olhos. As cores fortes, o amarelo, o azul e o verde, enfrentam a concorrência. Há um palhaço que brinca com números e um cheiro forte de fritura.

“Mas aqui dentro não está tão quente.

“Estou com fome.

“As vidraças retangulares e coloridas das janelas filtram o sol intenso do dia e permitem que eu não precise usar os malditos óculos escuros que cobrem, com um manto diáfano, a realidade, o que, para mim, simplesmente, causa ódio. Mas os óculos escuros são necessários lá fora. Hoje, a luz está forte. É como ter a luz de um holofote diretamente nos olhos de um interrogado. Os raios de luz como canivetes a penetrar na alma.”

O McDonald’s é perto da ponte de Brasken, daquele lado da lagoa Stångån, que dá para Johannelund. Normalmente, Malin não deixa que o grande mal mexa com sua fome, mas hoje, depois da visita ao hospital, ela e Zeke abrem uma exceção.

Jovens com McLanche Feliz.

O caminho da entrada do hospital até o carro, estacionado ao sol no meio do parque, fez com que eles chegassem a duvidar da possibilidade de conseguir viver ao ar livre, num calor como aquele. E, depois, o carro! Deve estar 60 graus dentro daquele ambiente abafado, mais parecido com o de uma sauna. Para não falar dos protestos do motor, o cheiro de óleo queimado com o ar-condicionado ligado. Primeiro, o ar quente do ventilador e, depois, o ar frio, frio, frio e cada vez mais frio.

O restaurante meio cheio com famílias e suas crianças. Algumas imigrantes muito acima do peso ideal, atrás do balcão, conversam entre si, riem maliciosamente e lançam olhares furtivos na direção dos dois.

— Será que não existe uma maneira de saber quem telefonou para a polícia para avisar sobre Josefin?

Zeke lança a pergunta, diretamente, no ar.

Impossível, segundo o departamento técnico. Celular pré-pago, com cartão. Vamos ter de conviver com esse ponto de interrogação. Esperemos que a pessoa volte a entrar em contato.

Malin dá uma mordida em seu McFish.

— E a bicicleta?

— Alguém pode tê-la roubado. Ou então está em qualquer lugar. A garota pode ter sido atacada em

outra área e levada, depois, para o parque. Se ela não se lembra de nada, é impossível saber. Vamos dar um alerta geral para ver se encontramos a bicicleta.

Zeke concorda.

— Agora, vamos telefonar para o namorado de Theresa Eckeved — diz Malin, antes de dar mais uma mordida no gorduroso peixe à americana.

— Você ou eu?

— Eu telefono, você come — responde Malin.

— Obrigado. Droga, como é que esta merda pode ser tão boa quando se está com fome? O Martin ficaria louco se me visse comer esta porcaria.

— Ah, mas ele não está vendo — diz Malin, ao mesmo tempo em que tira do bolso um papel com o número de telefone do namorado de Theresa.

Ele atende ao quarto toque.

— Peter.

— Estou falando com Peter Sköld?

Voz de adolescente que está mudando de voz. Chateado, cético.

— Claro, quem mais poderia ser? Que eu saiba, só existe um Peter com este número...

“Que eu saiba?

“Os adolescentes, agora, falam assim?

“Será que Tove também usaria essa expressão? Um pouco fora de moda, artificial?”

— Meu nome é Malin Fors. Sou detetive da polícia de Linköping. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas a respeito de sua namorada, Theresa Eckeved. Você está com tempo para me responder?

Silêncio no aparelho, como se Peter Sköld estivesse pensando em como escapar das perguntas.

— Pode telefonar mais tarde?

— Prefiro agora.

Novo silêncio.

— O que há com Theresa? Os pais dela também telefonaram para saber se ela estava aqui.

Um pouco de preocupação na voz.

— Eles registraram queixa, dando-a como desaparecida. E para os pais ela disse que estaria com você. Mas talvez você já saiba disso.

— Eu estive na casa de campo por várias semanas. Nós combinamos de nos ver quando eu voltasse.

— Mas ela é sua namorada, não é?

— Sim, claro.

“A resposta veio rápido demais. Faça a próxima pergunta, Malin, pressionando mais.”

— Quando é que vocês se encontraram pela última vez?

— Antes de eu ir para o campo. Nós comemos no Ekholmens Center.

— Ela é uma doçura, a Theresa. Como é que vocês se conheceram?

— Como assim?

— Quando vocês se encontraram pela primeira vez?

— Ela, quero dizer, nós...

Peter Sköld fica em silêncio, novamente.

— Nós nos encontramos num baile da escola.

— Em que escola você estuda?

— Ekholmen.

— Em que ano?

— Vou começar o nono. Já completei 15 anos.

— E onde foi o baile?

— Na escola. Afinal, o que é isto? Um interrogatório?

— Ainda não — diz Malin.

“Está mentindo”, pensa Malin. “Mas por quê?”

— Ela é mesmo sua namorada, não é?

— Já disse que sim.

— E Nathalie? Você conhece?

— Você está falando de Nathalie Falck?

— Da amiga de Theresa.

— Falck. Eu a conheço. Ela está no mesmo ano que eu, mas em outra sala. Não somos amigos, mas eu a conheço.

— E ela e Theresa são amigas íntimas?

— Pode-se dizer que sim.

— Tem o telefone dela?

— Espere...

Um toque estranho no aparelho.

— É 070 315 20 23. Olhe, esta conversa ainda vai demorar muito? Vou pescar com meu pai. Vai demorar?

“Não esqueça o número.”

Depois:

— Por que você acha que ela disse aos pais que ficaria com você?

— Como é que eu posso saber uma coisa dessas?

O pai dele, agora, ao telefone. Voz impaciente, de cansaço.

— Quer dizer que ela desapareceu? Ah, é isso! Os pais dela pareciam preocupados. Atualmente, não é nada fácil tomar conta das crianças. Nunca sequer se discutiu a ideia de eles passarem férias juntos em nossa casa de campo. Nós ainda estamos aqui. E gostamos de ficar apenas em família.

— Se eles estão juntos?

— É. Ele diz que sim. Mas eles não dormem juntos, nunca, em nossa casa, se bem que, hoje em dia, se costuma fazer isso. No entanto, eles convivem pouco um com o outro. Pelo menos, é o que o Peter diz.

Mas eu não tenho tempo nem vontade de invadir a vida deles. Portanto, isso é, na realidade, o que sei eu. Ela esteve em nossa casa uma vez, acho eu. Por isso, não posso dizer que estão juntos.

“Invadir”, pensa Malin. “Faça isso. Invada, sim. É o que ele tem de fazer.”

“Caso contrário, de repente, eles desaparecem.

“E quem sabe se vão voltar?

“A vida sigilosa dos adolescentes.

“A minha vida.

“Com Tove.”

— Tenham um bom dia de pesca — termina Malin.

— Pesca? Eu nunca pesco. Prefiro comprar o peixe na peixaria, aqui, na cidade.

Há uma quantidade enorme de crianças comendo hambúrgueres ao redor de Malin no momento em que ela anota o número de telefone, memorizado.

— Podemos ir aí e falar com você?

— Claro, mas eu preciso trabalhar.

Nathalie Falck. Uma voz arrastada, mas num tom esperto, com segurança, atendeu ao segundo toque.

O que esconde aquela voz? Quais os segredos?

Palavras de Sven Sjöman: *Uma investigação, Malin, contém grande quantidade de vozes. Não deixe de ouvi-las. Assim, encontrará a verdade.*

“Foi isso mesmo o que você disse, Sven? De qualquer maneira, foi algo nesse sentido.”

“A voz de Peter Sköld. A voz de um mentiroso?”, pensa Malin.

— Nathalie, você conhece Theresa Eckeved? Segundo os pais ela desapareceu.

— Sim, eu conheço Theresa. Quer dizer que ela desapareceu? Certamente, foi apenas fazer uma viagem para algum lugar, durante algum tempo. Ela gosta de ficar sozinha. E não é assim tão fácil, hoje em dia, ficar sozinha, não é verdade?

— Onde você está?

— No trabalho. Eu trabalho no antigo cemitério.

Zeke tira a chave da ignição do Volvo, e Malin sente o sanduíche de peixe no estômago. Sente como ele azeda e quer saltar pela boca, mas consegue mantê-lo lá dentro. Só quer esquecer que almoçaram no covil do maldito.

Saem do carro.

O muro do antigo cemitério precisa ser limpo. Algumas bandeiras desbotadas tremulam, pendentes em direção ao asfalto do estacionamento. Na frente, prédios de tijolos vermelhos, construídos na década de 1980. Nenhuma alma nos prédios que parecem estar sob pressão e abandonados por causa do calor. A porta de uma varanda no primeiro andar está aberta, e, ao prestar mais atenção, Malin consegue ouvir uma música vindo lá de dentro. Tomas Ledin canta uma canção idiota sobre amor e sexo, embora Malin

normalmente não goste dessa melodia, agora, no calor, até que lhe agradou, por saber que ainda existe vida na cidade. E não que uma bomba atômica arrasou tudo, menos a maldade, entre os homens de má vontade.

Atrás do muro crescem os bordos com suas folhas ainda verdes, mas já com um leve tom amarelo. As lápides dos túmulos em fileiras no cemitério. Malin ainda não consegue vê-las, mas sabe que estão lá.

As pedras dos túmulos são antigas, exatamente como o lugar indica.

A casa de ferramentas do cemitério está situada, talvez, a uns 100 metros dali, atrás da capela e do memorial aonde Malin costuma ir de vez em quando.

Malin e Zeke estão com seus óculos escuros e seguem por uma das ruelas do cemitério na direção do memorial onde veem a figura de uma jovem que só pode ser Nathalie Falck. É uma figura baixa, mas musculosa. Uma faixa branca envolve os seus já avantajados, mas certamente recém-desenvolvidos, seios de adolescente. Segura nas mãos um ancinho. Tem as faces redondas ainda de criança, um *piercing* no nariz e cabelos negros, curtos e espetados.

Eles cumprimentam-na e Zeke tira os óculos escuros, tentando criar uma ligação.

— Um ótimo serviço de verão. Deve ter sido difícil consegui-lo, não?

— Fácil. E quente. Nenhum diabo se dispõe a vir aqui limpar as ervas daninhas do cemitério durante o verão inteiro. Mas eu preciso de dinheiro.

Nathalie Falck dá um pontapé com a sua bota Doc Marten na grama ao falar “dinheiro”.

E, em seguida, eles perguntam a respeito de Theresa Eckeved.

— Portanto, você não sabe para onde ela pode ter ido?

— Não faço a menor ideia.

— Quando é que se encontrou com ela pela última vez?

— Há quase uma semana.

— O que fizeram?

— Tomamos um sorvete na praça Trädgårdstorget.

— Por acaso ela estava estranha? Você notou algo diferente ou esquisito?

— Não. Nada de que eu possa me lembrar — diz Nathalie em tom grave.

Suor na testa de Malin e ao longo de sua espinha dorsal.

— Você está preocupada? — pergunta Malin.

— Não. Por que estaria?

— Ela está desaparecida.

— Ela sabe tomar conta de si mesma.

Nada de preocupação na voz. E no olhar? O que existe nesse olhar?

— Gostaria de acender um cigarro — diz Nathalie.

— Não nos perturbamos por tão pouco — diz Zeke. — E eu sempre achei que o limite de 18 anos é ridículo.

O maço de cigarros sai do bolso do calção, de estampa tipo camuflagem.

Um gesto em direção a eles:

— Querem?

Rejeitam, e Malin pergunta:

— Vocês são boas amigas?

— Não. Eu não diria isso.

— Quer dizer que vocês ficaram amigas no baile? Tal como Peter e Theresa?

— Que baile?

— Algum daqueles bailes entre as escolas de Ekholmen e de Sturefors.

— Nunca houve nenhum baile desses. De onde vocês tiraram essa ideia?

Malin e Zeke entreolham-se.

— Como é que vocês se conheceram? — pergunta Zeke.

— Na cidade. Eu não me lembro bem onde e quando.

Na cidade.

Como sempre. Centenas de jovens que andam pelo centro da cidade, em grupo, nas noites de sextas-feiras e sábados. Passeiam, namoram, bebem e brigam.

O relógio marca exatamente 22 horas. “Sabe onde está a sua filha? O seu filho?”

“Não.

“Não faço ideia.”

— Quer dizer, você não se lembra? — indaga Zeke. — Foi há muito tempo?

— Talvez um ano. Mas eu gosto dela. Podemos falar das coisas.

— Que coisas?

— De quase tudo.

— Você e Peter estão no mesmo ano, na escola de Ekholmen?

— Sim.

— E são amigos?

— Mais ou menos. Falamos nos intervalos das aulas. De vez em quando comemos juntos.

— Sabe se Theresa tinha outros amigos? Se ela pode ter ido para a casa de algum deles?

Nathalie Falck dá mais uma tragada em seu cigarro e responde:

— Não. Mas o que eu sei? Todos têm os seus segredos. Não é verdade?

— Ela está escondendo alguma coisa — diz Zeke, ao girar a chave da ignição. — Para mim está claro.

O carro parece um forno.

— Até agora, todos parecem esconder alguma coisa.

— Durona, essa garota, Nathalie. Parece mais um rapaz.

— Não é muito feminina, com isso posso concordar.

— E Peter Sköld mente que nem pescador.

— Temos de levar o computador de Theresa direto para o departamento técnico — diz Zeke. — Poderemos encontrar muitas informações, até os *sites* que ela visita.

— E Josefin Davidsson?

— Eles já devem ter terminado a investigação de porta em porta — responde Zeke, pisando no acelerador.

— A investigação ao redor do parque não deu resultado nenhum — diz Sven Sjöman. — Dos poucos que estavam em casa, ninguém viu nada, ninguém ouviu nada. Como sabemos, a cidade está vazia em julho. Receio que nenhuma testemunha tenha se apresentado, nem mesmo aquela pessoa que telefonou. Acho que nada podemos fazer a não ser aguardar o relatório de Karin Johannison, esperar mais respostas e ver se encontramos a bicicleta em algum lugar.

O relógio de parede do refeitório do departamento, pendurado bem junto à saída da grande sala dos inspetores, marca 5h25. O ponteiro vermelho dos segundos move-se lentamente num show reumático a caminho dos 60 segundos, num dia em que se mostra pálido e cansado de si mesmo.

Estão fazendo uma reunião no refeitório porque são apenas três.

“Foi um dia longo”, pensa Malin, ao ver seu chefe Sven beber café numa caneca negra e com goles enormes. O celular está desligado ao lado dele. A informação também já foi dada na recepção: “Não atendo mais nenhuma chamada da mídia”. E essa foi a primeira coisa que Sven disse para Malin e Zeke quando os dois chegaram.

— São loucos, completamente loucos. Assim que Högfeldt publicou o primeiro artigo sobre o assunto, eles passaram a telefonar a toda hora. Já falei com *Aftonbladet*, *Dagens Nyheter*, *Expressen*, *Svenska Dagbladet* e nem sei mais quem e com quem falei ao telefone. O canal *Östnytt* já veio para me entrevistar, assim como o canal 4 da televisão local.

— É a seca, o calor do verão — diz Zeke. — Um ataque seguido de estupro e um desaparecimento estranho, ao mesmo tempo, dão pano para manga. Junte-se a isso os incêndios nas florestas e o verão está salvo.

— Falou da bicicleta?

— Sim, falei sobre o assunto para o *Corren*. Disse-lhes que procuramos uma bicicleta Crescent, vermelha, de três marchas. Disseram que vão publicar.

— Quando é que a Karin concluirá o relatório?

— Amanhã, o mais cedo possível. Foi o que ela me disse quando lhe telefonei há pouco. Entretanto, disse-me que não encontrou nenhuma impressão digital na madeira do caramanchão.

— Ela leva muito tempo para fazer as coisas — ressalta Zeke.

— Ela costuma ser sempre muito rápida — contradiz Malin.

— Karin faz o seu serviço. Disso já sabemos — afirma Sven. — E vocês, até que ponto chegaram no caso de Theresa Eckeved?

— Parece que ninguém sabe onde ela poderia estar — diz Malin. — Falamos com o seu suposto namorado e com a única amiga com quem conseguimos entrar em contato, mas os dois não sabem de

nada.

— Suposto namorado? — pergunta Sven.

— É... Não podemos estar absolutamente certos sobre isso — diz Malin. — Os dois jovens parecem esconder alguma coisa de nós. E o namorado mente.

— E em que pensaram para conseguir saber o que eles estão escondendo? E por que ele mente?

De repente, Sven mostra-se impaciente como se quisesse ter a resposta logo. Talvez seja característica da idade. Em princípio, devia pedir um plano de ação para a investigação.

— Estamos trabalhando no assunto — responde Zeke. — As coisas andam devagar no calor.

— O calor é igual para todos.

Neste momento, Sven fica menos exigente.

— E o caso ainda é para ser considerado como um desaparecimento normal.

— Mas ela já pode estar desaparecida há uma semana. Temos, simplesmente, de encontrar mais pessoas que conheçam Theresa e falar com elas. E convocar o garoto Peter Sköld para ser interrogado — diz Malin. — Ele está na casa de campo dos pais, em Valdemarsvik. Vamos pedir ao pai que o traga. Também vamos pedir a lista das ligações do celular de Theresa. Ela não fez nenhuma retirada da conta bancária desde o dia em que os pais embarcaram para Paris. Foram os pais que verificaram.

— Ela tinha computador?

— O departamento técnico já está verificando o conteúdo.

— Ótimo. A juventude agora vive metade de sua vida em frente da máquina.

“Não Tove”, pensa Malin. “Pelo menos que eu saiba.”

— E o ataque e estupro de Josefin Davidsson — diz Sven —; o que é que acham desse caso? De qualquer forma, esse tem de ser o nosso foco principal.

— Verificaremos o que fizeram alguns dos conhecidos criminosos sexuais do país, soltos ultimamente e que, talvez, tenham voltado à ativa — responde Zeke. — Também verificaremos se alguns dos casos anteriores têm semelhanças com esse.

— Ótimo. E estupro em grupo, é uma possibilidade? Mesmo que nada no local do crime indique isso?

— Ainda não temos certeza se o ataque foi no parque — informa Zeke. — Pelo que sabemos, ela pode ter sido atacada em outro lugar e, depois, abandonada lá. Não é verdade?

— É verdade, sim — concorda Sven. — Esqueci de dizer, também, que o laboratório apressou a análise do sangue de Josefin Davidsson. Os resultados são normais. Não indicaram que ela estava drogada... se bem que existem substâncias que desaparecem rapidamente do sangue, em poucas horas. E o resultado da epiderme também não apontou nada específico, nada mais do que o habitual Klorin e sabonete. O sabonete deve ter vindo, com toda a certeza, de suas próprias roupas, e o Klorin fora usado para limpá-la. Talvez o criminoso quisesse ter a certeza de que não deixava nenhuma prova. Karin está pesquisando os resíduos microscópicos azuis encontrados pela dra. Sjögripe dentro da vagina de Josefin. E em termos de estupro em grupo, o que é que acham?

Malin sabe aonde Sven quer chegar, com todas as suas constatações e perguntas.

Mas não quer falar. Quer que os outros falem porque, não importa a forma como as palavras sejam ditas, elas sempre terão um tom de racismo.

Zeke acaba dando continuidade ao assunto:

— Temos de verificar o que fizeram Ali Shakbari e Behzad Karami.

Shakbari e Karami.

Culpados de violentar sexualmente, durante uma noite inteira, uma garota bêbada e indefesa. Mas não foram condenados por isso. Antes, foram inocentados por um tribunal, durante um julgamento em junho.

— A garota colaborou.

— Ela queria, porra!

Na mesa da cozinha, num apartamento em Berga?

— Droga, ela queria. É uma prostituta.

Foi impossível provar o contrário. E, enquanto Sven bebe mais um gole de seu café já frio, Malin pensa nas verdades oficiais e não oficiais. Por muito que a polícia e a mídia achem que, por princípio, todos os estupros em grupo são executados por dois ou mais indivíduos com origem imigrante, ninguém ousa escrever ou dizer a verdade.

Nada de verdades.

Politicamente incorretas.

E assim não existe mais o problema.

E, se não existe, não se pode discutir.

E assim existe um problema que não existe e que, por isso, jamais encontrará uma solução.

E existem garotas como Josefin e aquela Lovisa Hjelmstedt, como se chama a vítima de Shakbari e Karami.

Jovens como Theresa Eckeved.

Theresa está apenas sozinha em algum lugar.

Viajou.

Apenas isso.

Ao sentar-se em seu lugar, atrás da mesa, depois de terminada a reunião, o celular de Malin toca.

Onde está?

Ah, na bolsa.

— Olá, mãe!

— Tove!

É Tove.

Malin consegue imaginar a filha na sua frente, os olhos azuis, alegres e risonhos, os cabelos castanhos a balançar ao vento que vem do mar.

“Vocês estão bem?”, pensa Malin.

“Sinto a sua falta ao ouvir a sua voz.

“Mas, ao mesmo tempo, é bom que não esteja aqui, na cidade.

“Aí, já deve passar da meia-noite. O que está fazendo a esta hora? Devia estar dormindo.”

Mas Malin contém-se. Quer demonstrar confiança.

— Como estão as coisas por aí?

— Hoje, fizemos um passeio de barco. Fomos a uma pequena praia.

— Foi divertido?

— Foi, embora um pouco chato o retorno, mas eu levei um livro comigo. E agora saímos e fomos jantar fora.

— E a comida? Estava boa?

— Mais ou menos.

— Uma quantidade enorme de espetinhos, não?

“É como se a distância fizesse a conversa muito mais superficial do que costuma ser”, pensa Malin.

Como é possível as palavras serem igualmente triviais, mas ditas à mesa da cozinha, pela manhã, elas recebem uma tonalidade, um conteúdo e um significado diferente, como se dependessem da presença, sua e de Tove.

É como se o contato intuitivo desaparecesse em algum lugar, no caminho entre todos os emissores, cabos e satélites.

— Qual livro está lendo?

— São vários. Mas não gostei de *Madame Bovary*. Muito antiquado.

Som de xilofone ao fundo. Uma banda tocando no restaurante do hotel?

— É uma orquestra que estou ouvindo?

— Estão tocando no restaurante. Está quente aí em casa?

— Dá para derreter, Tove.

— Aqui está agradável. Quer falar com o pai?

— Claro.

— Malin?

É a voz de Janne.

— Vocês estão bem?

— Sim, mas está quente. E aí?

— Quentíssimo. Inacreditavelmente quente. Nunca passei por uma situação assim.

— Devia ter vindo conosco. Aqui dá para aguentar.

Bali.

“Ir junto, viajar”, pensa Malin. “Fugir do calor e das infelizes garotas?”

“Como ele fugiu para a Bósnia, Ruanda, Somália, para qualquer lugar onde a ideia de impossibilidade no amor não exista. Como ela ouviu mil vezes a voz dele, por linhas cheias de ruídos, e sentiu uma contração no estômago a se encher de uma massa negra e quente de preocupação.

“Sarajevo. Kigali. Mogadíscio.

“A voz de Janne, nas linhas cheias de ruídos. Uma mensagem a respeito do que poderia ter sido, a saudação de uma vida que nunca se tornou realidade.

“A mesma coisa agora.”

— No site do *Corren* falam a respeito dos incêndios nas florestas — diz Janne. — Devem estar precisando de mim, aí.

E ela fica irritada. Pensa: “Sou eu que estou precisando de você, agora! Mas você, nós, nunca chegamos a entender isso. Você sempre se submeteu à sua maldita instabilidade emocional. Será que alguma vez vai ser suficientemente adulto para colocar os pés no chão e dizer: ‘Aqui é o meu lugar na Terra?’. Não é necessariamente ser adulto ir construir latrinas num campo de refugiados ou transportar sacos de leite em pó, de caminhão, por um campo minado. Pode-se ser adulto ficando num mesmo lugar.”

A irritação desaparece tão de repente como apareceu.

— Os outros conseguem resolver, Janne.

— Mas um dos colegas ficou seriamente ferido.

— Eu sinto a falta de vocês — diz Malin. — Dê um beijo em Tove por mim. Ela deve ir para a cama agora.

O site do *Corren*.

O computador ilumina o quarto que, sem a luz do monitor, ficaria completamente às escuras.

As persianas, tal qual uma boca bem fechada, conseguem manter a luz do amanhecer fora do quarto.* Os incêndios ainda mantêm as florestas sob seu controle. Um bombeiro ficou ferido ao cair em cima do musgo seco, em labaredas. Ficou queimado no rosto e nas mãos. Deve ter sido a ele que Janne se referiu. São dramáticas as imagens do jornal. Os bombeiros como pequenas figuras de barro diante de uma grande parede de fogo, de árvores incandescentes, prontas para abraçá-los e queimá-los.

Daniel Högfeldt não voltou a contatá-la, mas telefonou para Sven cinco vezes durante o dia.

No jornal, escreveu sobre os dois casos no mesmo artigo. Mas também escreveu em artigos separados.

A Linköping de verão está chocada com o estupro no parque e um desaparecimento...

Linköping chocada?

Na realidade, inerte. Letárgica, por efeito do calor.

Faltam detalhes nos textos. Por enquanto, ficam nas generalidades.

Daniel e a mídia fazem as suas próprias avaliações. Para eles, os dois casos transformam-se em apenas um. O desaparecimento de Theresa não tem nada de normal. Há, sim, uma ligação entre os dois casos, embora Sven não queira que se fale em ligação para que não se criem monstros malignos no verão de Linköping.

Recentemente, Sven foi à televisão. Malin viu-o no jornal *Östnytt*. Como ele desviava o olhar, mostrando uma insegurança que Malin nunca vira antes. Era como se a câmera estivesse pronta para devorá-lo.

— Nós não podemos dizer com certeza absoluta que existe uma ligação... Continuamos trabalhando

nos dois casos... Nenhuma ligação...

Karim Akbar telefonou do lugar onde passa férias. Tal como se expressou para Sven, perguntou se precisava voltar, para tomar conta das hienas.

Resposta de Sven:

— Vá pescar com seu filho, Karim. Escreva o seu livro.

Depois, ainda no monitor, ela lê um artigo sobre o calor. Uma onda de falecimentos nos lares para idosos da cidade e de idosos encontrados mortos, em seus lares, pelo pessoal do serviço de assistência social em domicílio, pessoas que morreram de ataques de coração, os que não aguentaram o calor nem o ar-condicionado que torna a atmosfera seca. Uma enfermeira comenta: “Está um calor horrível nos apartamentos de nossos pacientes. Eles têm dificuldade para hidratar-se e regular a temperatura do corpo. E nós não conseguimos nem atendê-los com as nossas rondas nesta época de férias”.

Malin desliga o computador e vai até a sala de estar, aproxima-se da janela e escuta o murmúrio que vem de baixo, do *pub*, no andar térreo.

“Devo descer?”

“Não, hoje não.

“Ainda que todo o corpo grite por uma tequila.”

Em vez de descer, Malin vai para o quarto, deita-se na cama e fecha os olhos.

A luz forte do dia ainda demora a desaparecer da vista como pontos reluzentes nos cantos dos olhos, mas é na escuridão do quarto que, de repente, surge a figura de uma mulher.

Malin vê Nathalie Falck no cemitério, a boca da adolescente se movimenta, mas não é a voz de Nathalie, e sim de Peter Sköld no telefone.

Os dois adolescentes unem-se na mentira.

Mas já têm idade suficiente para saber que são donos do silêncio, que eles, ao ficar em silêncio, podem tornar o trabalho da polícia praticamente impossível.

Aquele que fica em silêncio consegue escapar de quase todos os problemas. A fala do culpado é sua pior inimiga.

Malin abre os olhos novamente.

Escuta vozes lá de baixo, do *pub*, mais animadas do que durante o dia, mas não consegue distinguir as palavras na animação geral. Fecha os olhos. Sente o corpo de Daniel contra o seu, o seu peso... Talvez...

Não.

Está na hora de dormir.

Cansada demais.

Numa sala da enfermaria do hospital da Universidade, Josefin Davidsson encontra-se deitada sob um cobertor branco, tentando recordar aquilo que o seu corpo lembra e sabe que aconteceu. Os pais estão sentados, cada um em uma poltrona, perto da janela do quarto que dá para a luz reduzida e tremeluzente de Linköping. E ambos fazem a mesma pergunta a si próprios: “Afinal, o que aconteceu no parque ou em

qualquer outro lugar? Quais segredos a grama queimada, a casca dos troncos e as folhas das árvores, a noite e a escuridão escondem?”. Ao mesmo tempo, estão com desejo de voltar para casa e para as suas camas.

“Eu quero lembrar-me, mas não me lembro de nada.

“Quero mesmo? O que aconteceu não diminui pelo fato de eu não me lembrar, não é verdade?

“Em breve vou poder voltar para casa, deixar o hospital.

“Nessa altura, vou ficar deitada na varanda, tentando me lembrar. Vou dizer para mim mesma, em voz baixa: lembre-se, lembre-se, lembre-se.”

A terra por cima de mim, lembra a terra de alguma coisa?

Eu sei por que estou aqui, agora.

Onde estou.

Sou Theresa.

Deve ser noite lá em cima. Não se escutam vozes de onde eles tomam banho.

E eu estou dormindo aqui, não é verdade?

Como é que eu fiquei assim?

Por que estou dormindo aqui?

Quais são os meus sonhos agora?

A voz de Tove paira no quarto. O sonho.

“Cuide-se bem, minha querida mãe. Eu volto em breve.”

De algum esconderijo no sono de Malin, a voz diz as palavras que ela quer ouvir.

“Volto em breve.

“O que seria de mim sem você?

“Sem vocês?”

E então Tove está ali, diante de sua cama, estende os braços na sua direção e Malin vai abraçá-la, mas logo Tove está mais longe, seu corpo está agora transparente, como quase um holograma invisível, algo vago demais na memória e na sensação de ausência a que se agarrar.

“Volte para casa, minha querida, meu amor.

“Não desapareça de minha vida. Prometa.”

No alto verão, na Suécia, amanhece já nas primeiras horas da madrugada. Em Estocolmo, o Sol fica abaixo do horizonte, entre as 23 horas e a 1 hora da manhã. [N.T.]

Deve ser um texugo sem casa que se mexe lá longe no limite da floresta.

Os abetos e as bétulas estão balançando, se bem que a posição varia, diante de um vento noturno, fraco, que está vindo do mar Báltico e por cima das ilhotas e rochas do arquipélago.

Está cavando? À procura de quê?

Existe alguma coisa enterrada nessa terra? Ou quer apenas encontrar o caminho de volta para o seu buraco, esses corredores subterrâneos que os texugos chamam de lar?

Um as costas pontilhadas de branco e preto, um ruído rastejante. O que se esconde na floresta?

Karim Akbar está sentado na escada em frente da casa de campo, a *stuga*, que a família alugou por três semanas. Arquipélago de Santa Ana, uma ilhota, Kobbholmen, e uma canoa própria amarrada no píer, perto da ilha Tättö. E daí a grande calma sueca. Este ano mais quente do que nunca.

Sete mil coroas por semana.

Sueca, a mais sueca, sim, a mais sueca das imagens. O carvão continua em brasa na churrasqueira. Píer próprio. Vista do píer de madeira para o estreito golfo que conduz ao mar aberto. Dentro da *stuga*, dorme sua família, a mulher e o filho de oito anos. “Este é o paraíso e eu devia estar dormindo ao lado dela, mas será que ela me quer ao seu lado?”

Por vezes, ele duvida. É como se, em sua convivência, ele não bastasse para ela. Como se ela quisesse algo mais. Ela não diz isso com palavras, mas com distanciamento. Ou talvez apenas com a falta de aproximação, quando ele se aproxima.

“Mas o corpo não me dá descanso”, pensa Karim. “Quero implantar a ordem na cidade.”

“As garotas.

“Uma desaparecida. Outra atacada.

“E daí Sven Sjöman na televisão. A testa suada, os cabelos ralos.”

A voz de Daniel Högfeldt:

— Vocês acreditam que Theresa Eckeved ainda está viva?

E como o ponto de vista de Sven nessa questão apareceu nitidamente em seu olhar, um ponto de vista diferente daquele que expressou por palavras:

— Nós partimos do princípio de que ela não está morta.

Com os diabos, Sven. “Nós partimos do princípio de que ‘ela ainda está viva!’”

Notícias.

Câmeras.

“Esta seria uma boa oportunidade para melhorar o meu perfil”, pensou Karim. “Mas a casa aqui é

ótima, o descanso é bom, e será que eu já estou cansado de tantas imagens, de tantas palavras?

“Quando aconteceu isso?”

“Nem sequer comecei a escrever meu livro.

“Não aguento ser politicamente correto e, assim, é melhor deixar a caneta em paz.”

O texugo corre pela floresta.

“Eu quero as garotas. Alguma coisa está em movimento. Alguma coisa escusa. E eu quero estar lá quando surgir à luz do dia.”

O espetinho de carne ainda está no estômago, o cordeiro queimado quer voltar para cima.

Janne acordou cedo, foi obrigado a correr para o banheiro.

O restaurante da noite anterior foi o pior de todos até então.

Arroz oleoso, carne ruim, mas Tove parece ter gostado de seu polvo. Está dormindo agora, tranquila. Dormem juntos, em camas de solteiro, chão de pedra branca. A grade de alumínio da varanda, encostada nos antebraços de Janne, ainda está quente do sol do dia anterior. O mar está a uns 100 metros de distância, ao longo de uma rua cheia de bares, restaurantes, lojas de suvenires e um templo. Os balineses passam com suas roupas coloridas, aparentemente nada impressionados com a exploração, a atmosfera pesada, cheia de fumaça. São suas procissões religiosas, das quais Janne não compreende absolutamente nada.

Mas é assim a civilização por aqui. As madrugadas em Bali são mornas. O vinho que bebeu também estragou o estômago. O sono não quer voltar.

O restaurante do hotel está fechado.

A piscina também.

Vem uma música fraca de um bar que ainda está aberto, mas Janne, ainda assim, consegue distinguir a respiração de Tove e nota que é igualzinha à da mãe. Lenta e estável, mas, de vez em quando, o ritmo altera-se, com um estremecimento que é quase uma lamúria, não de preocupação ou de sofrimento, mas de alívio, como se alguma coisa dentro de Malin e Tove encontrasse o seu estado natural.

O calor da noite é diferente do calor da África.

A noite tropical é de chuvas. Nada se equipara a ela.

Quando a chuva cai, a pessoa sente na pele a umidade aumentar. O ruído das gotas caindo pode esconder a maldade que se desloca atrás, em movimento entre folhas, insetos e árvores.

Sempre surge alguma coisa entre as pessoas.

A religião.

Como na Bósnia.

A herança étnica.

Como em Ruanda.

E sempre a política, o dinheiro, as intenções, as manobras.

Depois, aqueles como eu. Os operários da limpeza. Os que chegam logo depois da catástrofe.

Coisas que acontecem, que acabaram de acontecer ou aconteceram há muito tempo. Há uma colisão. De uma maneira ou de outra, trata-se de um momento histórico. E o direcionamento muda. Explode a violência e resta apenas a readaptação.

Um vento quente atinge seu rosto.

África.

Vento frio.

Bálcãs.

Uma friagem úmida que ele sempre vai sentir.

A voz dela no telefone ainda há pouco. A mesma linha telefônica defeituosa. Os mesmos velhos preconceitos, como em tantas vezes antes. Suas palavras ditas sem fundamento nenhum.

“O que é que eu fiz?”

“Malin.

“O que é que nós fizemos? O que é que nós fazemos?”

“Está na hora de acabar com a brincadeira e começar a brincar seriamente.”

Janne sai da varanda. Deita-se na cama, ao lado de sua filha. Escuta mais uma vez a sua respiração, o modo como ela inspira e expira.

Malin sonha com um vento frio que passa por um campo aberto. E um pequeno ser, bem pequenino, que guincha e que quer vir para as suas mãos.

Sonha com um campo aberto de onde se vê um céu com grandes nuvens, com cúmulos, em contraste com o azul-celeste.

Sonha que está nadando no mar, ao lado de Tove e Janne. E ainda ao seu lado nada uma quarta pessoa, sem rosto, mas que não transmite medo. Melhor ainda: é a encarnação de tudo o que é bom e existe em qualquer pessoa. Pelo menos, nos sonhos de um verão quente.

Sonja, esposa de Sven Sjöman, olha para o marido. Sua barriga parece esparramar-se em cima do colchão, as rugas em seu rosto estão mais profundas, e ela escuta os roncos dele, que parecem aumentar a cada ano que passa, assim como os quilos a mais em sua barriga. Mas há um pequeno milagre: como ela aceita os roncos, como se tornam parte dela, de sua vida.

Ela costuma acordar às três horas da madrugada.

Fica deitada ao seu lado, observando como o jardim lá fora se transforma, muda os contornos, modifica-se conforme a época do ano.

No verão, as noites são relativamente curtas.

As árvores, as macieiras, as pereiras e as ameixeiras ficam carregadas, mas nenhuma imaginação poderá fazer com que sejam outra coisa que não árvores.

Sonja costuma fingir que dorme quando Sven se levanta em silêncio e desce para o porão, no qual tem a marcenaria. Sabe que ele quer acreditar que ela dorme, que ele jamais a deixaria sozinha na cama se

soubesse que estaria acordada.

Sven comprou um novo torno mecânico em junho.

Muitas conchas de madeira vão surgir. Já começou a vendê-las nas lojas de artesanato, perto do palácio.

Em agosto, eles viajam para a Alemanha.

Sven, contra a vontade, cada vez mais hesitante, com o passar dos anos, em fazer longas viagens. Ela, cada vez mais inclinada a viajar.

“Temos de viajar à Austrália para ver como está o Joakim.”

“E ficar dezenove horas dentro do avião? O rapaz vem passar o Natal conosco, não basta?”

Ir de carro até a Alemanha.

Estradas estreitas.

Hotéis onde ainda ninguém parece ter dormido.

Sven.

Já estão casados há mais de 30 anos.

Ela vê as preocupações dele durante o sono. As garotas, todas as coisas horríveis que ela leu no jornal, de que ele se recusa a falar.

Zeke Martinsson acordou, foi para a cozinha de sua casa em Landeryd e pôs a cafeteira elétrica para funcionar.

O aroma do café, do acordar de um novo dia, espalha-se pelo ambiente.

O relógio no fogão marca 5h23.

Ele dorme, quase sempre, a noite inteira e acorda cedo, descansado.

A casa é quente.

Com certeza, 28 graus. Sua esposa quer comprar um ar-condicionado para o quarto de dormir, mas o calor não vai durar por muito mais tempo. E são 10 mil coroas para isso! Mas o que são 10 mil?

“Martin vai ganhar milhões naquele hóquei de nada. Aliás, já ganhou.

“Enfim, todos os métodos são bons, exceto os maus.

“Os cirurgiões neurológicos não ganham nada em comparação com o que ganham os jogadores de hóquei. E as enfermeiras?

“É tudo uma piada de mau gosto.

“E as garotas. Theresa e Josefin. O que está acontecendo?

“Aqueles malditos de Berga. Aqueles garotinhos de merda, com um ponto de vista importado e doentio a respeito das mulheres. Eles provocam os meus piores humores.

“E Peter Sköld. Nathalie Falck.

“O que estão escondendo?”

Zeke bebe mais um pouco de café. Pequenos goles da bebida quente fazem o corpo despertar, já meio acordado pelos vapores que saem da xícara e entram pelo nariz. Coloca a xícara em cima da mesa, vai

até o *hall* e abre a porta que dá para a rua.

O jardim está tranquilo. As flores, os arbustos e as árvores. Como se fossem pessoas, negras, petrificadas.

O pai de Zeke ficou no hospital *Aleryd* durante 10 anos antes de morrer. Petrificado, fechado em si mesmo por causa do mal de Parkinson que nenhum remédio, novo ou antigo, conseguiu dominar. Como uma árvore seca e sem folhas no jardim.

Zeke sai para o jardim só de cuecas.

Nenhum vizinho está em casa ou já acordado, caso não tenha viajado. Abre a caixa do correio, mete a mão lá dentro e pega o *Corren*.

Olha, vê se tem algum folheto de propaganda, mas a caixa está vazia. Há apenas um par de lacraias acomodadas em um canto.

Levanta o jornal na direção do Sol, de um ângulo que dá para ler o texto e ver as imagens da primeira página.

A fotografia de Theresa Eckeved.

Do mesmo rolo de filme das fotografias que receberam dos pais, no dia anterior.

Desaparecida há uma semana [...] os pais apelam para o público...

Zeke dobra o jornal, entra em casa e volta para a cozinha.

Café.

Tem de beber mais café.

Clareia e purifica o cérebro.

Hoje é um dia em que tenho coisas importantes a fazer.

Peter Sköld tem mechas louras no cabelo e é magro, a ponto de chegar ao limite da magreza doentia. E o pai, Sten, um homem decidido, de olhos verdes e rosto anguloso, fica constrangido ao ver o filho cruzar as pernas nuas ao se sentar na cadeira do refeitório da polícia.

Nem um nem o outro parecem estar cansados, apesar de terem sido obrigados a sair da casa de campo bem cedo.

Malin notou isso logo.

Peter Sköld está consciente da importância do silêncio.

Por quê?

“Porque existem coisas que são só suas, não é verdade, Peter?”

Malin senta-se, e Zeke vai até a máquina de café.

— Alguém quer café?

O pai e o filho rejeitam, e Malin, que já começou o dia bebendo três xícaras em casa, também não aceitou.

— Obrigada por terem chegado aqui tão cedo.

O relógio na parede marca 8h20.

— Foi apenas um hora de viagem. Nem isso. Um pouco menos — diz Sten Sköld. — E no caso, com Theresa desaparecida, é o mínimo que podemos fazer.

Malin dirige os olhos para Peter Sköld.

“O que é que vejo em seu rosto?”

“Medo? Ceticismo? Silêncio.”

— Vocês dois estão realmente juntos, você e Theresa? — pergunta Malin.

A resposta vem rápida. A mão magra de Peter Sköld passa pelos cabelos:

— Sim.

Zeke senta-se à mesa com uma xícara de café bem quente à mão.

— Mas você não passa muito tempo com ela — diz Sten Sköld para o filho.

— O que é que sabe sobre isso? Nós estamos juntos.

— Peter, você notou alguma coisa de especial na última vez em que a viu? — pergunta Malin.

— Não. O que poderia ser?

— O baile de que você falou quando nos encontramos pela primeira vez nunca aconteceu — diz Malin.

Peter Sköld hesita, antes de revirar os olhos e dizer:

— Ok. Nós nos encontramos na cidade. Eu não queria ser visto como um daqueles que, às vezes, ficam andando pela cidade.

— Mas não tem nada a ver. Você pode muito bem passear na cidade, Peter.

— Posso mesmo? Não é isso que costuma acontecer. Escute, por favor, o que eu digo: nós *estamos* juntos. Mas, como eu disse, não nos encontramos ultimamente. Eu fiquei no campo nas férias.

— É verdade — diz Sten Sköld, com um novo tom decidido na voz.

— Você não tem nenhum outro amigo com quem se encontra, quando fala que vai ver Theresa?

Malin atira as palavras na direção de Peter Sköld.

— E quem seria esse amigo?

— Você é que pode responder.

— Não há nada para contar.

— Não há mesmo? — pergunta Zeke. — Certeza absoluta?

— Aonde vocês querem chegar afinal? — questiona Sten Sköld.

Peter Sköld sorri.

— Eu não tenho mais nada a dizer.

— E não sabe se Theresa se encontrou com outra pessoa, quando disse que se encontraria com você?

— pergunta Zeke.

— Nós estamos juntos! — Foi o que disse.

— Você não parece especialmente preocupado com o fato de ela estar desaparecida, não é?

— Estou, sim. Estou preocupado. Mas demonstro isso do meu jeito.

— Do seu jeito?

Peter Sköld recosta-se na cadeira, afasta a franja da testa.

“Seu filho da mãe”, pensa Malin. “14 anos? 15? E já um... Um quê?”

Os olhos dele. Malin olha para eles, fixamente.

“Vergonha. Existe vergonha naquele olhar. E medo. Eu deveria dar-lhe um aperto, mas no momento você impossibilitou isso.”

— Agora, você vai nos contar tudo o que sabe e que poderá nos interessar — diz Malin.

— Caso contrário?

— Devagar com o tom — diz Sten Sköld. — O meu filho é suspeito de alguma coisa?

— E Nathalie Falck? — pergunta Malin.

Peter Sköld sorri de novo. Parece analisar a situação antes de responder:

— Uma colega de escola. Nada mais. Nós gostamos das mesmas músicas, nós três.

— Que música?

— Todas as novidades — diz Peter Sköld. — De fato, não tenho mais nada a dizer. Podemos ir agora?

— Theresa está desaparecida. Uma garota chamada Josefin foi violentada, — diz Malin. — Conte o que você está escondendo. Agora. Conhece Josefin?

— Eu não conheço nenhuma Josefin.

— O meu filho já disse que contou tudo o que sabe — diz Sten Sköld, levantando-se. — Vamos agora, Peter.

— Ele não contou tudo — diz Zeke.

Assim que pai e filho vão embora, Malin e Zeke se dirigem às suas mesas.

— Ele não contou tudo — repete Zeke.

— Talvez nem você o fizesse, se fosse ele.

— Acha que o pai o conteve?

— Não. Esse pai conhece o filho que tem. Não acho que quisesse que o Peter falasse mais.

— O que acha que ele sabe, Malin?

— Algo, Zeke, algo...

“O mundo dos adolescentes.

“O mundo de Tove.

“Como é que ela não contou nada à mãe a respeito de Markus. E como Malin esperava que suas vidas fossem iguais à medida que os anos passassem e elas duas ficassem mais velhas. Que houvesse mais pontos em comum e de interesse.

“Foi o que aconteceu?

“Não.

“Oh, sim.

“Não, não minta para si mesma, Malin.”

“Não sei se Tove tem algum segredo para mim. Deus sabe que ela já se irritou comigo. Às vezes”, pensa Malin, “posso quase ver como ela me despreza e despreza a vida que eu levo.”

“Ou será que eu mesma me reprimo? Será que estou sendo dura demais com minha filha?

“Com certeza, é isso mesmo.

“Com certeza.”

Sven Sjöman, encolhido na cadeira, na ponta da mesa de reunião. As faces enrugadas, vermelhas de tanto calor e, talvez, por causa de uma noite maldormida.

São exatamente nove horas da manhã.

A reunião matinal, nesta sexta-feira, começa no horário certo.

A seu lado, Willy Andersson, do departamento técnico.

À frente de Andersson está o computador branco e arredondado de Theresa Eckeved, ligado. O cabo da internet estendido pelo chão, frouxo, pronto para lhes contar alguma coisa.

Zeke e Malin estão de pé, atrás de Andersson, e olham para o monitor. Malin acha que Andersson trabalhou bem, mas resta saber o que encontrou.

— E aí? — pergunta Zeke.

— Ela não usou muito o computador — diz Willy Andersson. — Não encontrei fotografias, apenas dois trabalhos de escola, de biologia. Posso assegurar que não têm interesse nenhum.

Andersson.

“Será que ele é capaz de julgar o que é de interesse para nós?”, pensa Malin.

“Trabalhos sobre biologia.

“Com certeza, é capaz.”

— Mais alguma coisa?

Malin descobre esperança em sua própria voz.

— Ela apaga o histórico regularmente, de modo que não posso descobrir por onde ela andou navegando a longo prazo. As informações podem estar no computador. O disco rígido ainda deve ter os dados ou talvez possamos encontrar nos arquivos do provedor, mas isso vai demorar.

— Quanto tempo?

— Semanas. As informações excluídas transformam-se em pistas fragmentárias no disco rígido. Demora muito para conseguir refazer um arquivo fracionado a partir desses pedaços. E agora, no verão, o provedor não gostará de percorrer toda a sua lista de servidores.

— Mas?

Malin percebe na voz de Willy Andersson que ele encontrou mais alguma coisa.

— Do que eu consegui da memória cache e do histórico de navegação, pude verificar que ela tem uma página no Facebook.

Willy Andersson clica na página.

O rosto de Theresa Eckeved.

Cara de inocência, mas também de dureza.

Nenhuma anotação. Apenas alguns poucos amigos: Peter Sköld, Nathalie Falck. Apenas um comentário de uma Lovelygirl. Aliás, apenas uma.

“Olá, querida!”

“Como você é bonita.”

“Chupe-me.”

— Dá para saber quem é essa tal de Lovelygirl? — pergunta Malin.

— Ela está registrada como membro, mas não tem página própria — responde Willy Andersson. — Posso contatar o Facebook e ver se eles dão a informação.

— Mais alguma coisa?

Sven quer saber, mas sente-se algum alívio na sua voz. Uma Lovelygirl. Já é alguma coisa.

— Ela também tem uma conta no Yahoo — diz Willy Andersson. — Mas eu não consigo acessá-la.

— O Yahoo é mais rápido do que o Facebook?

— Duvido. Vou contatar os dois *sites* ainda hoje. Vamos ver.

— Faça isso, por favor — diz Sven. — E saliente que temos pressa em saber.

— Nada no MySpace? No YouTube?

Malin lembra-se de ter visto um vídeo do YouTube, cerca de um ano antes, em que se mostrava o caso de uma garota adolescente estuprada e maltratada. Soube-se depois que foram os amigos mais íntimos da garota que a violentaram.

Peter Sköld, Nathalie Falck. Agressores?

— Nada no MySpace. Ainda não procurei no YouTube. Mas posso fazer uma pesquisa ainda hoje.

— Faça isso — diz Sven, novamente. — Faça isso.

— E Peter Sköld e Nathalie Falck, também não têm páginas pessoais?

— Não que eu tenha encontrado — diz Willy Andersson, levantando-se, com as calças leves, de algodão bege, suspensas na cintura, soltas, por ter pernas magras.

Andersson.

Tem 40 anos de idade.

Mas parece ter 50.

— Bom trabalho. E rápido — diz Sven.

— Foi simples — responde Willy Andersson, ao mesmo tempo em que desliga o computador e desaparece com ele debaixo do braço. — Darei notícias — diz, antes de sumir. Apenas o calor e o barulho da porta ao ser fechada permanecem na sala de reuniões.

— E vocês, o que é que vão fazer agora?

— Vamos verificar o que Behzad Karami fez.

E, a seguir, apenas silêncio na sala. É um silêncio todo especial que Malin conhece e do qual gosta muito. É o silêncio de uma investigação em andamento, na qual as intuições dos detetives evoluem para ideias, uma pista da investigação que vale a pena seguir.

— Lesbianismo — diz Sven. — Será este um caso com conotações de lesbianismo? Essa tal de Lovelygirl no Facebook deu a impressão de ser lésbica?

— E Nathalie Falck é muito masculina — diz Zeke. Malin pensa que ele é bem preconceituoso, mas ela concorda com a sua versão. Sente as suspeitas pairando no ar.

— Quer dizer, portanto, que pode existir uma ligação lésbica? Mantenham isso em mente.

— Talvez Nathalie Falck saiba quem é a tal de Lovelygirl? — propõe Malin.

— Está na hora de uma caminhada — diz Zeke, levantando-se. Seu olhar revela a maior expectativa.

“Código.”

“Nós precisamos de um código especial para abrir essas fechaduras.”

O relógio marcava um pouco mais de 9h30. Os dois estão na sombra, debaixo da pequena cobertura, diante do portão de um antigo edifício residencial. Os tijolos da fachada, antes amarelos, estão escurecidos, têm agora uma cor ocre. A grama e os canteiros de flores em volta que, ao que parece, ninguém se habilita a limpar, com ou sem pagamento, estão cheios de bitucas de cigarro, latas de cerveja e refrigerante e garrafas de vidro verde, quebradas.

Malin vê sua imagem no vidro do portão, no qual seu rosto fica inacreditavelmente alongado e a pele brilhante.

Berga.

Malin e Zeke deixaram o carro na garagem subterrânea do centro. Um ambulatório, um quiosque, uma pizzaria e, depois, apenas lojas vazias, fechadas com placas de madeira.

Berga.

A apenas alguns quilômetros do centro de Linköping, a um pouco menos de 700 metros do sofisticado bairro de Ramshäll.

Aqui, é outro mundo.

Desempregados.

Imigrantes.

E, como sempre, mães solteiras que tentam educar suas crianças para se tornarem seres humanos razoáveis, mães que aguentam de tudo, obrigadas a trabalhar 10 horas por dia em empregos mal remunerados.

Pais ausentes não são fantasias por aqui.

A maioria dos habitantes de Berga, certamente, estava em casa, apesar do verão.

Dois prédios abaixo do local onde estava, Malin, uma vez, veio encontrar um dos seus antigos colegas de escola, completamente drogado. Isso aconteceu em seu primeiro ano na polícia de Linköping. Ele vivia num pequeno apartamento, de apenas um cômodo, no primeiro andar. Malin já vivera no mesmo tipo de apartamento para onde ela se mudara com Tove, depois de se formar na academia de polícia.

Daquela vez, vinha mau cheiro do apartamento do ex-colega.

Os vizinhos telefonaram para a polícia.

Malin e Zeke foram até lá. O antigo colega jazia no chão ao lado de uma cama, num estado inacreditável. Um cheiro insuportável. Seu corpo, certamente, devia estar inchado, mas, no momento em que o encontraram, estava encolhido.

Jimmy Svennsson, com três “enes”.

O antigo colega mais charmoso da escola. Um usuário de maconha, que se transformou em usuário de heroína, morreu.

Verão incendiário.

Zeke pergunta:

— O que vamos fazer com a porta?

— Esperemos que chegue alguém...

— Que é que quer di...

— Estava brincando, Zeke, brincadeira matinal. — Malin tirou um chaveiro do bolso interior de seu casaco leve, azul-claro, e enfiou uma chave mestra no buraco da fechadura, girou e a porta se abriu.

— Essas fechaduras são muito simples.

Zeke olhou para ela com admiração.

— Sou obrigado a reconhecer que você é tremendamente astuta nessas coisas, Fors.

A escada cheirava a mofo e as paredes cor de limão precisavam ser repintadas.

Não havia elevador.

Estão sem fôlego quando chegam ao terceiro andar.

— Aposto que deve estar dormindo — diz Zeke, ao mesmo tempo em que toca na campainha da porta

de Behzad Karami.

Tocam, tocam, insistem e nada.

Malin liga para o celular de Behzad Karami. Não encontrou nenhum número de telefone fixo.

O barulho da campainha soa por todo o apartamento.

Ela estava completamente bêbada.

Assim fala a voz no celular, com um ligeiro sotaque ao pronunciar a língua sueca da província de Östgötland, apesar de Karami ter chegado ao país com oito anos.

— Sabe que horas são, seu porco machista, sabe?

— Aqui é Malin Fors. Da polícia. Se abrir a porta, você para de ouvir a campainha.

O dedo de Zeke continua a pressionar a campainha.

— O quê?

— Abra a porta. Estamos aqui fora.

— Que inferno!

No telefone, Malin escuta um corpo que muda de posição, depois um arrastar de pés atrás da porta, mas Zeke continua a pressionar o botão da campainha cujo ruído fica cada vez mais forte à medida que a porta se abre.

— Bom dia, Behzad. Você fez porcaria novamente, não é?

A voz de Zeke, plena de aversão pelo indivíduo à sua frente, é ouvida logo que ele para de tocar a campainha.

Behzad Karami está com o rosto inchado, de sono e talvez de álcool, ou, ainda, por consequência sabe-se lá de quê. Tronco tatuado, ombros largos, colar de unhas e dentes de animais ao pescoço. Dezenove anos. Um grande BMW, negro, brilhante, estacionado na garagem do centro.

Por outro lado.

Depois da escola no reformatório da juventude, nunca mais foi condenado. E nós não podíamos prendê-lo por estupro e talvez os seus “casos” estejam bem. “Que sei eu?”, pensa Malin.

— Vamos entrar — diz Zeke. E, antes de Karami protestar, entra no *hall*, passando por ele, e enfia a cara no único cômodo do apartamento.

Behzad Karami hesita.

Marcado, desde que ficou preso, sofreu uma investigação para saber se o seu comportamento com uma tal de Lovisa Hjelmstedt, que estava bêbada, podia ser classificado como estupro ou como abuso sexual.

Mas o caso prescreveu.

Ela também quis, e as testemunhas viram-na dançar com Behzad Karami e Ali Shakbari na discoteca. Viram-na sair, voluntariamente, com eles, embora a essa altura ela já estivesse tão bêbada que demonstrava dificuldade para andar.

— Há muito tempo não se faz limpeza aqui, não é verdade, Behzad? — comenta Zeke. — Mas nem limpar você não consegue, seu porco. Nada de manter a casa limpa?

Behzad Karami está diante de Malin na sala-quarto. Suas costas estão cobertas com a tatuagem de um dragão, cuspidor de fogo, mas inexpressivo, sem qualquer imponência.

— Limpo quando eu quiser. Não é problema seu...

— Ah, é assim? — retruca Zeke. — *Make my day*. Fale, diga o que pensa...

— Calma, Zeke. Sente-se na cama, Behzad.

O papel de parede da sala está todo sujo, com manchas e algumas marcas de queimaduras de cigarro. Sobre a cama, um lençol rosa rasgado; as persianas estão baixadas, a janela tem vista para os telhados de Berga. Há uma televisão enorme, plana, pendurada na parede; o aparelho de som e os alto-falantes ocupam boa parte do chão. A cozinha está um brinco, como se tivesse sido usada recentemente, e, depois, muito bem limpa.

Behzad Karami senta-se pesadamente na cama; esfrega os olhos e diz:

— Droga, vocês podiam ter vindo mais tarde. Afinal, o que querem?

— Uma garota foi violentada ontem. Encontraram-na no parque da Associação de Jardinagem — diz Malin.

— O que sabe sobre isso? — pergunta Zeke.

Behzad Karami abaixa a cabeça e fixa os olhos no chão de linóleo verde. Depois, balança a cabeça e afirma:

— Nós não violentamos Lovisa. E eu não violencei ninguém. Entendam isso, porra! Quando é que vão entender?

A voz.

Uma tonalidade que, de repente, revela medo.

Além dos músculos e das tatuagens, apenas um garoto, mas também um homem que sente vergonha quando o povo na cidade fala baixo às suas costas. Está condenado pelo tribunal da cidade.

“Lá vai ele, o estuprador...”

“Animais! É isso que eles são, animais!”

— Onde você esteve na noite passada?

— Na casa de meus pais. Recebemos parentes do Irã. Perguntem a eles. Sete pessoas podem testemunhar que eu saí de lá, hoje, mais ou menos, às cinco horas da manhã.

— E depois disso?

— Eu vim para casa.

Josefin não se lembra de nada. Ela foi atacada antes ou depois do cinema? A que horas?

— Você veio direto para casa.

— Foi isso que eu disse.

— E por que devemos acreditar nisso? — pergunta Zeke enquanto dá um tapa na cabeça de Behzad Karami.

— E Ali, você sabe o que ele fez ontem?

— Não. Não faço ideia. Vocês vão se meter com ele também?

Malin vê como Zeke fica irritado. Como precisa se conter para não cair em cima de Behzad Karami. Em vez de fazer isso, levanta a voz ainda mais e diz:

— Quer dizer que você não foi para o parque depois da festa? Que não ficou à espera de mais uma garota?

Malin dá um passo para trás, sai do *hall* e vai para a cozinha. Um outro mundo no mesmo apartamento. De uma maneira geral, tudo limpo, armários brancos, ainda que desgastados pelo uso.

Ela passa a mão pela bancada da pia, cheira, Yes Citron, aroma de limão. Abre um armário, vê que existe um frasco fechado de Klorin.

Ouve Zeke discutir e gritar na sala.

Sabe que a irritação de Zeke pode ser assustadora a ponto de acabar conseguindo alguma coisa, extrair verdades, obter confissões, de onde menos se espera que venham.

— Você está maluco, seu policial de merda.

Os olhos de Zeke estão vermelhos de raiva. Ao se voltar para a entrada vê que Malin está na cozinha.

— Não há mais nada para se fazer por aqui, não acha? — diz Zeke

— Não, ainda não — replica Malin e volta a falar com Behzad Karami, que continua sentado na beirada da cama:

— A cozinha, como é que ela ficou tão limpa?

— A minha mãe limpou anteontem.

— Mais uma coisa: você sabe onde podemos encontrar Ali?

— Tentem na loja do pai, que vende flores, no parque da Associação. O nome da loja é Interflora. Ele ajuda no verão.

O ar-condicionado do carro reclama.

Malin está ao volante.

Zeke canta em alto e bom som uma daquelas canções do coro, dentro do carro.

O coro da igreja da cidade de Sundsvall canta uma música do Abba.

The winner takes it all, the winner takes...

A voz de Zeke não é tão rouca cantando quanto falando. Malin já aprendeu a lidar com essas cantorias, em parte porque começou a apreciar os pontos positivos dos corais, porém mais porque vê na música e no coro a entrega de Zeke a um propósito e o que isso representa para ele. De um momento para o outro, transforma-se de um macho cheio de testosterona, pronto para explodir, num alegre cantor, quase um homem pleno de harmonia.

Eles estão se dirigindo para Tannefors.

Passam pelas rampas de skate no parque Johannelund, pelos jardins de grama amarelada entre a lagoa e os prédios residenciais, para passar, depois, pela ponte de Brasken, e, seguindo em frente, pelas instalações da fábrica da Saab, no calor.

A produção de aviões.

Na realidade, a produção de armas.

De qualquer maneira, o grande orgulho da cidade.

“Porque essa é a cidade de Linköping”, pensa Malin. “Uma metrópole autoconsciente, quase se sentindo exemplar, com um desejo de ser fina e bem considerada, pequena em tamanho, mas grande, muito grande e importante no mundo. Uma cidade do interior, com ilusões de grandeza, mas com sentimentos reais de suas possibilidades e de seu estilo. Por isso, é difícil imaginar uma cidade do interior mais cidade do interior do que Linköping.”

— No que está pensando, Malin?

— Na cidade. É uma boa cidade, apesar de tudo.

— Linköping? Alguém discorda disso?

Enquanto a pergunta de Zeke ficava suspensa no ar, o celular de Malin começou a tocar, um toque que preenche o carro e os ouvidos dos dois.

— Finalizei as análises, Malin. Analisei os elementos microscópicos encontrados pelos médicos na vagina de Josefin Davidsson.

Era a voz de Karin Johannison.

Voz fria, gelada, no calor do verão.

— Nós estamos chegando — responde Malin. — Temos apenas mais uma missão a cumprir.

As gotas, em sua maioria, já se evaporam e desaparecem, antes mesmo de atingir os vasos com flores que estão nas prateleiras, sob a marquise vermelha, inclinada, da floricultura. O barulho alto dos regadores automáticos das plantas penetra na mente de Malin, mas também desaparece assim que entra e sente a umidade e um pouco de frescor dentro da loja.

O homem alto e escuro por trás do balcão assume, imediatamente, uma posição de expectativa e de hesitação. Ele reconhece-os. Certamente, ela é Malin.

Malin mostra sua identificação.

O homem faz um aceno, mas não diz nada.

— Nós procuramos por Ali Shakbari.

— O que é que ele fez agora?

Ao falar, o homem demonstra alguma resignação e, ao mesmo tempo, irritação.

— Nada, provavelmente — diz Malin. — Mas precisamos falar com ele.

O homem aponta para uma porta com janela de plástico.

— O meu filho está no armazém. Podem ir lá.

Ali Shakbari está junto de uma bancada fixa na parede de tijolos brancos, podando rosas vermelhas. O lugar é dominado por um perfume peculiar e agradável. Assim que os vê, Ali fica com medo, a expressão de seus olhos castanhos é de transtorno e hesitação.

“Você quer fugir, não é?”, pensa Malin.

— Ali — diz Zeke —, como está?

Nenhuma resposta. Ali Shakbari, lentamente, põe a tesoura de podar em cima da bancada. Seu corpo é bem malhado, perfeito, sob o macacão de algodão de serviço.

— O que fez ontem à noite?

— Como assim?

Desafiador.

Malin conta a história a respeito de Josefin e como a encontraram no parque.

— Quer dizer que vocês acham que eu tenho alguma coisa a ver com isso?

— Nós não achamos nada — diz Malin. — O que você fez ontem?

— Eu e o meu pai ficamos aqui limpando o armazém e a estufa. Acabamos o serviço às três horas da madrugada. Está muito calor e preferimos trabalhar à noite.

— Confirmo.

É o pai de Ali Shakbari falando. Está na porta que dá acesso ao armazém. Mantém a porta aberta e uma atitude que exprime dignidade.

— E depois eu o levei para casa. Chegamos lá às 3h30.

Malin olha em volta.

Cada centímetro quadrado do lugar está limpo, reluzente, bem arrumado.

“Limpo demais?”, pensa Malin, antes de pegar uma das rosas, de cima da bancada.

— Muito bonitas, estas rosas — diz ela.

— De primeira classe — responde o pai de Ali Shakbari.

Existem duas espécies de pessoas: os caçadores e os que são caçados.

Nesta investigação, até agora, ainda não foi estabelecida a ordem. Não se sabe quem é quem.

“Somos nós os caçados, que andamos por aí como folhas secas ao vento quente do verão?”, pensa Malin. “Por enquanto, ainda não chegamos ao ponto de sermos os caçadores. Ainda não. Mas talvez seja agora, ao ver o que existe no fundo da lente do microscópio, iluminado por quatro lâmpadas colocadas em volta do pequeno, mas poderoso, aparelho. Nesse pedaço azul talvez esteja a resposta, a verdade azulada.”

“Os pedaços são tão minúsculos que chegam a fugir de minha percepção. Por vezes, deixo de vê-los.”

Os lados dos pequenos pedaços azuis parecem cortados.

O laboratório sem janelas do porão do SKL que cheira a produtos químicos e a produtos de limpeza. E há um zumbido que vem de um armário com gavetas.

A respiração pesada de Zeke ao lado de Malin, a voz de Karin na cabeça.

Eu sei o que foi, Malin, que os médicos encontraram dentro dela.

— Aquilo que veem são restos de tinta — diz Karin. — É um tipo de tinta que costuma ser usada para pintar plástico.

O azul desliza em volta dos olhos de Malin. Flutua.

É a verdade que se movimenta lá embaixo?

Ou qualquer outra coisa?

Um primeiro pressentimento.

Uma tinta azul, partículas mortas que se movimentam como se fossem enterradas vivas no fundo da lente.

Malin levanta os olhos do microscópio e olha para Karin.

— De onde essa tinta pode ter vindo, de que instrumento?

A voz impaciente de Zeke, aborrecido com a pressão constante durante este mês de julho ou apenas pela presença de Karin na sala?

Karin, com uma voz suave:

— É impossível dizer, podem ser milhares de coisas.

— Por exemplo?

— Um pedaço de mangueira de jardim, o punho do guidão de uma bicicleta, uma colher de salada, a haste de um abajur, uma pá de brincar.

Malin, Zeke e Karin ficam em silêncio.

Josefin Davidsson foi penetrada sem saber.

Theresa desaparecida. Insinuação de relacionamentos lésbicos em sua página no Facebook. Essa tal de Lovelygirl.

Será que esse raciocínio tem fundamento?

Nathalie Falck, quase um homem. O que os homens têm que as mulheres não têm?

De quem é a voz?

Aqui e agora.

Malin escuta na sala. Algo assume uma forma diante de seus olhos.

O que dizem as garotas da investigação: Theresa, Josefin, Nathalie?

— Como um dildo — diz Malin, depois. — Como uma imitação de pênis.

E ela não sabe de onde vem a palavra, mas está ali a flutuar na sala.

— É claro, como um dildo, um vibrador — reage Karin. — É possível, sim.

— Como é que podemos aprofundar as investigações? — pergunta Malin, virada para Karin. — Podemos chegar mais perto? Podemos ir além das conjecturas?

— Os fabricantes têm registros. Podemos começar a investigar os produtos fabricados, isto é, aqueles em que esse tipo de tinta foi usado.

— O que você acha, Malin? — pergunta Zeke.

— Não sei ao certo. Mas um vibrador se encaixa. Josefin sofreu uma penetração na vagina, mas não tinha ferimentos. Como se o objeto da penetração fosse feito para isso.

— Mas é possível ferir com um vibrador?

— Claro que sim, se a pessoa for desajeitada, ter a mão pesada. Nessa altura, os ferimentos podem ser causados por quase tudo.

— Pela minha experiência, a vagina sempre apresenta ferimentos graves quando acontece uma penetração forçada com um instrumento que não foi feito para esse propósito — afirma Karin. — Pode ter sido um vibrador. E existem modelos mais macios e mais duros.

— É perita nisso? — pergunta Zeke.

— Não — responde Karin. — Na realidade, é tudo o que sei.

A propósito da tinta que foi raspada e retirada da vagina de Josefin, Malin lembra-se do caso de Maria Murvall, a jovem que fora estuprada na floresta de Tjällmo, vários anos antes, e que até hoje continua sem falar, muda, num hospital psiquiátrico. Malin lembra-se ainda das palavras duras no relatório, ao descrever o estado horrível do interior do corpo, rasgado, ferido, de Maria. E da figura da jovem, deitada na cama, no hospital de Vädstena, no inverno passado, quando teve de ir lá por causa de outro caso.

“É muitíssimo provável”, pensa Malin, voltando o foco, de novo, para o caso de Josefin.

Milhares de questões, as suas ideias. É preciso escutar o que elas dizem. E o que dizem agora. O ar-condicionado na sala tosse, estremece, estrebucha, antes de tudo se transformar em silêncio. Sente-se que

o calor, lentamente, volta a tomar conta da sala.

— Que idiotice — diz Karin. — Agora, desligou e quem sabe quando vai ser religado. Os rapazes do serviço de manutenção estão quase todos de férias, se é que algum deles está aqui.

— Pelo menos há uma equipe de serviço — diz Zeke.

— Um vibrador — diz Malin. — Pela lógica, deve ser isso, embora, em princípio, possa ser qualquer outro instrumento usado pelo criminoso.

Ela não fala nada a respeito da ideia da conotação lésbica. Pois, certamente, as lésbicas costumam usar os seus vibradores com frequência, não? Ou é apenas um preconceito? Não, uma de suas colegas de curso na escola da polícia mostrava com orgulho a sua coleção e deu informações completas sobre a técnica de usar o vibrador.

Zeke concorda com um movimento de cabeça. A seus olhos, não há dúvidas.

— Pretendo convocar o departamento técnico para fazer uma investigação entre os fabricantes de vibradores — diz Karin. — Ver quais as tintas que eles usam. Pode demorar um pouco, mas uma pessoa ficará surpresa com a quantidade de negócios estranhos que existem por aí.

Depois, Karin volta a inclinar-se para o microscópio, olha e afirma:

— Essa é uma cor azul incrivelmente bonita, não acham? Pura e clara como a água de uma fonte natural.

Lá fora, na rua, o Sol mantém o ar quente, não dá trégua, e o vento, quando sopra, não refresca. Parece até aquecer mais ao passar por cima e entre as árvores ainda em brasa. A fumaça provocada pelos incêndios nas florestas se espalha por toda a atmosfera, e o vento, embora fraco, deve soprar diretamente da área de Tjällmo.

Os incêndios ficam cada vez maiores e mais incontroláveis. Naquela manhã, um casal de idosos teve de ser retirado de sua casa, onde morou durante mais de 60 anos.

A luz do Sol fere os olhos como nunca. E não existem óculos escuros suficientemente seguros que deem conta da intensidade da luz. E Malin precisava da visão para poder ver todas as circunstâncias que povoam o seu consciente e o atingem como se fossem pedacinhos de metal superquentes.

Malin e Zeke retornam ao saguão de entrada do SKL, para gozar da relativa frescura e descansar um pouco, sentando-se nas conhecidas poltronas vermelhas da Lamnhult. Estão sem fôlego até para andar os 100 metros até o departamento.

— Porra! — exclama Zeke. — Jamais imaginei que poderia ficar ainda mais quente.

— Pode, sim, com certeza — diz Malin. — E essa luz intensa, quase 24 horas por dia. Só de pensar nela fico com dor de cabeça.

— E o vibrador?

— Não sei ainda, Zeke. Pode ser.

Zeke passa a mão pela cabeça raspada.

— Quem usa um vibrador? — pergunta ele, depois.

Malin reflete, não responde à pergunta de Zeke, quer que a questão fique aberta, deixa que o próprio Zeke encontre uma relação.

— Alguém que é horrorosamente castrado? Alguém com problemas de impotência? Alguém que apenas quer usar o instrumento? Lésbicas?

— Lésbicas — diz Malin, demorando a pronunciar a palavra para deixar que Zeke entenda o que ela quer.

— Ah, é nisso que você está pensando — conclui ele, sorrindo. — Lovelygirl na página de Theresa, no Facebook. Nathalie. E Josefin? Será ela lésbica também?

— Não. Mas talvez a criminosa. Tudo segundo o manual de investigação.

Zeke confirma com um aceno de cabeça.

— Quem mais poderia usar um vibrador?

— Não precisa mencionar mais ninguém.

— Seria algum infeliz que, de alguma maneira, perdeu tudo.

— Acha mesmo? — questiona Malin.

— Nós não podemos saber. Ou, então, a escória em Berga encontrou uma nova maneira de rebaixar a mulher.

Malin vê a situação diante de si.

Como Ali Shakbari e Behzad Karami encheram Josefin de vinho de má qualidade e a violentaram, um depois do outro, num sofá, com um vibrador azul. Como eles riem e representam um dos piores lados da humanidade, apesar de terem acabado de deixar a adolescência.

“Preconceito”, pensa Malin.

Joga fora as fotografias dos rapazes.

E assim ficam Malin e Zeke em silêncio, no sofá, um ao lado do outro. Inspiram profundamente o ar fresco e seco e olham para o estacionamento do Departamento de Polícia, onde a atmosfera vibra e ascende como reflexo do calor que vem do solo.

Tove e Janne ainda em Bali. Lá está mais fresco do que aqui.

São 9h10, e Malin está à mesa da cozinha, comendo flocos de aveia com leite, e está tão cansada que não aguenta nem cortar uma banana em rodela.

Continua quente no apartamento.

Não existe ar-condicionado.

Ela levantou a hipótese do vibrador para Sven Sjöman pelo telefone. Sven achou que era uma pista válida que merecia ser investigada. Disse ainda que ele, paralelamente ao trabalho realizado por Karin, mandaria algum técnico fazer uma busca nos *sites* que vendem os tais vibradores e, em especial, os de cor azul:

— É por aí que se compram, hoje em dia, essas coisas, não?

Daniel Högfeldt.

Malin achou durante um tempo que o seu relacionamento com Daniel poderia ir além do contato físico. E talvez até tenha evoluído nesse sentido. Até que ficou mais no seguinte nível: “Nós nos encontramos, quase todos os dias, por questão de trabalho, até que ficamos juntos no meu ou no apartamento dele”. Mas não esta noite. Ele ficou na cidade, disso Malin já sabe, mas não... Não neste calor. E a solidão? O seu próprio suor já é suficiente, e o cansaço faz com que cada músculo fique mole, murche. E a saudade de Tove e de Janne está prestes a transformar-se numa sensação de tristeza.

O celular toca.

Está lá na sala.

Malin deixa a colher no prato, levanta-se, vai até a sala, pega o aparelho e observa o visor.

É o número de Karim Akbar.

— Aqui é Malin.

— Malin, o que é que está fazendo? Apenas porque houve um estupro na cidade, vocês começam a maltratar os imigrantes da comunidade?

“Como é que ele soube?”

— Nós...

— Nada de evasivas, Malin. Entre no *site* do *Corren*. Encontrará tudo lá, preto no branco.

— Espere, Karim, fique calmo.

— E, agora, eles telefonam para mim, de todos os malditos meios de comunicação do país. Todos querem saber o que está acontecendo.

Esse é o panorama de que Karim mais gosta. É o seu terreno.

Malin não consegue avaliar se ele está zangado de verdade ou apenas faz teatro, satisfeito em poder garantir o seu lugar no temporal em que o noticiário da mídia transformou o caso. Todos os seus artigos na imprensa e suas apresentações são sempre controversas, mas politicamente certas e de acordo com suas ideias sobre integração. Qual é a meta de Karim a longo prazo? Ser ministro? Mas ele não pertence ainda a nenhum partido.

O computador está no quarto.

Clique, clique, clique.

O site do *Corren*.

As fotografias de Ali Shakbari e Behzad Karami, diante da casa, em Berga.

Título: “A polícia, sem provas, caça imigrantes”.

Legenda: “Nós não temos nada a ver com o estupro no parque. No entanto, a polícia nos maltrata, porque somos imigrantes”.

Ponto de vista do tabloide de Daniel: “O *Correspondenten*, durante todo o dia, tentou entrar em contato com os representantes da polícia de Linköping, a fim de saber o seu ponto de vista, mas ninguém foi encontrado”.

“Uma grande mentira para ‘melhorar’ a história.”

“E você já passou pela minha cama?”

E, certamente, voltará a passar.

— Ainda está aí, Malin?

O telefone devia ter ficado, pelo menos, dois minutos em silêncio, e Karim continuava lá, à escuta. Não era próprio de Karim fazer isso.

— Continuo aqui, Karim. Foi apenas uma ideia. Uma das muitas hipóteses que verificamos. Deve entender isso. Ou não?

— Eu entendo, sim.

— E eles foram suspeitos no caso de Lovisa Hjelmstedt.

— Eu entendo, Malin, mas deve entender também como a situação parece mal lá fora.

— Aproveite, Karim, curta sua notoriedade — acrescenta Malin.

Karim ri, mas o riso é vazio e demonstra tristeza.

Malin põe o celular em cima da mesa.

Está fervendo.

“Quem é que Karim Akbar pensa que é para se meter no nosso trabalho?”

“A função de um chefe de polícia não é se meter nos detalhes de uma investigação, mas Karim nunca conseguiu ficar dentro de seus limites. Por isso, surgiu um acordo sigiloso entre os investigadores: deixemos Karim falar, nós continuamos trabalhando. Afinal, ele tem suas qualidades. No fundo, confia totalmente em seus detetives. E é bom para as autoridades policiais de Linköping. Sua mania de publicidade chamou a atenção para a polícia da cidade e essa atenção transformou-se em mais recursos por parte das instâncias superiores.”

“Tudo”, pensa Malin, ao mesmo tempo em que se recosta no sofá, “absolutamente tudo nos conduz àquela loucura midiática, àquela cultura de vaidades, àquela santificada manobra de elevar os medíocres e desinteressantes à condição de religião. As nossas almas precisam de tranquilidade”, pensa Malin. “Por isso, nós estamos interessados no Nada.”

“Cor do cabelo.

“Comprimento da bainha da saia.

“Quem deve ir para a cama com quem.

“Casamentos de celebridades, divórcios, aumentar os lábios, escândalos sexuais...

“Agradeço a Deus por Tove não se interessar por tais coisas.”

Karim.

Amigo da ministra da Integração. Ambos têm o mesmo ponto de vista sobre imigração. Façam as suas exigências, sejam duros, mas se alguém, não imigrante, disser alguma palavra negativa... Nessa altura, ecoam as explosões verbais.

Malin respira fundo o aroma de seu apartamento, o aroma de um verão quente e longo em que a maldade resolveu começar a manifestar-se.

Às vezes, ela considera a maldade como um animal, negro e informe, que se movimenta na vegetação e nos lugares habitados. Por quem o animal espera, quem é? Por enquanto, ninguém sabe.

Malin desliga a televisão. Levanta-se.

Sai do apartamento.

Ideias vagas sobre o que pretende fazer.

O bar embaixo do prédio ainda está aberto. Dá para ouvir da rua o barulho do ar-condicionado.

Telefonar para Daniel? Brigar com ele? Fazer sexo com ele? Usar seu maldito membro? Encher-se de

bebida até o cérebro ficar em pedacinhos. Não há nada pior do que ir trabalhar no dia seguinte de ressaca, mesmo que seja sábado.

Telefonar para Zeke e perguntar se quer vir tomar uma cerveja?

Telefonar para Helen, locutora de rádio, amiga... Há muito tempo que não se veem.

No céu, brilha uma Lua quase cheia no meio de milhares de estrelas pálidas. Malin vê lá em cima como elas estendem as suas mãos espinhosas na direção umas das outras, sem conseguir alcançar seus objetivos.

— Oi, Zeke.

Ele atende após três sinais.

A voz meio engasgada, como se tivesse acabado de acordar.

— É Malin. Quero saber apenas se está com vontade de vir beber uma cerveja comigo e falar da investigação. Não consigo ficar tranquila. O que acha?

Pensa: “Devo estar forçando a barra.

“Sozinha?

“Certamente.

“Exatamente como eu, aqui.”

— Malin, já são 9h30. Você deve ir para a cama e descansar antes de voltar ao trabalho, amanhã. Temos muita coisa a fazer. Eu já estava a caminho da cama. Não aguento. Precisamos trabalhar amanhã. Você sabe disso.

— Disse 9h30?

— Isso mesmo, Fors.

Silêncio no aparelho.

— Mas você pode vir aqui, se quiser. E vamos conversar. Gunilla pode fazer uma pouco de chá e um sanduíche com pepino.

Gunilla é a esposa de Zeke.

A amizade em pessoa.

A farmacêutica da farmácia na Grande Praça da cidade.

Muito agradável.

— Não, mas obrigada, Zeke. Não quero incomodar. Amanhã a gente se vê.

— Boa noite, Malin.

Ela continua parada em frente a seu prédio, com o celular na mão.

Devo ir ao bar?

Entrar e subir para o apartamento?

Telefonar para Tove e Janne?

Sente uma inquietação por baixo da pele, e não é calor.

“Que a sede vá para os diabos! E o vício também! Eu sei que nada disso faz bem.”

Então, vê na sua mente a figura de Josefin Davidsson na cama do hospital. O rosto disforme pelos

pesadelos, pelas recordações impostas.

Pouco depois, Malin está passando pela praça do jardim, a Trädgårdstorget, e sabe aonde vai. O anoitecer transforma-se lentamente em noite escura e tardia. Talvez por isso o único restaurante ao ar livre da praça esteja vazio. Um empregado negro traz um cinzeiro. Ainda não começaram a retirar as toalhas das mesas.

Ela passa depois pela rua Drottninggatan e seus prédios imponentes. Passam alguns carros: um Volvo verde, uma *van* branca.

A grade preta do parque da Associação de Jardinagem, a Trädgårdsföreningen, na sua mão, ainda continua quente, depois de um dia inteiro apanhando sol. Está quente, mas já não queima.

Malin abre a grade, entra no parque, agora completamente sozinha. À primeira vista, depois do que aconteceu ninguém mais se atreve a passear no parque a essa hora.

Nua.

Violentada.

Crianças de uma creche que se aproximam.

Não me lembro de nada.

“O monstro pode estar aqui”, pensa Malin, à medida que avança pelo parque, passando por canteiros e fontes bem tratados; as estufas lá embaixo junto à cerca e, depois, o caramanchão, o parque infantil, uma cascatazinha quase silenciosa, uma corrente, despreziosa, mas ainda assim cheia de vozes, lembranças escondidas.

Ela pode ver as varandas da rua Djurgårdsgatan.

A procura de informações de porta em porta que não deu resultado.

Nenhuma pista da bicicleta vermelha, apesar da busca feita por policiais em todas as ruas que a garota podia ter percorrido para chegar à cidade.

Havia poucas pessoas nas ruas, mas, mesmo assim, ela devia ter gritado. Alguém devia ter acordado. Trouxeram você para cá, Josefin? E, nesse caso, onde esteve antes? Onde foi atacada?

Malin anda em volta do caramanchão, toca na fita de isolamento, já ao chão, que delimitava a área. Fecha os olhos e vê alguém que caça uma jovem nua, ferida, branca, muito bem lavada, correndo por cima da grama. Vê ainda como ela está amarrada, com uma mordança na boca. E vê alguém que enfia um pedaço de plástico azul em seu corpo, entre as pernas, para a frente e para trás. A imagem para por aí; STOP é a palavra de ordem. A grama por baixo do corpo, quase sem umidade por causa do calor. O corpo dele, dela, deles, por cima do seu, a pressão contra o solo duro. A grama, uma cama que nunca, nunca mais, vai conseguir deixar, nem dela se levantar.

“Foi assim?”

“Josefin Davidsson.

“Maria Murvall.

“Theresa Eckeved, desaparecida.

“Uma relação?”

“Josefin.

“Andava por aí perdida e foi encontrada. Mas você ainda estava conosco.

“E está livre, mas, ao mesmo tempo, não está.

“Theresa.

“Está conosco? Onde está?”

Escuto uma voz.

Não a reconheço, a voz. Mas ela pergunta onde estou.

Eu quero saber onde estou. Porque, se souber, vou poder sair daqui. Sair do frio e do escuro, da solidão, e voltar para casa.

Tudo está negro agora.

E frio.

Portanto, por favor, pergunte novamente onde eu estou. Deixe que sua voz sirva de sinal sonoro e ajude-me a encontrar o caminho para fugir do medo e dos sonhos negros.

Pergunte, novamente, por favor.

Pergunte.

— Theresa, para onde você foi?

Malin faz a pergunta ao parar junto ao caramanchão.

Canta um pássaro.

Os rostos. Peter Sköld, Nathalie Falck, Behzad Karami, Ali Shakbari. Outros rostos, sem os traços definidos daquele que telefonou, outros e mais outros.

“Tenho de falar com Nathalie novamente.

“Quem é a Lovelygirl? Talvez ela saiba.”

Malin agacha-se.

Toca a grama.

Um texugo que escava.

“Quem é você? O que faz? Por que esse desespero? O que lhe aconteceu para que esteja fazendo o que Josefin fez. O que quer me dizer? Talvez alguma víbora queira entrar em seu paraíso verdejante. Afinal, o inferno é aqui e agora. E para sempre. E por que tão limpo? O que queria retirar com a lavagem? Ou tornar visível?”

O tempo passa. As marcas e as lembranças desaparecem, as verdades fogem para defender o seu portador.

“Como foi?”, pensa Malin.

“Como é que eu vou conseguir fazer com que você queira se lembrar, Josefin?”

O mau cheiro de floresta a arder.

A queimar insetos, animais, musgos.

A floresta. A colônia punitiva das almas perdidas.

O mau cheiro das víboras a arder sai do solo ressequido. Malin sente-o. E se pudesse flutuar por cima dos prados e do lago Roxen, em direção às florestas de Hultsjön e da área de Tjällmo, ela veria o fogo e imaginaria se não seria magma. Ou a verdade. Ou a violência. Que resolveram sair e aparecer como pontos de ruptura.

Ela imaginava ver as garotas flutuando e estalando como vaga-lumes no escuro.

Trabalhar no sábado.

É claro. É necessário. Agora, que o verão mudou para uma fase dantesca.

Vamos ter de trabalhar. Nenhum colega será chamado de volta de suas férias desnecessariamente.

Pelas manhãs fica ainda mais evidente o cheiro de madeira queimada e de vidas apagadas.

Mas não chega a incomodar. É apenas diferente. Quase agradável. Como uma brasa acesa na clareira de Tove, uma fogueira em que as crianças aquecem os dedos gelados no inverno.

“Hoje, não tem vento. E, no momento, de qualquer maneira, a luz solar é suave”, pensa Malin, ao ver as bandeiras penduradas nos mastros à frente da entrada do departamento e o enorme estacionamento, atrás dela, quase vazio, com apenas duas viaturas, ambas à espera de ordens para sair e caçar.

Malin arrasta-se pelo calor.

Cansada.

Às 7h55, o calor já é de morte. Seu corpo transpira por baixo do casaco e da blusa de manga curta, uma simples *t-shirt*. Escolheu uma saia para sair, embora quase sempre vá de calças para o trabalho. A saia parece feminina demais, dócil demais, um posicionamento exageradamente fraco. Seu mundo é um mundo de homens. Pouco importa o que façam algumas senhoras feministas na administração da polícia do país.

Por isso, as calças.

Mas não num calor como este. E hoje também não.

Malin leu a respeito do incêndio florestal no site do *Corren*, pela manhã, enquanto tomava o café da manhã. Impressionante, uma fotografia da floresta em chamas ocupando toda a primeira página, e dentro do jornal havia descrições detalhadas do trabalho dos bombeiros na tentativa de apagar o fogo. Muitos hectares de floresta estão ardendo. O fogo aproveitou-se da seca para dominar, e quer mais. Avançou, está dependente de mais terra, dos que estão vivos. Os bombeiros de Linköping, Norrköping, Motala e Finspång lutam nas florestas empoeiradas.

Janne está inquieto, quer ajudar.

O fogo é melhor do que Bali. Ele desejaria enterrar suas saudades no trabalho de apagar o fogo, salvar os outros em vez de entender a si mesmo, de se compreender, a mim e a Tove, a nós.

E, assim, o caso dela.

Um impulso.

A imagem de um vibrador com legenda: “A polícia suspeita que o criminoso usou um vibrador”. Preconceitos. Karami. Shakbari. Especulações a respeito de Lovelygirl.

Como pôde haver vazamento de informação a respeito do vibrador?

Karin Johannison? Sven Sjöman? Talvez Sven, pressionado por algum jornalista.

Bom, agora já está nas ruas.

A porta de entrada do edifício da polícia local abre automaticamente. Ebba está sentada atrás do balcão da recepção. Deve ter chegado bem cedo. De pronto, diz:

— Bom dia, Malin.

Malin faz um aceno como resposta.

Zeke e Sjöman já estão em seus lugares, embora ainda falte uma hora para a reunião matinal.

Há sempre esta reunião, mesmo nos dias de serviço extra.

Ambos estudam com todo o cuidado diversos documentos, mas, mesmo assim, notam a sua chegada. Os dois olham para ela e Sven diz:

— Malin, chegou na hora certa!

Zeke está contente por ter chegado antes dela, o que acontece raramente.

— Seja bem-vinda!

Sven, com um par de calças brancas de linho, bem amarrotadas, está notoriamente feliz em vê-la.

Ao notar a expressão de Sven, Malin decide não contar nada a respeito de sua digressão pelo parque, na noite anterior, apesar de ter pensado em fazê-lo. Sabe que Sven gosta quando os seus subordinados retornam ao local do crime, para *sentir* o ambiente.

— Como foi ontem? Tomou cerveja?

“Não”, pensou Malin, “mas uma boa dose de tequila quando cheguei a casa.”

— Parece um pouco cansada.

Zeke, com um sorriso abafado, fazendo depois uma careta, amistoso, quase paternal.

Começam a reunião matinal mais cedo, antes das nove.

Também não fazem questão de usar a sala de reuniões. Uma das mesas redondas do refeitório basta. Não há muitos policiais fardados nem muitos civis para perturbar suas atividades.

Sven parece mais cansado do que habitualmente, e Malin pergunta-se de onde pode vir esse cansaço. Deve ser do calor. E vê as manchas de pó de madeira lixada em seus braços cabeludos. O pó de madeira está grudado na pele, e Malin pôde imaginar, então, que Sven se levantou cedo e já foi trabalhar em sua marcenaria particular, no porão, pela manhã. Espera-se que tenha corrido tudo bem. Chega de aborrecimentos, de incêndios nas florestas e de investigações emperradas.

Como se tivesse escutado seus pensamentos, Zeke comenta:

— Está um braseiro lá na floresta. Fica cada vez pior.

— São 80 bombeiros trabalhando, e não dão conta — diz Sven.

— E o fogo está se alastrando para Hultsjön — acrescenta Malin. De repente, o refeitório fica em silêncio. E os três resolvem levar à boca, ao mesmo tempo, suas xícaras de porcelana com um gostoso café.

— Então, vamos em frente — diz Sven. — Foi libertado da prisão, recentemente, um estuprador de

nossa área que temos de contatar e verificar onde esteve. É um tal de Fredrick Jonasson que ainda deve morar em Mjölby, 32 anos. Ao que parece, está morando com a mãe. Atacou uma mulher na escada onde morava. Não chegou a consumir o estupro, mas agrediu-a fisicamente.

— Isso a polícia de Mjölby deve resolver — diz Zeke. — Devemos verificar, também, outros criminosos sexuais, além daquele que agora foi libertado?

— Vamos começar com o que foi libertado agora — responde Sven. — Nós não temos recursos para mais, porém, vou fazer uma lista de eventuais suspeitos.

— Mais alguma coisa? — pergunta Malin. — Como devemos proceder com Behzad Karami e Ali Shakbari? Temos de verificar o álibi de Behzad. Será que podemos colocar algum policial para falar com o pessoal que esteve na festa? Temos gente para isso? Ou devemos chamar alguns das férias?

— Vamos devagar, Fors — diz Sven. — Ainda não temos nada de concreto a respeito de Karami e Shakbari.

Karim deve ter falado com Sven, mas este jamais iria conter uma investigação só porque Karim falou. Ou porque a imprensa escreveu.

— Existe equipe disponível nas cidades mais próximas? Motala? Mjölby? — insiste Malin. As férias são sagradas. Caso contrário, ninguém aguenta.

— Podemos dispor de dois policiais — responde Sven. — Eles podem verificar os álibis.

— Quem são?

— Jonfeldt e Bulov.

“Bons rapazes”, pensa Malin. “Jovens e solteiros. Mas não daqueles que só pensam em musculação. Não, policiais para enfrentar arruaças. Mas, eventualmente, futuros inspetores, detetives.”

— Vocês acham que eles estão, realmente, envolvidos? Quero dizer, Behzad Karami e Ali Shakbari.

A voz de Zeke revela hesitação.

— Quem sabe? — reage Malin.

Malin pensa: “Conheço as vozes deles, de investigações anteriores. E relembra as palavras de Sven: *Escute, Malin, escute as vozes durante as investigações. E de como ele acrescentou, recentemente: Apenas aquele que escuta poderá aprender alguma coisa. E aquele que aprende alguma coisa é que poderá chegar mais perto da verdade. Tão perto que acaba por encontrá-la*”.

— Nenhuma novidade, também, a respeito de Theresa — diz Malin. — A não ser que tenha surgido alguma coisa de novo ontem à noite ou durante a madrugada. Será que Peter Sköld ou Nathalie Falck deram alguma informação nova?

— Nada. Só silêncio — diz Sven. — Mas ela pode estar desaparecida há quase uma semana.

Em seguida, Sven muda a linha de pensamento.

— E a ideia do lesbianismo?

Zeke já não está tão hesitante. Mas, em contrapartida, Malin hesita.

— Só porque suspeitamos de que foi usado um vibrador, não vamos aporrinhar a vida de todas as lésbicas da cidade, não é? Nem porque existe uma página sobre relações lésbicas no Facebook.

— Claro que não vamos fazer isso — diz Zeke. — Mas é também uma pista que temos de seguir.

— Nesse caso, eu gostaria de ouvir, novamente, Nathalie Falck — diz Malin. — A sós.

Zeke concorda.

— Pode dar certo — diz ele. — Ela parece não gostar muito de velhos como eu.

Sven murmura um “sim”, antes de ajustar o cinto nas calças de linho. E acrescenta:

— Nada de novo da parte de Andersson, do departamento técnico. Provavelmente, não encontrou mais nada, e mal teve tempo de mandar os pedidos de informações para o Facebook e o Yahoo.

Sven respira fundo antes de prosseguir:

— Já verifiquei onde as lésbicas da região costumam se reunir. Parece que existe um clube em Norrköping, Déjà Vu Delight. Aqui, em Linköping, parece que não existe nada parecido.

— O mercado, certamente, é pequeno demais — diz Zeke. — Todas as lésbicas daqui vão para Estocolmo assim que podem.

— Ou, talvez, ainda para mais longe — acrescenta Malin.

— A associação dos homossexuais? É fácil entrar em contato com eles? — pergunta Zeke.

— Não existe essa associação em nossa cidade — informa Sven. — Vê se consegue alguma coisa no clube, Malin. Procure saber.

— Quer que eu vá lá e pergunte se alguém usa vibrador e tem tendências homossexuais e violentas, é isso?

Sven não responde.

— Acho que é ir um pouco longe demais, em especial, atendendo àquilo que temos em mãos — diz Malin. — Vamos deixá-los em paz em seu próprio clube. Eu talvez tenha um contato que possa usar para verificar.

Sven está pensativo. Depois, diz:

— Tem razão, Malin. Use o seu contato. — Limpa a garganta e acrescenta: — E temos mais alguma teoria? Um castrado? Isso é segredo, já sei.

“Ele diz isso sem emoção”, pensa Malin. “Como se isso não tivesse importância para as pessoas castradas.”

— Deixe-me usar meus vários contatos — diz Malin, que vê como a testa de Sven fica enrugada.

— Não use nenhum método ilegal, ok?

Malin não responde.

Mas pensa: “Podemos chegar a algum lugar sem usá-los?”.

“E Theresa? Onde está você?”

Estou debaixo d'água? O que está a minha volta, verde, castanho, negro e molhado são algas, lírios-d'água? São dentes de peixes, de lúcius, que sinto em minhas pernas?

O que é que esse sonho quer de mim? Ou estou realmente acordada?

Mas, nesse caso, nem tudo devia estar tão escuro?

Estou cega?

Meus olhos, será que estão queimados por causa do sol? Mas isso não pode ter acontecido, não doem. Estão intactos, porém, ao mesmo tempo, não estão. Tento piscar, nada acontece. Pai, por que não vem aqui fechar meus olhos? Ou eles já estão fechados? Ou será que só um deles está aberto?

Quero fechar os olhos. Fugir deste lugar, de tudo isto aqui, de todos os sons, de palavras que não entendo, deve ser conversa do diabo, ou o som de um disco de rock girando ao contrário.

Desliguem essas vozes.

Soltem meus braços.

Deixem que eu mexa os braços, as pernas e os pés. E as pálpebras.

O que querem essas vozes? As que ouço debaixo de mim. Não, acima de mim. A minha audição está no espaço que cresce no sonho.

Estou presa.

No verde, no marrom, no escuro.

Um plástico úmido.

Eu não quero ficar cega.

Nenhum espelho ardente entrará por baixo de minhas pálpebras.

Por quê? Diga-me, por que ainda não veio me buscar, pai.

Quero acordar agora. Nunca, antes, sonhei desta maneira.

Quero acordar, mamãe. Papai!

Quero...

Não ficar cega.

Acorda, acorda, acorda.

Mas como?

Digam-me, como devo acordar?

Depois da reunião matinal, o sonolento trabalho de rever e organizar a papelada e de ter novas discussões sobre o caso, sem qualquer resultado positivo. Malin nem teve tempo para telefonar para seus contatos.

Eles foram de carro ao centro da cidade, onde até parecia que não havia oxigênio, por baixo do guarda-sol do restaurante Gyllenfiket, que, durante o verão, também serve refeições na calçada. À sombra, no entanto, é possível aguentar a claridade.

Além de Malin e Zeke, havia mais dois clientes, um casal de idosos que bebiam café com torradas. Eram 4h30 da tarde e o calor mais forte já havia passado, a luz do Sol mudara de tonalidade, mas, em compensação, a fumaça dos incêndios voltou a pairar sobre o centro.

Gelo no café.

Con hielo.

Pequenos goles saboreados em silêncio, alternadamente, a olhar para a arcada de lojas em que se destacavam as vitrines do Gränden. Em frente da Intersport passeava uma pomba que, certamente, não ligava para as grandes bolas e os colchões de ar, próprios para brincar nas piscinas, a cada segundo mais murchos.

— Reconhece o cheiro? — pergunta Zeke.

— Sim — responde Malin.

— Acha que vão conseguir parar com os incêndios?

— Certamente.

Zeke concorda.

— Olhe em volta, Malin, quase dá para acreditar que só nós dois estamos na cidade. Nós e aqueles que estamos caçando.

— Parece que o cérebro pesa dois mil quilos no calor — diz Malin. — E se recusa a pensar seja no que for.

— Mas o seu cérebro chega a pensar alguma vez?

— Que gracinha, Zeke.

— Eu vi um documentário ontem na televisão — diz Zeke, em seguida. — Um programa sobre a vida selvagem no qual mostrava uma aranha enorme que passeava pelo mato exibindo seus filhotes recém-nascidos.

— Expondo-se dessa maneira, é quase um convite para ser exterminada na primeira curva.

— De qualquer forma, houve uma evolução — diz Zeke. — Essas aranhas têm agora dois olhos bem juntos um do outro.

Perto, uma jovem passeia com seu são-bernardo pela coleira, mas o cachorro, com o seu corpo gigantesco, parece que vai desmaiar a cada passo.

— Zeke, estou pensando em ter uma conversa com Nathalie Falck ainda esta noite.

— Vá, sim, mas com cautela.

Malin respira fundo o ar quente e sente como os pulmões reclamam.

Os dois separam-se perto da Trädgårdstorget e, assim que Zeke desaparece, Malin pega seu celular.

O médico superintendente Hans Stenvinkel deixa cair o corpo na cadeira desconfortável de seu consultório quente, na enfermaria 9 do Hospital Universitário.

Acabou de fazer uma operação de cinco horas.

Tentou salvar a perna de um motociclista que se chocou com um trator perto de Nässjö e que fora trazido de helicóptero para Linköping. Só o tempo dirá se o homem de 30 anos não perderá a perna. Os ferimentos foram gravíssimos, profundos e diversos. A perna chegou partida do joelho até o fêmur, e o grande trabalho do cirurgião foi o de ligar as artérias.

“São gotas de suor na minha testa ou água do banho tomado depois da operação? Só o diabo sabe!”, pensa Hans, ao mesmo tempo em que escuta o toque do telefone.

É o número de Malin.

“Que será que ela quer?”

“A mãe de Tove, namorada de seu filho Markus. A musculosa, mas agradável e brilhante, detetive da cidade. Uma mulher distante, fechada, mas que, após dois ou três copos de vinho, se descontraí completamente. É como se ela, por princípio, não gostasse de médicos.” Assim pensara Hans, muitas vezes, em sua companhia.

— Aqui é Hans!

A voz dela, na outra ponta da linha, não está tão viva como habitualmente e ouve-se o barulho do trânsito.

— Aqui é Malin, a mãe de Tove.

— Olá, Malin, como você está neste calor? Derretendo em algum lugar?

— Metade de mim mesma já derreteu sobre o asfalto...

Hans ri da piada. “Não lhe falta bom humor.”

— A Tove tem mandado notícias? Ela está bem lá em Bali?

— Sim, acho que ela está muito bem — responde Malin.

— Markus está em nossa casa de campo em Torshälla, mas voltará assim que Tove retornar.

— Talvez você possa me ajudar numa coisa, Hans.

— Ok. Vá em frente, pergunte, Malin.

— Eu preciso saber se alguém na cidade perdeu o pênis?

— O quê?

— Se alguém..

— Malin, eu ouvi.

— Tem a ver com uma garota que foi violentada aqui na cidade.

— Aquela que foi encontrada no parque?

— Isso.

— Uma informação assim é sigilosa, segredo profissional, Malin.

— Eu sei.

— *Sorry*, Malin. Não posso ajudar. É contra a lei dar informações sobre as pessoas tratadas aqui no hospital.

— Eu também sei disso, Hans.

“Hans parece cansado”, pensa Malin, “quase esgotado.” As operações longas devem ser muito cansativas. Malin guarda o telefone no bolso da frente de sua saia, de tecido azul-claro, que já ficou um pouco suja durante o dia. Malin pensa na possibilidade de existirem jeans de tecido suficientemente fino para ela poder usar nessa onda de calor.

O *pub* em seu prédio continua sendo um atrativo a mais. É uma loucura morar num edifício em que há um bar na porta ao lado.

Sentar-se ao balcão e ficar sozinha, junto com os outros.

Ficar numa doce e vaga melancolia.

Beber cerveja gelada, aquele gosto amargo, refrescante, com o álcool a subir até o cérebro e a encher todos os cantos com um vazio miraculoso.

Mas não.

Não agora.

A chave entra na fechadura da porta do apartamento.

Malin para, olha para a sua imagem refletida no espelho da entrada.

“Rugas provocadas pelo calor?”

“De qualquer forma, são novas, os pequenos riscos na pele em volta dos olhos.”

“Estou com 34 anos”, pensa Malin. “E continuo a não reconhecer a minha imagem no espelho. Não sei quem é que estou vendo.”

“Eles vão chegar logo. Como se fossem fantasmas de verão.

“Janne.

“Tove.

“E Daniel Högfeldt.”

E, então, de repente, ela experimenta o sentimento doloroso no qual a vida terminou, apesar de estar completamente ocupada em vivê-la.

Sua voz poderá encher o quarto de dormir. Ela fala das garotas.

Na realidade, não faz diferença nenhuma o que ela possa dizer.

É a entonação e a suavidade da voz que são importantes.

A locutora de rádio, sua amiga, na estação local, a P4.

Helen Aneman, agora, trabalha à noite ou em qualquer horário do dia, quando for preciso.

“A todas as garotas de Linköping. Tenham cautela, por favor, nada de andar por aí, na cidade, sozinhas, fazendo seja lá o que for. Nós não sabemos o que este verão poderá nos trazer.”

Depois Helen anuncia mais uma música, enquanto Malin ainda está deitada na cama, com as persianas fechadas, escutando a voz da amiga na relativa penumbra do quarto.

A voz de Helen é muito *sexy*.

Sozinha, mas não tragicamente só, como se ela esperasse que, a qualquer momento, alguém entrasse no estúdio e a levasse para fora.

“O príncipe de seus sonhos? Sim, quem sabe?”

A música começa. Um *rock* pesado. As palavras, a letra, não significam nada. Malin levanta o corpo, estica o braço e, com o dedo, pressiona o botão que desliga o rádio.

Sven Sjöman telefonou meia hora atrás, pouco depois das nove horas.

— Vai falar com Nathalie Falck?

— Telefonei-lhe. Vamos nos encontrar daqui a pouco. Pela tonalidade da voz, ela me pareceu muito contrariada. Para dizer o mínimo.

— É bom saber que está trabalhando, Malin.

— Quer dizer que acha que eu não tenho coisa melhor para fazer?

— Acho. Isso mesmo, minha cara Fors.

Há uma expressão de desafio nos olhos negros de Nathalie Falck.

E, além do desafio, a mentira.

Ou a verdade ocultada.

Nathalie só aceitou se encontrar com ela depois de ser convencida e de ela ter insistido em dizer, com voz autoritária, que não tinha mais nada a acrescentar.

A escolha do lugar: a igreja matriz.

— Posso me encontrar com você na igreja matriz às dez horas. De vez em quando, eu vou lá.

— Está aberta a essa hora?

— Eles não fecham o portão antes das onze horas no verão. Foi estabelecido um novo horário. E o

tempo também fica mais fresco a essa hora.

As duas estão sentadas num dos bancos de madeira pintada, diante do altar decorado com pinturas modernas. Por cima de suas cabeças, um arco feito com toneladas de pedra escura, pedra que há séculos tenta manter o equilíbrio da autossustentação.

Nathalie está de saia e blusa de linho. Ela irradia uma coragem e uma convicção que Malin desejaria ter tido quando era adolescente.

— O que é que quer saber? — pergunta a garota, sem olhar para Malin.

— O que quero saber? Prefiro que me conte o que você sabe, Nathalie. Tenho certeza de que ainda não me contou tudo aquilo que, eventualmente, poderá nos interessar. Aliás, você está com uma saia muito bonita!

— Não tente me manipular. A saia não tem nada de bonita. É uma dessas merdas baratas da H&M.

— Quem é a Lovelygirl?

Malin tenta encontrar alguma reação na garota sentada ao seu lado.

Nada.

— Não conheço nenhuma Lovelygirl.

— É um pseudônimo para...

— Vi isso na página de Theresa no Facebook. Não sei quem possa ser.

“A resposta veio um pouco rápida demais”, pensa Malin.

— Tem certeza?

Nenhuma resposta.

Nathalie encolhe-se demonstrando que a detetive atingira um limite que não deveria ser ultrapassado.

Malin faz uma pausa. Deixa que o silêncio da igreja, interrompido por alguns estalidos, sobreponha-se por curtos instantes.

— É difícil ser diferente, não é? — pergunta Malin, depois, vendo que Nathalie Falck, de repente, fica mais descontraída.

— Você acha que eu sou diferente?

— Sim, dá para ver. De uma maneira boa, positiva.

— Não é difícil. Apenas diferente.

— Theresa desapareceu, Nathalie. Você tem que me contar o que sabe.

Nathalie vira o rosto redondo para Malin, olha bem nos olhos dela e diz:

— Mas eu não sei mais nada. Conheço a Theresa, mas não sei nada sobre ela.

As pupilas de seus olhos contraem-se, sinal de que está mentindo.

Mente?

— E Josefin Davidsson, você a conhece?

— Está falando daquela garota que foi encontrada no parque? Não venha com mais essa! Nunca havia ouvido sequer esse nome antes de lê-lo no jornal.

Junto ao portão da igreja, cerca de 75 metros atrás delas, alguém entrou e ficou olhando os cartões-

postais, à entrada.

— Por que você gosta de vir aqui? — pergunta Malin, lembrando a visita ao antigo cemitério da cidade. Pensa, ainda, que Tove jamais viria a esta igreja e a esta hora, voluntariamente. Seu lugar é a biblioteca.

— Gosto deste ambiente calmo. Deste lugar grande. De certa forma, isso me faz bem.

— Grande é, sem dúvida.

— O que você acha que aconteceu com Theresa? — pergunta Nathalie Falck.

— Não sei — responde Malin. — E você, o que acha?

Nathalie aponta para o altar, para a figura pintada, cubista, de Jesus Cristo. E pergunta:

— Você acredita na virgindade da Virgem Maria?

Malin não sabe como reagir.

Uma virgem grávida?

— Quero dizer — insiste Nathalie Falck —, qual é o sentido da virgindade se tudo o que é puro e bonito acaba sempre por ficar sujo e feio? Será possível afirmar que existe, de fato, a virgindade?

Já passa da meia-noite quando Malin, pela segunda vez, se deita na cama. Tão quente e solitária quanto o resto do apartamento.

O rádio ligado.

Helen Aneman fala do calor e dos incêndios nas florestas. E de um bombeiro de Mjölby que, na tentativa de dominar o fogo, acabou cercado pelas labaredas numa trilha e foi levado ao hospital com queimaduras graves.

— Está no hospital da Universidade, e eu acho que todos nós lhe devemos, a ele e à sua família, um muito obrigado.

Depois, música.

“Into the fire.”

A epopeia de Bruce Springsteen sobre os bombeiros que entraram no World Trade Center em chamas para salvar outras pessoas. O fantástico no ser humano. Como nós, de um momento para o outro, podemos esquecer todas as nossas responsabilidades para com a família, os amigos e os parentes e oferecer nossa vida por um ser humano desconhecido, o nosso próximo.

May your strength give us strength.

Como a possibilidade de sacrifício nos torna humanos.

May your hope give us hope.

E ao ler o que os bombeiros sobreviventes disseram que nunca hesitaram, nunca sentiram medo e também nunca sequer tiveram o sentimento de obrigação, de dever a cumprir, mas, simplesmente, o sentimento de compartilhar o destino com o dos necessitados.

May your love give us love.

Se é verdade que as pessoas reencarnam, então, que esses bombeiros voltem.

Assim termina a canção, e Malin desliga o rádio.

Fecha os olhos. Espera a chegada do sono e dos sonhos, mas, em vez disso, passam mil pensamentos por sua cabeça.

“Nathalie Falck. Lovelygirl. O que é que Nathalie ainda não contou? Não se pode fazer mais nada. Pelo menos, por enquanto. Deixemos o tempo passar. Josefin. Sua memória fechada.

“Em Norrköping e Linköping há lésbicas nos batalhões de bombeiros, segundo contou Janne. Mas quem são? Talvez elas tenham alguma coisa para contar, não?”

“Um desfile de preconceito. É nisso que se transformou esta investigação.

“Imigrantes como estupradores.

“Lésbicas entre bombeiros, entre policiais.”

Eles tiveram uma discussão rápida depois da reunião a respeito do óbvio: existem muitos homossexuais nas forças de segurança, mas Petreaus é a única que, abertamente, admite ser lésbica, em Linköping.

— Por favor, não cutuquem essa onça — disse Sven. — Petreaus está de férias. Por favor, não a coloquem, de maneira alguma, nesta investigação.

— Tem razão — diz Zeke. — Seria um inferno.

Realidades, irrealidades.

“Quando é que seu cabelo foi cortado por um cabeleireiro que não fosse gay?”

“Mais ou menos assim seria a maneira como Zeke se exprimiria sobre o assunto.

“Nathalie Falck.

“Ela quer se mostrar forte e dura, mas, no fundo, está com medo e é tímida. Como se tivesse dedicado toda a curta vida a fugir e a tentar conciliar a vida dentro do espírito que a domina. Mas, afinal, é isso que todos os seres humanos fazem”, pensa Malin. “Tentam conciliar a vida dentro do espírito que os domina e quase todos conseguem, apesar de grande dificuldade, manter somente a cabeça fora d’água. É muito mais fácil fugir da dor e correr para os braços do bem-estar pessoal.”

A tequila, no armário da cozinha, acima da geladeira.

Inquietação do corpo pedindo bebida. O estômago, o coração, a alma suspiram: aqueça-nos, dope-nos, amacie-nos. Para combater o calor, o calor da bebida. “É assim que você pensa, é assim que você é, Malin.”

Ela respira fundo. Entra ar quente nos seus pulmões.

O cheiro fraco, muito fraco, a madeira queimada. Pensa, novamente, nos bombeiros.

Up the stairs, into the fire.

Palavras sufocadas.

Elas flutuam no ar como se fossem almas penadas.

Suspeitas. Mas de quê?

“Não tive irmãos nem irmãs”, pensa Malin, enquanto circulava pelo apartamento dos pais, em Infektionsparken.

Passa um pouco das oito horas da manhã de domingo, e a cidade ainda está mais vazia do que nos dias úteis. “Sou o último ser humano na Terra”, pensa Malin, enquanto se dirige para o apartamento. Todos os outros morreram queimados. E, então, ela para, estaciona a bicicleta, quer andar a pé. E faz um gesto de desprezo para o calor.

Malin quer regar as flores no apartamento antes da reunião matinal que eles decidiram marcar para as 9h30. Já está tarde. Não podem perder nem um segundo na investigação. Teve de se levantar mais cedo do que, normalmente, seria necessário, apesar da falta de sono, por causa do calor. Sono que não veio como devia, apesar da dose dupla de tequila que bebeu de uma vez, em dois goles seguidos, ardentes. Fraqueza diante do desejo. São sempre os anseios que prevalecem, sejam eles quais forem.

O apartamento.

Quatro cômodos e cozinha, no terceiro andar de um prédio do início do século XX. Quatro cômodos cheios de móveis que vieram da casa em Sturefors, de lembranças, de suspeitas acerca de desapontamentos, sonhos irrealizados e mentiras, mas também de um amor de contrato, o amor peculiar de seus pais.

Estamos juntos. Mas não há respeito nenhum entre nós. Temos aversão recíproca por nossos corpos. Não temos interesses mútuos, em termos de palavras, opiniões, sonhos, anseios, mas podemos conviver com os nossos segredos e mentiras. E, enquanto fizermos isso, temos algo em comum. Ou não?

“Que tudo vá para o inferno”, pensa Malin.

“Ela própria e Janne. Como é que eles não tinham nada em comum daquilo que devemos ter em comum? Nenhum interesse? Nenhuma ambição? O que é que eles tinham em comum que devia estar lá desde o início? Um certo amor, pelo qual ambos mostraram ser seres humanos. No fundo, o amor confiante, bom e confortável, como deve ser, tem que ser, o verdadeiro amor.

“O cotidiano e a realidade.

“A tristeza e a dor.

“Dia após dia viram que o amor não bastava. O amor existia, mas se desfazia aos pedaços, e nem sequer Tove fez com que esses pedaços se juntassem novamente.

“Uma catástrofe indescritível. E aí Janne foi para a Bósnia, pela Cruz Vermelha. Um maldito pedaço de

papel em cima da mesa:

Sempre estaremos juntos nas horas de necessidade.

“E ele foi embora, e ela pegou Tove e foi para Estocolmo.

“O amor pode subsistir, mas se tornar impossível. A sensação de que alguma coisa de verdadeiro permaneceu entre eles.

“Ela amaldiçoa esse sentimento. É uma sensação de pré-tequila. A pior de todas. Ou a segunda pior de todas.

“Insuportável.

“Eu preciso ter alguma coisa em que acreditar”, pensa Malin.

Não se esqueça de jogar água nas flores!

É o mantra telefônico do pai.

“Estas salas e quartos mexem comigo”, pensa Malin, “apesar de nunca terem sido nada para mim. Estão fechados para mim. E, ao mesmo tempo, abertos.”

“Será que existe um segredo? Ou é apenas uma sensação minha?”

Jamais apenas um sentimento.

Dar água às plantas.

O regador passou a ser o destino de Malin desde que os pais se mudaram para Tenerife há quatro anos. Ela e Tove nunca os visitaram, e eles voltaram só três vezes.

— Nós não vamos voltar para a Suécia este verão, Malin!

— Tudo bem!

— Não esqueça de regar as plantas.

Mil vezes ela escutou aquela recomendação do pai. Mil vezes ela respondeu “Sim, sim!”.

Mas a maioria das plantas já morreu.

Ela colocou as sobreviventes numa caixa de papelão, no chão da sala de estar, à sombra. Queria poupá-las do calor insuportável. De qualquer forma, durante o dia, o apartamento deveria ficar a uma temperatura relativamente elevada, visto que a clorofila ia-se embora e as folhas amarelavam.

Vasos grandes.

Terra seca que se fortifica com a água do regador.

Ela pode sentir o amor da mãe e do pai no apartamento, não o deles para com ela, mas o deles, entre eles. O amor como um aperto de mãos. Como depois de um bom negócio. Uma maneira de não se fechar ao mundo.

“Por que sinto”, pensa Malin, “tanta falta dessas coisas quando estou aqui?”

Ela não telefonou para Janne e Tove ontem. E eles também não telefonaram.

Ficou sentada num daqueles bancos de jardim, já desgastados, perto da casa dos pais, mexendo nas teclas do celular.

Batalhão dos bombeiros. Lésbicas. O estranho mundo dos adolescentes. São milhares de anos que

separam uma geração da outra.

Janne.

Digita os números no telefone, ao mesmo tempo em que um insuportável raio de sol atravessa o arvoredo e ela precisa mudar de posição, afastando-se da fachada.

Fumaça na atmosfera, apenas um pouco, espalha-se por cima do lago Roxen. Será que a floresta de Hultsjön está em chamas? De verdade? Será que o lago vai se evaporar?

— Aqui, Janne.

Ele parece bem alerta. Barulho de um restaurante ao fundo.

— É você, Malin?

— Sou eu, sim. Como é que vocês estão?

— Muito bem. Estamos almoçando. Tem um rapaz aqui grelhando peixe para nós. Tove adora.

Peixe.

“Ela não costuma gostar de peixe.”

— E você? Como está?

— Estamos trabalhando no caso do estupro de que eu falei da última vez. É um dos motivos pelos quais estou ligando.

Silêncio no outro lado da linha.

— E como posso ajudar?

Malin conta resumidamente qual é a situação atual da investigação, a respeito do vibrador e da pista do lesbianismo.

— Quer saber, agora, se eu conheço alguém entre os bombeiros que possa falar contigo e contar um pouco sobre a comunidade lésbica da província de Östergötland. É isso?

— Mais ou menos.

— Nem um pouco preconceituoso. E dentro da polícia?

— É uma questão delicada. Mas não há nada a fazer. Há um maldito estuprador à solta. Bem espertinho, por sinal. E tem outra garota que desapareceu. Só Deus sabe onde está.

Ela conta, também resumidamente, sobre Theresa Eckeved. E, nesse caso, ainda não conseguiram nada, absolutamente nada.

Silêncio.

— Podia ter sido Tove, Janne.

Janne não reage logo. Pensa.

— Fale com Solhage lá no quartel. Vou telefonar para ela. Solhage é sensível, esperta e estará trabalhando durante todo o mês de julho.

— Obrigada, Janne. Posso falar com Tove?

— Ela acabou de subir para o quarto. Pode ligar um pouco mais tarde?

Ao desligar, Malin vira o rosto para o Sol, quer bronzear sua fisionomia envelhecida, deixar que os raios solares façam desaparecer as odiosas rugas, mas segundos depois já sente que o calor está

insuportável. Levanta-se e pensa: “Ninguém consegue parar o tempo, nem eu, nem Você que está aí em cima, em algum lugar, seja lá quem for”.

Malin aproveita para fazer uma caminhada até o departamento, seguindo pela sombra. As pernas parecem arrastar seu corpo, as sandálias estão pesadas e quase ficam grudadas no asfalto.

Enquanto anda, pensa: “A exclusão conduz ao ódio, que conduz à violência.

“A exclusão sexual, aquela que ninguém escolhe.

“Principalmente os jovens que optam por se distanciar ou acreditam escolher a exclusão. Nenhum ser humano que se preze escolhe ficar de lado. Ou muito poucos fazem essa escolha. Com o passar dos anos, o instinto de compartilhar é tudo. Você, eu, nós.

“A quem eu pertenço?

“A separação, o divórcio, foi o meu maior erro”, pensa Malin. “Como é que pudemos fazer uma coisa dessas, Janne. Apesar de tudo, de tudo, de tudo”.

A 500 metros de distância, está sentado Daniel Högfeltdt, à sua mesa, na redação do jornal. Já escreveu e imprimiu 30, talvez 40 artigos, nos últimos 20 anos, a respeito de estupros cometidos na cidade e nos arredores, todos eles disponíveis nos arquivos eletrônicos do jornal.

Daniel espalhou os artigos em cima de sua mesa, cobriram toda a superfície, e, lado a lado, representam uma visão horrorosa. A cidade parece alimentar um vulcão ativo de violência sexual contra as mulheres. A maior parte dos atos foram cometidos dentro das famílias, mas também existem casos que, por algum motivo, são ainda mais repulsivos, verdadeiras loucuras de homens famintos que atacam mulheres nos parques da cidade. E também outros que atacam homens. Houve um caso de estupro masculino em Järnvägsparken, um parque junto à estação ferroviária. A maior parte dos casos foi resolvida, mas há outros que ainda estão engasgados na polícia. Um deles é o de Maria Murvall, pendência de Malin. E o caso muito falado de uma mulher que fora violentada e assassinada na frente da discoteca Blue Heaven. E mais alguns.

“Devo escrever um artigo sobre os casos não resolvidos?”, pergunta-se Daniel. “Devo pesquisar um pouco sobre eles, ler tudo e escrever uma contundente série de artigos sobre a história recente dos estupros em Linköping como leitura de verão?

“Alguma coisa sairá daí.

“Mas o quê?

“Sob o ponto de vista puramente estatístico, Linköping não é pior do que qualquer outra cidade. Mas também não é melhor, um fato que, certamente, representaria para seus habitantes, conscientes do nível relativamente bom, um verdadeiro choque.

“Uma coisa é certa.

“Existe muita violência e fome sexual sobre as quais escrever. Violência e fome sexual comparáveis a esse calor infernal.”

Daniel fecha os olhos por alguns poucos segundos. A palavra calor faz com que ele pense em Malin e fique imaginando onde ela pode estar. Mas nenhuma imagem se forma. Então, abre os olhos e pensa: “Deveria deixar de lado esses malditos casos por resolver e, em vez disso, voltar no tempo e estudar os acontecimentos diabólicos que estão escondidos por trás disso tudo”.

“Mas, antes, vou me concentrar no que está acontecendo aqui e agora.”

A blusa branca de Malin está manchada de suor. Acha que deve ter outra no armário do vestiário do departamento. Caso contrário, estará perdida.

O edifício da polícia de Linköping está situado no topo de uma colina, com construções de pedra em volta, cor de ocre, retangulares, sofrendo com o Sol, cansadas do pó que sobe do chão, seco e sedento por água. Atrás dele, o hospital da Universidade, um dos poucos lugares na cidade onde a atividade não cessa.

Solhage.

Ela era uma estrela da equipe feminina de futebol do Linköping FC, antes de eles começarem a investir fortemente na contratação de jogadoras de outros países. Depois disso, perdeu o lugar na equipe.

Deve ter sentido muito, uma situação amarga.

É melhor dar um pouco mais de tempo a Janne para lhe telefonar, antes de eu entrar em contato com ela.

Mas se é possível ser mulher no mundo machista dos bombeiros, então, também é possível superar o desligamento de uma equipe de futebol.

A reunião matinal deve começar logo.

Após a reunião para atualizar o andamento das investigações, vou telefonar para Solhage.

— Foi, de fato, muito bom eu ter abandonado o futebol.

— Não ficou chateada?

— Nem um pouco. Estava farta de dar pontapés, farta de ver como tudo estava ficando pretensioso. Quero dizer, os repórteres na televisão falam de análises e, depois, falam da maneira como alguns jogadores correm. Análises, fazemos nós da situação mundial, não é verdade?

Malin ri.

Os mastros dos barcos na bacia do canal de Göta destacam-se em relação aos cais de pedra, com as velas balançando para cá e para lá, dando a ilusão de que o vento está morrendo, um vento que, na realidade, não existe. Ao fundo, Malin pode ver adiante as fachadas amarelas da casa de madeira do vigilante do canal de Göta.** À sombra dos guarda-sóis da esplanada do restaurante do mosteiro Vreta que dá para o canal, está sentada Viktoria Solhage, a sorrir, um sorriso receptivo, de boas-vindas, que faz com que seu rosto estreito se suavize no meio dos longos cabelos louros.

A reunião matinal na polícia foi rápida.

Malin contou a respeito de seu encontro com Nathalie Falck.

Fora isso, nada mais a relatar. Nada de novo da parte de Karin e do departamento técnico. Os colegas de Mjölby investigaram o criminoso sexual Fredrick Jonasson, cuja, mãe serviu de álibi.

Chegaram à conclusão de que Malin devia ir sozinha falar com Viktoria Solhage. Conversa de mulher para mulher.

No telefone, Viktoria não oferece qualquer resistência ao encontro:

— Podemos nos encontrar na esplanada do canal às 10h15, certo? Estou livre, normalmente, aos domingos. Moro em Ljungsbro e posso ir lá, depois de um bom passeio de bicicleta pela margem do canal. Mas não estou com muito tempo. Com os incêndios nas florestas tenho de ajudar. Todos nós somos necessários, entende?

A ex-estrela do futebol local está sentada de frente para Malin e fala um pouco sobre o período final de sua carreira no futebol e o começo da atual. Viktoria Solhage foi a primeira *bombeira* na história da cidade. Foi uma iniciação controversa. Malin lembra-se de Janne dizer, quando ela entrou para o corpo de bombeiros: “Tudo bem. Ela passou por todos os testes. Mas quem é que garante que ela vai conseguir me carregar se eu desmaiar no meio de um incêndio?”.

“Certamente, ela é mais forte do que 90 por cento dos homens que trabalham no quartel”, pensa Malin, ao olhar para a musculatura de Viktoria.

— Puxa, puxa rápido, raios, não vê que vamos contra a margem?

— Estou puxando, porra!

As vozes vêm de um dos barcos que circulam pela bacia do canal.

Café e um sorvete, à sombra de um guarda-sol, seria agradável se o termômetro não marcasse já 35 graus à sombra.

— Janne telefonou, como disse. Primeiro, fiquei furiosa, mas depois repensei no caso. O mais importante é saber que mais nenhuma dessas jovens vai ser violentada dessa maneira, não é verdade?

Viktoría torce o nariz. Depois, fica com uma expressão neutra, à espera das perguntas de Malin.

— O que é que acha? Conhece alguma lésbica da cidade que tenha tendências agressivas?

— Tendências agressivas? Essas, todos nós temos. Mas a que ponto?

Viktoría Solhage balança a cabeça.

— Para você, lésbica é sinônimo de violência, não é?

Malin sente que corou. Queria poder colocar os óculos de sol e virar o olhar para o outro lado.

— Não, mas você sabe como é — diz Malin.

— Como é? Conte-me.

Malin olha para Viktoría Solhage como quem faz um apelo, antes de continuar:

— Não tem ninguém que você conheça com antecedente problemático? Com uma infância triste? Que tenha sido violentada?

— Não. Essas coisas, as pessoas guardam para si mesmas.

— Mas?

— Pode haver situações difíceis na cama, às vezes, exatamente como ocorre com qualquer pessoa. Isso pode acontecer. É claro que algumas das garotas acabam brigando quando ficam bêbadas, em alguma festa, para mostrar que são as mais fortes!

— Mas não é registrada uma queixa, não é?

— Não. Preferimos que essas coisas fiquem entre nós. Só se alguém passa dos limites, mas, mesmo assim, a maioria ainda fica em silêncio. Isso também acontece com todo mundo. Ninguém quer que os bofes se metam... Desculpe, que a polícia se meta no assunto, desnecessariamente.

— Por quê?

— Só sei o que nos diz respeito. A polícia não se importa nem um pouco com o que as lésbicas fazem umas com as outras, Malin Fors. Mas existe entre as lésbicas uma profunda desconfiança em relação à polícia, pode estar certa disso.

— Não consegue se lembrar de ninguém que se comporte mal ou seja particularmente violenta?

Viktoría Solhage olha para sua xícara de café.

Suspira fundo.

“Quer dizer mais alguma coisa”, pensa Malin. Viktoría Solhage hesita, vira-se para o canal e para as bacias onde, lentamente, as eclusas se fecham de novo.

— Pode imaginar ficar presa num dique desses o verão inteiro?

— Você ia dizer mais alguma coisa, não ia?

— Muito bem.

Viktoría vira-se novamente para Malin.

— Existe uma garota que parece carregar consigo um monte de merda e que, como falam, é extremamente violenta. Dizem um montão de coisas a respeito do que passou na infância. Se eu fosse você, iria falar com ela.

— Como ela se chama?

Viktoría Solhage olha de novo, fixamente, para a xícara. Depois, tira um pedaço de papel e uma caneta da bolsa, escreve um nome, um endereço, um número.

— Olhe — diz ela, depois, apontando para o canal. — Lá vão eles.

Malin vira-se para o canal.

Vê os barcos à vela na próxima seção do canal, precisamente antes de o portal se abrir para a pequena lagoa que dá acesso ao lago Roxen.

— Lá vão eles para o lago Roxen — diz Malin, ao mesmo tempo em que se vira, de novo, para Viktoría.

Viktoría Solhage sorri.

— O canal de Göta não é conhecido como dique do divórcio sem razão.

Malin coloca o papel com a mensagem no bolso das calças.

— Obrigada — diz ela. — Uma última pergunta: o nome Nathalie Falck lhe diz alguma coisa?

Viktoría Solhage balança a cabeça negativamente e responde:

— Prometa-me uma coisa, Malin. Não deixe que esta história reforce ainda mais a imagem das lésbicas como sapatonas idiotas.

— Prometo — afirma Malin.

— Em Estocolmo, pelo menos dentro dos antigos limites da cidade, existe tolerância de como as pessoas querem viver, mas aqui, no interior, é diferente. A grande maioria nunca encontrou uma pessoa que seja homossexual. Agora, imagine como seria divertido se a cidade soubesse que vocês estão à caça de uma lésbica assassina.

— Tenho aqui uma coisa que devemos verificar.

É a voz rouca de Zeke no celular.

Malin tinha acabado de se despedir de Viktoría Solhage, que desapareceu pela margem do canal em direção a Ljungsbro, e já maldizia a sua falta de competência. O lugar onde deixara o carro não estava mais à sombra, mas, sim, em pleno sol. A carroceria azul-escura fritava fortemente sob os raios solares, e o interior do carro se transformara num verdadeiro forno.

Devia estar pelo menos 100 graus lá dentro.

A maldita luz atravessa os óculos escuros e parece ter como única missão provocar-lhe dores de cabeça.

— O que disse?

Ao pronunciar essas palavras, levanta-se uma nuvem de poeira no ar que lhe provoca um ataque de tosse.

— Tenho aqui uma coisa que devemos verificar.

— O que é?

Nada de resposta. Antes, uma nova pergunta:

— Conseguiu alguma coisa de Solhage?

— Um nome. Vamos ter de verificar essa pessoa. E você?

— Eu recebi uma mensagem de SMS de um desconhecido.

— Isso acontece com todo mundo, todos os dias.

— Não se faça de engraçadinha, Malin.

E, então, Zeke lê em voz alta:

— Investiguem Paul Anderlöv. Um infeliz.

Silêncio.

Então, Hasse fez isso. Não se preocupou nem um pouco com o sigilo.

Com isso ela não contava. Achava que ele não faria uma coisa dessas.

— Quem poderá ter enviado essa mensagem?

Zeke gargalha.

— Disso não precisamos saber, nem você nem eu. Mas não sou burro, Malin.

— Portanto, sabe de quem se trata, não?

— Como disse, burro eu não sou.

O Volvo está mais quente do que uma sauna.

Um infeliz.

“Diabos”, pensa Malin. “Está certo isso? Será que ele não deveria ser deixado em paz?”

Uma garota nua e ferida num balanço, outra garota desaparecida. A realidade, uma biomassa amarelada, queimada pelo sol.

Malin está no carro a caminho da cidade.

Diante do para-brisa, estende-se uma planície enorme, tranquila e quieta, como uma miragem produzida por chamas lentamente abafadas. Lá em cima, um céu azul, extenso, brilhante, que morre no horizonte, as terras férteis do país que o calor continua massacrando.

O campo aberto curva-se diante de um arco-íris, ao fundo. Antes, veem-se as plantações de centeio e de outros grãos sendo queimadas, lentamente, pelo excesso de sol. A violência atinge, fortemente, a terra amarelada, gemendo, como se cada folha dourada estivesse sorvendo o último sopro de ar e apenas esperasse para ser enterrada entre as víboras.

As víboras. Elas são as únicas que agora se mexem na planície. Apenas elas.

As víboras ardentes que sobem pelas pequenas brechas vulcânicas e vivem da maldade espalhada pelo território.

Zeke aguarda no carro, em frente do prédio, em Ryd. Com o motor e o ar-condicionado ligados.

A construção de tijolos amarelos perto do centro tem apenas três andares, mas parece concentrar toda a miséria do país, com as antenas parabólicas nas janelas, as varandas e pátios em ruína e uma sensação geral de resignação. As passarelas entre os prédios estão desertas, mas, nos apartamentos, vivem amontoados, refugiados, viciados em drogas, excluídos, trabalhadores marginalizados, seres humanos descartados.

Mas aqui existem dois mundos.

Alguns dos prédios têm apartamentos para estudantes, pessoas com sonhos, com uma vida inteira pela frente. Além de alguns carvalhos adultos e altos, Malin consegue ver ainda o Herrgården, o salão de festas dos tecnólogos.

Malin acena para Zeke pelo vidro lateral. Ele abre a porta e sai do carro.

— É aqui que mora o infeliz Paul Anderlöv?

— É, sim — confirma Zeke, que indaga.

— Como é que vamos explicar como chegamos a ele?

— Muito simples. Não vamos dizer nada — responde Malin.

‡ O canal de Göta foi construído há cerca de 200 anos para ligar o Mar do Norte e o Mar Báltico, atravessando todo o centro da Suécia e unindo as duas costas, leste e oeste do país. Na época, esse canal facilitou a circulação de mercadorias, evitando o pagamento de taxas alfandegárias impostas pelos dinamarqueses na passagem dos barcos pelo Estreito de Öresund, ao sul. Atualmente, o canal é uma das maiores atrações turísticas do país, com suas belas paisagens e eclusas, que podem ser admiradas de barcas especiais, entre maio e setembro. [N.T.]

“Isso acontece com a dor. É uma maldição que consome o tempo. Dá uma sensação de morte, de mau cheiro, de podridão cadavérica ao presente que parece nunca ter fim.

“As dores físicas já desapareceram há muito tempo.

“E as psicológicas?

“Remédios.

“Não ajudam em nada. E nada fica melhor com o passar do tempo. Pelo contrário. Tudo fica pior com o tempo. A dor é sempre nova. E, a cada passo, fica cada vez mais presunçosa, mais convencida.”

“A dor sou eu”, pensa Paul Anderlöv, ao mesmo tempo em que ouve baterem à porta.

Levanta-se da poltrona, abaixa o som da televisão em que vê a série *Days of Our Lives* e vai até o *hall* de entrada. Admira-se mais uma vez diante da sensação de seu corpo ter desaparecido, estar mole, flácido, em vez de firme como antes.

Já se passaram 14 anos desde que aconteceu.

Mas podia ter sido ontem.

Malin mostra sua identificação para o homem que está à porta, com a barba por fazer, o rosto encolhido e, ao mesmo tempo, inchado, os cabelos curtos e ralos no alto da cabeça.

— Somos da polícia. Gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas — diz Malin. — O senhor é Paul Anderlöv?

O homem confirma com um aceno da cabeça.

— Podem fazê-las aqui? — pergunta ele. — Lá dentro está meio desarrumado e eu prefiro não deixar ninguém entrar. Houve algum problema na vizinhança?

— É melhor entrarmos — diz Zeke, com um tom de voz que não deixa margem para dúvidas.

E Paul Anderlöv cede. Deixa-os entrar numa sala pouco mobiliada, onde há jornais e revistas de carros espalhadas por todos os lados, cheiro de tabaco, de vodca e de cerveja derramada. Nos cantos, bolas de pó, grandes e encrespadas.

Malin e Zeke sentam-se cada um numa cadeira diante de uma mesa de centro.

Paul Anderlöv deixa-se cair na poltrona.

— O que é que vocês querem, afinal?

“Ele tenta parecer duro, seguro de si”, pensa Malin, “mas transmite apenas a sensação de insegurança e de cansaço.” Os olhos verdes demonstram fraqueza, infinitamente cansados, e estão tristes, de um jeito que Malin nunca viu antes em qualquer outra pessoa.

— Já ouviu falar do estupro no parque?

Ao ouvir a palavra estupro é como se o ar, a água e o sangue saíssem do corpo de Paul Anderlöv. É como se tivesse entendido logo qual a razão da presença da polícia ali. A cabeça abaixa para o peito e começa a tremer e a fungar. Malin olha para Zeke, que balança a cabeça. Ambos entendem que passaram do limite, aquele limite que invade a vida de alguém, na tentativa de encontrar a verdade.

Malin levanta-se.

Senta-se no braço da poltrona, perto de Paul Anderlöv, mas ele empurra-a para o lado.

— Vá para o inferno — diz ele. — Que é onde eu estou há muito tempo.

Paul Anderlöv recompõe-se, parece equilibrar-se. Faz café, tira as luvas de borracha e pede aos dois para que se sentem com ele à mesa da cozinha, com vista para o centro do bairro.

— Eu não sou tão burro que não entenda o que estão pensando — diz ele, com um tom de resignação na voz, mas também de alívio. Talvez porque sabe que os dois vão ouvi-lo.

— Li sobre o vibrador e entendo tudo muito bem. Mas é uma coisa tão idiota, tão superficial e tola que eu nem quero comentar. Entretanto, sei o que vocês pensam: “Será que ele é louco? Sexualmente frustrado?” Louco, não sou. Sexualmente frustrado? Podem estar certos de que eu sou, sim! O que acham que é viver dessa maneira? Deviam ver como eu pareço lá embaixo...

Zeke desvia o olhar do rosto de Paul Anderlöv e fixa-o, pela janela, na paisagem do centro, com suas construções de tijolo e de placas de aço que não lhe dão nenhuma tranquilidade. Mas Zeke consegue ver na janela uma aranha tranquila, construindo em um canto a teia.

— Como souberam de mim? Não, não quero nem saber, mas deve ter sido por Janne, seu ex-marido, Fors. Eu conheço-o, sei quem é. Estivemos juntos na Bósnia em 1994. Tomamos cerveja juntos algumas vezes, e lembramos o campo de batalha. Ou, melhor dizendo, eu falava de minhas lembranças. Ele só ouvia, em silêncio, tal qual um rádio quebrado.

— Janne não mencionou seu nome.

— Ah, então não foi Janne! Na realidade, também não acreditei que ele tivesse feito uma coisa dessas.

E Paul Anderlöv começa a contar. E eles a ouvir:

— Aconteceu numa estrada nas montanhas, perto de Sarajevo. Eu fazia parte das forças da IFOR. Estava um dia péssimo, chuvoso e frio para caramba, e estava escrito no céu que algum mal ia acontecer. E aconteceu. Estávamos perto de uma aldeia chamada Tsika. O carro passou por cima de uma mina enterrada na estrada. Lembro-me do estrondo e de ter sido sugado. E, depois, lá estava deitado no chão, a uns 20 metros de alguma coisa que ardia, e a ouvir alguém que gritava, gritava e gritava. Parecia até que a montanha se transformaria em pó. E, então, comecei a entender que quem gritava era eu. Ficou tudo escuro aqui embaixo. Nenhuma dor, mas escuro e vazio.

“Dois morreram.

“Um perdeu as pernas.

“E havia eu.

“Não me importaria de ter trocado com os outros.

“E aí chegam vocês, malditos tiras! O que é que vocês sabem? Só sabem ser idiotas, malditos asnos!”

Eles deixaram que o silêncio fizesse o trabalho.

Estão agora prontos para soltar as perguntas que devem ser feitas.

Os asnos que falam.

“Do escuro para a claridade, como o autor Lars Forssell escreveu”, pensa Malin. “Da claridade para o escuro.”

— O que fez na noite de quarta para quinta-feira?

— Conhece Josefin Davidsson?

— Alguém poderá confirmar o seu álibi?

— Você tem os desejos, mas não a capacidade. Essa frustração provocou algum tipo de estalo?

— Quer dizer que você não esteve no parque?

— Gosta de meninas adolescentes, não?

Paul Anderlöv fixa os olhos no relógio Ikea. “Igual àquele que eu tenho na minha cozinha”, pensa Malin. “Mas, no dele, o ponteiro dos segundos ainda funciona.”

Paul Anderlöv não responde às insinuações de Zeke.

Ele deixa que o tique-taque do relógio responda.

— Por que me sinto como se fosse um monstrengo, Zeke?

O calor do dia envolve-os, faz o suor sair pelos poros, os raios solares refletem na carroceria do carro.

— Porque você é um monstrengo, Fors. Uma investigação como esta faz de todos nós autênticos monstros, Malin.

— É o preço da verdade.

— Pare de filosofar.

“Ao passar as fronteiras, estas se movem.”

“Isso nunca acontece sem perdas”, pensa Malin.

— Almoço? — pergunta Zeke. — Estou com muita vontade de comer pizza.

Conya na rua St Larsgatan.

As melhores pizzas da cidade. Grandes, ricas e perigosas para a saúde.

O dono não costuma cobrar a pizza quando está lá.

“A polícia: *free of charge*.”

Como nos filmes policiais norte-americanos. Zeke adora essa situação. Corrompido? Talvez um pouco, mas o dono recusa-se a receber.

“Um dos muitos trabalhadores durões, imigrantes malvistos nesta cidade”, pensa Malin enquanto dá mais uma mordida em sua *capricciosa*.

O pedaço de papel de Viktoria Solhage, a sua frente, em cima da mesa.

O nome escrito: Louise “Lollo” Svensson. Um endereço. Um número de telefone.

— Louise — diz Zeke. — Será Louise a dona do pseudônimo Lovelygirl?

— Talvez sim. Talvez não. Não é verdade?

— Lovelygirl — repete Zeke. — Talvez seja uma autoironia?

— Muito rebuscado, para dizer o mínimo — comenta Malin, que percebe como a pizza a faz se sentir mais gorda a cada segundo.

— Lovelygirl — repete Zeke, novamente. — Não é isso o que, na realidade, todos os homens desejam e procuram? Uma Lovelygirl!

— Claro que sim — confirma Malin.

— Que pizzas maravilhosas — comenta Zeke enquanto levanta o polegar para cima na direção da porta aberta da cozinha.

O homem em frente ao forno sorri. Pega novamente os vários ingredientes espalhados por diversas vasilhas de plástico e os dispõe sobre o molho de tomate, já colocado na massa de uma nova pizza.

Estou aqui acorrentada no espaço estreito e no escuro frio há tempo demais.

Onde está, meu pai?

Diga a verdade, não vai vir. Não agora. Nunca. Ou talvez daqui a algum tempo. Ou, melhor, daqui a muito, muito tempo. Eu não quero mais ficar aqui amarrada.

É horrível. E eu estou com tanto medo, papai.

Eu, a sua maior felicidade, como dizia às vezes a meu respeito, me tornei a sua maior tristeza, não, não diga isso, não pode ser.

Em vez disso, venha.

Tire-me daqui, do meio de todas essas vozes.

Vozes.

Como as minhocas por cima de mim.

Eu ouvi as bajulações e as vozes abafadas, de vocês, por muito tempo.

As vozes.

Vocês estão alegres por algum motivo.

Por quê?

Não faço a mínima ideia da razão dessa felicidade, porque aqui, onde eu estou, está tudo úmido e frio, e o sonho parece que nunca vai acabar. Mas talvez não seja nem sonho? Talvez outra coisa?

Nadar! Nadar!

É isso o que vocês gritam?

Adoro nadar. Posso entrar também? Vamos nadar juntos? Eu tenho uma piscina em casa, no jardim.

Devo fechar os olhos, agora, na piscina?

Há um cachorro que late, mas está escuro, muito escuro. E, se não soubesse que é impossível, eu me libertaria dos meus músculos, do meu corpo. E aquela que sou eu começaria a flutuar.

Mas este sonho não permite uma coisa dessas.

Não.

Em vez disso, as vozes, as suas vozes. Lá em cima? Não é?

A terra e a areia, tudo molhado, frio, um plástico úmido e também frio, os grãos de areia estão próximos, mas ainda não me atingiram.

Isto é um túmulo?

Estou enterrada viva?

Afinal, tenho só 14 anos. Digam-me, por favor, afinal, o que estou fazendo aqui, dentro de um túmulo?

Os banhistas.

Muitos, muitíssimos, neste domingo.

Não precisam pagar entrada para tomar banho neste lugar, Stora Rängen, basta estacionar lá em cima e passar pelo prado onde o fazendeiro Karlsman, este ano, teve a bondade de não se opor à passagem.

Anos atrás, ele se opôs, no verão, antes de existir o quiosque. O *Corren* escreveu sobre isso. Mas o fazendeiro, naquele ano, não cedeu.

Estão todos despreocupados, famílias completas, banhistas, crianças, mulheres e homens, a gozar o calor e a água morna, duvidosamente refrescante. Sua preocupação maior é proteger a pele com cremes caros, os olhos, com óculos ainda mais caros, caríssimos.

“E, agora”, pensa Slavenca Visnic, “fazem fila diante de meu quiosque, impacientes, aguardando que eu abra o comércio. Esperem um pouco. Logo terão o que querem. A alegria das crianças na expectativa de terem os sorvetes. Por 17 coroas, quanta felicidade.”

“Esperem só mais um pouco. E fiquem satisfeitos por eu ter chegado. Podia não ter vindo.”

“*Aftonbladet? Expressen?*”

“*Sorry*, jornais não tenho!”

“Quem são vocês, afinal, que ainda ficaram por aí, vocês que parecem não ter nenhum outro lugar aonde ir? Essa situação, de certa forma, nós compartilhamos.”

Slavenca introduz a chave na porta, atrás do quiosque, e exclama, tranquila, muito tranquila, para o monte de gente que está na frente do seu quiosque:

— Já estou abrindo, logo poderão comprar sorvetes.

Lá atrás das pessoas quase nuas, ela vê as águas do lago, a rolar e a pular ao sol, cujos raios fazem com que a superfície aquática pareça uma pele transparente. E o enorme carvalho, um pouco mais abaixo, perto do lago. Sempre com os seus segredos.

O quiosque no balneário de Glyttinge não tem funcionários.

Os jovens mimados não querem trabalhar no verão. Futuros ministros das classes desocupadas.

Às vezes, já chegou a pensar que a Suécia é um país formado por uma grande comissão composta de pessoas que tiveram ou têm uma vida boa demais e que desconhecem o que é trabalhar para ter o que querem.

Enfim, ela levanta a placa da frente do quiosque.

Uma garota feia, de uns oito anos, é a primeira da fila.

— Um *Top Hat* — diz a menina.

— Não tem mais! — responde Slavenca, com um sorriso.

Um cachorro late, perto do carvalho, num local onde antes havia grama, mas agora está sem nada.

Já urinou ao pé da árvore, mas, agora, está excitado.

Atento, remexe com as patas a terra. Há alguma coisa escondida que tem de aparecer.

E late, late, cada vez mais agitado.

E as patas arranham a terra, raspam e cavam.

Estou escutando o som, os latidos.

Eles obrigam-me, lentamente, a sair de meu sonho, a subir, a subir. Quero acordar agora. Acordar.

Mas já sei que não vou acordar. Não é?

Será que vou acordar, meu pai?

Estou presa em qualquer coisa muito pior ou mais maravilhosa do que o sono. Mas como é que eu vim parar aqui?

Alguém vai ter de me contar, pois todos, a mãe e o pai, devem estar preocupados. Eu não costumo dormir tanto assim. E que som é esse? É um tal de arranhar. E, depois, uma voz suave de mulher que diz: “Sossega, Jack, sossega, venha, venha aqui!”. E, então, os latidos vão esmorecendo. E alguém diz: “Isso mesmo, assim, calma, calma...”.

Slavenca fez uma pausa na monótona venda de sorvetes, ignora a cliente seguinte, deixa a mulher esperando, que olha, espantada, para dentro do quiosque e para os refrigerantes que vê atrás da porta transparente da geladeira.

“Não tenha tanta pressa”, pensa Slavenca. “Se ficar com mais calor, melhor ainda. Vai comprar mais sorvetes e mais bebidas.”

Ela aumentou os preços, e as pessoas reclamaram por ela pedir 20 coroas por um refrigerante e 17 por um picolé.

“Mas, então, não comprem nada.

“Tragam consigo as bebidas.”

Se a empresa souber que aumentou os preços, ela nunca mais vai vender aqueles sorvetes e bebidas. “E daí? Existem outros fornecedores. E, na realidade, eu devia estar na floresta, entre todos os voluntários e voluntárias, lutando contra as chamas.”

“E o cachorro lá, perto do carvalho.

“Não devia latir desse jeito. Não devia nem estar lá.

“Excitado, como se houvesse uma cadela no cio enterrada perto da árvore.

“Cachorros loucos. Donos loucos. O desejo pode conduzir a essas situações.

“E a garota feia da frente da fila está olhando para o buraco que o cachorro cavou.

“O que acha que vai ver?”

A coisa molhada e escura fica cada vez mais fina, e os latidos do cachorro cada vez mais fortes. As vozes morreram longe, atrás dos latidos. É agora que vou acordar? A luz lá em cima e essa escavação. E agora o meu olhar fica livre, mas ainda continua escuro, sinto os grãos como se fossem de terra ou de areia em meus olhos abertos.

Vou ficar livre, agora?

Posso voltar para casa?

Vejo um cachorro negro, vejo o focinho e os dentes. O cachorro ladra, excitado. Quero me levantar, mas o corpo não existe.

E o cachorro desaparece e, em seu lugar, há uma garota, da mesma idade que eu, não, mais nova, e o seu rosto se deforma, se contorce, e vejo que a sua boca se dilata e ela solta um grito, um grito imenso. E eu quero dizer para ela parar de gritar. Afinal, sou apenas eu que devo acordar.

O corpo existe, mas será que eu existo?

Slavenca corre do quiosque e desce na direção da garota e do cachorro, outras pessoas correm para lá também, todos os banhistas. E os gritos se multiplicam por contágio. Até mesmo as águas do lago e as árvores e os grãos de terra e de areia parecem gritar.

— Afastem-se! — grita Slavenca. E, então, ela se aproxima do buraco cavado no chão e olha.

Um olho de uma garota, debaixo de um plástico fino e transparente. Olho azul, de quem questiona.

A vida já desapareceu desse olhar há muito tempo.

“Minha querida menina”, pensa.

Slavenca já vira antes muitos olhares como aqueles, e todas aquelas recordações nuas e cruas voltaram à sua mente, recordações de crianças mortas cujas vidas foram interrompidas cedo demais.

PARTE 2

AOS OLHOS DOS ANJOS DE VERÃO

Nas proximidades de uma corrente de água ficou em paz, descansando e à espera.

Morta, mas talvez nem tanto.

Sei que a ressurreição é possível, que a inocência pode voltar. Não desapareceu contigo, meu anjo terreno, mas vai vigorar em outra pessoa qualquer. Caso contrário, como irão desaparecer as pernas da aranha, como posso silenciar as unhas que rasgam o meu interior.

O nosso amor não poderia se evaporar, por muita dor que os verões quentes possam trazer consigo, por muito que os tentáculos subam por nossas pernas.

Esta cidade tem muitas árvores, parques e florestas. Eu estou lá, entre as árvores escuras e prateadas. Você também está em algum lugar. Apenas não a encontrei ainda.

Quero me apresentar, agora. Sentir sua respiração na minha face. Quero que esteja aqui comigo.

Portanto, não tenha medo.

Ninguém nunca mais vai lhe fazer mal.

A fita de segurança azul e branca limitando o terreno. As águas do lago evaporando-se à luz forte do Sol no início da tarde. A pele nua das pessoas à sombra das árvores, do outro lado da fita. Os olhares curiosos, esfomeados por novidades, voltados aos policiais.

Os técnicos da polícia passam um pente-fino no terreno até a praia e até o lugar onde estão Malin, Zeke e Sven Sjöman, junto com Karin Johannison, chamada a comparecer, para, cuidadosamente, tirar o corpo da terra e do plástico transparente. O corpo está branco, de uma brancura irreal, lavado com esfregão e com os ferimentos limpos, como se fossem crateras roxas, escuras, numa paisagem humana, morta. Aqui e ali, a pele mordida, recentemente, pela primeira vez, por larvas esfomeadas.

— Cuidado, cuidado — são palavras de Karin. E todos se esmeram no cuidado com as provas que possam existir no lugar onde o corpo foi encontrado.

Entre os banhistas, encontram-se os jornalistas, os repórteres da rádio local, da TV4 Leste, do *Norrköpings Tidningar*, do *Östnytt*, do *Corren*. Daniel Högfeldt não está presente, mas Malin reconhece a jovem repórter, estagiária, que a entrevistou para um trabalho de faculdade sobre jornalismo policial, na primavera.

“Daniel, onde estará?”

“Não costuma perder uma oportunidade como esta.

“Mas, talvez, até ele tire folga aos domingos. No caso dele, nada de estranho nisso.”

Os sons repetidos das câmeras digitais.

Olhos que querem chegar perto, documentar para vender.

Malin respira fundo.

Será possível a pessoa se habituar ao calor?

Não.

Mas é preferível o calor ao frio.

A natureza poderá incendiar-se por culpa dos seres humanos? Atirar-se em nós em protesto contra as idiotices que fazemos? Dentro de si, Malin sente como as árvores do prado, os carvalhos e as limeiras soltam suas raízes do chão e, com raiva, abatem todas as pessoas com suas copas afiadas. Como elas nos enterram com as nossas ingerências maldosas.

O suor surge na testa de Zeke, e Sven ofega; o risco de infarto aumenta e diminui, à medida que ele se abaixa e fica agachado, com um olhar indefinido.

— Deve ser Theresa Eckeved — diz ele. — Parece estar em sacos transparentes comuns de lixo.

— É impossível saber a procedência deles — diz Malin.

O rosto da garota, bem lavado, por baixo do plástico; o corpo nu, tão branco e limpo como o rosto e,

agora, quase totalmente descoberto. Uma grande ferida aberta na nuca, feridas menores nos braços, no ventre, nas coxas, todas lavadas, cuidadas, como vasos de flores, roxas, limpas.

— É ela — diz Malin, sentido já o cheiro de podridão. Nada de cheiro de Klorin. — Dá para reconhecer pelas fotografias. É ela mesma. Nenhuma dúvida.

— Nenhuma dúvida — concorda Zeke. E Sven murmura:

— Só porque está um calor infernal, o mundo não precisa se transformar num inferno.

Malin olha novamente para o corpo e diz:

— É como se alguém se preocupasse em lavá-la bem, com todo o cuidado, deixando as feridas bem limpas. Tal como no caso Josefin, mas ainda melhor.

Pele branca, feridas escuras.

— Sim — concorda Zeke. — Quase como se fosse uma invocação, um apelo.

— Ela não cheira a desinfetante Klorin.

— Não, cheira a putrefação — diz Zeke.

E Malin pensa: “A garota não é mais velha do que Tove. Imagine se fosse você, Tove! O que eu faria nessa altura?”. Vê-se sentada na beirada da cama, no quarto, com a sua arma na mão, dirigindo o cano lentamente para a boca, para que a bala destruía a mente para todo o sempre.

“O medo. Estava com medo, não?”

“Estava, certamente, com medo.

“Como é que foi parar aí, nesse buraco?”

— É isso que vamos procurar saber — diz Malin. E Zeke, Karin e Sven, de repente, olham todos para ela.

— Estou pensando em voz alta — informa Malin. — Há quanto tempo ela deve estar aqui?

— Levando em conta como a pele já está em decomposição, por dentro do plástico em que ficou, e pela maneira como o corpo começa a inchar, apesar do peso da terra, acho que deve estar aqui há uns três dias mais ou menos. Talvez quatro. É impossível dizer com exatidão.

— Três dias? — pergunta Zeke. — Ela desapareceu, pelo menos, há uns seis dias.

— Não posso dizer agora se ela foi trazida para cá logo depois de morta — diz Karin. — Vou tentar saber isso o mais rápido possível.

— Há um espaço de tempo de alguns dias em que ela ficou presa — comenta Sven. — E só depois foi morta e trazida para cá.

— Nesse caso, alguém pode ter visto alguma coisa — sugere Zeke.

— Acha que sim? — pergunta Malin. — O lugar é distante, isolado, quando está fechado.

— As pessoas, Malin, estão sempre em movimento. Há gente pra todo lado, a toda hora. Sabe disso tão bem quanto eu.

Malin lembra-se da hora em que foi ao parque da Associação de Jardinagem, algumas noites antes.

“Você me viu naquela noite? Foi você quem fez isso?”

“Fez isso e está tentando corrigir alguma coisa. Deve ser isso. Deve ter sido à noite, no escuro, que

arrastou o corpo até aqui. A árvore testemunhou o momento em que a enterrou. Por que tão próximo da água, onde é grande a movimentação de pessoas? Queria, talvez, que nós a encontrássemos. O que é que queria nos mostrar?”

— Como é que ela morreu? — pergunta Malin ao mesmo tempo em que um vento fresco passa entre suas pernas e segue, depois, na direção do lago.

— Não sei ainda — responde Karin. — A ferida na cabeça é, provavelmente, a causa da morte, mas, como pode ver, ela tem, também, sinais de sufocamento.

— Violência sexual?

— Nenhum sinal evidente de penetração, mas preciso examinar melhor.

Karin.

Competente, talentosa, para não dizer experiente, mas com uma visão dos mortos como a de um engenheiro para as construções.

— Será difícil encontrar vestígios — acrescenta Karin. — Centenas de banhistas devem ter passado por aqui nos últimos dias. Todas as eventuais pistas, por exemplo, as pegadas, já desapareceram.

— Infelizmente — confirma Sven. — Mas o lugar ainda nos vai dizer alguma coisa a respeito do criminoso. Basta investigar mais um pouco.

Criminoso?

Malin, pensa: “Você está certo, Sven. Tão certo quanto eu, a respeito dessa sua barriga que o levará à morte, caso não comece a reduzi-la”.

— E o que é que vocês acham da relação deste caso com o de Josefin? — pergunta Malin.

— Claro que estão relacionados — diz Sven. — Limpezas feitas da mesma maneira em ambas as garotas. Mas ainda não temos nenhuma certeza. Karin precisa saber se há vestígio de tinta na vagina.

Eu vejo e ouço o que dizem, vocês, estranhos. Já entendi que falam de mim. Todavia, eu não quero ouvir suas malditas palavras.

Feridas no meu corpo.

Violência sexual.

Criminoso.

Penetração?

Não.

Presa, presa, morta.

Morta.

A pancada na cabeça.

E quem é que está morta? Eu, não. Eu tenho só 14 anos, estão ouvindo? As pessoas não devem usar a palavra morte a respeito de alguém que tem apenas 14 anos. Eu tenho ainda muitos anos de vida pela frente. Pelo menos, 70. E eu quero viver esses anos todos.

Quero esses anos de volta.

Dê-me esses anos, meu pai.

Eu me recuso a aceitar, recuso-me.

Não sinto dor nenhuma e, se eu tivesse essas feridas das quais estão falando, gritaria, não?

Mas a minha voz.

Não é ouvida, mas ouve-se ainda. As palavras é que são diferentes. É como se tivesse ficado adulta neste meu sonho e acordasse falando uma nova linguagem.

Linguagem?

Eu jamais usaria essa palavra.

Deixem-me em paz. Não peguem em mim!

Deixem-me dormir, esquecer, sonhar. Não, deixem-me em paz. E o que é que vão fazer comigo?

Tudo o que de horrível sonhei.

Vão embora, agora.

Deixem-me continuar dormindo.

Vejo um rosto.

O rosto é de uma mulher. É um rosto pequeno e agradável, envolto em cabelos louros que flutuam em contraste com o verde das árvores e o azul do céu.

Ela olha para mim.

Quero me levantar, mas é como se eu não existisse. Não existo mesmo? Mas se não existisse, não estaria falando de mim mesma, não é verdade?

Malin, agachada, diante da garota.

Um dos olhos está aberto. O outro, fechado. Parece querer pedir para dormir. O corpo está paralisado, ainda quase enterrado no chão. Manchas roxas no pescoço.

O corpo limpo, lavado com esfregão.

Os ferimentos cuidadosamente tratados, limpos, bem cuidados.

A mesma coisa, no caso de Josefin Davidsson, no parque.

Sven pode continuar a ter dúvidas, mas é quase certo que é a mesma pessoa ou são as mesmas pessoas que estão por trás dos dois casos. Daqui para a frente, tratar de um é o mesmo que tratar do outro. E vice-versa.

Há terra nas unhas da garota. É a única sujeira.

“Queria fugir daqui?”

“Não é?”

“A garota das fotografias na casa em Sturefors.

“E agora esta imagem. Um pai com medo que tenta manter a calma. Uma mãe preocupada que lhes deu as fotos. E agora?”

“Prometo uma coisa, Theresa: Não vou desistir enquanto não o encontrar.

“Ou a encontrar.

“Seja quem for...”

O pensamento de Malin acontece como uma oração. Desvia a atenção do olho aberto da garota e olha para Sven Sjöman que, como planejara, faz uma lista das coisas a fazer daqui para a frente, de tudo o que precisa ser realizado e não pode ser esquecido. Chamar policiais de volta das férias, investigação de porta em porta numa área de dois quilômetros de diâmetro, interrogar todos os banhistas, de hoje, de ontem, de anteontem, pedir o auxílio da mídia, procurar saber se alguém viu alguma coisa, a retirada do corpo, esperar o relatório de Karin, informar os pais... Dar-lhes a terrível notícia.

Malin sabe a quem vai caber esse trabalho. Às vezes, levam uma pessoa de apoio para essas circunstâncias, quando precisam dar uma notícia dessas, um pastor ou um assistente social, mas, normalmente, eles mesmos fazem isso. E quem sabe quanto tempo demoraria a encontrar um pastor neste calor?

Tove em Bali.

É melhor não pensar nisso.

Fardos a carregar.

E, nesse momento, Malin volta a olhar para Theresa.

A boca de Theresa está aberta e limpa, como se tivesse sido sufocada, sem oxigênio, como se alguém a impedisse de falar ou, talvez e apenas, uma demonstração sobre a importância do ar que respiramos, de que o ar significa tudo, de que a terra de onde viemos é tudo o que temos.

Do outro lado da fita de isolamento, as pessoas se retiram assim que os policiais terminam de anotar seus nomes e de fazer as perguntas. Algumas olham com desejo na direção do quiosque de sorvete.

Malin pensa que, por vezes, qualquer investigação policial é a arte do impossível.

Ao longe, no prado, está uma vaca a pastar, o vento parece querer aumentar, varrendo a planície. O cheiro da floresta queimada não chega aqui, mas Malin ainda sente como se a atmosfera estivesse contaminada, com milhões de suspeitas em andamento.

— Malin! — chama a jornalista estagiária ao vê-la seguir pela grama. — Por favor, o que me conta?

— Nada mais além do que você pode ver — respondeu Malin, sem parar.

A jornalista usa óculos escuros, enormes, que a faz parecer uma tonta.

— Ela foi assassinada?

Que pergunta ainda mais boba.

— Pelo menos, ela não se enterrou sozinha, não é?

Dois banhistas, um homem e uma mulher, ambos com trinta e poucos anos, estão no quiosque, em frente aos cartazes coloridos da sorveteria. Vestem calças jeans por cima da roupa de banho.

Malin dirige-se a eles, que a olham como quem pede para ser deixado em paz. Em seguida, o homem diz:

— Já contamos tudo o que vimos, ou seja, que viemos aqui tomar banho e que um *jycke* qualquer encontrou o corpo dela.

Jycke?

Uma palavra de história em quadrinhos, o mesmo que vira-lata.

— Tenho uma pergunta sobre o quiosque — diz Malin. — Costuma estar aberto? Vocês vêm aqui tomar banho com frequência?

Ela odeia quando isso acontece, quando as perguntas lhe ocorrem na sequência errada, se bem que, normalmente, isso leve a boas respostas. Às vezes, as perguntas colocadas numa ordem invertida revelam uma estratégia que acaba com a insegurança do interrogado.

— Nós vimos aqui de vez em quando. São poucos os bons lugares para se tomar banho — diz o homem. — A única desvantagem é que o quiosque quase sempre está fechado. Aparentemente, a mulher que possui a maioria dos quiosques aqui tem dificuldades em contratar funcionários e mantê-los abertos.

— A mulher?

— Sim. Acho que ela se chama Slavenca, veio da Bósnia ou de qualquer outro lugar assim. Ela pode ser bem desagradável quando está de mau humor. É como se não quisesse ter clientes. Estava aqui antes, mas desapareceu assim que vocês chegaram.

— Obrigada — diz Malin.

Lá em baixo, junto ao corpo, Karin Johannison trabalha contra o relógio. Quer terminar antes que a noite caia, mas ainda faltam algumas horas de serviço para ela e para o seu recém-chegado assistente. Malin sabe que eles têm holofotes guardados no Volvo para qualquer eventualidade. Mas talvez possam evitar usá-los. As noites de verão na Suécia tardam a escurecer e, portanto, a luz natural sorri para os dois, na cuidadosa procura de detalhes e pistas no corpo e na vegetação em volta que possam levá-los, a todos, para perto da verdade.

Karin olha para Malin.

Acena.

Esses olhos estão cansados, perderam um pouco do brilho. Talvez já estejam em Bali.

Bali.

A ilha da beleza e da violência.

Um lugar onde a ressurreição é possível.

“A casa onde eu cresci.

“Os tijolos parecem escorrer pela fachada, a suar de calor. Recordações expostas, pressentimentos.

“E mentiras.

“Mas que mentiras?”

Zeke, ao volante. Concentrado.

Eles não rodam a mais de 30 por hora, o máximo permitido. E a cerca viva que fica em volta da casa da infância de Malin, está mais encurvada do que da última vez, como se tivesse se rendido no calor do verão.

Ninguém em casa.

Quem mora lá agora? Quais serão suas recordações?

“Eu fico circulando entre recordações”, pensa Malin. “As que permanecem em mim como se fossem pequenas luzes de árvore de Natal, a piscar eternamente no meu consciente, no meu eu, nas minhas ações e, portanto, no meu futuro.”

“Do que é que eu tenho medo?”

“Eu tanto fico agarrada como fujo do que aconteceu. Resisto a soltar o passado, achando que, hoje, o tempo poderá explicar alguma coisa para mim.

“Preciso arejar.

“Jogar fora as roupas usadas de outra época. Época que não volta mais.

“Minha mãe e meu pai estão em Tenerife.”

Com o passar do tempo, cada vez mais, Malin tem a sensação de que os pais lhe escondem alguma coisa. E, agora, no momento em que passam em frente a sua casa da infância, em Sturefors, para levar uma mensagem de morte aos pais que de nada suspeitam, ela tem essa sensação mais nítida do que nunca. Sua história alimenta-se de alguma coisa e, se não conseguir esclarecer esse segredo, jamais estará completa, jamais será íntegra.

E, assim, a casa fica para trás, some de sua vista. E as recordações voltam para a gaveta.

A fotografia de polaroide de Theresa Eckeved morta está no bolso.

É ela, Malin tem certeza.

Zeke, antes de entrarem no carro:

— Você é que mostrará a fotografia a eles, Malin. Isso eu não faço.

A garota não era mais velha do que Tove. E, embora Malin tente tirar da cabeça a imagem da filha e manter os olhos bem abertos, o rosto de Tove e o da garota ficam alternando-se na fotografia.

“Não, não, saia daí!” Mas não adianta.

“Você é para mim todas as garotas.

“E, ao mesmo tempo, a única.

“Eu vou pegar esse filho da mãe que fez isso. Quero entender.”

Dedo na campainha, suor na testa, Zeke deu um passo para trás, os óculos de sol, agora, na mão, o olhar logo mostrará compaixão.

Tove volta de novo à mente de Malin.

Ruídos do lado de dentro da casa.

Que ruídos?

Os passos pesados de alguém que compreende estar próximo o anúncio da pior catástrofe? Aquele ponto em que a vida fica paralisada, condenada a ficar para sempre como um gosto de sabor amargo onde a alegria existe, exclusivamente, como exercício intelectual.

“Estou confiante. Vou conseguir cumprir a missão.”

E, então, a porta abre-se.

O homem na sua frente, cheio de sabedoria. Atrás dele, a mulher, a boca ligeiramente aberta, os olhos azuis, cheios de medo, avermelhados pela aparente falta de descanso.

“E lá está ela, de novo, Tove, apesar de toda a minha atenção ter de estar concentrada nessas duas pessoas, na minha frente. Se existe uma missão para mim nesta vida, é cuidar de você, Tove. É a única coisa que eu tenho como certa. E, agora, sendo uma adolescente de caráter, é evidente que não quer que eu tome conta de você, exceto de suas necessidades do dia a dia.

“Eu jamais vou deixar de tomar conta de você, Tove.

“Não consigo.”

Sigvard Eckeved abre a porta, afasta-se para o lado; seus ombros abatem-se. A esposa desaparece para o interior da casa, numa tentativa infrutífera de fugir da verdade, pois é a verdade que acaba de chegar. E eles sabem disso.

— Façam o favor de entrar — diz o pai de Theresa. — Já avançaram na investigação e têm mais perguntas a fazer, é isso? Aceitam um café? Agneta! — chamou ele, em direção ao interior da casa. — Por favor, prepare o café. Devemos ter gelo, também, para os inspetores. Devem estar com calor. É... Quando será que este calor vai embora?

Malin deixa-o falar.

Ela e Zeke sentam-se cada um em uma cadeira, ao lado do sofá branco da sala de estar. De costas para a piscina convidativa. E Agneta e Sigvard Eckeved compreendem o que significa a postura que Malin e Zeke assumiram. Os pais de Theresa sentam-se, então, no sofá, mas não encostam nele. Antes, inclinados para a frente, numa demonstração de interesse exagerado. Como se o exagero pudesse afastar para longe o pesadelo.

— Nós encontramos uma jovem perto do balneário de Stavsätter — diz Malin.

— Não pode ser Theresa — diz Agneta. — Ela jamais tomaria banho nesse lugar, a piscina... Mas ela

costumava ir de bicicleta até lá, às vezes...

— A jovem foi morta. Lamento ter de dizer isso, mas eu acho que é a filha de vocês.

Os pais de Theresa entregam-se ao sofá, o ar sai do peito, e a mãe chora no momento em que Malin tira a fotografia do bolso e a coloca em cima do tampo escuro de carvalho da mesa de centro. Lá fora, no jardim, ouve-se o coaxar incessante e excitado de um sapo e há algumas folhas de uma bétula que caem na superfície tranquila da piscina, ao sabor do vento fraco.

— Vocês podem nos dizer se essa é Theresa?

Malin sente como Zeke se obriga a ficar sentado na cadeira, quando deseja sair correndo da casa para o jardim e para o asfalto das ruas tranquilas e ensolaradas daquele bairro de alto nível.

Mas consegue continuar sentado.

Enfrentar o presente.

Todos os sentimentos flutuam na sala como fantasmas negros a formular duas palavras: tristeza e dor.

Agneta Eckeved vira o rosto. Se não olhar para a fotografia, ela não existirá, e qualquer coisa que possa significar também não existirá. Mas Sigvard Eckeved inclina-se para a frente, olha para sua garota, para seus olhos fechados e para o rosto de pele amarelada, pela falta de oxigênio. Ela não dorme, e ele jamais voltará a afagar aquele rosto na hora de dormir e a sussurrar em seu ouvido que, quando ela acordar, ele estará lá, aconteça o que acontecer. Seja qual for a dor que o mundo lhe impuser, ele continuará lá para ajudá-la no que for preciso.

Mas a fotografia continua em cima da mesa.

A morte.

O fim.

— É Theresa, sim — diz ele. E Agneta Eckeved vira o rosto ainda para mais longe da fotografia e, do lado, Malin pode ver como as lágrimas caem por suas faces, lágrimas copiosas, incontrolláveis.

— É ela — confirma Sigvard Eckeved.

Malin acena com a cabeça, já entendeu.

— Está confirmado — acrescenta Zeke.

Malin pega a fotografia, mas fica com ela na mão. De certa forma, acha que não deve colocá-la de volta no bolso da blusa, mas acha, também, que deve retirar a imagem da morta do alcance da visão dos pais.

Nessa altura, porém, Agneta Eckeved fala:

— Tire daqui essa foto, por favor. Faça isso.

Malin volta a colocar a foto no bolso.

Sigvard Eckeved levanta-se e diz:

— Vou ver se o café está pronto.

Mas, ao levantar-se, o seu corpo para e começa a tremer, incontrollavelmente.

O lar de infância.

De tijolos laqueados.

O ruído de um carro que passa.

— O que acontece agora?

Sigvard Eckeved faz essa pergunta assim que se recompõe um pouco.

Malin passa a falar de formalidades, de que o médico do Instituto de Medicina Legal terá que analisar o corpo antes de liberá-lo para o funeral e de que eles podem vê-la, se quiserem, mas não seria necessária uma nova identificação.

Sigvard Eckeved escuta o que Malin disse, sem interrompê-la, mas depois fala:

— Você não me entendeu bem. O que eu queria saber é o que vai acontecer conosco agora.

Mamãe, papai,

Vejo-os em casa. Tristes. Mas não consigo ouvir o que dizem. Por que estão tão tristes? O que aconteceu? Estão preocupados comigo. Não fiquem. De certa maneira, só saí por alguns momentos.

Mas acho que estou doente.

E que estou dormindo.

E, quando acordar, vou voltar para casa.

Mamãe está deitada na cama, e papai vagueia pela varanda da casa.

O sol deve estar muito quente.

Vocês acabaram de receber visitas. Vi a mulher, ela esteve comigo há pouco. Esteve olhando para mim de maneira tão estranha... Por quê? Ela colocou uma fotografia em cima da mesa, aí, em casa.

Mas eu não quero ver a foto, não.

Alguém tirou uma fotografia de mim. Ouvi o clique da câmera.

Estou dentro de uma ambulância.

Estou, assim, tão doente?

Colocaram-me dentro de um saco de plástico, mas a sensação de estar fechada é menor do que antes. Estou deitada na parte de trás do carro, num lugar destinado aos doentes. Vejo eu mesma, deitada lá dentro. Como isso é possível? Eu flutuo, mamãe e papai. Posso estar em vários lugares ao mesmo tempo, neste sonho.

Estou só. E devo estar muito doente. Como é que se pode sonhar dessa maneira?

Mamãe, papai.

Estou me sentindo só e com medo.

Vocês, ou alguém, têm de me ajudar.

Mas não fiquem tristes.

Estou com tantas saudades, saudades que parecem nunca acabar, não importa para onde vocês ou nós caminhemos.

— Está feito.

Zeke não tira os olhos da estrada, a Brokindsleden, mas Malin já o conhece. Sabe que ele precisa fazer qualquer coisa, agir, pôr as mãos em alguma coisa de concreto, para não ficar *mad as a crazy dog*^{***} como costuma dizer.

— O que vamos fazer agora? — pergunta Malin.

— Vamos fazer uma visita a Louise Svensson. Onde ela mora? Você tinha essa informação num papel.

Malin procura e encontra no bolso do jeans o papel que lhe foi dado por Viktoria Solhage.

— Viktoria Solhage disse que ela gosta de brincar pesado.

— Vamos encontrá-la. Onde mora?

— Acho que o endereço é o de uma fazenda na periferia de Rimforsa.

— Ótimo. Então, vamos lá, antes que Sjöman nos convoque para uma nova reunião sobre o caso.

Malin gostaria de dizer: “Zeke, na realidade, isso está certo? Não temos nada contra ela. Será que não devíamos deixá-la em paz?”.

Mas não diz nada.

— Vamos ver o que essa lésbica violenta fez — diz Zeke.

De cabeça raspada, Zeke tem um ar duro, impenetrável, tal qual o olhar, de olhos verde-escuros, sempre quando alguém o excita.

— O que acha de Peter Sköld e Nathalie Falck? Acha que vão ficar tristes quando souberem o que aconteceu? — pergunta Zeke depois.

— Com certeza vão — comenta Malin. — Talvez agora Nathalie Falck diga o que eu acho que ela sabe.

— E o que você acha que ela sabe?

— Alguma coisa.

— Não é fácil saber o quê — diz Zeke. Mas Malin já pensa em Peter Sköld e no pai dele, e naquilo que, na realidade, parece ser um silêncio combinado entre os dois.

Zeke aumentou o volume do som no qual canta o coral.

A floresta, os ramos e os troncos das árvores que parecem abraçá-los, o caminho que parece o corpo de uma cobra negra. O verde só se abre vários quilômetros depois, numa clareira de mata queimada em que as ervas daninhas já cresceram, já amarelaram por causa do calor e já voltaram a se deitar na terra. Depois da clareira, a estrada desaparece na floresta, novamente, antes de se abrir num prado por arar. Ao longe, em frente, uma construção de madeira vermelha, dois andares, entre dois celeiros cujas fachadas estão desgastadas pelo tempo e empoeiradas, dando a ideia de que deveriam ter sido pintadas há muito tempo.

Um mundo de esperanças aguardando a chegada da chuva parece estar reunido nesse lugar.

Param o carro em frente à construção principal.

Três cachorros ferozes aproximam-se do carro, latem. Os latidos ficam ainda mais evidentes no momento em que desligam o rádio do carro. Os animais pulam contra os vidros do veículo, mostram os dentes. Malin vê como a baba escorre pela boca deles, como eles defendem o território. Quem são vocês, estranhos? Vão embora, caso contrário vamos matá-los!

Depois, uma voz grossa, mas feminina, por entre o ladrar dos cachorros.

— Calma, calma...

Os animais obedecem ao comando, retiram-se. E Malin descortina a figura da mulher, um metro e

oitententa de altura, usa um macacão esverdeado e um quepe esportivo que mal esconde os cabelos curtos.

Olhos negros.

Zangados.

A idade dela entre 45 e 50?

Malin observa-a e pensa, ao mesmo tempo em que abre a porta do carro: “Os anos fizeram mal para você e, agora, você maltrata sua vida”.

A mulher, à sua frente, na entrada da casa, parece ser maior à luz forte do dia.

Louise “Lollo” Svensson, agricultora, vive sozinha na floresta de Rimforsa, na propriedade Skogalund. Tem cachorros, porcos e alguns coelhos que lhe fazem companhia.

Malin e Zeke mostram as identificações. Os cachorros continuam rosnando nos degraus de entrada da casa, prontos para atacar ao menor sinal.

— O que é que vocês querem?

— O seu nome — diz Malin — foi citado numa investigação e nós temos algumas perguntas a fazer.

Lollo Svensson aproxima-se um pouco mais.

Os cachorros mostram os dentes.

— Que raio de investigação é essa?

— Aquela da garota violentada no parque. E esta manhã foi encontrado o corpo de outra garota assassinada no balneário de Stavsätter.

— É uma irmã que abriu a boca, que contou alguma merda a meu respeito? Com certeza. A maioria dessas putas não é melhor do que qualquer caralho que anda por aí.

— Não posso dizer...

— Já entendi, senhora policial. Quais são as perguntas?

— O que você fez na noite entre quarta e quinta-feira?

— Fiquei aqui em casa.

— Sozinha?

— Não. Aquelas bestas estavam comigo.

Lollo Svensson aponta para os cachorros.

— Mas eles não podem confirmar para vocês o que nós fizemos, não é?

— Ninguém mais pode confirmar que você esteve a noite inteira em casa?

Lollo dá uma risadinha.

— Você conhece Theresa Eckeved?

— Não.

— Conhece Nathalie Falck?

— Também não. Nunca ouvi esses nomes.

— Lovelygirl? Esse nome, Lovelygirl, lhe diz alguma coisa?

Nenhuma reação visível.

— Lovelygirl? Eu não conheço nenhuma Lovelygirl.

— Quer dizer que você gosta de jogar pesado — diz Zeke. — O que isso significa? Jogo pesado com garotinhas? É isso?

“Que droga, Zeke!”, pensa Malin, mas ela sabe aonde ele quer chegar e deixa que prossiga.

Mas Lollo Svensson não cai na provocação.

— Eu não tenho nada a ver com isso.

— Você gosta de amarrar as garotas, cortá-las de leve, chicoteá-las um pouco? É isso que você gosta de fazer, Louise?

— Vocês devem ir embora agora se não têm mais perguntas a fazer.

— É... Você trouxe uma garota e tudo começou a dar errado, com o vibrador, não é? E, então, ela fugiu, assim que você ficou satisfeita, não foi?

— Vocês devem..

Lollo dá três passos para trás, como se fosse se retirar, como se quisesse dizer: “Já falei o que tinha a falar, policiais de merda. Agora é por conta de vocês”.

— Tenho de cuidar dos porcos — diz ela. — Os porcos não conseguem viver sozinhos. São fracos demais. De fato, são verdadeiros covardes.

— Podemos dar uma olhada por aí? Na casa também?

Malin espera pela resposta.

— Você está maluca, detetive Fors. Acha que eu os deixaria entrar sem mandado de busca? Que brincadeira é essa afinal?

— Você conhece uma garota chamada Josefin Davidsson? Ou outra chamada Theresa Eckeved?

A voz de Malin, seca, aguda. A blusa, colada ao corpo. E como deve estar quente para Lollo, dentro do macacão. E, de repente, a figura dela, redonda, mas forte, se desfaz, amolece diante dos olhos dos dois policiais.

— Eu...

— Então, você teve relação sexual com as garotas — diz Zeke. — Depois de tê-las atraído e trazido para cá. Com o quê? Bebidas? Cachorros? Passeios a cavalo? Você tem cavalos?

Nenhuma resposta.

— Costuma usar vibrador com as garotas?

Quando Malin ouve Zeke falar de vibrador, fica com a sensação de que eles perderam alguma coisa, algum detalhe, ao analisar esse ponto.

Mas o quê?

Lollo Svensson vira-se e chama os cachorros para dentro de casa. Malin e Zeke estão ao lado do Volvo, em frente à casa; respiram fundo o aroma da floresta. Paira no ar uma sensação de silêncio, de solidão, tão forte, que faz o verão parecer mais fresco.

** “Doido como um cachorro louco.” [N.T.]

O carro avança, sacudindo, pelo caminho de brita em direção à saída da propriedade.

— O que acha?

A voz de Zeke está agora mais calma, não tão excitada e provocante como há pouco.

A floresta ladeia de perto a estrada e o carro. Centenas de tonalidades de verde e amarelo gritam e pedem por chuva.

— Não sei — diz Malin. — Eu jamais vou deixar de ficar admirada diante do que estas florestas em volta da cidade contêm.

Ela lembra as peregrinações durante o inverno no caso de Bengt Andersson e os irmãos Murvall. Mesmo agora, pode sentir o frio paralisante, como esse frio sugava o ar dos pulmões, sempre que ela se obrigava a avançar entre as árvores em direção à morte e à maldade, bem no interior da floresta de Hultsjön.

— Não. De fato, não dá para deixar de admirar...

— Será que temos o suficiente para conseguir o mandado de busca?

— Certamente. Não é preciso muito diante do que aconteceu. Basta o fato de ela ter impedido a nossa entrada.

— Estou curiosa em saber o que existe dentro daquela casa — diz Malin.

“Jovens garotas.

“Seus corpos, mortos e vivos, flutuando como água-viva em águas eternamente agitadas.

“Peguem-nos, ajudem-nos, levem-nos.

“Tove está longe, do outro lado do mundo, no paraíso, mas lá existe uma serpente: os islamitas e sua violência.

“Fora com a imagem de Tove.

“Janne.

“Como ele corre ao longo da praia, com o coração batendo forte. Sempre a caminho de outro lugar qualquer.”

— Eu quero saber o que se esconde dentro daquela casa — insiste ela.

— Eu também — concorda Zeke. E, nesse momento, toca o telefone de Malin.

O nome de Karin Johannison no visor.

No chão, na sala de Karin Johannison, um umidificador luta contra um aparelho de ar-condicionado portátil para ver quem faz mais barulho. A unidade do ar trava uma luta desigual contra o frio, mas, juntas, as duas máquinas fazem da sala de Karin o lugar mais agradável que Malin já esteve, mesmo

considerando que a sala não tem janela e que há uma quantidade enorme de livros, folhetos e relatórios espalhados por cima da mesa, nas prateleiras e no chão.

Malin e Zeke sentam-se cada um em um banco, nos dois que Karin tem para oferecer aos visitantes. Ela acomoda-se numa poltrona de couro preto, para escritório, de estilo futurista, que ela comprou com o próprio dinheiro e, portanto, não pertence ao governo. É o caso, também, do umidificador e do ar-condicionado.

— Bonita poltrona — diz Malin.

— Obrigada — agradece Karin. E acrescenta: — É um modelo de Oscar Niemeyer. Comprei-o pela internet, de um *site* brasileiro.

— Também comprou os aparelhos? — pergunta Zeke. — Parece que também vieram do terceiro mundo.

Karin ignora o comentário insultante de Zeke e segue para o assunto principal da visita, assumindo seu tom profissional:

— Theresa Eckeved foi penetrada antes de morrer e sofreu abusos sexuais. Não encontrei nenhum esperma, mas restos de tinta, como no caso de Josefin Davidsson. Tudo leva a crer que estamos diante do mesmo criminoso.

— Mas é claro que podemos considerar uma boa ação comprar coisas de países emergentes, não é verdade?

Zeke não pôde evitar essas palavras que já estavam prontas para sair de sua boca. Malin vê em seus olhos que ele já está arrependido, sente-se um idiota. Mas Karin continua a ignorá-lo, finge que ele não disse nada.

Karin prossegue:

— Theresa foi lavada cuidadosamente, mas, se alguém passou o esfregão nela, fez isso com muito cuidado. Encontrei restos de Klorin na pele, exatamente como no caso de Josefin.

“Os ferimentos foram limpos, ou com álcool ou com desinfetante. E o criminoso teve o cuidado de fazer os ferimentos eventualmente com um bisturi, mas não é possível dizer com certeza.”

— Os ferimentos também são iguais aos de Josefin? — pergunta Zeke.

— Apenas limpos da mesma maneira — diz Karin. — Estes aqui, na Theresa, foram tratados ainda com mais cuidado, nos cantos.

— Tratados?

— Sim, tratados. O ferimento na cabeça não foi a causa da morte. Os do corpo, também não. Ela foi sufocada. A terra nas unhas é idêntica à do balneário, o que confirma que foi assassinada naquele local.

— Quer dizer que não foi transferida de lugar?

— Provavelmente, não.

— Ela pode ter ido com a pessoa para esse local, é isso?

— Não sei, Malin.

— A mãe de Theresa deu a entender que ela costumava ir de bicicleta, de vez em quando, até o

balneário — diz Zeke. — Talvez Theresa tenha ido dar um mergulho noturno no lago, não?

— Durante quanto tempo ela ficou enterrada no local? — pergunta Malin.

— Uma semana, eu diria. Talvez mais um ou dois dias. Não dá para falar exatamente.

“O que estava fazendo lá, Theresa?”, pensa Malin. “Deve ter sido muito tarde e você estava sozinha.

“A maldade está à solta.

“Que Deus nos proteja.

“Que Deus proteja todas as garotas que ficam sozinhas, até tarde, no verão de Linköping.”

— Você sabe de onde podem ser os restos de tinta encontrados?

Agora, claramente, Zeke deixou de lado os ressentimentos que tinha contra Karin, colocando-os em algum lugar dentro de sua mente.

— Não faço ideia, mas é o mesmo tipo de tinta, sem dúvida. Não pude saber qual o fabricante, mas não é nenhum dos mais comuns do mercado sueco. Entretanto, podem estar certos de que estão à procura de um mesmo criminoso.

— O departamento técnico já começou a verificar as marcas de vibradores.

— Ótimo — diz Karin. — Devem existir muitas, acho eu.

— Mais alguma coisa?

— Não. Nada de restos de esperma, nada de cabelos, nada de tecidos, nada, nada, nada — diz Karin, que não consegue esconder a excitação e a raiva pelo fato de não descobrir uma pista mais concreta para ser seguida, uma em que possam ancorar as ideias na caçada àquele que agora está andando livre pela cidade.

— É um inferno — exclama Malin.

— Mas vocês vão conseguir encontrá-lo — diz Karin.

— Com certeza. Quer seja “ele” ou “ela” — acrescenta Malin.

A fumaça do incêndio na floresta de Tjällmo chega até o estacionamento diante do edifício da polícia e do prédio do SKL, onde fica o escritório de Karin.

As florestas ao norte de Ljungsbro estão em chamas, e o fogo espalha-se e é motivo de transmissões extraordinárias pelo rádio e pela televisão da Suécia que avisam sobre o seu avanço.

Foram incêndios criminosos?

Iniciados por quem?

Por que razão começa a arder em tantos lugares ao mesmo tempo?

Zeke senta-se no lugar do motorista no Volvo.

Malin espera junto à porta, do outro lado, e ouve os insultos de Zeke por causa do calor dentro do carro. Ela fecha os olhos e tenta sentir o cheiro do fogo que se espalha pela cidade. Imagina como o calor pressiona as poucas pessoas, transformadas em apenas pequenos pontos, contra o asfalto. Ao mesmo tempo, ela se vê avançando por cima da planície, dos campos a arder e das águas azuladas do lado

Roxen. E vê as chamas, como elas comem as árvores e os arbustos, como saltam, audaciosas, das copas de uma árvore para outra, numa dança de explosões que arrasam tudo o que encontram pela frente, mas que, ao mesmo tempo, criam todas as possibilidades para o nascimento de novas vidas.

E Janne que queria estar com os colegas bombeiros, que queria vestir aquela mesma roupa protetora e avançar entre a fumaça e as chamas para salvar o que pudesse ser salvo.

— Malin, vai ficar aí o dia inteiro?

“Fuligem”, pensa Malin. “Sujeira. Por quanto tempo os bombeiros precisam lavar a cara após um dia como este?”

— Malin!

Enfim, ela acorda de seus pensamentos, abre a porta do carro e entra no forno...

Estou morta.

Não vale a pena lutar contra isso.

O plástico, apesar de sua densidade, me dá uma sensação de conforto. Acho que não vou ficar aqui por muito tempo. Na realidade, não poderia acontecer, mas dá, de certa forma, uma sensação de segurança. Entendi a minha liberdade, quando, de repente, me encontrei em casa, na presença de meus queridos pais, quando eu os vi desesperados, quando eu quis contar-lhes que, afinal, eu ainda existo e que, de certa forma, estou bem. Ainda que continue com medo, preocupada e triste pelo fato de minha vida ter sido tão curta.

Mas o que é o tempo?

É fácil para mim dizer o que é.

Mamãe, papai.

Sei que o tempo será penoso para os dois. Não existe nada que faça o tempo ser mais duro do que a dor.

E a dor de vocês nunca mais vai acabar.

Vai mudar de tamanho com o passar dos anos, vai marcar seus corpos e determinar a maneira como serão julgados pelo mundo.

Vocês vão ficar tristes para sempre, meus queridos pais, e talvez exista uma espécie de consolo nisso. Porque se estiverem tristes por mim, estarão também comigo, e se estiverem comigo, todos nós três estaremos juntos. Não é verdade?

Gostaria de poder consolá-lo, papai.

De alguma maneira, vou poder dizer a vocês que estou bem, quando, enfim, estiver bem.

Apenas uma pessoa pode diminuir minhas preocupações. E ela sabe disso.

Estou chegando ao céu.

O calor que existe para todos vocês, não existe para mim. O calor não existe aqui, nem como aroma, nem como sensação.

Estou flutuando em direção ao Volvo e vejo o rosto de Malin Fors. Ela não sabe que eu a vejo. De

qualquer forma, noto que seus olhos azuis estão, cada dia que passa, um pouco mais cansados, mas também um pouco mais seguros, mais conscientes.

Apenas a tristeza é constante.

Assim como o medo que ela, inconsolavelmente, tenta reprimir.

A caminho do promotor, um dos que estão de plantão durante o verão, não muito contente pelo fato de ter de ir ao escritório numa noite de domingo. O mesmo promotor que antes rejeitou a oferta de Sven Sjöman para assumir toda a responsabilidade pelas investigações preliminares, dizendo que as responsabilidades eram da polícia até que obtenham algum progresso.

Malin falara com Sven por telefone, e este lhe deu permissão para fazer a busca:

— Façam a busca, mas não façam isso sozinhos. Quem sabe do que essa figura é capaz.

Sven disse também que, finalmente, e “com uma demora danada por causa do verão, já tinha em mãos a lista de chamadas do celular de Theresa Eckeved”. Falara muitas vezes com Nathalie Falck. Com Peter Sköld, algumas vezes. E mais ninguém, a não ser os pais. “Parece que ela vivia bastante só”, disse Sven. O departamento técnico legal ainda não recebera nada, nem do Yahoo nem do Facebook, mas lutava pela identificação do vibrador. Uma pesquisa rápida na internet revelou mais de novecentos fabricantes.

Malin pensa na hipnose à qual Josefin Davidsson ainda não arranjou tempo para se submeter. Vamos ter de insistir.

O promotor.

Um novato de nome Torben Eklund.

Malin olha pela vidraça do carro.

Mas em vez da cidade vê o próprio rosto, os olhos. Fixa o olhar neles e pensa no que aconteceu com seus olhos, com o passar do tempo. E, de repente, está com medo, sente um calafrio percorrer suas veias e seus poros, uma sensação fria e afiada: “Não é o meu rosto que vejo no vidro”, pensa ela, “mas o de Theresa Eckeved”. E Malin sabe o que ela quer, o que aquele rosto de pele branca, sem vida, o que aqueles olhos esbranquiçados, descoloridos, desejam.

A boca mexe-se.

O que aconteceu?

Quem?

O quê, como?

Eu confio em ti, Malin Fors, para poder descansar em paz.

E logo o rosto desaparece. Em vez dele, o de Malin, bem conhecido. O rosto e as características fisionômicas que apenas existem.

Josefin Davidsson puxa o lençol branco e fino para cima de seu corpo, não quer ver os curativos nem pensar nos ferimentos, apesar de saber que estão lá, queira ou não.

Sente o aroma químico, característico de hospital, a dor, da qual não consegue se lembrar como surgiu.

Mas entende que a recordação, enterrada em algum lugar dentro de si, é importante.

Podia ter voltado para casa na sexta-feira passada, mas preferiu passar o fim de semana na enfermaria. O médico entendeu quando ela disse que gostava da tranquilidade do lugar.

Foi ver televisão na sala. Leu os jornais na internet, o *Corren* e outros, e viu que foi encontrado o corpo de uma garota assassinada num balneário perto de Sturefors.

“Preciso me lembrar”, pensa Josefin. O céu descortinado pela janela empalidece, depois de ficar azul e vazio durante a tarde, tal qual as recordações. Mas elas estão lá. Eles aprenderam isso em biologia, que as recordações são como a eletricidade, que uma pessoa, nas circunstâncias corretas, pode lembrar-se de tudo o que lhe aconteceu antes.

“Mas será que eu quero me lembrar?”

“Será que estou com medo? Medo de que ele ou ela ou eles voltem?”

“Não.

“Podia estar morta, se eles ou ele ou ela quisessem.”

O algodão do lençol do hospital é macio, tão macio que ela fecha os olhos e adormece, apesar de a sala estar com a luz mais clara que se possa imaginar e cheia de vida.

— Não há problema. Assino logo o mandado de busca e apreensão.

A voz de Torben Eklund, tão neutra quanto sua sala no tribunal, na Grande Praça, Stortorget. Seu rosto é pálido e magro, mas com um estranho queixo duplo.

— Como andam as investigações? — pergunta ele.

— Devagar, mas seguindo — responde Malin.

— Neste verão, estamos com nossos recursos humanos bem limitados — continua Torben Eklund. — É por isso que eu deixo com a polícia a responsabilidade pelas investigações preliminares.

— Para nós, está perfeito — responde Zeke.

“Jurista”, pensa Malin. “O que leva no mundo uma pessoa a escolher essa profissão?”

Torben Eklund tem a minha idade, mas já está com uma aparência de meia-idade.

Há um relógio, com fundo preto, pendurado numa parede de tijolos aparentes. Os ponteiros brancos marcam 17h25.

E a ideia surge em sua mente.

“Aos olhos das garotas, talvez eu já seja uma mulher de meia-idade. E, depois disso, chega a morte. Não é verdade?”

Uma viatura sem cor definida atrás do Volvo.

Anoitece lentamente na estrada, e a floresta parece ter recobrado o verde perdido, uma falsa tonalidade, a cor de uma faca de aço por afiar.

A viatura passa pelo Volvo, três policiais no carro: dois rapazes recém-formados, jovens musculosos e com aquela atitude de já saber consertar todo tipo de merda que possam encontrar pela frente. Malin não entende como aquele tipo de gente pode passar pela comissão avaliadora, mas, certamente, eles já têm na ponta da língua as respostas certas e sabem como se sair bem. Ela já viu na internet os *sites* para quem quer entrar para a polícia. É isso que eles procuram. O terceiro policial é Pettersson, um veterano que trabalha meio expediente por causa de um problema na coluna. Em algumas ocasiões, Malin chegou a observar como ele sofria e como usava as pontas dos dedos para canalizar a dor, apenas para aguentar a situação.

Malin não se lembra mais dos nomes dos novatos nem está interessada em tentar decorá-los. Quem sabe por quanto tempo eles vão ficar em Linköping? Certamente, logo irão para Estocolmo, Gotemburgo ou Malmö, que é onde as coisas acontecem.

O sítio no horizonte.

“Será que ela está à nossa espera?”

“Terá arrumado a casa?”

“Escondido as coisas?”

A voz de Zeke no rádio:

— Fors e eu vamos bater à porta, vocês saem do carro e ficam à espera. Entendido?

Silêncio. Nada de latidos de cachorros.

Onde estarão os cachorros?

Depois, um sim de Pettersson.

— Muito bem — diz Zeke ao chegar à entrada da propriedade.

Saem do carro.

Um silêncio de espera.

Caminham para os degraus da entrada da casa.

Malin está com o mandado de busca na mão.

Sobe os degraus da entrada.

“Será que ela fugiu para a floresta?”

“O que existe lá dentro?”

“Nas salas fechadas?”

Malin olha por cima do ombro.

Eles estão lá, aguardando, mas prontos, como se estivessem esfomeados, Pettersson e os dois novatos em seus uniformes azul-escuros, quentes. O calor continua, mas o Sol desapareceu por trás das colinas, por isso eles aguentam.

— Uma câmara de tortura — diz Zeke, em voz baixa. — Imagine se ela tem uma câmara de tortura lá dentro.

O punho fechado de Malin contra a porta de madeira pintada de branco.

Ninguém abre.

“Será que alguém está apontando uma arma contra eles? De onde?”

Talvez. Isso pode acontecer. A ideia passa pela cabeça de Malin de repente. Lembra-se de um caso que leu sobre um policial americano que visitava propriedades isoladas, só para servir de alvo para atiradores. Pensa no colega que recebeu um tiro mortal de um psicopata em Nyköping. Malin conhecia-o, frequentou com ele, no mesmo ano, a escola de polícia, mas não eram amigos.

Nova batida na porta.

Novo silêncio.

Apenas o barulho das folhas das árvores da floresta balançando ao sabor do vento fraco e da movimentação dos animais à sua volta.

— Ela deve ter partido — diz Zeke. — Ou, então, está escondida lá dentro.

— Vamos arrombar a porta — diz Malin.

— Veja primeiro se está fechada.

E Malin leva a mão, lentamente, à maçaneta da porta; gira-a para baixo e a porta abre-se, como se alguém a tivesse deixado destrancada para eles entrarem.

Na entrada, o chão está coberto por um tapete de retalhos e, ao lado, há um banco comprido, feito de tábuas de madeira, de carvalho recém-lixado.

“Bem conservado”, pensa Malin. “Bem cuidado.”

E o silêncio continua.

Malin entra. Zeke segue logo atrás, ela pode sentir até o hálito dele, quente, e sabe que ele já fez sinal para os outros se posicionarem ao redor da casa e para um deles ficar de guarda na porta, pronto para entrar, caso aconteça alguma coisa ou ouça sons suspeitos.

A cozinha.

Cuidadosamente renovada, coisa recente, mas feita com móveis da década de 1940, azulejos floridos e novos tapetes de pano. A luz fraca de um longo anoitecer passa pela fina cortina da janela. A cafeteira elétrica está ligada com café recém-feito, e o forno também está ligado, com bolos ainda quentes. Malin nota que tem um pano de cozinha por cima de uma travessa e, pelo formato, deve haver alguns pães

franceses, bem fresquinhos e cheirosos.

— Afinal, o que é isto? — pergunta Zeke.

Malin faz um sinal. Ambos avançam para dentro da casa e entram na sala de estar onde a televisão está ligada num programa da série O Corvo, que Malin ainda não tinha visto. A sala dá a sensação de que o tempo parou.

Há um computador em cima da mesa.

Eles sobem por uma escada que range. Chegam ao andar de cima. As paredes estão cobertas com pranchas em que Lollo Svensson pendurou litografias de três cores, que representam campos abertos com tratores. O quarto de dormir é o único cômodo do andar superior. As paredes pintadas de branco e uma janela em forma de arco, por onde entra o restante de luz do dia, mais tapetes de retalhos sobre um chão lavado. Uma limpeza exemplar, como se a dona da casa quisesse impedir que algo entrasse ou quisesse, talvez, deixar entrar algo.

— Ela está aqui — afirma Zeke.

— Está aqui, sim, em algum lugar — concorda Malin. — Sinto isso. Não está longe. Está perto, bem perto.

E Malin desce a escada, abre a porta que dá para o porão, e o cheiro de combustível do aquecedor é cada vez mais forte.

O aquecedor, claro, está desligado, mas ainda assim o cheiro é forte. Há produtos de limpeza nas prateleiras, mas nada de Klorin. Há uma porta de aço meio aberta como se desse para um refúgio.

Malin aponta para essa porta.

Zeke faz sinal de que entendeu.

Malin abre-a. Espera ver Lollo Svensson pendurada no teto, rodeada de equipamentos de antigas câmaras de tortura da Idade Média, contrastando com os cômodos de cima, contrastando com o idílio que esta antiga casa campesina, de fato, é.

E Malin logo a vê.

Está sentada numa cadeira, atrás de uma mesa de pingue-pongue coberta com brinquedos de madeira, bonecas e animais de pelúcia. Usa um vestido rosa-claro, bem delicado.

Um armário com bonecas numa prateleira. Caixas de papelão para mudanças encostadas nas paredes de cimento pintadas de branco.

Lollo Svensson sorri para eles. É outra pessoa agora, seus traços se suavizaram, a resignação é manifesta no corpo que Malin achava há pouco que encobria a alma de uma assassina.

“Pode ser?”

“O corpo dela? Guardar uma alma assassina?”

— Eu sabia que vocês iriam voltar — diz Lollo em voz baixa. — Por isso desci e fiquei esperando.

“Alma assassina”, pensa Malin. “Dela, temos todos um pouco.”

A floresta parece respirar na direção de Linda Karlå.

Mas respira com pulmões adoentados.

Só agora, ao anoitecer, começa a ficar suficientemente fresco para uma corrida para se manter em forma. Mas ainda está quente demais para a maioria. A pista em Ryd está deserta. Só ela corre. Os pés, que calçam os novos tênis da Nike, batem compassadamente no chão coberto de serragem. Os postes de iluminação por cima de sua cabeça ainda não foram acesos. Ela nem sabe ao certo se chegarão a ser acesos durante o verão. Nesta época em que a Suécia, no norte, é a terra “do sol da meia-noite”. No centro, em Linköping, se não houver nuvens, o céu fica azul, ainda iluminado, e o dia amanhece à uma ou às duas horas da madrugada, com o Sol já aparecendo no horizonte.

Talvez seja uma idiotice correr sozinha na floresta, tendo em mente o que aconteceu recentemente. Antes de a polícia apanhar o criminoso. Quem sabe o que poderá acontecer?

Mas ela não está com medo.

O ar entra nos pulmões em quantidades maiores, a inspiração arejando todos os cantos do corpo e da mente.

O coração fica cansado, mas de maneira controlada, como se ela, com sua força de vontade, pudesse conduzir o esforço do músculo mais importante do corpo.

Ela corre no mínimo 20 quilômetros por semana. O ano inteiro. Também corre a maratona de Estocolmo e outra, normalmente, no exterior. Se o inverno ataca na Suécia, ela pensa em Tóquio, Nova York, Londres, Sydney. Troca a corrida entre as árvores pela corrida entre os arranha-céus e as grandes massas de esportistas. Seu corpo de 40 anos é forte, muito forte.

Seria perigoso para qualquer um, menos treinado, correr no calor.

Mas ela consegue.

Na realidade, acha que a pista na floresta de Ryd é plana demais. Pode valer a pena ir de carro até a das encostas de Olstorp.

“Para a frente, Linda, para a frente!

“As árvores.

“A serragem.

“Os postes de iluminação. A árvore lá na frente.

“O tronco muito largo. Quase um metro de diâmetro.

“É mesmo só uma árvore? Um corpo? Por trás da árvore alguém que espera por mim.”

Malin volta à cozinha de Lollo Svensson, em silêncio. Espera, escuta. Tenta entender, porque nas

palavras de Lollo pode existir uma inspiração para sentimentos que levem à rápida solução do caso.

Os policiais fardados voltaram para o carro. Estão impacientes. Já reconheceram que a esperada dramaticidade se transformou numa série de bocejos.

Malin e Zeke deram a eles a missão de inspecionar os celeiros e a edícula. Mas a inspeção não deu em nada. Apenas porcos em estábulos e coelhos em gaiolas. E uma grande quantidade de toras, certamente, deixadas pelo antigo dono do sítio que vendeu a propriedade para Lollo Svensson. Os cachorros dormiam num canil, anestesiados pelo calor ou por qualquer outra coisa. Nenhum sinal de violência, de maldade, apenas coisas esquecidas, usadas, sem valor, como se fossem pedaços de um enigma para alimentar os arqueólogos das civilizações futuras.

— Eu quero que me deixem em paz — diz Lollo Svensson. — Foi por isso que comprei este sítio. É simples de entender, não?

Agora está sentada num banco à mesa da cozinha. O seu eu, de novo: um ar superior, franco, bruto. A pessoa suave encontrada no porão desapareceu assim que subiu a escada.

“Uma parede de silêncio”, pensa Malin. “Um roupão cinza por cima do vestido rosa. O que terá acontecido com ela? O que aconteceu? Por que ficou assim?”

Malin vê-se a si mesma na cozinha.

Procurando no escuro e vivendo sozinha. Na dor. E sabe que está preparada para isso. Que chega a gostar disso.

Vá para o inferno, Fors.

Como é que você ficou assim?

— Eu não tenho nada a ver com os ataques contra aquelas duas garotas. Vocês vão agora falar com toda aquela equipe de futebol? Deve haver várias lésbicas por lá... Falem com elas.

— E os brinquedos no porão? Como explica isso? — Zeke não consegue disfarçar a curiosidade, a vontade de entender, além mesmo do que possa interessar à investigação.

— Eu não tenho de explicar nada. São brinquedos de quando eu era criança. Brinco com eles de vez em quando. Nada de estranho nisso.

Linda Karlå está quieta em cima da serragem. Há alguma coisa por perto. Mas o quê?

Alguma coisa que se movimenta na floresta, apesar do silêncio do lugar. Uma pessoa? Cheiro de carcaça de animal? Ou de limpeza? As ideias voam pela mente e seguem para o coração e para o estômago. E se transformam em medo.

“Não.

“Não estou com medo.”

A floresta é grande, faz com que se sinta pequena e só, apesar de faltarem apenas uns 100 metros para a fila de prédios residenciais amarelos e das casas, em Valla, do outro lado da rua, a Vallavägen.

Não há movimento nenhum atrás da árvore. Mas alguém está lá.

“Tenho certeza.”

Então, ela pensa de novo nas garotas, aquela que encontraram assassinada e a que encontraram vagando, violentada, no parque. E pensa que, realmente, foi um risco ter saído sozinha, correr na pista quando a maldade mostrava o seu rosto em Linköping.

“Como pode ser tão idiota, Linda?”

“Um movimento.

“Uma pessoa na pista?”

“Na direção contrária à minha?”

“O suor escorre por dentro de minha roupa branca. Os peitos firmes por dentro do top.

“Estou com tanto medo que nem consigo me mexer.”

Zeke se balança de um pé a outro, num canto da entrada do sítio.

Nada de vibradores. Nada de brinquedos sexuais.

A noite continua quente. Lollo Svensson, na casa principal, a olhar para eles através da janela da cozinha. Parecia pedir para que fossem embora logo.

No crepúsculo, os celeiros parecem tortos, caindo sob o peso de um céu triste. Os cachorros começam a latir no canil.

A viatura policial desaparece na estrada, restando apenas o barulho do motor quebrando o silêncio da floresta, um pulsar no meio do musgo e dos arbustos secos.

— Ela é maluca — diz Zeke. — Acha que ela é a Lovelygirl?

— Vamos ver o que os técnicos vão encontrar no computador.

— Mas que ela é maluca, é!

— Só porque gosta de olhar para seus brinquedos? Não sei não. Estranha, sem dúvida — afirma Malin.

— Quem sabe o que passou para ficar assim? E o que as pessoas não fazem para sobreviver?

— Podemos saber disso?

— Será preciso?

— Queremos saber?

— Acho que ela não tem nada a ver com o que procuramos — diz Malin.

— Eu também acho — responde Zeke. — Mas, apesar de tudo, a verdade é que ela não tem nenhum álibi!

“O coração.

“Onde está?”

“Ali, onde estão todos os meus medos.

“Vai rebentar em breve dentro do peito.”

Linda Karlå corre, os tênis invadem metro a metro a pista. É a floresta que gira à sua volta.

“Alguém está me seguindo, não?”

“Parece que um gigante vem atrás de mim. Como se as raízes das árvores se levantassem da terra e

quisessem atirar-me ao chão, derrubar-me, para me furar com milhares de pequenos troncos carbonizados e afiados. E, depois, me esconder debaixo de uma pequena faixa de terra, para me comer, lentamente. Mas eu consigo correr mais rápido.”

Ainda mais rápido agora.

O som de cascos. Ou?

Ela corre.

Finalmente, a vegetação se abre.

Na frente, o estacionamento.

Seu carro, só ele. Nenhum seguidor.

Ela atira-se para dentro do seu Seat ainda quente.

Um veado?

“Foi outra coisa que olhou para mim lá atrás.

“Tenho certeza disso”, pensa Linda Karlå enquanto liga o motor do carro e parte.

“Mas o quê?”

O som de cascos batendo no solo que desaparece na floresta. A escuridão que mordeu o seu traseiro.

A Grande Praça de Linköping, Stortorget, se ilumina com a luz artificial das luminárias montadas durante o verão, rodeada pelos prédios do local. A iluminação foi instalada por três restaurantes: Mörners Inn, Stora Hotellet e Burger King. Colocaram mesas e cadeiras a céu aberto no asfalto e nas pedras da praça, as primeiras ainda debaixo de altos toldos, que fazem com que as conversas dos clientes se transformem num indistinguível murmúrio, um som cheio de expectativas e alegrias.

Já passa um pouco das 22 horas.

Muita gente passeia nesse domingo, antes de um novo dia de trabalho.

O clima continua quente, mas agora as pessoas já se atrevem a sair, sentindo a falta das gotas de umidade condensadas na parte externa dos copos. Da rua Ågatan, ouve-se outro tipo de murmúrio. É uma rua cheia de *pubs* que, em todas as estações do ano, vivem sempre de bons e assíduos clientes e onde há sempre discussões e disputas, principalmente nos fins de semana. O jornal *Corren* já publicou centenas de metros de colunas sobre esse mundo de tabernas modernas, onde as pessoas se descontraem e a concentração facilita o trabalho da polícia. “Nós sabemos onde as coisas, provavelmente, vão acontecer”, pensa Malin, enquanto olha para as luminárias.

“Certamente, não tem ninguém aí que eu conheça.

“E se alguém que eu conheça está por aí, então, sou eu que não quero reconhecê-lo.”

Zeke deixou Marlin à porta do apartamento. Debaixo da ducha, ela sentiu a falta de Tove, de Janne e de Daniel Högfeldt. Queria telefonar para ele, chamá-lo, falar um pouco sobre o que viu durante o dia.

Gostaria que Daniel amenizasse um pouco a sua frustração.

Mas ele não atendeu o telefone, e ela acabou adormecendo na cama de Tove, uma curta soneca em que fingiu estar tomando conta de sua filhota no outro lado do planeta, no paraíso, próxima de pessoas loucas que explodem junto com as bombas que carregam no corpo.

Nos lençóis ainda existe o cheiro de Tove.

E Malin começa a chorar.

Triste por um motivo simples e notório: o de ver como tudo acabou entre ela e Janne, como acabou dentro dela, e o que a psicanalista Viveka Crafoord pressentiu só de olhar para ela. Mas, depois, Malin fez o que sempre faz: recuperou o equilíbrio, recompôs-se, conteve as lágrimas, dominou a tristeza, levantou-se e saiu do apartamento. Certo tipo de solidão é pior do que qualquer outra coisa no mundo.

À sua frente, todos os clientes dos restaurantes. O tilintar dos copos. Garçons e garçonetes em seu vaivém. Afinal, existe vida até na Linköping de verão, apesar de o calor e a maldade do ser humano fazerem todo o possível para estragar a alegria.

“Será que posso me sentar ali? Entre os outros.”

Ela fica em pé, a observar, a considerar, a deixar que a noite entre em seu corpo.

“A maldade, onde começa?”

Em frente, a praça transforma-se num vulcão. Entre as pedras do chão surge um magma fervente, formando rios de lava em brasa. A maldade, uma corrente humana, subterrânea, que a história às vezes canaliza na formação de erupções, em certos lugares, em certas pessoas ou em uma só pessoa. A pessoa é má ou fica perto da maldade, tão perto que chega a sentir seu hálito no rosto, mas até chegar à conclusão de que esse hálito surge de seus próprios pulmões e se espalha. A má vontade, o medo, tal como falou Janne num dia em que bebeu muito uísque, fazem parte da guerra que está no coração do ser humano. Ele disse ainda que todos nós caminhamos para a guerra, que Deus é guerreiro e que a violência é o começo de tudo; que o mundo inteiro é palco de uma grande e eterna atrocidade, provocando dores que só terminarão quando o ser humano desaparecer por completo do nosso planeta.

— Nós queremos a guerra. O mal — disse Janne — não existe. É apenas uma palavra, uma tentativa para dar nome à violência, condenada a chegar a qualquer momento. Você, Malin, vocês, policiais, são apenas cachorros farejadores. Metem o focinho e mijam em tudo quanto é lugar. E tentam aguentar a barra.

O magma escorre por entre os pés das pessoas que bebem cerveja na praça, nesta pequena cidade e neste pequeníssimo canto do mundo.

“Eu estou firme, aqui, em pé.

“Preciso abraçar a violência, amá-la como amo a vida que levo. A maldade não tem cheiro nem som, falta-lhe textura. E, ao mesmo tempo, tem todos os cheiros e odores, todos os sons e todas as vivências do mundo que qualquer pessoa pode viver e sentir na pele.

“Uma garota enterrada.

“Um rapaz que morre aos pontapés, depois de uma festa.

“Uma estudante que explode em mil pedaços dentro de um ônibus.

“Uma bomba enterrada numa praia.

“Recuso-me a acreditar em você, Janne. Recuso-me, recuso-me, recuso-me...

“Mas você viu a guerra de perto.

“Vamos tomar uma cerveja na praça?

“Não.

“Essa comunidade não é a minha.

“Não nesta noite.

“Sou Batman”, pensa Malin. “Uma mercadoria estragada que quer cuidar de alguma coisa.”

Caminha na direção da rua Hamngatan e do bar Hamlet. Um cheiro fraco de fumaça dos incêndios na floresta chega até ela. Eles ainda não fecharam, e ela se senta ao balcão; sente-se segura entre aquelas velhas paredes de madeira escura.

É ela mais alguns beberrões na mesa do canto.

Aqui, a cerveja é barata.

— Olá, detetive — gritam eles.

Malin acena para eles no momento em que colocam o chope no balcão, na sua frente.

— Uma tequila dupla, por favor — diz ela para o *barman*.

— Você manda, Malin — responde ele, sorrindo. — Foi uma noite e tanto, não?

— Você não imagina — responde Malin. — Não imagina!

Daniel Högfeldt desligou o telefone, aprontou os artigos sobre o assassinato para a edição do dia seguinte. Depois, entrou na sala de reuniões, junto à redação, para descansar o corpo numa das cadeiras desconfortáveis.

Quer ficar sozinho.

O corpo parece exigir silêncio.

Pensa em Malin.

“Onde estará, agora?”

“Nós somos duas almas que se movimentam em volta uma da outra, nesta cidade, e que, de vez em quando, se encontram para brincar de amor. Durante algum tempo, nasceu a suspeita de que a brincadeira entre os dois havia se transformado mesmo em amor. Mas, agora, não.” Sabe, ou pensa que sabe, exatamente, o que quer de Malin Fors. E o que ela quer dele. Um canal para descarregar uma quantidade enorme de energia sexual. E é por isso que eles se dão tão bem na cama: os dois querem a mesma coisa, e, quanto maior a brincadeira, melhor.

Mas, por vezes...

Ao adormecer ao seu lado, ele olha para Malin e começa a hesitar.

É Malin quem ele espera?

Ele a quer?

“Não, não vou abrir o coração para uma decepção.” Daniel não sabe muita coisa sobre ela. Mas ela tem muitas fotografias de seu ex-marido, Janne, no apartamento. Parece ficar tranquila na presença de Janne e diante de sua filha.

“Onde está, Fors?”

Daniel levanta-se.

Começa a andar de um lado para o outro, inquieto, como se fosse para encurtar a sensação de que o tempo segue lento demais.

Há chamuscas em seus sonhos.

Isso acontece, às vezes, depois de ela ter bebido muito. Chamuscas frias comem suas pernas, querem puxá-la para a escuridão e dizem em voz baixa: “Nós vamos destruí-la, Malin, destruí-la. Mesmo que você escute o que nós temos a dizer”.

“O que é que vocês querem? O que querem dizer?”

“Nada, Malin, nada. Queremos apenas destruí-la.” Existem cobras nos sonhos. E animais com cascos.

E, quando ela acordar, vai se lembrar dos sonhos, nitidamente, das imagens que fluem constantemente, impossíveis de colocar em ordem.

Existe um rapaz nos sonhos.

Malin não sabe quem é, mas obriga-o a afastar-se, como se ela tivesse consciência de haver razão em sonhos. Esse é o mais negro de todos os sonhos, igual àquele que Janne tem quando sonha com as crianças de Ruanda, aquelas que tiveram as mãos cortadas e que ele alimentava no hospital dos refugiados. Os olhos deles. Olhos de seis, sete, oito anos de idade, cheios de sabedoria sobre como a vida será e de como a vida poderia ter sido.

E, então, ouve-se a voz das chamas:

“Acha que pode nos apagar?”

“Arrogância, vaidade, ganância, uma folia de tudo isso, Malin.”

E ela acorda e grita para as chamas: “Silêncio! Silêncio!”. Mas continua bêbada e sente a cerveja e a tequila dançando dentro de seu corpo. Lembra-se de quando cambaleara em direção à igreja de St. Lars e tentara ler a inscrição sobre o portão lateral. As letras desapareceram diante de seus olhos, mas ainda assim sabia o que estava escrito lá: “Abençoados são aqueles de coração puro; esses estarão perto de Deus”. Mais ou menos isso.

E depois?

Acordada a noite inteira. Os pensamentos em Tove, as saudades de Tove, a sonhar acordada com o bem conhecido corpo de Janne, o amor verdadeiro, deixando-a toda molhada embaixo, o que a leva a pensar em Daniel Högfeltd.

Excitada. Sexualmente excitada.

Dessa maneira, só mesmo por causa do álcool. E ela se acaricia e goza, em silêncio, depois de se ter desembaraçado do lençol que cobria seu corpo.

“Posso dormir agora?”

Mas o sono não chegou. Em vez disso, era como se o orgasmo permanecesse no corpo e confundisse sua mente. E ela puxou a coberta cobrindo-se até o rosto. Quando a luz do dia começou a penetrar aos poucos pela cortina da janela, ela ainda se fingia de morta, à maneira de Theresa Eckeved. Tentou sentir os medos e desesperos da adolescente, tentou sentir em si o que realmente aconteceu à garota, o que, realmente, causou a explosão do vulcão naquele momento.

Seu corpo ainda vivia.

O sangue era como magma nas veias.

Malin sente a falta de mais álcool.

Nessa altura, pensa em Maria Murvall. Em sua imagem no quarto do hospício de Vadstena. Na maldade que a atirou para aquele lugar.

A mesma maldade?

Sua mente marinada.

As pistas do caso a girar em volta.

Um vibrador? Azul?

Uma lésbica? Lollo Svensson. Um criminoso sexual? Um homem ferido? A equipe de futebol? Preconceitos, preconceitos, preconceitos. Peter Sköld. Nathalie Falck. Aquele que telefonou avisando sobre Josefin Davidsson?

Silêncio. Suspeitas, preconceitos.

“O que é que nós temos? E como está a situação de Behzad Karami e de Ali Shakbari em Berga? Maldito álibi familiar! Um rapaz ou alguns deles passaram dos limites e gostaram do que fizeram. E a dona do quiosque de sorvete?

“Mil possibilidades.

“Terras movediças que precisam ser aglutinadas e transformadas numa pedra preciosa.

“É isso que a cidade exige.

“Que os jornais exigem.

“As vítimas e seus familiares.

“E eu própria.

“Mas será que existe apenas uma verdade?”

E com essa ideia sua mente sucumbiu ao sono, o sono de uma hora sem sonhos, antes de acordar e de um novo dia de investigações sobre o caso das infelizes garotas de Linköping começar.

Os últimos resquícios da bebida da noite anterior parecem ter desaparecido assim que o corpo de Malin entra na piscina do balneário Tinnerbäckbadet.

Temperatura amena.

A água devia estar ainda mais fria, mas iria custar caro demais fazer com que a temperatura abaixasse num verão tão quente como esse. Ela nada a extensão de quatro piscinas. Chega. Sente que o corpo já protesta contra o esforço feito. Quer descansar. Mas, ao mesmo tempo, está gostando do frescor relativo.

É melhor do que o forno em que se transforma o ginásio da polícia.

O corpo está acordando.

A pessoa pode enlouquecer se não puder tomar banho num verão como este. Dois salva-vidas apanham com redes as primeiras folhas que caem, prematuramente, nas águas do lago. Malin olha para os salva-vidas trabalhando, enquanto enxuga o corpo com uma toalha felpuda rosa.

Malin fez uma leitura rápida do *Corren* antes de sair de casa.

O assassinato de Theresa Eckeved em seis páginas, declaração de Karim Akbar, fotografias do local do crime, da casa dos pais, mas nenhuma declaração por parte deles. A fotografia de Theresa, de seu corpo no local em que fora encontrado, ainda no plástico, de seu rosto na carteira de identidade e em fotografias de arquivo pessoal. Daniel Högfeldt teve a ajuda da “raposa” Harry Lavén na reportagem.

Título na primeira página: “Sangue no verão”.

Subtítulo: “A maldade espalha-se em Linköping”.

Está convencida de que foi o próprio Daniel Högfeldt quem escolheu os títulos. Deve ter trabalhado ontem que nem um louco, pois nem atendeu à sua chamada. Também deve ter entendido que não era do caso que ela queria falar, que queria outra coisa.

O caralho. Seu pau.

Por muito dura que seja a palavra, mesmo quando apenas só se pensa nela.

Malin pega suas coisas e dirige-se para o vestiário. Sente, perfeitamente, o cheiro do cloro, quase um cheiro de dar medo, mais puro do que qualquer outra coisa.

“Você tem razão, Daniel”, pensa Malin. “Chegou à cidade: *Sangue no verão*.”

“Um verão infernal.”

Repórteres de todas as redações de peso do país chegam à cidade e ficam de plantão à entrada do edifício da polícia. Jornalistas de blocos e gravadores na mão, fotógrafos e seus múltiplos olhos, carros da televisão estatal e da TV4... o sangue no verão é o sonho para aqueles que têm de carregar os

noticiários nas costas.

Para entrar, Malin tem de procurar caminho entre os repórteres suados, se bem que ela também está suada, depois do passeio de bicicleta que fez desde casa. Evita Daniel Högfeldt que lança longos olhares em sua direção, acena e grita: “Tem alguma coisa para me dar, Malin? Já existe alguma linha de investigação?”.

Mas Malin ignora-o. Ignora todos os outros também. Parte são rostos conhecidos de outras investigações.

Na entrada, tromba com Karim Akbar, vestindo um terno muitíssimo bem engomado de algodão bege e uma camisa azul-clara que lhe cai muito bem, contrastando com o bronzeado adquirido na praia de Västervik.

Malin nem se espanta de vê-lo ali, mas também não fica alegre por isso. Sabe que ele não consegue se manter afastado quando lhe é oferecida a oportunidade de uma cobertura jornalística de primeira classe.

— Malin! — chama ele. — Ainda bem que chegou. Senti-me obrigado a vir aqui, a fim de conduzir uma entrevista coletiva e ver como andam as investigações.

— Seja bem-vindo à casa — diz Malin. — Mas a investigação está sob controle. Você sabe que Sven Sjörmán é um dos líderes de investigações preliminares mais experientes da polícia. Não ia escrever um livro neste verão?

— Esqueça o livro, Malin Fors. A entrevista coletiva é às 9 horas. Eles terão de esperar lá fora até então.

— Você já sabe o que tem a dizer, Karim?

— São 8h15. Vamos ter de fazer uma reunião imediatamente. Martinsson e Sjöman já chegaram. Por que você...

Karim contém-se.

Olha Malin nos olhos, profundamente, nota o cansaço e desiste de dizer o que tinha em mente.

Em vez disso, pergunta:

— E Tove? Como ela está em Bali?

Malin sorri:

— Muito bem, pelo menos até há pouco, quando falei com ela. Obrigada pela preocupação. Mas vai ser bom quando ela voltar para casa.

— Tenho certeza disso — diz Karim.

Malin sabe que ele queria falar alguma coisa a respeito dos islamitas na ilha. Sabe que ele não gosta muito deles por tornarem a vida difícil para todos que parecem ter origem árabe.

São exatamente 8h30 da manhã.

O ar-condicionado da sala de reuniões geme, rabugento. Os quatro já estão sentados à mesa. As persianas da janela que dá para o parque infantil estão baixadas, para evitar a entrada de parte da luz do dia.

Quatro policiais.

Uma manhã de segunda-feira, depois de um fim de semana em que três deles trabalharam. O cansaço chega aos poucos, disfarçadamente, apesar da adrenalina que toda investigação sempre causa.

Um chefe, um líder de investigações preliminares e dois inspetores: pouca gente para uma investigação desse porte. E todos os quatro sabem disso. Sabem também que alguns colegas terão de interromper as férias. Ou, então, recorrerão a colegas dos distritos vizinhos. Há ainda uma terceira opção: convocar frotas da polícia central do Reino, a chamada *Rikskrim*.

Sven Sjöman é o primeiro a falar:

— Somos poucos para este caso, já sabemos disso. Minha proposta é convocar a *Rikskrim*. Assim, não precisamos chamar os colegas que estão de férias ou das delegacias vizinhas.

— Nada de *Rikskrim* — diz Karim. E Malin sabia que era isso o que ele iria dizer. — Já falei com os distritos de Motala, Mjölby e Norrköping. Vamos receber Sundsten, de Motala, e Ekenberg, de Mjölby. Em Norrköping, eles estão nas mesmas condições, sem gente suficiente, de modo que não podem enviar ninguém. Mas Sundsten e Ekenberg vão chegar ainda hoje ou, o mais tardar, amanhã. Do nosso pessoal, Börje está na África, e Johan, com a família, em algum lugar na província de Småland, acho eu.

— Ekenberg! — explode Zeke. — Vamos ter de aguentar mesmo essa besta?

Malin sabe o que Zeke quer dizer. Waldemar Ekenberg é conhecido por ser totalmente imprudente no trabalho e é também conhecido por escapar das investigações internas já feitas. Mas também tem os seus admiradores e fãs entre os colegas. Waldemar Ekenberg, sem dúvida, sempre faz o que precisa ser feito.

— Vamos ter de aceitar quem está disponível — diz Sven. — Eu mesmo irei controlar esse Ekenberg.

— E esse Sundsten, quem é ele?

— Uma nova promessa. Esteve no *Rikskrim*, em Kalmar, um ano antes de se mudar para Motala. É considerado competente.

— Ótimo — diz Zeke. — Precisamos de toda a ajuda de que podemos dispor.

— Tem razão — concorda Malin.

— Quanto mais eu penso nesses dois casos — continua Zeke —, mais tudo fica confuso e difuso, mais ou menos como olhar para o fogo: você foca uma chama, acha que a está vendo e logo ela desaparece e é substituída por outra.

Sven respira fundo, o que o faz tossir fortemente. Seu rosto, normalmente vermelho, fica ainda mais vermelho, e Malin preocupa-se, acha que o calor está prejudicando o já cansado coração de Sjöman.

— Muito bem — diz Karim. — O que é que temos? O que já sabemos? Vocês podem me atualizar a respeito do assunto?

— Malin?

Sven mal acabou de se recuperar do ataque de tosse.

— Nós estamos diante de dois crimes — diz Malin. — Em princípio, estamos convencidos de que se trata do mesmo criminoso.

E Malin continua, resumindo:

— Na quinta-feira, pela manhã, Josefin Davidsson foi encontrada no parque da Associação de Jardinagem, violentada, com toda a certeza, com um vibrador de cor azul. Tinha vários ferimentos, limpos e bem tratados. Continua no hospital da Universidade e não se lembra de nada do que lhe aconteceu. O crime de natureza sexual levou-nos a verificar o comportamento de um homem recentemente libertado, e acusado do mesmo tipo de crime, todavia o álibi dele foi considerado perfeito. Uma investigação porta a porta não deu resultado positivo. Ninguém viu nem ouviu nada. Nenhuma outra testemunha foi encontrada ou prestou qualquer informação sobre o caso. A provável utilização do vibrador também nos levou a considerar a hipótese de se tratar de uma mulher, uma criminosa, desculpem, de uma pessoa entre as lésbicas da cidade, porque o uso desse aparelho costuma ser frequente entre elas. Esta linha de pensamento nos levou a contatar Louise “Lollo” Svensson, que se recusou a nos deixar entrar em sua casa. Por isso, pedimos e conseguimos um mandado de busca que executamos ontem. Resultado: zero. Ela mencionou depois, rapidamente, que agora estamos obrigados, segundo as suas próprias palavras, a “verificar toda a equipe feminina de futebol”. O departamento técnico está analisando, neste momento, o computador de Louise para ver se existe alguma coisa que indique que ela é Lovelygirl, nome encontrado no Facebook de Theresa Eckeved como sendo de uma amiga.

Malin para, fica em silêncio.

Hesita.

Não menciona nada sobre aquela linha de investigação que a levou, ela e Zeke, ao encontro do infeliz Paul Anderlöv. Ficaré de fora. É melhor deixá-lo em paz.

E continua:

— Como chegamos aonde chegamos e do que sabemos está tudo nos relatórios, embora eu, como é natural, seja obrigada a não revelar a identidade de meus informantes. Fizemos uma averiguação mais cuidadosa das atividades de Ali Shakbari e Behzad Karami, mas eles também têm os seus álibis, embora familiares.

— Já sei disso — interrompe Karim, notoriamente irritado, novamente, pelos caminhos preconceituosos seguidos na investigação.

— Tento apenas atualizar as suas informações, Karim — diz Malin, calmamente. — De modo que possa falar de coisas inteligentes, desculpe, queria dizer, verdadeiras, para os jornalistas.

— Deixa-a continuar — pressiona Zeke.

— E assim, ontem, foi encontrado o corpo assassinado de Theresa Eckeved no balneário de Stavsätter. Estava enterrado e envolto num saco de lixo, de plástico transparente. Foi o cachorro de um dos banhistas que farejou o cadáver. Após uma avaliação rápida e preliminar, Karin Johannison, do laboratório de criminalística, constatou que também ela, Theresa Eckeved, foi vítima de uma penetração vaginal feita, provavelmente, com um vibrador azul. Isso nos deixou convencidos, claro, de que ambos os casos foram praticados pela mesma pessoa e estão ligados entre si. A causa da morte de Theresa foi por sufocamento, mas ela também recebeu uma pancada na cabeça, com um objeto contundente.

Provavelmente, foi assassinada no balneário. O corpo dela também foi limpo, segundo a análise de Karin, com um produto de limpeza de nome Klorin, exatamente como o corpo de Josefin Davidsson. Além disso, os ferimentos também foram exaustivamente limpos com um instrumento muito bem afiado, provavelmente um bisturi.

— Quer dizer que temos um louco à solta na cidade?

Malin ficou surpresa com as palavras de Karim, muito mais claras e simples do que as que costuma usar.

— Parece que sim — confirma Zeke.

— Uma pessoa — especifica Malin. — Não use a palavra “louco” para uma pessoa perturbada, talvez doente.

E ela pensa nos ferimentos das garotas, em como são iguais e, ao mesmo tempo, desiguais, como se houvesse uma atitude quase ilustrativa na violência praticada.

— Um bisturi? — pergunta Karim, interrompendo a linha de pensamento de Malin. — Quem pode ter um bisturi nas mãos?

— Talvez um bisturi — diz Malin. — Talvez. E, por outro lado, pode-se comprar um bisturi em qualquer farmácia.

— Será que precisamos colocar um segurança tomando conta de Josefin Davidsson? — pergunta Karim depois.

— Se o assassino quisesse matá-la, certamente já o teria feito — diz Sven. — Ao que parece, ela não estava em condições normais de fugir ou de ter fugido.

— Temos de ouvir o que dizem os pais. — completa Karim, antes de continuar: — Vocês fizeram um bom trabalho.

— Fizeram, sim — concorda Sven.

— Mas ainda não chegamos a lugar nenhum.

Zeke bate com os dedos em cima da mesa.

— Zeke, ela foi encontrada ontem — diz Sven.

— Theresa, sim, mas já tínhamos em mãos o caso de Josefin e ainda nem sequer sabemos quem é que telefonou avisando sobre ela.

E o silêncio toma conta da reunião. Todos sabem que os primeiros minutos, horas, dias são os mais importantes em qualquer investigação. Sabem que, com o passar do tempo, qualquer caso fica escorregadio, começa a deslizar, a escapar por entre os dedos dos mais experientes e talentosos detetives. Se permanece oculta por muito mais tempo, a verdade muda para sempre em relação aos implicados. Uma mudança pequena, mas bem nítida.

— Os reforços estão chegando — diz Sven. — A partir de agora, podemos acelerar as investigações. Proponho que Sundsten e Ekenberg confirmem os álibis dos criminosos sexuais da área. — E, continuando, informou: — Já tenho a lista pronta. E, depois, recomendamos que eles batam às portas dos vizinhos dos pais de Theresa, em Sturefors. Talvez alguém saiba de alguma coisa. Vocês, Malin e Zeke, vão fazer o

quê?

— Nós pensamos em falar com a dona do quiosque de sorvete. Não conseguimos encontrá-la ontem. Ou, melhor dizendo, desapareceu antes que tivéssemos tempo de falar com ela.

— Ótimo. Falem com ela e vejam aonde isso poderá nos levar. E se conversassem com os banhistas que costumam frequentar o balneário? — pergunta Karim, quase em tom apelativo.

— Nada, *niente* — diz Zeke. — Nenhuma outra testemunha se apresentou. Nenhuma sugestão nova. Toda a cidade parece estar em coma.

— Ela costumava nadar nesse lugar? — pergunta Sven.

— Eles têm piscina em casa, mas a mãe de Theresa afirmou — diz Malin — que a filha costumava ir de bicicleta até o balneário de vez em quando.

— Talvez ela tenha ido dar um mergulho no lago?

Malin concorda:

— Pode ser.

— Como é que vocês acham que devemos apresentar o assunto para a imprensa? — indaga Karim.

“Ele está nos pedindo ajuda para encarar a imprensa. Alguma vez tem de ser a primeira”, pensa Malin.

— Não dizemos nada, por sigilo de investigação — avança Zeke.

— Alguma coisa temos de lhes dar — diz Sven.

— Diga-lhes que trabalhamos com a teoria de que o assassinato tem a ver com a garota que foi violentada antes. Mas não fale nada a respeito de como e por que suspeitamos disso.

Malin acha que, pelo tom da voz de Zeke, está certa do seu ponto de vista a respeito do caso, mas, na realidade, ainda não dá para ter certeza de nada.

— Então, fazemos assim, como você diz — concorda Karim.

— E a equipe de futebol? A equipe feminina? — menciona Sven. — Telefonem para o treinador ou treinadora. Louise Svensson, afinal, mencionou a equipe. Isso pode significar alguma coisa, pois existe a tendência das adolescentes para a homossexualidade. Temos de aprofundar a investigação, também, nessa direção.

Malin faz uma careta.

— Ela apenas lançou a ideia. Quis ser irônica. E a minha fonte não chegou a falar nada sobre a equipe.

— Mas telefone — insiste Sven. — Mesmo assim, telefone.

— Como é que se chama o treinador? — pergunta Zeke.

— Treinadora — corrige Sven. — Chama-se qualquer coisa parecida com Pia Rasmefog. Aparentemente, é dinamarquesa.

Karim parece refletir. Não em relação ao caso de telefonar ou não para Pia Rasmefog, mas em relação a qualquer outra coisa.

— Nervoso por ter de enfrentar as hienas? — pergunta Zeke, sorrindo.

— Você sabe que essa é para mim a situação em que me sinto melhor, Martinsson.

Karim está autoconfiante.

Mas é correto telefonar para Pia Rasmefog? Não é apenas preconceito?

Malin está sentada à sua mesa no grande escritório coletivo.

— Quer dizer que é uma forma de preconceito meter no meio da investigação a equipe feminina de futebol só porque o assassinato e os ataques têm características lésbicas?

Zeke está um pouco afastado, junto à janela que dá para o estacionamento. As carrocerias dos carros expõem ar quente à luz do dia.

— Eu acho que não, Malin. Mesmo que Lollo Svensson tenha mencionado as palavras “toda a equipe feminina” por ironia quando cumpríamos o mandado de busca, não podemos deixar de verificar a situação, de nos fazer ouvir. E Viktoria Solhage jogava futebol. A equipe aparece várias vezes e em vários lugares na investigação.

— Claro, mas foi tudo por causa da menção feita por Lollo.

— Todo mundo sabe que nas equipes femininas de futebol existem muitas lésbicas.

— Está vendo como isso soa na sua boca, Zeke? Maluquice.

— Mas a questão é outra: estou errado?

— Então, telefone você. O número é 14 01 60.

Zeke espera três, quatro toques antes que alguém atenda do outro lado da linha. Ele está concentrado.

Malin está curiosa, quer ver como Zeke colocará a questão a Pia Rasmefog. Ela leu entrevistas com a treinadora dinamarquesa no *Corren*, sabe que é durona e que não deixa ninguém pisar nela, isso ficou bem claro pelo que apareceu escrito no jornal.

— Ah, bom dia — diz Zeke. Malin nota que a voz dele está mais rouca do que o normal, embora se exprima com clareza. Mas está nervoso. Não sabe ainda como se aproximar de Rasmefog.

— Aqui é o inspetor Zacharias Martinsson, da polícia de Linköping. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas breves. Não se importa que eu as faça agora?

O seu vocabulário é mais suave do que habitualmente.

— Muito bem. Então, é o seguinte: a equipe feminina de futebol foi citada várias vezes durante a investigação sobre o assassinato de Theresa Eckeved... Citada como? Isso eu estou impedido de dizer... Não, nenhuma jogadora em especial, mas de uma maneira geral... Sim, talvez isso... Mas... Oh, sim, é preconceituoso, mas acalme-se... É um crime muito sério que nós estamos investigando...

E, então, de repente, Zeke assume o comando da conversa. Pia Rasmefog parece compreender que ele, apesar de tudo, está sendo obrigado a perguntar, uma vez que a “equipe feminina de futebol” aparece citada na investigação, mesmo que seja apenas de passagem.

— Existe alguma jogadora que você considere capaz de cometer algum tipo de violência mais do que as outras? Não? Alguma que tenha mudado de atitude nos últimos dias? Também não? Nada que você ache que possa ser interessante para a polícia?

Zeke tira o telefone do ouvido, a conversa parece ter chegado ao fim.

— Ficou furiosa. Nem respondeu à última pergunta.

Karim Akbar atrai para si os flashes das câmeras que parecem afirmar: “Você existe! Você é especial!”.

Desanimados ou raivosos, os jornalistas estão à sua frente, vestidos com roupas leves, próprias para o calor de verão, mas ainda assim com aquela atitude típica da boemia jornalística que Karim odeia.

Karim não lhes deu muito. Em especial, Daniel Högfeldt e aquela mulherzinha colérica do *Aftonbladet* criticaram o silêncio da polícia.

— Você não pode responder a essa pergunta? — reagiu Daniel quase aos gritos. — Por sigilo de investigação? Você não acha que o público tem o direito de saber o máximo de informação possível quando há um assassino à solta na cidade? A preocupação só cresce na cidade. É isso que notamos. E com que direito vocês mantêm sob sigilo as informações?

— Nada aponta para o fato de nós estarmos escondendo informações.

— Os dois casos estão ligados?

É a mulherzinha do *Aftonbladet*.

— Sobre isso, não vou dizer nada.

— Mas vocês estão trabalhando segundo essa teoria?

— É uma das nossas hipóteses.

— Então qual é essa teoria?

— Estou impedido de responder a essa questão.

— Louise Svensson é suspeita de alguma coisa?

— Não, de momento, não.

— Quer dizer que o mandado de busca foi inútil, certo?

Karim fecha os olhos e os mantém fechados por alguns segundos, mas ouve uma nova voz:

— Afinal, alguma linha de investigação vocês devem estar seguindo, não é?

Karim volta a abrir os olhos ao mesmo tempo em que um dos muitos jornalistas presentes solta outra pergunta:

— Segundo se comenta, ela é lésbica. Vocês suspeitam da existência de lesbianismo no caso?

— Sem comentários.

Mais trabalhoso hoje do que normalmente, mais questionado do que nunca. De repente, sente vontade de abandonar o pódio, de voltar para o píer, junto da casa de férias, em Västervik. Precisa apenas lhes dar alguma coisa para calar a boca.

Nessa altura, diz as palavras e, antes de fechar a boca de novo, já sente que cometeu um erro.

— A investigação levou-nos a pesquisar a equipe feminina do Linköping Futebol Clube, do LFC.

— Como assim?

— Quer dizer que vocês suspeitam mesmo de uma ligação lésbica, não é?

— Isso eu não posso...

— São os preconceitos na polícia que levam vocês a investigar essa equipe feminina?

— Alguma jogadora em especial?

— Acha que isso vai influenciar o futebol feminino?

As perguntas são atiradas como balas contra ele, como estilhaços de alguma coisa que se espatifou.

“Que inferno”, pensa Karim. Depois, fecha os olhos novamente, por um curto momento, e pensa na família, em seu filho de oito anos que aprendeu a nadar há apenas uma semana.

O quiosque no balneário perto de Sturefors está fechado.

A fita de isolamento da área em volta do carvalho, onde no dia anterior desenterraram o corpo de Theresa Eckeved, continua no mesmo lugar. Veem-se apenas alguns banhistas e uma família com duas crianças pequenas. Estão sentados em uma toalha de praia junto às águas do lago, ao que parece, completamente alheios ao que aconteceu. Para Malin, o que aconteceu domina, enche toda a área, inclusive a atmosfera e os sons do lugar.

Slavenca Visnic.

Dona do quiosque naquele balneário e de outro, em Hjulsbro. E em Glyttinge. As informações foram das autoridades municipais. Ela administra os três quiosques em nome de uma empresa. Mas, no momento, o quiosque perto do carvalho está fechado, o que é compreensível.

— Eu também não o abriria — diz Malin para Zeke, enquanto os dois andam de um lado para o outro, no calor da manhã, diante do quiosque, com o cuidado de procurar a sombra das árvores, o que não evita que o suor escorra pelas suas testas. A camisa branca de Zeke está colada ao corpo, a blusa bege, ao corpo dela.

— Não, se as pessoas não vêm para cá, ela também não.

— Vamos até Hjulsbro. Pode ser que esteja lá.

Há o número de um celular nos papéis da autorização para funcionamento. Mas nenhuma resposta, ninguém atendeu à chamada.

— Vá indo para o carro — diz Malin.

Zeke olha para ela, acena com a cabeça e segue, depois, pela encosta na direção do prado onde o calor parece criar um novo tipo de quietude, natural, mas mesmo assim assustadora. Como se o calor fizesse com que todos os seres entrassem em um novo tipo de hibernação, a hibernação de verão!

Malin desce um pouco até a árvore, abaixa-se e passa pela fita de isolamento.

O buraco na terra.

Nenhuma minhoca fluorescente, mas há a sensação de que, do solo, a qualquer momento, sairá do chão um jato de chamas destruidoras.

Theresa.

Ela não está mais lá, mas Malin pode ver ainda o rosto dela.

Um olho aberto, o outro fechado. Os sinais do sufocamento no pescoço. O corpo branco, lavado e bem esfregado, e os ferimentos escuros como se fossem planetas perdidos, brilhando no espaço sideral.

E Malin pergunta a si mesma: “Como é que foi parar aí? Quem lhe queria tanto mal? Não tenha medo. Jamais irei desistir”.

Prometa, Malin Fors, que nunca desistirá de procurar a pessoa que cometeu o mal maior contra mim.

Eu tento afagar seus cabelos louros e quentes, mas os meus dedos, as palmas das mãos, não existem mais onde deviam existir, embora eu a veja nitidamente do lugar onde flutuo, por cima de ti.

As garotas.

Eu, Nathalie.

Peter. Você sabe muito bem o que havia entre nós. Mas ainda não entendeu por completo o que isso significa. Meu pai nunca entendeu. Não queria ver, talvez, o que eu era, sou.

A mesma coisa acontece com você, Malin, com seu pai. E, ao mesmo tempo, não acontece. Você colocava a culpa em sua mãe, que ela se interpunha no caminho, obscurecia e diminuía os cuidados de seu pai para com você.

Pode ser que sim.

Mas também pode ser outra coisa. Não é verdade?

Você está muito abaixo de mim, Malin.

Mas, ao mesmo tempo, muito próxima.

Porém de uma coisa está muito longe, Malin. É do saber.

Portanto, não desista.

Porque, embora eu saiba o que aconteceu, só você poderá contar a verdade para mamãe e papai.

Talvez a verdade possa ajudá-los.

Para mim, já nada disso tem importância.

Talvez eu seja, justamente, a verdade em pessoa. A única verdade pura e clara de que qualquer pessoa precise.

O vento sopra pela folhagem do carvalho, sacode as folhas. É um vento quente, mas onde está a conexão, as linhas entrelaçaram-se umas nas outras. “Como é que podem me guiar, nos guiar, na direção certa?”

As águas do lago quase parecem ferver com o calor. Quentes e quietas, mortalmente envenenadas, mas, ao mesmo tempo, infinitamente atraentes: “Mergulhe em mim que eu a levarei para o fundo do lago”.

“O que fez você, vocês, lá fora?”

Na realidade, não há maldade no lugar.

Malin deixa-se cair de joelhos, junto ao buraco, o antigo túmulo.

Ela mexe na terra com a mão.

Isso deixa seus dedos sujos, escuros. E o Sol se espelha nas águas do lago que parecem estar

artificialmente limpas, puras, à luz forte do dia. Os reflexos solares relampejam em seus olhos como se fossem facas afiadas a furar as retinas, mas ela não quer colocar os óculos escuros Ray Ban, quer ver a realidade tal como ela é. A blusa está colada às costas.

— Você, aí — ouve-se a voz de um homem. — Não pode ficar aí dentro.

É o homem da segurança do balneário.

Com toda a razão.

“Ele demonstra respeito por você, Theresa.”

Malin levanta-se.

Tira desajeitadamente a carteira do bolso da frente de sua saia jeans.

Mostra a identidade.

— Malin Fors, policial.

— Espero que vocês consigam colocar a mão no miserável que fez isso — diz o homem, à sua frente, mas já com o olhar virado para algum outro lugar no prado em que o verde está amarelado.

O quiosque no balneário de Hjulsbro também está fechado. Apesar de ser o momento de se conseguir juntar uma boa quantia com as vendas num dia como aquele. Há certamente uma centena de banhistas vagueando pela praia e mergulhando nas águas escuras do rio. O barulho da represa, um pouco mais abaixo, atravessa a atmosfera e chega até o local. As turbinas rodam à velocidade máxima e atiram para o ar um leve aroma metálico.

Um verão para se nadar.

As crianças menores brincam sem perigo na área delimitada das águas junto ao píer. Há também os adolescentes supercorajosos que mergulham lá bem no meio da correnteza e têm de lutar bastante para nadar e chegar à margem. Seus corpos, embora ainda longe de serem adultos, já surpreendem Malin. Transmitem potência.

— É bonito, aqui — diz Zeke, agachando no topo da encosta, à sombra de um pinheiro.

— Gostaria de saber até que ponto a água deste balneário refresca o corpo. Ela deve estar a uns 30 graus.

— É... E até que ponto está limpa?

— O calor excessivo deixa as pessoas obcecadas por limpeza — diz Malin, ao mesmo tempo em que faz uma pequena folha deslizar entre os dedos. A folha é macia e quase fria de um lado, áspera e quente do outro.

Até o quiosque diante do balneário de Glyttinge também está fechado. O balneário é particular e um sucesso num verão como aquele. Através da grade em volta da área, Malin e Zeke podem ouvir o barulho dos banhistas, seus gritos e chamados, seus risos de felicidade.

Atrás deles, um lugar denominado Skäggetorp. Não muito longe dali, Ryd.

Nada estranho o balneário estar cheio. Naquelas áreas, áreas de pobres e de imigrantes, os apartamentos em que vivem são também as casas de veraneio.

— Vamos à casa da Slavenca Visnic. Talvez esteja doente.

— De qualquer forma, é muito estranho que os três quiosques estejam fechados nesta época — comenta Malin. — É agora que eles dão lucro. E, se ela própria não está em nenhum deles, devia ter funcionários.

— Tive uma ideia, Malin.

— Tem algo de errado nessa história.

— É este calor que está errado, Malin. Vamos aproveitar e dar um mergulho para clarear as ideias?

— Trouxe alguma roupa de banho?

— Serve a minha própria pele, não?

— Já posso ver o título no *Corren* diante dos olhos: “Policiais nus no balneário de Glyttinge”.

— Disso o senhor Högfeltdt iria gostar — diz Zeke.

— O que quer dizer?

— O que eu quero dizer?

— Sim?

— Não quero dizer nada em especial. Calma aí, Malin.

Até mesmo o apartamento de Slavenca Visnic no Gamlegården 3B, no bairro de Skäggetorp, está deserto.

O cheiro dos incêndios florestais é evidente, pois estão mais próximos e a fumaceira espalha-se pelos arredores e entre os prédios baixos da área.

Tocam a campainha, mas ninguém abre a porta. Nada de ruídos vindos de dentro dos apartamentos e nem conseguem ver ninguém através das persianas das janelas térreas. Veem apenas as silhuetas dos móveis na obscuridade do interior: um sofá, uma mesa, algumas poltronas e uma estante quase vazia de livros num chão que parece ser de tacos de carvalho.

— Será que essa pessoa existe?

— Parece que não — responde Zeke.

— Talvez ela tenha viajado para o exterior, ou apenas por hoje.

— Não pode ser, agora, com três quiosques?

— Vamos ter de ver os antecedentes criminais dela. O departamento de imigração deve ter essas informações, deve saber de alguma coisa. Aposto o meu uniforme que não vai sair coisa boa.

Nesse momento, seu telefone toca.

Sven Sjöman.

— Uma mulher que corria na pista de Ryd ontem à noite telefonou. Disse que se sentiu observada, que alguém a estava seguindo, estava em seu encalço. Estão com tempo para ouvir o que ela tem a dizer?

— Sim, não há mais nada a fazer aqui.

Um nome.

Um endereço, mais abaixo, na rua Konsistoriegatan.

Linda Karlå convida-os para um suco de laranja bem gelado na cozinha, no apartamento mobiliado com bom gosto, de sala e quarto, onde mora. O apartamento faz parte de uma construção da década de 1930, de cor bege, bem conservada. Pertence a uma das mais antigas associações de moradores da cidade, com preços absurdos por metro quadrado.

Estão sentados à mesa e bebem os seus sucos. Linda Karlå pede desculpas por tomar o tempo deles. Zeke explica que estão interessados em tudo que tiver ligação com o assassinato e o ataque.

— Eu estava na pista, correndo — diz Linda Karlå. — Corro bastante. Não com tanta frequência na floresta de Ryd. Não sei. De repente, fiquei com a sensação de que alguém estava me observando, lá na frente, na floresta, a minha espera. Não via nada, mas alguém estava lá. Podia ser um homem ou uma mulher. Só sabia que estava sendo observada. E, quando corri mais rápido, alguém me seguiu. Assim

como se fosse um som arrastado. De qualquer forma, foi assim que eu entendi o som produzido. Mas eu sou rápida. Cheguei logo ao estacionamento.

— Você não viu nada? — pergunta Malin, com um tom de curiosidade na voz.

— Não. Mas alguém estava lá. Achei que vocês deviam saber. Talvez o criminoso more em Ryd?

— Talvez. Se for ele ou ela.

— De qualquer forma, fiquei com muito medo.

— Mantenha-se longe da pista de Ryd durante algum tempo — diz Zeke. — Continue a correr, mas em ruas abertas até que ponhamos ordem nas coisas.

Linda Karlå parece ficar calma.

Quase surpreendida com o fato de eles levarem seus medos a sério.

— Talvez seja até melhor aproveitar o tempo para nadar — diz ela. — Existem balneários muito bons em toda a cidade.

Já na rua, a caminho do carro, Zeke vira-se para Malin e pergunta:

— O que acha dessa história?

— E o que é que você acha que eu acho da porra dessa história?

Já passa um pouco das duas horas da tarde quando chegam ao departamento. Almoçam rapidamente no restaurante da Ikea, em Tornby, com o shopping cheio de gente fugindo do calor e olhando as promoções de verão na loja do Folkhems-Ingvar.

Karim Akbar está de cara amarrada, diante de seu computador e no lugar que ele próprio arranhou na ampla sala dos inspetores, um complemento para sua grande sala individual, no andar de cima.

— Que será que o preocupa? — pergunta Zeke, ao mesmo tempo que enxuga o suor na testa e afasta o tecido da camisa grudado em seu corpo.

— Não faço a menor ideia — diz Malin. — Já sentiu que ficou mais fresco aqui dentro, que os técnicos conseguiram, enfim, consertar o ar-condicionado?

— Está perfeito — diz Zeke. — Não deve estar mais de 20 graus.

Karim chama-os com um aceno.

Duas imagens abertas na tela gigantesca.

Aftonbladet e *Corren*.

Ambos os jornais deram visibilidade para o futebol como assunto principal.

“Uma lésbica assassina?” é o título do *Aftonbladet*, acompanhado da fotografia da equipe. O texto começa: “Segundo o chefe de polícia, Karim Akbar, as investigações estão agora direcionadas para a equipe feminina de futebol de Linköping...”

Corren: “Assassinato ou preconceito?”

“... a polícia dirige agora os olhares para a equipe feminina e ainda não está esclarecido...”

Ambos os *sites* citam as palavras de Pia Rasmefog.

Ela sente-se ofendida pelo fato de a equipe ter sido mencionada sem que fossem apresentados dados

concretos, mas apenas supondo que o crime pode ter sido cometido por uma lésbica, e que a equipe feminina de futebol, segundo os preconceitos mais assumidos, é um antro de jogadoras lésbicas. E, pior ainda, segundo Pia, é a indicação de que as lésbicas são superviolentas, um mal-entendido que cresce na nossa comunidade.

— Isso demonstra as limitações da polícia em vários e diferentes níveis — disse ela para o *Aftonbladet*.

— Inacreditável. Que merda! — exclama Zeke. — Como é que conseguiu fazer isso, Karim?

— Fizemos apenas uma ligação telefônica — diz Malin. — Com base em palavras ouvidas durante um interrogatório. Não estamos investigando nenhuma equipe de futebol. O que você disse na entrevista coletiva?

Malin está em frente de Karim, espera vê-lo constrangido e zangado, envergonhado diante do erro cometido, mas em vez disso ele se mostra concentrado.

— Eu disse que a equipe foi mencionada durante a investigação.

— E por que disse uma coisa dessas?

— Eles me pressionaram, e eu quis lhes dizer alguma coisa. E, por pura idiotice, disse isso. Foi o que me veio à cabeça! Por outro lado, talvez a repercussão do caso leve a novas pistas.

Sven Sjöman aproxima-se.

Não consegue esconder um sorriso ao ler o que está no monitor.

— Podemos sair com um desmentido — diz ele.

— Nada dessa porra de desmentido — diz Karim. — Deixe como está.

O talento de Karim para manipular a mídia sempre impressionou Malin. Além de sua capacidade em se colocar na frente dos holofotes.

Mas agora.

Que falha.

“Isso nos faz parecer pessoas da Idade da Pedra.

“Como uma tropa de choque batendo em homossexuais.

“Eu acho que é, você acha que eu sou, eu acho que vai fazer, você faz e eu faço, também...”

“O que estragamos com nossas palavras. Os preconceitos confirmam e colocam a maldade em ação.”

“O calor cozinha todas as mentes”, pensa Malin indo em direção à sua mesa. “As mentes estão num forno e deixam de funcionar.”

Ela olha para Karim a distância.

O corpo bem treinado e vestido com um terno de linho está jogado na cadeira, demonstra um cansaço que ela nunca viu antes, como se estivesse aborrecido com a mídia, com as pequenas e ridículas trocas de favores, de informações e de opiniões. Como se estivesse com saudades de coisas claras. Preto no branco.

“Felicidades, Karim”, pensa Malin. “Há milhões de anos que o mundo é preto e branco. Hoje, é composto de milhões de cores, a maioria chocantes e assustadoras, mas muitas são bonitas, fazendo o

coração chorar, motivos sem fim para agradecer por cada dia que se passa na Terra.”

Toca o telefone.

— Fors.

— Aqui é Viktoria Solhage. Já li o que está na internet. Você deve entender como eu estou desapontada.

Ou não?

— Viktoria, eu...

— Chega de preconceitos, Malin Fors. Eu confiei em você.

— Viktoria...

Clique.

Silêncio. Desligou. Nada mais.

Somente o pensamento de Malin de que tudo está indo para o inferno.

Aqui embaixo, o ar-condicionado não chega. Nem mesmo os ventiladores parecem funcionar. E as pequenas janelas que dão para o jardim estão, evidentemente, abertas, mas o ar que entra por elas é tão quente que até parece não conter oxigênio.

É o ginásio no porão do edifício da polícia

Um dos lugares favoritos de Malin.

Tem de descer apesar do calor.

Tem de descer, mesmo hoje, quando o ginásio mais lembra o que deve ser uma das antecâmaras do inferno. E as paredes recém-pintadas de amarelo adquirem a cor do fogo quando vistas por olhos ofuscados pelo suor salgado.

Acaba de fazer 10 minutos na esteira.

O traje esportivo ensopado de suor.

Chega a acreditar que estava prestes a desmaiar.

Pensa em Nathalie Falck. Quer ouvi-la novamente, mas o que poderia ela acrescentar ao que disse antes? É preciso deixar o tempo trabalhar. Tempo que eles não têm.

Um peso de 15 quilos em cada mão, para cima e para baixo, para cima e para baixo, 15 vezes sem descansar.

Os músculos dos braços são longos, magros, porém fortes, mais fortes do que parecem.

Cansada, de tal maneira que tem a sensação de querer vomitar. Já aconteceu isso antes, ter de vomitar no balde verde que serve de cesto de lixo, perto da porta de entrada do ginásio.

Na maior parte das vezes, fica sozinha no ginásio.

A maioria prefere treinar no centro da cidade.

Mas Malin gosta da sensação de estar numa gruta, às vezes, na companhia do colega Johan Jakobsson, quando ele consegue tempo entre a ida à creche para buscar e levar as crianças e ficar com a consciência pesada em todos os sentidos. Malin pode ver como a vida em família o deixa cansado, como começam a aparecer as rugas em sua testa, antes tão lisa e jovem.

“Tove.

“Estou com 34 anos.

“Gostaria de ter, já devia ter até mais rugas na testa. Ainda que não goste das que tenho.

“Diabos.

“Vou ter de tirar de mim toda a merda que este verão trouxe consigo. Vou espremer essa merda de mim.

“Tove.

“Em breve estará de volta.

“Janne. Como é que posso sentir tanta falta de você, mesmo tendo se passado mais de 10 anos desde o tempo em que vivíamos juntos?”

“Eu o vejo a distância.

“O seu futuro já não é mais aquele, torna-se mais pálido com o passar dos anos, não é? Longe um do outro, crescemos os dois. Pode o amor funcionar dessa maneira?”

Mentira ao dizer que não podia levá-los ao aeroporto de Skavsta. A companhia Ryanair iria levá-los para Londres e, em seguida, voariam direto para Bali, com alguma dessas empresas de voos fretados.

As despedidas no *hall* do apartamento, há 12 dias, como a cena de um filme na memória, sem som, sem aroma, Janne e ela, um aguardando a iniciativa do outro. Todos os três estranhamente em silêncio, como se os anos de desejos ardentes e de faltas sentidas ficassem bem expressos, ali no *hall* de entrada, diante da distância prevista.

O que poderia ter acontecido.

Ela abraçou e beijou Tove e Janne. E, depois, as habituais frases de despedida, a sensação de que novas frases seriam precisas, aquelas que as pessoas nunca pronunciam.

“Como vamos fazer?”

Foi o que ela pensou. Malin notou como ele ficou cheio de dúvidas quando abriu a boca e disse:

— Você devia vir conosco.

E, nesse momento, ela quis bater nele, saltar para cima dele, sugar o seu sangue e, ao mesmo tempo, sentar-se ao seu lado, no avião, com a cabeça encostada no seu ombro, e Tove dormindo ao lado deles. Os dois acordados e juntos, formando uma unidade fechada, sussurrante.

Mas, em vez disso, ela disse:

— Janne, que merda, você sabe que isso é impossível! — E ela sentiu que já disse, sussurrou, gritou essas palavras milhares de vezes, que elas se tornaram um feitiço para os dois, uma espécie de verdade, graças ao fato de terem sido expressas e pensadas, repetidamente, em diversas ocasiões. E que Tove não precisava ouvir mais uma vez esse chavão cansativo.

Tove, dolorosamente ciente. Janne, dolorosamente consciente.

“O que é que vamos fazer com você, amada jovem?”

Eles deixaram o apartamento. O amigo de Janne, Pecka, buzina na rua febrilmente. Uma despedida chocante. Um mau presságio.

E ela foi direto para a cama.

Não.

Foi direto para o apartamento de Daniel Högfeldt.

E deixou que ele a segurasse e possuísse entre as cabeceiras de sua cama Mio.

“E foi isso que ele fez. Tirou-me de minha tristeza.

“Foi uma maravilha.”

Malin passa em frente à entrada principal do hospital, ao sair do edifício da polícia local.

Ficara bastante tempo no ginásio; depois perdeu meia hora falando com Ebba na recepção a respeito do calor e das filhas adolescentes e *aborrecentes*. Ebba tem gêmeas de 16 anos que são, realmente, um problema.

Depois, Malin ficou sentada à sua mesa, no escritório, durante horas, pensando, suando e tentando se livrar da papelada acumulada e lendo o relatório do departamento de imigração sobre Slavenca Visnic que chegou por *e-mail* enviado por um jovem colega fardado, de que Zeke já lhe havia falado.

“Foi rápido”, pensou ela, ao ver o *e-mail* na caixa de entrada. E, depois, leu o relatório sobre como Slavenca Visnic chegou da Bósnia em 1994, da história de como o marido dela e duas crianças, de quatro e seis anos, morreram queimados, quando a casa em que moravam em Sarajevo foi atingida por granadas incendiárias, como ela ficou prisioneira das forças sérvias quando tentou fugir do inferno em que se transformou a cidade. Como eles a violentaram durante duas semanas, como ela conseguiu fugir, mas se recusou a contar os detalhes, e que vagueara pelas florestas e estradas, noites e dias, até chegar a Dubrovnik, de onde, de alguma maneira, conseguiu ir para a Itália, para mais tarde aparecer em Ystad, na Suécia.

Grávida.

Aborto realizado na décima oitava semana, no hospital de Norrköping.

Malin logo viu que as datas não coincidiam.

As datas em que ela foi violentada pelos sérvios e a data do aborto.

No mínimo, 24 semanas de intervalo.

Algo vivo.

Algo que foi morto.

Para que algo diferente possa viver.

A imagem de Slavenca Visnic, cabelos escuros e compridos, traços firmes, olhos cansados e zangados, mas conscientes das metas a alcançar.

“Esta é você?”, pensou Malin. “Esta é você?”, agora, ao olhar para as janelas do hospital, pontos iluminados em contraste com o céu escurecido do crepúsculo.

E ela segue em frente.

Passos apressados.

Desce para o parque, para as árvores e seus troncos escuros.

Malin segue pelo caminho que leva ao caramanchão no qual Josefin Davidsson foi encontrada nua, vagando. Ela própria movimenta-se lentamente, despe-se em pensamento e tenta imaginar o que poderia ter acontecido.

“Você quer garotas jovens. Lava-as completamente, purificando-as. O que quer delas? A virgindade? Por que uma morta e uma viva? Ela fugiu de você, a Josefin? Os ferimentos que você causa são limpos e até os de Theresa você os tratou. Gosta de fazer tudo com perfeição, não é?”

Medo e solidão.

“Eu não quero estar aqui.”

Balanços parados.

Os sons da cidade em movimentos lentos, sonolentos. O cheiro dos incêndios, permanentemente, atacando o nariz. Mais fraco naquela noite. O vento sopra para o outro lado.

Uma coisa azul.

Depois, um ruído estranho vindo de cima, da árvore. Tem alguém aí? Alguém está observando? Uma ave predadora?

Malin vira-se, uma figura negra movimenta-se em sua direção.

“O que é isso?”

“O que está acontecendo?”

Fuja agora.

Está em movimento.

Eu flutuo e grito em seu ouvido, mas você não ouve nada.

Eu desapareço.

Não quero ver e ouvir isso.

Mas nós vamos nos ver em breve, de novo.

Se não consegue me ouvir, vamos nos ver em breve.

Sofia Fredén aceitou contra sua vontade o trabalho como lavadora de pratos no Frimis. Na verdade, não quer trabalhar neste verão. Mas é um trabalho muito bem pago e também é fácil chegar de trem de Mjölby, com a estação a poucos metros do hotel.

Está cansada após um longo turno de serviço no calor e na umidade.

Ela anda a caminho da estação, sem pensar, com o cérebro como que apagado, pela parte mais escura do parque ferroviário, o Järnvägsparken. A luz da cidade está próxima, aqui nada pode acontecer-lhe e, aos ouvidos, ela escuta música do iPod, música baixada da internet. Escuta os grandes sucessos de Jens Lekman e fica ainda mais cansada.

Passa por um bosque de arbustos de sorveiras e bordos e por um grande carvalho.

Canta pelo caminho.

Sofia Fredén não escuta quando alguém começa a se mexer entre os arbustos, atrás dela. Não escuta a aproximação, sente apenas a força de um braço que a prende por trás e pela cintura e, em seguida, sente que está estendida no chão entre quatro arbustos de sorveiras. O chão cheira mal, a urina, numa parte escura da cidade, e ela tenta salvar sua vida.

O veado desaparece. Quando se mostrou para Malin, o animal virou-se e desceu para um lugar perto do hotel Ekoxen.

O coração de Malin continua batendo, descompassadamente, por causa da descarga de adrenalina.

Ela, porém, segue até o caramanchão. Senta-se num dos bancos de madeira e tenta reviver as imagens do caso de Josefin que tem na mente.

As pessoas, os lugares.

Mas tudo se transforma numa massa disforme e uma inquietação passa por seu corpo, uma brancura luminosa e um aperto que se fixa em seu diafragma.

É um bom cartaz para Linköping quando se sabe que na cidade os veados se atrevem a vir até o centro.

Mas há mais do que somente veados em movimento no parque. Não estão sozinhos nessa noite.

Nós somos duas agora, Malin Fors.

Mas Sofia Fredén ainda não sabe de sua situação.

Vou tentar ajudá-la o máximo que puder.

Mas receio que o meu medo não sirva nem para tomar conta de mim mesma.

Acabe com a minha preocupação, Malin. Isso é uma das coisas que nós, seres humanos, precisamos fazer uns pelos outros.

Sei disso agora, do lugar onde flutuo.

O relógio no Instituto Tecnológico marca 5h42.

Há muito que o dia está claro, e o sol, fortíssimo.

A bicicleta negra vai de um lado para o outro pelo asfalto. O caminho mais rápido para a casa em Stångebro passa pelo Centro Cloetta e segue, depois, pelo túnel por baixo das linhas ferroviárias e atravessa o também chamado Järvägsparken, ou seja, o parque das ferrovias.

Ressaca.

“Mas eu sou o Super-Homem”, pensa Patrik Karlsson, enquanto pedala fazendo esforço na direção do túnel.

A festa de ontem. Eles fizeram um churrasco lá em casa, no jardim. A mãe e o pai foram para a casa de campo. E agora ele está a caminho do Frimis e do trabalho que costuma arranjar no verão para ganhar umas coroas como garçon, servindo o café da manhã.

Colocar ovos para cozinhar.

Toalhas nas mesas.

Nada de bolinhos de arroz, se os turistas do hotel são alemães. Eles costumam pegar todos os bolinhos pelo preço de um café da manhã completo.

Está mais quente no túnel. Mas são apenas alguns segundos.

Mais uma subida pelo Centro de Agências de Viagens.

O Järnvägsparken.

Em volta, as casas construídas no início do século XX, apartamentos fantásticos, cada um com 10 cômodos enormes, lares de sonho. Ele sabe. Conheceu uma garota que morava num deles, uma menina ótima que se chamava Cornelina. Que nome horrível!

Gostaria de saber se Sofia vem lavar os pratos hoje.

Passa pelos arbustos na estrada. Aquelas árvores baixas que a mãe acha tão bonitas.

Mas...

Na encosta, entre os arbustos, à luz difusa do amanhecer, um corpo encontra-se deitado. A essa hora, ninguém devia estar deitado ali.

Patrik Karlsson para.

Deixa a bicicleta no gramado.

Sente-se agoniado em consequência de todo o vinho bebido na noite anterior, porém fica ainda mais agoniado com o que está vendo.

Avança, cambaleando.

Jaz um corpo entre o arvoredo.

Volta.

“Não posso.”

O corpo está nu, branco, como se tivesse sido lavado, apesar de todo o sangue que sai do ferimento.

O rosto.

Os olhos bem abertos, azul-claros, longe de estarem vivos.

Sofia.

A que lava pratos.

“Coisa que ela não vai fazer hoje. Nem nunca mais”, pensa Patrik Karlsson antes de soltar um grito abafado.

— Aconteceu de novo.

A voz de Zeke, mais cansada do que nunca. Malin notou. Voz de cansaço, com uma modulação nova e estranha, não de resignação, mas de quase indiferença, o que assusta Malin ainda mais.

Ela já viu essa indiferença em alguns colegas mais velhos. Espera que nem ela nem Zeke cheguem a esse ponto; sobretudo Zeke, nunca Zeke, nunca aquele compromisso congênito que, de certa forma, existe em seu olhar esverdeado, duro. Esse não poderá desaparecer nunca. Ou pode?

E ele repete tudo novamente.

E Malin, sentada nua na cama, em cima de um lençol suado, não quer enfrentar a ideia. Espera que tenham encontrado a jovem ainda com vida, perambulando por algum parque ou em outro lugar qualquer. Mas compreende pelo tom de voz de Zeke que não é o caso.

Ela acordou de seu sono sem sonhos com o toque do telefone.

Aconteceu de novo.

Eles acharam Josefin na quinta, Theresa no domingo e, agora, dois dias depois, mais uma garota. Morta?

— Como ela está?

— Mal, o pior possível.

Malin cerra o punho para não deixar cair o telefone.

— Não diga que houve mais uma morte.

— *You're right* — sussurra Zeke. — Está na hora de apanharmos esse filho da mãe.

São apenas 200 metros da casa de Malin até o local do novo crime. Ela caminha pela sombra da rua St. Larsgatan. Apressa o passo, não quer ver aquilo que ela já sabe que vai ver.

Nada de cheiro de queimada na floresta, pois o vento sopra hoje em outra direção. Mas Malin ainda sente o cheiro pairando sobre a cidade, a fumaça, o som do fogo consumindo a madeira das árvores.

O calor.

A implacável consequência de um verão excepcionalmente quente e seco.

O medo.

A consciência de que a maldade está solta.

Fiquem em casa, meninas. Não saiam. Ou saiam em grupos só durante o dia, fiquem atentas, enganem a morte que pode vir de qualquer lado.

A violência sufoca a cidade ilustre de Linköping. É uma cobra que rasteja por entre fábricas orgulhosas, empresas modernas de comunicação, universidades e hospitais. E, entre os habitantes, um mais ilustre — mas também com mais medo — do que o outro.

“O medo é um parasita. Sua forma de agir, a violência. Sua ação está consumindo, lentamente, a alegria de viver de uma cidade inteira. Caso nós não consigamos acabar logo com ele”, pensa Malin.

Ela passa pela redação do jornal *Corren*, na rua St. Larsgatan.

Daniel já deve estar no Järnvägsparken.

Frimis.

Zeke disse que a vítima e o rapaz que a encontrou trabalhavam juntos temporariamente no Frimis.

A fachada do hotel parece um castelo medieval. É lá dentro que os membros da maçonaria realizam suas reuniões. Karim é um deles. E o filho de Zeke já fez uma palestra para os velhotes sobre como ser um atleta de elite.

Malin poderia pensar em quase tudo, menos naquilo que encontrou pela frente, ao virar a esquina para o parque: duas viaturas, muitos policiais fardados, barreiras montadas e muitos jornalistas e fotógrafos.

Arbustos baixos, bem formados, densos, ladeando o caminho de brita.

Por trás, um belo bosque. São rododendros?

Não. São sorveiras, limeiras e carvalhos.

Karin Johannison já está dentro do bosque.

Malin pode avistar o tecido florido, de um vermelho alaranjado, do lindo vestido que ela já viu Karin usar antes.

Karin está inclinada sobre o corpo da jovem.

— Seu nome era Sofia Fredén.

Malin nota cansaço também na voz de Karin. Não indiferença nem resignação, mas compaixão. De certa maneira, um sentimento que ela nunca a viu demonstrar.

— Mais uma — diz Karin, levantando-se e encarando Malin, com um olhar de lamento e, ao mesmo tempo, de raiva. Mais uma — repete ela.

E Malin concorda, olha para os olhos fechados e o corpo bem lavado, esfregado, de uma brancura quase transparente. Cortes profundos, pelo peito, cuidadosamente feitos, mas diferentes dos encontrados nos corpos de Theresa e de Josefin. O sangue que escorre dos ferimentos torna o aspecto geral estranhamente harmonioso, quase bonito, graças ao contraste entre a pele branca e o vermelho do sangue.

O odor de Klorin é evidente.

— Ela parece quase uma brasa de fogo — diz Malin. — Tem alguma ideia a respeito dos ferimentos

produzidos? Alguma diferença em relação aos feitos nas outras vítimas? Parece que há mais sangue.

— Ferimentos? — reage Karin. — São diferentes. Parecem feitos com alguma espécie de unha. De um pequeno pássaro, de um porquinho-da-índia, talvez de um coelho ou um gato. E por que há mais sangue? O assassino talvez não tenha tido tempo para lavá-la ou esperar que o sangramento parasse. Afinal, estamos bem no centro da cidade.

Na voz de Karin não há mais aquele ar de superioridade que, normalmente, existia, o que a torna mais agradável, mais humilde.

Unhas de coelho.

Está ainda em seu caminho? Se acertar, o problema estará resolvido, todos os seus desejos se realizarão?

As gaiolas no quintal de Lollo Svensson.

— É como se ele ou ela estivesse fazendo experiências — diz Malin para Karin —, visto que os ferimentos se diferenciam de caso para caso.

— Pode ser, Malin. Mas não tenho certeza.

Ela escuta a voz de Daniel Högfeldt um pouco distante:

— Malin, é o mesmo criminoso?

É Karin quem responde à pergunta, em voz baixa. Dirige a resposta para Malin.

— Partículas azuis na vagina, o corpo lavado, estrangulamento. Posso garantir a vocês que estamos lidando com uma e a mesma pessoa criminosa.

Malin encara Karin. Seus olhos piscam lentamente, em sinal de concordância.

— Podia ser qualquer uma de nós, Malin, se fôssemos mais jovens.

— E o rapaz que a encontrou?

— Está com Martinsson no Volvo, no estacionamento.

Patrik Karlsson está cheio de medo no assento de trás, no carro.

Parece acreditar que vão achá-lo suspeito.

— Não acreditamos que você tenha alguma coisa a ver com o caso, Patrik. Nem por um segundo.

O ar-condicionado no carro está funcionando a toda a força, produzindo o som mais usual e mais agradável de se ouvir nesse anormal verão sueco.

— Já verificamos seu álibi — diz Zeke. — E sabemos que vocês trabalhavam juntos. No momento, o que queremos é saber se você pode nos dizer mais alguma coisa a respeito dela.

— Eu falei com ela apenas algumas poucas vezes.

Suas faces de adolescente se movimentam enquanto fala.

— Ela trabalhava muito lavando a louça. Costumava dizer que desejava estar trabalhando no restaurante do Tinnis, onde trabalhara no verão passado.

Tinnis.

Como eu gostaria de estar nadando no Tinnis...

— Eu não a conhecia. É claro, eu a achava bonita. Mas como eu disse: estava a caminho do trabalho e passando por aqui, de bicicleta.

“Sofia”, pensa Malin.

“Estava apenas a caminho do trabalho.

“Mas será que passou pelo criminoso?”

— Você sabe onde Sofia morava?

— Em Mjölby. Certamente devia estar a caminho do trem.

— Mjölby?

Malin fecha os olhos.

“Estamos atrasados, a uma distância de centenas de passos”, pensa ela.

É um desses dias em que Malin gostaria de beber uma, duas, três, quatro cervejas durante o almoço e continuar bebendo durante a tarde uma grande garrafa de tequila. Mas isso nunca acontecerá. Ela nunca cede a esse tipo de impulso. E chega atrasada a uma reunião matinal no departamento.

Karim Akbar está à ponta da mesa, concentrado. O quadro branco atrás reflete uma luz pálida, iluminado pela luz do dia que atravessa as persianas abaixadas, mas apenas um pouco inclinadas.

Sven Sjöman está sentado à sua esquerda, as bolsas dos olhos inchadas e a barriga saliente sob uma camisa creme de algodão. Malin sabe que ele sofre muito com o calor, que é com muito mais dificuldade do que os outros que ele aguenta os dias quentes como esses. Notou que ele está cada vez mais cansado, já desde a primavera, mas não quis perguntar por quê. Não quis falar sobre o que já imaginava. Não queria nem pensar no que aconteceria se ele ficasse doente ou se o seu coração pudesse ceder.

Mentor.

“Tem sido o meu mentor.”

O mantra dele: “Escute bem as vozes no inquérito, Malin. Ouça o que elas tentam lhe dizer”. Mantra que ela traduziu, lentamente, ao longo de dias, semanas, meses e anos, da seguinte maneira: “Veja as imagens, sinta as insinuações, perceba os padrões”.

Zeke em frente de Sven.

Novamente afiado, costas retas, pronto para enfrentar toda a espécie de merda que queiram atirar contra os dois. *I'll break for nobody!* Seu olhar esfomeado, nada a esconder, uma pessoa atenta.

Pela primeira vez, os colegas de Motala e Mjölby comparecem à reunião.

Sundsten. Per.

Uma reprodução mais jovem, sem crianças, de Johan Jakobsson. Magro, ossos salientes, está sentado com o rosto transparente entre cabelos longos, lisos, vestido com um terno enrugado de linho. Um olhar de inocência alerta e um nariz bem afiado que se inclina sobre os lábios. “Ele parece inteligente”, pensa Malin.

Waldemar Ekenberg.

Um policial fiel há muito tempo.

Um estranho policial, com uma reputação violenta. Os cigarros marcam seu rosto com rugas profundas. É magro e parece mais velho do que os seus 50 anos. Os cabelos são grisalhos, sem vida. Mas os olhos verde-claros têm uma vivacidade extraordinária: “Vamos apanhar logo esse filho da puta...”.

Karim dá início à sessão:

— Karin Johannison confirmou que são os mesmos restos de tinta localizados em todas as vítimas. Vão chegar mais provas técnicas ainda hoje ou, o mais tardar, amanhã de manhã. Portanto, estamos lidando

com o mesmo criminoso. Ou criminosa.

— Sim — diz Waldemar Ekenberg, com sua voz clara e alta. — Mas, inicialmente, não podemos contar que o criminoso esteja entre os seus conhecidos mais próximos. Ao que parece, não existe qualquer ligação entre as garotas assassinadas.

— Não parece, não...

— Estudei o caso a fundo — diz Per Sundsten. — É como se estivéssemos diante de um fantasma, de uma pessoa que existe, mas que, ao mesmo tempo, não existe. Não tem motivos definidos nem ligações.

Sven concorda com um aceno.

— O que é que você acha, Malin?

Há a expectativa de que ela dirá alguma coisa inteligente, alguma coisa que possa nos indicar um caminho a seguir.

— Existe um padrão único nas ações. Só que eu ainda não descortinei qual é. Os pais de Sofia Fredén já foram informados?

A mãe de Theresa Eckeved caiu no chão aos gritos.

O pai manteve um pouco de controle. Tentou compreender o acontecido: “Estou ainda no início de muita infelicidade”.

— Persson e Björk, em Mjölby, estão encarregados de falar com os pais de Sofia — diz Waldemar Ekenberg. — Gente boa, vão conseguir conduzir bem a situação. Embora seja uma missão quase impossível. E também vão tentar ouvir os pais sobre Sofia. Só o necessário.

Missão.

Malin conhece bem a palavra. Deslocação, rodeios, distanciamento, para que o encontro com as pessoas seja suportável.

A seguir, um relatório resumido da situação, por Per Sundsten.

Bater às portas, ontem, na área de Sturefors, não deu resultado nenhum, e todos os criminosos sexuais já condenados que ele e Ekenberg contataram tinham álibis perfeitos. Numa lista de 10 pessoas, cinco foram contatadas.

— Vamos entrar em contato, hoje, com as outras. Mas duvido que isso dê algum resultado positivo.

— E ainda não conseguimos localizar a dona dos quiosques — diz Malin. — Parece que viajou. Os quiosques estão fechados justo na alta temporada.

— E o fiasco da equipe de futebol está na ordem do dia — diz Karim. — É uma vantagem quando as coisas acontecem uma atrás da outra. Ninguém tem tempo para perder com coisas pequenas. Mas isso foi uma idiotice de minha parte.

Uma confissão para criar espírito de solidariedade, ação retórica diante do grupo de investigadores. “Um pequeno, pequeníssimo desvio, portanto, vocês vão me desculpar. E voltar a me respeitar. Ou não?”

“Eu respeito você, Karim. É um chefe de polícia melhor do que a maioria”, pensa Malin.

Sven toma a palavra.

— Nenhuma resposta do Yahoo ou do Facebook. Nota-se que são extremamente restritivos quando se

trata de dar informações. O Yahoo afirma que é necessária uma ordem judicial dos Estados Unidos. O Facebook nem sequer respondeu. E o computador de Louise Svensson estava limpo. De certo, ela fez uma limpeza geral, uma vez que já esperava a nossa chegada.

Sven respira fundo.

— O trabalho de pesquisar os fabricantes de vibradores continua, mas até agora não conseguimos nada de concreto.

Em seguida, ele passa a mão pela cabeça.

— O que é que podemos fazer?

Sven é o líder das investigações, mas há a sensação de que a responsabilidade pela investigação flutua, cruza a sala, de um lado para o outro, como uma batata quente. Ninguém quer queimar os dedos.

O ar-condicionado estremece, engasga.

E fica em silêncio.

— Que inferno! Justamente quando começava a funcionar! Vai ficar quente aqui na sala — diz Zeke.

E, então, todos ficam à espera de que Sven tome uma atitude, lidere o grupo. E reassume a palavra:

— Sundsten e Ekenberg, vocês vão retomar a investigação de porta em porta na área do parque Frimis. Falem com os colegas de Sofia Fredén no hotel. Malin e Zeke, vejam se conseguem encontrar a dona dos quiosques. E talvez esteja na hora de voltar a falar com Josefin Davidsson. Talvez ela se lembre, enfim, de alguma coisa. Não é investigação, apenas uma nova conversa. E esperemos que apareça uma nova testemunha, alguém que tenha visto ou ouvido alguma coisa. Ou que, em Mjölby, eles consigam alguma informação a respeito de Sofia Fredén que possa nos ajudar. Caso contrário, resta-nos aguardar o que o departamento técnico tem a dizer. Mais alguma coisa?

Silêncio em volta da mesa.

— Muito bem — diz Karim. — Vamos ao trabalho.

— Um fantasma.

Zeke está junto à mesa de Malin. Reflete sobre a palavra.

— Só um pouco — reage Malin. — Um fantasma em pessoa. Ou um ser humano movendo-se totalmente às claras.

— Ou em total obscuridade — acrescenta Zeke.

— E aí temos os ferimentos divergentes nas garotas — comenta Malin.

— Parece que existe análise nos ataques — diz Zeke.

— A limpeza. A lavagem.

— Como se o assassino quisesse destacar a inocência das vítimas.

— Josefin Davidsson ainda está no hospital?

— Temos de verificar. De qualquer forma, se não estiver no hospital, está em casa.

Zeke ainda fica no lugar, enquanto Malin telefona.

Espera que ela desligue:

— Está em casa. Ela própria quis voltar para casa.

— Acha que agora se lembrará de alguma coisa?

— Acho que não. Mas vamos tentar.

Malin pensa em Maria Murvall que, com certeza, se lembra do ataque que sofreu na floresta, mas que resolveu se recolher e deixar a consciência funcionar como escudo para uma existência reduzida, uma existência, na realidade, comparável à de um animal.

Isso é o que a maldade pode fazer com uma pessoa?

Provavelmente.

Nesse momento, toca o telefone de Malin.

É Ebba, da recepção.

— Alguém quer falar com você, Malin, mas não quer se identificar. Tem um forte sotaque de estrangeiro. Diz que é a respeito do caso das garotas.

— Passe a ligação.

A voz, o sotaque, os preconceitos que, imediatamente, aparecem. O homem soa — embora Malin se recuse a aceitar essa ideia — como se fosse um idiota qualquer. Mas é ele que diz, em um sueco que mal se entende:

— Você conhece aquele maldito Behzad Karami. Ele não tem alibi nenhum. A família mente, apenas mente. Ele passou a noite fora, em algum lugar, na noite anterior também, isso eu sei. Vocês vão ter de investigá-lo de novo. Eles mentem para vocês. Ele faz coisas esquisitas durante as noites. Simplesmente desaparece.

“Como é que você sabe disso”, pensa Malin. Mas diz:

— Como é que você se chama?

Não há número nenhum no visor do telefone. O homem ou, melhor dizendo, o adolescente deve estar telefonando de alguma cabine pública.

— Não tenho nome nenhum.

— Espere...

Clique.

Malin vira-se para Zeke, curioso.

— Behzad Karami acaba de entrar novamente na nossa investigação. Vamos ter de ouvi-lo mais uma vez.

— *Sure*, mas por onde começar? Com Behzad Karami, Slavenca Visnic ou Josefin Davidsson?

Malin abre os braços.

— Quem é que você acha que tem ar-condicionado em casa?

— Começamos pela Josefin — responde Zeke. — Vai ser muito difícil encontrar Visnic neste momento.

— É por aqui que Karim mora? — pergunta Zeke, enxugando algumas gotas de suor penduradas em seu lábio superior.

— É, sim. Eles têm uma casa por aqui, em algum lugar — responde Malin, pensando que Josefin Davidsson teve sorte de escapar viva.

Estacionam perto de uma escola. Josefin mora com os pais em uma casa geminada, em Lambohov.

As casas são pequenas, o sonho de famílias sem grandes pretensões, construídas com madeira pintada de vermelho. As casas estão coladas umas nas outras, em fileiras regulares, com canteiros de flores na frente e cercas vivas nas laterais que tiveram tempo de crescer durante décadas, desde que as casas foram construídas.

— Acho que o filho de Karim está nesta escola — diz Malin, enquanto avança com Zeke em direção às casas. Param diante do número 12. Depois, atravessam o pequeno jardim e tocam a campainha. Mas não se escuta sinal nenhum. Malin resolve, então, usar a argola pendurada na boca de um leão dourado que adorna a porta de entrada, pintada de verde. Assim que ela bate pela primeira vez, a porta abre-se e Josefin aparece por uma fresta.

— Ei, vocês aí... O que querem?

— Nós queremos fazer algumas perguntas — diz Malin. — Queremos saber se você já se lembra de alguma coisa do que aconteceu. Ou se consegue lembrar de mais alguma coisa.

— Entrem, por favor.

Josefin abre a porta. Usa um vestido rosa-claro, bem solto; os cabelos molhados dão a impressão de que acabou de tomar banho. Os curativos estão secos e limpos.

Josefin vai na frente, passam pela cozinha com armários brancos e prosseguem, entrando numa sala de estar, com dois sofás cor de vinho, colocados um na frente do outro. Atrás, uma pequena área ao ar livre, com redes e móveis de plástico. A sala está fechada e cheira, ligeiramente, a cigarro e a suor, além de calda de caramelo recém-preparada.

Malin e Zeke sentam-se juntos, em um sofá, e Josefin, em outro. “Parece mais velha aqui”, pensa Malin, “como se os móveis e os tapetes de estilo antigo lhe roubassem a juventude”.

— Não me lembro de nada — diz Josefin. — E por que, na realidade, eu deveria me lembrar?

Ela junta as mãos sobre os joelhos, eles observam o gesto e Josefin vira o olhar para a área ao ar livre.

— Seus pais não estão em casa? — pergunta Malin.

— Estão trabalhando.

Josefin volta a encará-los.

— Eles poderiam ficar em casa, de licença especial, se você não quisesse ficar sozinha.

— O salário seria menor, e eles preferem trabalhar.

— Não está com medo de ficar sozinha?

— Não, não me lembro de nada. E ter medo de quê? De que aconteça de novo? Acho impossível.

“Medo daquela pessoa que lhe fez mal”, pensa Malin. “Tenho medo dessa pessoa. Você devia estar com medo também. Mas tem razão. De que serviria ter medo? A possibilidade de o criminoso voltar atacá-la é mínima. Se ele ou ela quisesse matá-la, já poderia tê-lo feito.”

— Por que foi ao cinema sozinha? — pergunta Malin. — Normalmente, vai-se ao cinema com uma companhia.

— Eu gosto de ir sozinha. Acho que a conversa só estraga a emoção do filme.

— Muito bem. Tente lembrar. O que você fez naquela noite? O que aconteceu? Procure lembrar-se de alguma imagem, uma palavra, um cheiro, enfim, qualquer coisa que esteja em sua mente. Tente.

Malin faz todo o possível para ser convincente. Enfaticamente, diz:

— A memória sempre funciona. Isso nos ajudaria muito.

Josefin fecha os olhos, concentra-se, mas logo os abre de novo. Olha para Malin e Zeke e desabafa:

— *Sorry!*

— E seus sonhos? — pergunta Malin. — Como são?

— Eu nunca me lembro dos sonhos — responde Josefin.

A caminho da saída, Malin para no *hall*, olha seu rosto no espelho. Pela porta à esquerda vê Josefin colocar uma chaleira com água no fogão.

Sem saber por que, Malin entra na cozinha, coloca a mão no ombro de Josefin.

— O que vai fazer neste verão? — Josefin estremece e vira-se:

— Vou com calma. Estava disposta a trabalhar no quiosque do balneário de Glyttinge, mas me despedi três dias depois. Preferi ficar livre.

Malin subitamente para.

— Então, você conhece Slavenca Visnic, não?

Josefin ri.

— Acho que ninguém conhece essa pessoa.

— Ela teria trabalhado com Slavenca Visnic, mas pediu demissão depois de três dias.

Malin tenta não soar muito entusiasmada na ligação.

— Oh, diabo — reage Zeke. — Oh, diabo!

— E ela sugeriu um lugar onde Slavenca deve estar. Acha que Slavenca não viajou.

— Como assim?

— Ela pode estar na floresta, perto dos incêndios. Como voluntária. Aparentemente, falou sem parar sobre os incêndios na floresta quando estes começaram. Disse que, certamente, estavam precisando de voluntários.

— Li no *Corren* que tem mais de cem pessoas ajudando no combate ao fogo com cobertores.

— E deve estar certo. A família de Slavenca morreu num incêndio em Sarajevo. Foi depois de um ataque com granadas contra o prédio onde ela morava.

Janne.

Ele trabalhou na Cruz Vermelha, na Bósnia. Ela sabe que Janne viu todos os horrores que aconteceram lá, mas ele, na realidade, nunca contou nada.

O silêncio.

Perda de memória.

Eles são mais do que primos.

Talvez, irmãos.

O caminho na frente desaparece na fumaça.

Os carros estão alinhados na beirada da estrada que leva ao paredão de fogo. A fronteira dos incêndios passa pelo norte de um lago, o Hultsjön. E, por isso, seguiram por Ljungsbro e pela avenida Tjällmo, através de densas florestas, o mesmo caminho que usaram no inverno anterior, no caso de Bengt Andersson.

Nenhum dos dois comentou a coincidência ao passar pelo prado, agora ressequido e desolador. A poeira levantada acumulava-se aos montes na beira da estrada.

Em vez de comentários, Zeke preferiu ouvir uma música que adora. O coral entoa um cântico pesado, tonitruante, interpretando uma ópera de Wagner, embora com a letra alterada.

Volume alto dentro do carro.

“Uma visão futura negativa”, pensou Malin. “Música perfeita para um mau filme de terror.”

O volume só foi abaixado quando Malin telefonou para Sundsten e lhe pediu para seguir os passos de Behzad Karami.

— Faremos isso. Finalizamos a investigação de porta em porta ao redor de Järnvägsparken. Ninguém viu nada. Nem era para ver. Àquela hora todos estavam dormindo.

Ao desligar, Malin telefonou para Sven Sjöman para contar sobre a nova pista.

— Ótimo. Finalmente, um avanço — disse ele.

Aproximam-se dos incêndios, com grandes nuvens de fumaça atingindo o carro. O céu, antes azul, está cinzento, perverso. E a temperatura dentro do veículo torna-se cada vez mais elevada, um calor que os leva a pensar em voltar, fugir antes que a pele comece a ficar vermelha, a ressecar, a queimar, a carbonizar. À memória, vieram as imagens de corpos depois de catástrofes naturais. E o cheiro do ambiente era cada vez mais parecido com o de um mundo em chamas. O mau cheiro de carne queimada de animais vivos aliava-se ao estalar da madeira das árvores, reclamando, ao serem consumidas pelas chamas.

Pegaram, então, um desvio, atrás de um caminhão vermelho dos bombeiros, seguindo por uma estrada de brita. Por cima, viram um helicóptero com uma grande quantidade de água que jogou em direção ao

fogo e desapareceu de vista. Andando pela estrada, viram também pessoas com os rostos levemente sujos pela fuligem e os olhos protegidos por óculos especiais.

— Qual é o carro dela? — perguntou Zeke, segurando bem firme o volante, com o carro avançando lentamente em direção ao centro do fogo. Troncos negros, queimados, de árvores em volta. Cinzas. Galhos queimados espalhados pelo solo ou a esvoaçar.

— Uma *van* Fiat, segundo o registro, cor branca.

— Ainda não vi nenhuma.

Uma ambulância está parada na beira da estrada, dois bombeiros sacodem a roupa e colocam no rosto a máscara e um grande tubo amarelo de oxigênio nas costas.

“É deste inferno que você tem saudades, Janne.”

As pessoas passam com cobertores nas mãos, para batê-los em lugares onde ainda há fumaça. Mais à frente, ainda se veem as chamas afagando o tronco das árvores.

— Nunca antes ardeu tanto nas florestas de Östergötland — comenta Zeke. — Eles batem com os cobertores onde há fumaça para que o fogo não volte a queimar. Sabia que o fogo pode passar de uma copa de árvore para outra, à distância de até 50 metros? É como se fosse uma explosão. É aí que existe o perigo. Os bombeiros podem ficar cercados pelo fogo.

Até então ninguém morreu, nem bombeiros nem voluntários.

Tomara que as estatísticas se mantenham assim, embora todos os outros seres vivos da floresta acabem por sucumbir.

Encontram pela frente outro caminhão de bombeiros, modelo menor. Malin reconhece dois colegas de Janne na cabine, mas não se lembra dos nomes. Eles notam sua presença e cumprimentam-na.

— Durões — diz Zeke.

— Acho que são mesmo — acrescenta Malin.

A fileira de carros começa a diminuir, os voluntários são em menor número, os bombeiros de cinco quartéis correm, entrando e saindo da floresta ainda em chamas. E, de repente, veem o Fiat branco.

— Essa, não! — diz Zeke.

— O número da placa confere — comenta Malin.

Estacionam perto do Fiat, abrem as portas do Volvo. O calor e os ruídos do inferno em chamas estão próximos, batem em seus rostos. As chamas são visíveis a distância. A atmosfera cheira a enxofre e a carne queimada. O crepitar do fogo está presente como se Deus quisesse avisar do perigo.

O calor é quase insuportável.

Verão mais fogo é igual a sauna.

— Nem mesmo um finlandês gostaria de estar aqui — diz Zeke como se tivesse adivinhado o que Malin estava pensando.

— Droga, não é possível... Deve estar no mínimo uns 55 graus aqui.

Chamadas e gritos saem do fogo, duas grandes nuvens de fumaça e de lá sai uma mulher, mais ou menos da altura de Malin, as roupas manchadas de fuligem, o rosto também manchado, uma cara pintada entre

duas bétulas já castigadas pelas chamas.

— Slavenca Visnic, presumo eu — diz Zeke.

— Talvez, à sua disposição — responde a mulher.

É raro as explosões acontecerem durante a noite, mas, de vez em quando, acontecem. E, então, as crianças acordam no meio do sono, e eu levanto o corpo de Miro, de três aninhos, nos meus braços e fico com ele junto ao meu peito. Kranska fica no colo do pai, com seus olhos cheios de medo fixos nos meus, como se eu pudesse salvá-la caso fosse da vontade de Deus dirigir uma das granadas dos sérvios contra o nosso apartamento, o nosso lar.

As explosões longínquas aproximam-se.

Fazem com que as tábuas do chão cheguem a ranger.

Sinto a pele quente de meu filho encostada na minha, debaixo do lençol, assim como sinto o coração dele batendo rapidamente. E as batidas mostram a minha impotência, que ele sabe que nem sua mãe tem remédio para seu medo. Estamos os quatro sentados na cama. É impossível dormir, mas estamos respirando juntos, e a respiração parece a mesma. E, apesar de a guerra avançar lá fora, impiedosa e elevada ao *status* de religiosa, acreditamos que nada poderá nos atingir, que estamos seguros no casulo que é o nosso lar, rodeados de amor e de sonhos.

Um dia no mercado.

Os franco-atiradores não me atingiram quando seguia do Snajper para casa.

Mas uma bomba incendiária acertou o telhado do prédio, perfurou dois pisos e explodiu no andar embaixo do nosso. As chamas devem tê-los devorado rapidamente por baixo, e logo o prédio inteiro, quando cheguei, já era uma tocha em chamas. As pessoas seguraram-me, suas mãos quentes no meu corpo. Eu queria entrar, queria chegar até vocês, sabia que estavam lá dentro, ardendo, queria também arder, morrer.

Não encontraram nem os restos de vocês.

Nada.

O fogo das bombas de fósforo é implacável. Adormeci em cima do monte de carvão que resultou de nosso amor, de nossos sonhos. Dormi uma noite inteira, tentando recordar os cheiros de vocês, os sons, os rostos, as vozes, a sensação do contato com suas peles, mas tudo o que eu sentia era o cheiro forte do fogo, de madeiras e corpos carbonizados. Tudo o que eu escutava era o som de tiros de fuzil e os disparos de morteiros, que continuaram repetindo a sua lamentável canção.

Acordei de manhã com a chuva fria batendo em meu peito. Corri logo para um bosque, não quis saber se seria atingida ou se ficaria presa na linha de combate. As nuvens pairavam sobre a colina e eles

apanharam-me uns mil metros depois. Os homens me tocaram, penetraram em mim, foi tudo uma porcaria, nada mais.

Fiquei deitada no chão. E tudo o que era claro ficou escuro. O mundo todo era negro, mas, ao mesmo tempo, totalmente descolorido.

Desejei que me matassem.

Mas como eles poderiam fazer uma coisa dessas? Eu já estava morta.

E nos sonhos via o rosto de vocês, suas vozes.

“Vá, querida mãe, siga em frente. Sua odisseia ainda não terminou.” E eu amei e odiei todos vocês, por provarem que ainda vivia, porque vieram do outro lado para me contar que eu ainda vivia.

Eu quero é estar com vocês, construir um novo casulo pleno de amor. Quero tecer com linhas bem quentes de amor uma cobertura em volta dos corações de vocês. E com isso tê-los de volta. E ouvir de novo esses corações a vibrar para sempre.

— Quem é que pode viver em uma porcaria de área como esta?

Waldemar Ekenberg fala, ao mesmo tempo em que sobe, com a respiração alterada, resfolegando, em direção à porta de um apartamento no bairro de Ekholmen.

Ainda no carro:

— Como é que vamos agir?

Per Sundsten ouviu aquele linguajar que odiava. No trabalho, ele só sabia falar, colorindo os diálogos com suas frases chupadas de filmes policiais norte-americanos.

A voz de Waldemar, menos ofegante, e mais decidida.

— Com esses viciados não vamos amolecer, não. Eles têm pouca resistência à dor. Basta pressionar um pouco.

— Pressionar?

— Sim, você sabe como é...

Per sabia. A expressão racista de seu colega mais velho, as generalizações a respeito das pessoas com quem falariam. Isso tudo o perturbava, mas não disse nada. A situação não permitia se preocupar com isso. Os crimes cometidos eram tão graves que tudo teria de ficar de lado. Às vezes, era necessário esquecer a lei para conseguir impô-la. Isso já aconteceu em todas as culturas, em todos os tempos, desde que Hamurabi escreveu “olho por olho, dente por dente”.

“Eu não sou ingênuo”, pensa Per, apenas não tão cínico como, durante o dia, compreendeu quem era Waldemar.

O cinismo, por si, ainda é suportável.

Mas os preconceitos, Per pode viver sem eles. Ações sujas — é como as costuma designar — são praticadas por todas as pessoas, independentemente de sua origem ou cor da pele.

O prédio de apartamentos em Ekholmen é onde moram os pais de Behzad Karami.

Desenhos grafitados em todas as paredes, inscrições mal feitas de símbolos nacionais.

Foi aqui que Behzad Karami, segundo informações, participou de uma festa na noite em que Josefin Davidsson foi atacada. Seus pais moram no segundo andar de um prédio sem elevador.

Sundsten e Ekenberg tocam a campainha.

Aguardam.

A porta tem corrente.

O rosto de uma mulher no vão.

Waldemar respira, ofegante, no pescoço de Per. Está sem fôlego, depois de subir a escada. Diz “Polícia”, apresentando sua identificação.

— Deixe-nos entrar. — Sua voz não dá espaço para hesitações. A porta fecha-se e é reaberta em seguida.

— Aposto que vocês plantam batatas na sala de estar — diz Waldemar, rindo. — Ou talvez maconha? Não?

Na sala de estar, há um enorme sofá de couro encostado em uma das paredes. Nas janelas, pesadas cortinas de veludo vermelho-escuro. Há pinturas coloridas da capital Teerã penduradas nas paredes acastanhadas.

— Parece um bordel — diz Waldemar para o homem de pele meio escura que está sentado no sofá. Per acha que o homem parece pronto para ser insultado. Deve saber por que eles estão ali, consciente de que mentiu, que os enganou. Per reconhece a mentira nos rostos tensionados, os olhos que não denotam preocupação, mas malandragem, daquela espécie que só existe nos mentirosos. O homem tem um rosto agradável. Há uma calma em seus traços faciais, apesar do nariz saliente e das marcas disfarçadas de acne nas faces. Não é um homem alto, e o apartamento deixa uma impressão de bem cuidado. Per acha que Ekenberg está tendo a mesma sensação. E que é por aí que Waldemar vai direcionar sua violência.

— Sente-se aí, você, também — diz Waldemar para a mulher de Karami, no melhor sotaque da província. E ela se deixa cair no sofá, onde o seu corpo magro, envolto num manto negro, quase desaparece.

— Aí mesmo — diz Waldemar. E, sem mais palavras, pega um vaso em cima do aparelho de televisão e atira-o contra a parede, com os cacos de porcelana espalhando-se por toda a sala e pelos rostos e as roupas do casal Karami.

A mulher solta um grito e diz qualquer coisa incompreensível em árabe ou persa ou seja lá que língua for.

O homem:

— Que merda vocês estão fazendo?

E Waldemar pega uma fotografia de família, atira-a ao chão e pisa nela com seus pesados sapatos.

— Silêncio! — grita ele. — Não se mente para a polícia sem pagar por isso.

— Como assim? Eu menti para vocês?

Per continua em silêncio junto à porta. Quer intervir, dizer para Waldemar que já chega, que deve se conter, que essas coisas não se fazem, mas vê que Karami está quase perdendo a calma. As coisas lhe devem ser caras.

— Seu filho — grita Waldemar — não estava aqui na noite em que Josefin Davidsson foi violentada, como você disse! Onde ele estava? Fale agora!

Um samovar voa contra o ferro do aquecedor embaixo da janela que dá para a varanda. O barulho do metal contra metal é enorme. O samovar racha.

— Você acha que eu vou trair meu filho. Ele estava aqui, sim. Tínhamos uma festa.

E Waldemar afasta a mesa de centro para o lado, com uma força que espanta até Per. Acerta o nariz de Arash Karami com um murro e deixa o sangue jorrar.

— Você não acha que eu posso fazer muito pior? Não mesmo? Isso aí não é nada.

As palavras de Karami são de ódio quando consegue se equilibrar um pouco. Lança uma cuspidela em direção a Waldemar, com o olhar cheio de desprezo.

E Waldemar volta a esmurrá-lo mais duas vezes. Per chega a pensar em segurá-lo, quando a mulher começa a gritar no sofá e a dizer em sueco bem enrolado:

— Ele não esteve aqui. Nós fizemos uma festa, mas ele não veio, não chegou. Nós não sabemos o que ele faz, nunca mais voltou aqui. Procurem-no e digam-lhe para vir para casa.

Waldemar acalma-se, segura no ar o quarto soco.

— Quer dizer que vocês não sabem o que ele faz?

O casal Karami fica em silêncio. A mão esquerda de Arash Karami pressiona o nariz, tenta parar o sangramento.

Nenhum dos dois responde à pergunta de Waldemar.

— Sabem de uma coisa? Agora eu acredito. Vocês não fazem mesmo a mínima ideia do que o seu maldito filho anda por aí fazendo, porque ele faz coisas horrorosas. Nem entendo como é que vocês puderam falhar tanto na educação dos filhos.

Waldemar dirige-se para a porta. Per afasta-se um pouco e diz com voz calma:

— Vocês sabem que não adianta registrar queixa do que se passou aqui. Nós somos dois policiais e podemos provar que Arash resistiu violentamente quando quisemos levá-lo à delegacia para interrogá-lo.

A mulher, sentada no sofá, fica chorando. Arash Karami nem olha para eles.

— Malditos terroristas — diz Waldemar. — Mentir para a polícia...

Já fora do prédio, no inevitável calor de um sol que parece maluco, Waldemar diz para Per:

— Tudo correu bem. Você representou muito bem o papel do policial bom. Eu, o mau. E sem que tivéssemos combinado nada.

“Uma merda”, pensa Per, sentindo o mal-estar chegando ao estômago.

“Mas, mesmo assim.

“Conseguimos o que queríamos.”

Per sente o calor no rosto, com certeza chega a corar. Tem a mesma sensação de quando a mãe descobriu que ele tirava dinheiro de sua bolsa, quando ainda era menino.

Que brutalidade.

Durante os seus poucos anos na polícia, já viu muitas vezes a coisa funcionar assim.

Como sobreviver àquilo que Slavenca Visnic sofreu sem ficar mentalmente transtornado para o resto da vida?

A atrocidade fica na história como uma linha de injustiça venenosa. A violência é consequência da atrocidade? Na realidade, será o tempo uma espécie de solo vulcânico onde, regularmente, surgem erupções de violência? Explosões gigantescas e suspiros menores.

“Talvez”, pensa Malin, no momento em que vê o Fiat de Slavenca Visnic desaparecer entre os carros na estrada de brita, entre a floresta coberta de cinzas.

Slavenca Visnic não está surpresa com a presença de Malin e de Zeke na floresta. É sincera com eles, como se não tivesse nada a esconder, como se o fato de uma das vítimas ter sido encontrada perto de seu quiosque, na praia de Stavsätter, e que outra tivesse trabalhado para ela, não pudesse comprometê-la nem um pouco.

Depois de tê-los cumprimentado, Slavenca Visnic lavou-se com toda a calma, com a água de uma vasilha que ela mesma trouxe. Retirou a fuligem da cara com um líquido de limpeza de cheiro forte, enquanto Malin e Zeke esperavam. Com essa atitude, Slavenca Visnic mostra que gosta de determinar a própria agenda. Nem Malin nem Zeke protestam. Malin começa a tossir, com a fumaça atacando seus olhos e nariz. Assim que a fuligem é retirada do rosto de Slavenca Visnic, dá para perceber que ela fora uma mulher bonita, mas há muito tempo. As experiências da vida e o trabalho fazem com que pareça mais velha do que realmente é.

— Já sabia que vocês iam querer falar comigo — diz Slavenca Visnic, depois de lavada e de ter vestido uma nova camiseta. À volta deles correm bombeiros e voluntários com mangueiras e cobertores ensopados. Os helicópteros continuam circulando por cima de suas cabeças. O barulho das hélices os faz elevar a voz.

— Vocês sabem — diz Slavenca Visnic —, é como se o fogo viesse por baixo, as brasas e as chamas surgissem das entranhas da terra.

Malin nota que o sueco dela é quase perfeito, sem sotaque. E pensa: “Deve ter lutado muito por isso”.

Slavenca Visnic bebe água diretamente da torneira do barril de água.

— Estão com sede?

— Não — responde Zeke e acrescenta: — Você deve estar consciente do motivo que nos trouxe aqui.

— Eu leio jornais e *sites*. Escuto também os noticiários. Não sou idiota.

— Theresa Eckeved foi encontrada enterrada na praia onde você tem um quiosque. Josefin Davidsson, encontrada violentada, no parque, trabalhou com você no início de julho.

— Entendo que a ligação interessa a vocês — diz Slavenca Visnic, enquanto enxuga algumas gotas de suor na testa. — Mas não existe nada por trás disso, absolutamente nada.

— Você tem álibi para a noite de quarta para quinta-feira da semana passada e para a noite de sábado para domingo?

Malin quer testar se a pergunta direta produz alguma reação.

Slavenca Visnic solta uma gargalhada.

— Não. Estou sempre sozinha à noite. E voltei para casa bem tarde, depois do trabalho, aqui, nos incêndios. Isso, pelo menos, alguém poderá confirmar. Mas álibi para as noites propriamente ditas, não. Não acham, certamente, que eu tenho alguma coisa a ver com isso.

Nova gargalhada.

Quase sarcástica, como se Zeke e Malin soubessem ridiculamente pouco a respeito do que Slavenca Visnic sofreu.

— E na noite de ontem para hoje?

— Em casa, dormindo. Até fechei os quiosques. Quis ajudar a combater o fogo. E é impossível conseguir encontrar mais voluntários. Os jovens não querem ficar o dia inteiro, no verão, atrás de um balcão de quiosque de sorvete. São todos muito mimados. Basta ver o que Josefin Davidsson fez. Parou de trabalhar ao fim de três dias. Depois, não consegui mais ninguém que quisesse ficar em Glyttinge.

— Ficou zangada quando ela se demitiu?

A voz de Zeke, praticamente, sem tonalidade.

— Que pergunta idiota. Cada um faz o que quer. Não é?

— Dentro da lei — reage Zeke.

— Escutei no rádio a respeito do novo assassinato — afirma Slavenca Visnic. — E posso dizer a vocês que não vão encontrar qualquer ligação minha com essa garota.

— Gosta de fogo? É por isso que veio aqui, para ajudar?

É a vez de Malin provocar.

— Odeio o fogo. Quero acabar com ele.

“Bajule”, Malin, “então as pessoas começam a falar”.

Mais uma das frases de Sven Sjöman.

— Eu sei o que passou — disse Malin. — E admiro sua vontade de, mesmo assim, ficar aqui e abandonar o negócio que construiu.

— Para mim, não existe outra escolha.

— Você não viu alguém suspeito em Stavsätter? Qualquer coisa?

— Nada. A não ser o momento em que o cachorro começou a escavar e descobriu o corpo da jovem.

— Você estava lá naquela hora — diz Zeke. — Depois, desapareceu. Foi para onde? A reação da maioria seria ficar.

— Não aguentei ver todas aquelas pessoas preocupadas. E, olhem, eu já vi mortos antes. Foi melhor reabrir em Hjulsbro. A garota enterrada fez com que as pessoas nem pensassem em comprar nada.

Slavenca Visnic vai ficando mais agradável:

— Como vocês devem saber, quando estou trabalhando quero vender a maior quantidade de sorvetes possível.

— Não viu, absolutamente, ninguém com um comportamento estranho na praia?

Slavenca Visnic pensa um momento.

— Não.

— E não tem nada que queira contar a respeito de Josefin Davidsson? Vocês discutiram? Ela deu a entender que sim.

— É natural que ela pense isso. Que eu fiquei zangada. Tenho certeza de que ela tomou sorvetes e chupou balas, talvez até tenha dado para seus amigos. Desapareceu, sem explicação, muita mercadoria nos dias em que ela trabalhou, apesar de não haver muita gente na praia. Talvez vocês se lembrem de que houve um problema com as baterias da piscina. O *Corren* publicou muito sobre o assunto. Tiveram de fechar a piscina por alguns dias.

Malin tenta lembrar-se da matéria no *Corren*, mas não consegue. Passa em brancas nuvens.

— Quer dizer que ela foi despedida?

— Vamos dizer que eu fiquei satisfeita por ela ter pedido demissão, apesar de ser a única que eu tinha arranjado para ficar no quiosque de Glyttinge.

— Ficou zangada por ela a ter roubado?

— Não, nem um pouco. Isso costuma acontecer.

— Não há ninguém que possa confirmar seu álibi?

Malin volta a perguntar e sabe aonde quer chegar com a pergunta. Slavenca Visnic encara-a, com um olhar de cansaço, dando a entender que compreende a insinuação.

— Não tenho homem nenhum. Nem filhos. Perdi minha família há muito tempo. Desde então, escolhi tomar conta de mim mesma. As pessoas significam apenas grandes desapontamentos, detetives.

Slavenca Visnic fecha a porta de trás da *van*.

Vira-se para eles.

— Se não têm mais perguntas, estou querendo ir embora agora e enfrentar o *rush* no balneário de Glyttinge.

— Azul — disse Malin. — Essa cor significa alguma coisa de especial para você?

— Eu gosto mais de branco — responde Slavenca Visnic. — A cor mais limpa.

Slavenca Visnic para no quiosque de salsichas em Ljungsbro e come um *cheeseburger* de 150 gramas. A fome bateu forte assim que deixou a área da floresta e passou pelo Vreta Kloster Golf Club.

A comida quente e o ar quente fazem com que transpire, mas não tem nada contra o calor. Aqueles que passaram os invernos de guerra em Sarajevo sabem muito bem o que é o frio e jamais reclamam de um pouco de calor.

Sorte da comunidade à sua volta. O povo está bem. Toma banho e nada.

Os policiais podem pensar o que quiserem a seu respeito. “Os policiais acham que podem corrigir tudo, em especial, a mulher Malin Fors, que deu a impressão de querer mesmo colocar alguma coisa em seu devido lugar.”

“E, então, eu apareço nas investigações.

“Ligações.

“A cronologia do trabalho.

“Tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde”, pensa Slavenca Visnic. Sente que o queijo derretido grudou em seus dentes e como o estômago ficou satisfeito com o enorme privilégio de comer quando se está com fome, um privilégio que poucas pessoas neste país reconhecem e valorizam.

“As garotas.

“É uma coisa que sempre pode acontecer. Garotas mimadas que se queimam. Quem sabe a razão de ele ou ela ter feito o que fez?

“A guerra existe por toda parte. E nunca acaba.

“Aquilo que se pode fazer como pessoa é tentar criar uma realidade que você mesma possa aguentar.”

Slavenca Visnic joga o resto do *cheeseburger* no cesto de lixo. Entra no carro e parte. Em frente ao supermercado Hemköpshallen estão pendurados vários jornais que tratam do caso de Sofia Fredén.

O sangue voltou neste verão infernal!

Assim noticia o Corren no artigo a respeito da atrocidade cometida contra mim.

“Os nossos anjos de verão” as explosões: assim o locutor do rádio chama, com voz calorosa, a mim, a nós.

Primeiro, eu não quis acreditar.

Mas agora vem você, Sofia, deslizando em minha direção, flutuando à minha volta, de mil maneiras, ao mesmo tempo. E você conta que, no início, também duvidou. Que o medo e outras sensações, muitas delas sem nome, fizeram com que recusasse a reconhecer a sua situação. E que você queria gritar, não eu, eu sou muito jovem ainda, ainda não vivi nada. Eu quero gritar agora, dizer o mesmo, enquanto flutuamos aqui sobre a floresta a arder.

A fumaça e as chamas.

As copas das árvores a explodirem como vulcões.

As máquinas, as pessoas e os animais são como pontos negros, desesperados lá embaixo, núcleos de vida que tentam evitar que as chamas se espalhem, que tentam fazer recuar as forças destruidoras que assolam na terra os caminhos trilhados pelos texugos.

Serão bem-sucedidos?

Malin no Volvo avança por uma estrada, lá longe, embaixo, através da floresta, na direção de Ljungsbro e da campina queimada onde, em breve, todas as plantas se transformarão em débeis fósseis, no lugar em que poderia ser vida vibrante.

Parece confiar nela, Theresa.

Se confia, eu também confio.

Você disse que agora estava mais fácil, porque somos duas. Mas para mim ainda continua tudo bem escuro, embora tenha duvidado menos a respeito da minha situação do que você.

Nós flutuamos lado a lado, sem asas, de modo que de certa maneira está confirmado que somos anjos de verão, anjos preocupados, anjos para servir de marcadores de livros, antes garotas que, de certa forma, desejam receber de volta aquilo que lhes foi tirado.

Nós estamos purificadas, não é verdade?

Eu gosto das palavras. De como elas são minhas agora. E estou gostando de flutuar num mundo que poderá estar sem memória por quanto tempo eu quiser, por quanto tempo eu conseguir manter meus pensamentos longe daquelas mãos, as brancas, que abraçaram o meu pescoço, das unhas que rasgaram a minha pele, da lavagem que eu, de certa forma, ainda consegui sentir, e do cheiro de Klorin. Esquecer o medo que senti, antes de tudo desaparecer para retornar em seguida, mas bem longe daquilo que foi inescrutável.

Quero me lembrar daquilo que fui e do que poderia ter sido.

Mais velha.

Isso eu sou.

Mas nunca mais serei.

— Zeke. É claro que a pessoa consegue se recordar durante a hipnose.

Ele segura o volante com firmeza ao passar pela frente do Ikea e das lojas em Tornby. Malin estende o braço para baixar o canto do coral que toca no som. No estacionamento, ao sol, as pessoas movimentam-se devagar, mas em direção ao ar-condicionado das lojas.

— Eles dizem que sim, mas eu nunca presenciei nenhum caso em que o método fosse utilizado. Acho duvidoso.

— Mas não se trata de brincadeira. Pode funcionar.

— Sei em que está pensando, Malin.

— No máximo, é apenas cinco por cento da memória que fica disponível — diz Malin.

— Assistiu a isso no *Discovery* de novo?

— Cale a boca, Zeke.

Ele sorri, disfarçadamente.

— Mãos no volante, olhos no caminho.

— *Sure, Captain* — responde Zeke. — Tentarei me lembrar disso.

— E você, seu verme de cabelos negros — diz Waldemar Ekenberg, empurrando Behzad Karami contra a parede do pequeno apartamento onde o encontrou. — Achou que podia escapar mentindo para a polícia? Um de seus “amigos” deu a dica, bateu com a língua nos dentes. O que é que fez essa noite? E na noite de quarta para quinta-feira? E na noite de sábado para domingo? Você estuprou e matou as garotas. Não é verdade?

Behzad Karami continua com ar arrogante.

Convencido de que poderia controlar a situação.

“Mas você está na merda”, pensa Per Sundsten. “Ele vai espremer de você tudo o que quiser saber.”

— Ficaram gostando de garotinhas quando roubaram aqueles 40 mil no inverno passado. Foi isso?

— Nós não...

Waldemar dá mais um violento empurrão em Behzad Karami contra a parede.

Depois disso, o policial ameniza o tom da voz:

— Não tente me enganar. Você sabe que estuprou aquelas duas meninas. Gostou, não? E, depois, deu tudo errado, não é? E acabou com elas...

O tom da voz aumenta a cada palavra dita. E Waldemar acaba dando um murro no estômago do rapaz.

Behzad contorce-se com a dor como se fosse um canivete sendo fechado.

Behzad Karami abate-se contra a parede. Waldemar recua alguns passos. As pupilas dilatadas por causa da adrenalina.

— Preciso mijar — diz ele. — Enquanto isso, tome conta desse putro.

Behzad Karami aproveita para respirar fundo, cinco vezes, antes de virar a cabeça e lançar um olhar para Per Sudsten, a quem pede ajuda.

“Não olhe para mim”, pensa Per. “Não vou fazer nada para impedi-lo. Não quero.” Pensa se ele está com a razão...

— É melhor confessar tudo o que fez — diz Per Sundsten, num tom de voz o mais contemporizador possível. — Porra, ele mete medo até em mim e não desiste nunca.

— Ele é maluco...

— É melhor contar tudo. Depois, ficará mais calmo.

— Vocês vão acreditar em mim?

— Depende.

— Depende de quê?

Behzad Karami ainda está ofegante, mas a cor voltou às suas faces.

— De você contar a verdade.

— Vocês não vão acreditar se eu contar a verdade.

— Tente.

Per olha para baixo, para Behzad Karami que continua encolhido, mas ainda não derrotado.

— Já disse, tente — diz Per Sundsten, no momento em que Waldemar volta para a sala.

— E, então, esse verme já se recuperou? Ótimo. Vou machucá-lo de novo para que resolva colaborar.

— Faça o que quiser.

— Vou mesmo — diz Waldemar, que logo dá dois pontapés no ombro esquerdo de Behzad Karami. E

Per vê quando o ombro se desloca por baixo da camiseta verde. O grito de Behzad Karami ecoa na sala e sai pela janela, um grito de dor profunda que explode direto do cérebro para a boca, as gengivas e a língua.

— Dói? — A pergunta é sussurrada no ouvido de Behzad Karami. Waldemar estende o braço e toca no ombro dele. Behzad grita de novo, porém num tom mais baixo. E Per Sundsten nota que o corpo do rapaz está perto de desmontar.

“Por que razão ainda resiste?”

“Por que para você tanto faz?”

“Por que fez mesmo essa porcaria toda?”

— Esperem, eu vou contar, vou dizer qual é o meu segredo.

Behzad Karami senta-se no sofá, com o braço esquerdo dobrado para trás, por cima do encosto.

Waldemar atrás dele.

— Não resmungue, seu verme.

E Waldemar continua mexendo o braço de Behzad Karami. Ouve-se um estalido quando o osso volta para seu lugar. O grito sai agora tão sincero quanto antes, mas acompanhado de um pouco de alívio.

— Maldito maricas — ruge Waldemar.

Per deseja apenas sair do apartamento, ir para casa. Quer que o dia termine. Mas não terminou. Ainda vai demorar.

A lagoa Stångån e suas águas quentes, meio escuras.

“Os peixes estão preguiçosos, sonolentos, talvez sentindo seus corpos mudando de forma, à medida que a temperatura das águas aumenta”, pensa Per Sundsten.

“Não há para onde fugir. Quando o calor faz com que as águas deixem de ser águas, o que vão fazer os peixes? Flutuar na superfície, quase sem vida, barrigas inchadas, prateadas, brilhantes, aparecendo na lama.”

Os campos de futebol perto de Johannelund, com as traves do gol sem redes, esperam por temperaturas mais amenas, pois só assim alguém volte a jogar. Agora, está quente demais. É impossível e perigoso.

— Se eu mostrar, vocês acreditarão? Eu não tenho nada a ver com essas coisas. Nada.

Behzad Karami está algemado no assento traseiro do carro. Estão a caminho dos pequenos loteamentos

em Johannelund. Era para lá que ele quis levá-los, mas recusou-se a dizer por quê.

— Não tenho nada a ver com essas coisas.

As palavras ficaram ressoando na cabeça de Per, no momento em que começaram a passar pelas pequenas áreas de terra cultivada. Naquele lugar, os irrigadores fazem hora extra, tentam manter os gramados verdes, salvar as groselheiras da melhor maneira possível. Os donos dos lotes escondem-se do Sol, na sombra de guarda-sóis ou de telhados, junto às casas de ferramentas.

As coisas.

“Se você reduz assassinato e estupro a coisas que pode manipular, então, nessa altura, sabe como conviver com isso, você ou quem praticou esses crimes. É conviver com o fato de que nós, seres humanos, por vezes, nos dirigimos uns aos outros.”

Waldemar está calmo.

Behzad Karami, já dentro do carro, pediu para serem retiradas as algemas. Waldemar concordou.

— Se tentar fugir, eu mato você.

Sua voz era fria e Behzad Karami acenou, concordando.

— Não que eu saiba o que você quer nos mostrar aqui.

Waldemar está cada vez mais cético.

— Mas é melhor que tenha mesmo alguma coisa para mostrar.

— Vou mostrar, sim, umas coisas a vocês — diz Behzad Karami, acelerando o passo. — Vamos para o último lote do lado esquerdo.

“O calor continua”, pensa Per Sundsten, ao avançar pelo lado ensolarado do caminho. Calor doentio. Waldemar Ekenberg já está suando ao seu lado há muito tempo. Mas nem por isso sente qualquer mal-estar.

É um homem de aço, dos velhos tempos.

De um aço negro, puro, que já não se fabrica.

Nessa altura, Behzad Karami abre a cancela do último lote da colônia. A grama recebeu um pouco menos de água. O casebre é uma pequena *stuga* de madeira pintada de branco, um casebre sem manutenção, ao que parece, inabitado.

Eles entram no terreno minúsculo. Per Sundsten nota a existência de uma plantação, muito bem tratada. Os arbustos parecidos com os de framboesa estão bem alinhados, com frutos escuros, ainda não maduros.

— Aqui?

Behzad Karami aponta para os arbustos.

— O quê?

Per quer fazer logo a pergunta, antes que Waldemar perca a paciência.

— Eu estive aqui nas noites em que vocês querem saber o que fiz.

“Agora é que vai haver uma explosão”, pensa Per. “Waldemar Ekenberg vai ficar maluco.” Mas, ao contrário, ele suspira e não reage. Pelo menos, nada de violência.

— Estes são os meus arbustos. Amoras silvestres. Eu planto. Quando era ainda criança, em Teerã, meu

avô levava-me para o campo para comer amoras silvestres. Eu quis ter aqui as minhas amoras. Isso me faz bem. A mesma sensação no estômago de quando era criança e saía com o meu avô, só nós dois.

— Quer dizer que você estava aqui, regando os arbustos?

Per, cético.

— Não. De guarda.

— De guarda?

— Sim, senão os veados comem tudo, antes mesmo de as amoras amadurecerem. Eu fiquei de sentinela.

Caso contrário, os animais saltam por cima das estacas e comem as amoras.

— Você estava aqui nessas noites, de guarda?

— Sim.

— Sozinho?

— Sim.

— E não contou sobre isso para ninguém?

— Não.

— Por que não?

— Eu comprei o lote com o meu dinheiro.

— Mas por que não podia contar?

— Que eu planto amoras silvestres? Meus amigos iriam pensar que estou maluco, sou *gay* ou outras coisas.

— *Gay*?

— Todos sabem que só os *gays* plantam coisas...

Eles olham os ombros largos de Behzad Karami enquanto desaparece em direção ao estacionamento.

— Eu acredito nele — diz Waldemar.

— Mas ele não tem nenhum álibi.

A seguir, eles vão de lote em lote e perguntam se alguém viu Behzad Karami no casebre. São vários os vizinhos que confirmam ter visto luz na *stuga* à noite, nos últimos tempos, mas que não podiam saber se era ele quem estava lá dentro.

Behzad Karami mostrou o casebre aos dois, antes de o deixarem ir embora.

Nada de *penry*, apenas uma cama da Ikea em um canto, sem colchão, lençóis ou travesseiro, apenas um cobertor cinzento, bem dobrado, nos pés da cama, o chão cheio de marcas feitas pela brasa de bitucas de cigarro, a sensação lá dentro de casa fechada e abafada, era como a barriga recentemente aberta de um veado abatido no período da caça, no outono.

— Amoras silvestres — diz Per Sundsten, no caminho de volta para o carro. — Será que é assim tão simples?

— Todo mundo sabe — diz Waldemar. — Os árabes são loucos por amoras silvestres. Consequência de não poderem beber álcool nem ir para a cama com outras mulheres.

— Mamãe?

A voz de Tove a milhares de quilômetros de distância, o som como um sonho no ouvido de Malin, uma falta que, com o tempo, mais e mais se parece com tristeza.

— Mamãe, está aí?

A sala de estar do apartamento rodeia Malin, a previsão do tempo na televisão promete calor, calor, calor. “Não quero que vocês me telefonem, Tove, não desse jeito, nem uma vez por dia. Será que nem você nem seu pai conseguem meter na cabeça burra de vocês, nos amados corações, que eu quero que me telefonem várias vezes por dia?”

— Estou, sim, Tove, estou aqui.

Malin deixa-se cair no sofá e, com a mão livre, baixa o som da televisão.

— Mamãe, está tudo bem?

“Isso quem deve perguntar sou eu”, pensa Malin.

— Oh, sim, está tudo bem, minha querida. E vocês, como estão?

Quer acrescentar logo: “Vocês vão chegar aqui amanhã, e eu vou buscá-los no aeroporto”. Mas deixa Tove falar:

— Nós estivemos hoje numa grande fazenda onde se criam elefantes, não muito longe da cidade e no meio da floresta. A fazenda chama-se Ubud.

— E montou em um?

— Nós montamos, papai e eu.

— E agora estão de novo no hotel?

— Sim, acabamos de chegar do restaurante. Aqui já é uma hora da madrugada. Hoje, também tomamos banho de mar. Não ventava muito, a bandeira estava amarela. Nesse caso, o perigo de correntes marinhas não é tão grande.

Correntes marinhas.

Perigosas.

Os dois passaram duas semanas em Bali, mas Tove fala como se tivesse morado lá metade de sua vida.

— Cuidado quando for nadar.

— Claro que tomo cuidado. O que acha?

— Eu fico preocupada, Tove. Só isso.

Um longo suspiro, do outro lado do mundo.

— Pode ficar despreocupada, mamãe. Nós não vamos ter tempo de tomar outro banho. Quer falar com o pai?

— Se ele quiser.

Estalidos no aparelho, silêncio, um grito ao longe, deve ser Janne, respiração ofegante, vibrações calmas que ela conhece muito bem e que, num segundo, espalham calor por todo o corpo dela, um calor de resignação, de lamento, mas também de excitação.

“Janne.

“Seu sacana.

“Por quê? Por que não aguentamos mais?”

— Olá, Malin.

A voz... o que ela procura na voz dele? Consolação? Companheirismo? No entanto, a voz não lhe dá nada disso.

— Como estão?

— O paraíso existe, Malin. É aqui.

— Acredito em você. Quer dizer que não estão com saudades de casa?

— Não diretamente.

— Como foi passear montado num elefante?

— Você devia vê-la. Explodiu de alegria em cima da garupa bamboleante do animal.

“Chega”, pensa Malin. “Nada mais por agora.”

— Por aí, como estão os incêndios?

— Nós estivemos lá perto hoje — diz Malin. — A situação ainda é muito ruim, sem controle. Mas são muitos os voluntários que ajudam no combate às chamas.

— Nós voamos de volta para casa amanhã de manhã, bem cedo. Cedo mesmo.

— Eu sei — diz Malin —, mas mesmo assim estão acordados tão tarde. — Mas queria dizer: “Estou com saudades, tão fortes que o coração parece que vai explodir no meu peito. A saudade transforma-se em tristeza, Janne, uma estranha tristeza em relação aos vivos. Todas as pessoas têm apenas uma cota a preencher com tristeza antes de morrer. E a minha, em breve, vai transbordar”. E completa: — Façam o *check-in* bem cedo.

— Ok. Vamos já para a cama.

— Adeus.

Um clique no aparelho.

Silêncio. Calor.

Consolação e companheirismo.

Malin pensa em esperar o dia seguinte, mas resolve telefonar logo para Viveka Crafoord.

— Vem cá. — diz Viveka. — Você consegue chegar aqui em meia hora. Nós podemos esperar e, enquanto isso, preparar a grelha.

Viveka Crafoord.

A psicanalista.

Ela quer tratar Malin, de graça, mas só de pensar no divã de Viveka, Malin sente medo. Não aguenta a ideia de reviver o núcleo de suas mágoas e, muito menos, o núcleo central do núcleo. Em vez disso, poderia falar um pouco, livremente, a respeito dos pais em Tenerife, como fizeram, certa vez, ao encontrar-se na cidade, a correr, com tempo apenas para fazer um pequeno lanche juntas. Falar da falta de saudades, dos meus pais, do apartamento deles, dos tapetes baratos da minha mãe e de sua capacidade infinita de retocar a própria vida com cores bonitas, de se apresentar sempre como mais importante do que é. Viveka, educada, ouvinte interessada, mas completamente certa de que Malin apenas revelou a superfície do problema e de que, obstinada e sem confiança, insiste em manter todas as portas fechadas para si mesma.

— E o que acha que Janne pensa?

Pergunta Viveka.

— A respeito de quê?

— Por exemplo, a respeito da maneira como fala com ele?

— Ainda não pensei sobre isso.

A casa de campo de Viveka está situada em Svartmåla, uma área popular de *stugas* de veraneio da pequena burguesia, a algumas dezenas de quilômetros ao sul da cidade.

Malin teve problemas em encontrar a casa certa, vagueou com o Volvo por diversas ruas ladeadas por casas de sonho, não quis perguntar. Até que chegou a uma pequena rua em direção a um lago de águas brancas e rosadas, por trás de abetos e outros tipos de pinheiros.

Uma caixa de correio, verde, muito simples, com o nome “Crafoord”, sob a sombra de grandes e vistosos bordos.

Malin virou e, ao estacionar diante da casa de arquitetura especial, provavelmente encomendada, de dois pisos e de forma irregular, com grandes vidraças e construída em madeira ligeiramente manchada, ela sorriu. A casa, pela arquitetura de bom gosto, pomposa, mas ao mesmo tempo contida, parecia um protótipo do que aquelas pessoas, de boa situação econômica, adoram. A casa de Viveka devia ser a mais exclusiva de toda a área. Com a melhor localização, precisamente junto ao lago, com píer e praia de areia.

— Um microclima — diz Viveka, inclinando-se no sofá de teca. — Não me pergunte como conseguimos construí-la.

Estão sentadas no fundo da casa, num terraço com vista para o lago Stora Rängen, com plantas perenes e rododendros inclinados sobre os ombros largos do marido de Viveka, Hjalmar, que está preparando o churrasco a 10 metros de distância, sobre uma prancha de madeira esverdeada, colocada em cima de um balcão de pedra da ilha de Öland.

Sem dúvida, a temperatura é muito mais amena na varanda, pelo menos cinco graus a menos, já que o verde das árvores e dos arbustos e a proximidade do lago, por alguma bendita magia, conseguem baixar o calor.

“Exatamente como no pavilhão do parque da Associação de Jardinagem”, pensa Malin.

“Mas lá ainda era um pouco mais quente.”

Malin tem razão. Embaixo, no fim de uma escada de granito, está um barco a motor ancorado a um píer. Há duas cadeiras de alumínio, para se tomar banho de sol, dispostas na praia. Malin sente o cheiro que vem da carne na grelha. Há uma salada de feijão e alface em cima da mesa, na frente das duas. Ela afaga com as mãos os apoios dos braços de teca da cadeira, o que a faz se sentir mais calma.

“O que faz o marido?”, pergunta-se Malin, mas não questiona Viveka.

Contenta-se em constatar o quanto é agradável o homem de rosto suave. Depois, olha para Viveka, poucas rugas apesar de seus 55 anos, traços isentos de tristezas, sinal de uma vida equilibrada e agradável. E, então, Malin reflete sobre a circunstância de conhecer tão pouco Viveka. Será que tem filhos? E por ter sido convidada para um churrasco, apesar do motivo de seu telefonema.

— O que acha?

Ela contara sobre o caso que está investigando. Naturalmente, Viveka deve ter lido os jornais, visto na televisão.

— Gostaria de saber sua opinião sobre quem possa ser o criminoso.

— Primeiro, vamos comer.

Logo a seguir, chega à mesa uma travessa com salsichas roliças e lombo de porco. Malin come; falam do calor e bebem vinho tinto meio doce, um bom acompanhamento para a carne. Apenas um copo para Malin, mas Hjalmar fica cada vez mais alegre e conta que, depois de muitos anos como funcionário da McKinsey, agora trabalha como consultor em Estocolmo.

E, assim, a refeição termina tão rápido como começou, e Hjalmar retira-se.

— Está na hora do jogo! — Viveka abre os braços. — Ele é louco por futebol...

Malin percebe que a varanda está às escuras. E a única luz sobre o lago vem da Lua prateada e de algumas casas da outra margem e seus reflexos sobre as águas.

A noite anuncia-se, e Malin deixa Viveka falar:

— Infelizmente, Malin, é impossível dizer qualquer coisa específica com as informações que tenho. Fiz um curso de elaboração de perfis quando moramos em Seattle, nos Estados Unidos, e pelo que posso imaginar trata-se de um eremita, que teve relações mais ou menos estranhas com a mãe. Mas isso quase sempre acontece. Ele mora em Linköping, deve ter crescido aqui, visto que se sente, provavelmente, muito seguro no meio onde pratica os crimes ou abandona as vítimas. Sua maior preocupação é a limpeza, deixar que as suas vítimas pareçam o mais inocentes possível. Mas nisso, certamente, já pensou. E qual a razão dessa preocupação com a limpeza? A virgindade? Quem sabe? Talvez a pessoa se sinta suja de alguma maneira. Doente. Sexualmente doente. Ou talvez ele queira recriar alguma espécie de inocência.

— Mais alguma coisa? Você refere-se a “ele”, mas pode ser uma mulher?

— Pode ser. Mas é provável que seja um homem. Ou uma mulher com atitudes masculinas e que tenha sofrido alguma violência sexual. Essa possibilidade existe.

— E os ferimentos?

— O fato de serem diferentes pode significar que o culpado está fazendo experiências. Como se ele ou ela quisesse encontrar uma forma especial.

— Essa ideia também me ocorreu.

— Se eu fosse vocês iria procurar as pessoas que aparecem quando a situação começa a complicar. A chave dessa história está no passado. E por que está ressurgindo? Só mesmo o criminoso sabe. Se é que sabe...

O telefone de Malin toca.

Ela olha para o visor. Gostaria de atender, mas resolve esperar. Desiste. Viveka não comenta essa atitude e continua:

— Ele deve ter um trabalho qualquer, mas poucos amigos.

— Obrigada, Viveka — diz Malin. E resolve perguntar o que realmente lhe interessa: — Se eu quiser ouvir uma testemunha sob hipnose, você poderia fazer uma sessão?

— Claro que posso, Malin.

Malin nota que, pela primeira vez, Viveka ficou entusiasmada.

— Desde que a testemunha aceite ser hipnotizada por mim, não haverá problemas.

Ambas ficam em silêncio.

Ouvem-se alguns risos vindo do lago. E o som de uma cascata.

— Quer dar um mergulho? — pergunta Viveka. — Posso lhe emprestar um maiô e você pode passar a noite aqui, se quiser. Na *stuga* de hóspedes. Hjalmar faz ovos mexidos para o café da manhã.

Malin pensa.

O número ainda no visor.

— Um mergulho, sim, me faria bem. Mas, depois, volto para casa.

A lembrança do banho nas águas quentes do Stora Rängen volta à sua memória uma hora mais tarde, ao se deitar na cama de Daniel Högfeldt e ao sentir o corpo dele, musculoso, vibrante, tenso, sobre o seu. Como ele entra, forte, profundamente, dentro de seu corpo que fica excitado até chegar a um espasmo que a deixa aérea, sem sentimentos, sem lembranças do passado ou do futuro. Ele tem um corpo comparável aos melhores sonhos de uma noite serena, daquelas com que vale a pena sonhar e vale uma explosão que, às vezes, é a única coisa de que os trilhões de células de qualquer pessoa precisam.

Ainda que seja apenas para a pessoa aguentar a si mesma.

Sua pele.

Brilha como se houvesse uma fina camada de óleo, à luz tênue do amanhecer que entra pelas frestas da persiana. Quando chegou na noite anterior não pronunciou nenhuma palavra. Sem emitir qualquer som, ela entrou no quarto e, agora, também sem qualquer som, está saindo. Veste-se no *hall*, em silêncio para que ele não acorde.

O que ela poderia lhe dizer?

Que foi bom?

Vamos ao cinema?

Um jantar romântico *tête-à-tête*?

Ele está deitado na cama a alguns metros de distância, porém ainda continua presente dentro dela como sensação, proximidade, também como distanciamento.

Um vibrador.

Um distanciamento duplo. Deve ser como se encher de uma coisa que não tem nada a ver com humanidade, deve ser o instrumento perfeito para aquela que só quer mudar, embora, de certa forma, queira ficar.

Malin deixa o apartamento de Daniel Högfeldt saindo em silêncio. Está certa de que ele já acordou.

“Senti quando você se levantou, Malin. Deixei que fosse embora.

“O quarto está quente, e a umidade de nossos corpos permanece nos lençóis, o suor por baixo de meu corpo é seu e meu.

“Qualquer tentativa para segurá-la aqui, Malin, seria um fracasso. O que diria eu? Será que iria dizer tudo o que pretendia? Você é complicada demais para mim, Malin. As contradições são muitas, minuciosas.

“Simples, claro.

“Como um sorvete num dia de verão.

“Malin é um pouco burra, mas tem bom coração. É uma mulher assim que eu quero. Ou seja, talvez, precisamente o contrário. Eu a quero, mas não sei como contar para ela. Nem para mim mesmo.”

Chegar em casa, tomar uma ducha, trocar de roupa, beber um café forte, pensar em Tove, em Janne, sentir a falta dele, sentir tanta agonia até dar vontade de vomitar. E, sem que saiba o que aconteceu, é Karim Akbar que está diante de um quadro e faz um resumo das investigações sobre o ataque contra Josefina

Davidsson e os assassinatos de Theresa Eckvede e Sofia Fredén.

Tove chega esta noite.

“Quero me concentrar nisso”, pensa Malin, “mas vai ter de esperar.”

Reunião matinal, como habitualmente, às nove horas.

Os investigadores em volta da mesa estão cansados, os rostos enrugados pelo calor e pela violência. As ações humanas que são o objetivo do trabalho, às vezes, não são compreensíveis. Mas é preciso entendê-las, torná-las inteligíveis, perceptíveis para si mesmos e para o público.

— A imprensa está furiosa — diz Karim. — Querem informações, mas não podemos nos deixar influenciar. Portanto, como vamos começar? Como correm as várias linhas da investigação?

— Nós ouvimos ontem Behzad Karami e seus pais — diz Waldemar Ekenberg. — O informante anônimo tinha razão. Eles mentiram sobre a festa de família. Behzad afirmou que estava cuidando de sua plantação de amoras silvestres num terreno perto da lagoa, Stångån, e acho que confere, embora nenhuma testemunha possa confirmar o fato. Mas os vizinhos afirmam que viram luz no casebre dele nas noites dos crimes.

— E você, Sundsten?

Sven Sjöman tosse no momento de pronunciar as três palavras. Seu rosto fica vermelho.

— Deve ser isso mesmo.

— Deve ser?

— Não podemos ter certeza absoluta. Mas é quase certo que é isso sim, está correto. Entretanto, aguardamos agora a informação de quem telefonou e afirmou que Behzad Karami estaria envolvido. Temos de ouvir essa pessoa.

— E como vão conseguir encontrá-la?

— Será difícil. Mas a companhia telefônica Telia está tentando identificar de onde a chamada foi feita. Talvez possamos saber quem é essa pessoa entre aquelas que convivem com Karami e que nós conhecemos. São caras conhecidas de todos aqui em Linköping.

— Ótimo. E a lista de criminosos sexuais da cidade?

— Conseguimos localizar ontem mais três. Todos tinham álibi. Estão limpos.

— E nenhuma novidade a respeito da pessoa que telefonou no caso de Josefin Davidsson?

— Não — diz Malin. — Parece até que isso aconteceu há mil anos.

— Com toda a certeza, foi alguém que passou por perto, viu alguma coisa, mas não quer se envolver — diz Sven, antes de acrescentar: — Ok. E agora posso informar que o contato em Mjölby com os pais de Sofia Fredén e outros familiares não deu em nada. Pelo que foi possível apurar, Sofia sempre foi uma jovem diligente, boa estudante, nunca saía sem avisar. Até mesmo a perícia do local do crime não resultou em nada. Mas isso já tínhamos previsto, não? Quem cometeu o crime vive obcecado por limpeza e é perfeccionista, como comprovam os restos de Klorin no corpo da vítima. Os restos de tinta na vagina são do mesmo tipo dos encontrados na vítima anterior. E a causa da morte foi estrangulamento. Os técnicos estão agora analisando o computador da vítima, e as listas de chamadas do celular estão a

caminho.

Sven deixa que suas palavras assentem.

Nada é fácil nesta investigação. Ninguém vai conseguir qualquer coisa de graça.

— E continuamos sem qualquer informação do Facebook ou do Yahoo. Querem manter a privacidade dos usuários.

— Não podemos fazer nada para pressioná-los? Juridicamente? — pergunta Zeke.

— Certamente, podemos obter uma ordem judicial. Mas eles sempre podem apelar. E, dessa maneira, vai ser difícil obter as informações. Qual será a instância responsável por um provedor nas ilhas Cayman?

Sven resolve mudar de tema.

— E com relação ao vibrador, o departamento técnico não pode descartar qualquer um dos 350 fabricantes. Se é que, de fato, se trata de um vibrador.

— E os arranhões de Sofia Fredén? — pergunta Zeke. — A Karin conseguiu averiguar exatamente o que os provocou?

— Unhas de animal. Mas parece que é impossível determinar que espécie de animal.

— Louise Svensson tem coelhos no quintal — diz Malin. — E coelhos têm unhas.

— Há uma enorme quantidade de pessoas que criam coelhos e outros animais com unhas nesta cidade — diz Sven Sjöman. — Sem mencionar que qualquer pessoa pode comprar colares com unhas de animais.

Malin faz um aceno e diz:

— É... Foi rebuscado demais...

— Mais alguma coisa?

Sven vira-se para Malin e Zeke.

— Nós ouvimos Slavenca Visnic — esclarece Malin. — E soubemos que ela teve ligação com duas das garotas. Ela não tem nenhum álibi, mas também não encontramos nada de concreto contra ela.

Malin conta o que sabe sobre as ligações: Theresa foi encontrada perto de um dos quiosques de Slavenca, e Josefin Davidsson trabalhou em outro. Mas isso pode ser considerado como fruto do acaso, embora uma coincidência esquisita.

— Isso me deixa perturbada — confessa Malin.

— A sincronicidade — diz Per Sundsten — já deixou muitos inspetores loucos. A ligação existe, mas parece ser completamente insignificante. E vocês, o que vão fazer?

— Nós guardamos todas as informações. Mas continuamos trabalhando sem qualquer perspectiva concreta.

— *Hardcore policework* — diz Zeke — é o trabalho sujo da polícia que temos pela frente.

— Eu pretendo falar de novo com Nathalie Falck, a amiga de Theresa Eckeved — diz Malin. — Sinto que ela ainda não contou tudo o que sabe e que nos interessa saber. Talvez resolva contar agora, diante de uma situação que só piorou. De Peter Sköld, o namorado, acho que não vamos conseguir mais nada.

— Fale com Falck — diz Karim. — A esta altura não temos nada a perder.

— E acabamos de receber o arquivo de Louise “Lollo” Svensson — diz Zeke. Malin olha para ele, zangada.

“Por que ele não me disse nada antes?”

— Calma, Malin — diz Zeke. — Não fique excitada! — E os outros riem. E o riso parece aliviar o ambiente na sala, deixar a sensação de desespero menos presente. Todos parecem ficar acima do inferno em que as investigações se transformaram.

— Eu recebi o relatório cinco minutos antes de a reunião começar. Caso contrário, o teria mostrado para você.

Zeke costuma ficar zangado quando Malin resolve investigar por sua conta e risco. Mas nas poucas vezes em que ele faz isso, ela fica furiosa, zangada, sente-se como se fosse uma filha esquecida.

— Eu jamais agiria de outra maneira — acrescentou Zeke.

E os outros voltam a rir.

“Por minha conta”, pensa Malin, mas nesse riso existe um calor especial, diferente do calor sofrido do verão. Malin pensa que todos precisam rir, ela precisa rir, todos precisam saber que alguém não está com disposição de levar tudo tão a sério.

— Cale a boca, Zeke! — Agora até Sven Sjöman ri, antes de Zeke tossir para limpar a voz. E, então, a seriedade volta, lentamente, a dominar o ambiente.

— Ao que parece, a mãe deu queixa na polícia contra o marido e padrasto por assédio sexual contra Louise que, então, tinha 12 anos, se é que as datas são confiáveis. Mas a queixa deu em nada.

— Não me surpreende — diz Malin. — Nessas circunstâncias, esse tipo de porcaria sempre acontece. — E recorda as palavras de Viveka Crafoord, dizendo que o infrator talvez tenha sofrido algum tipo de violência. — Não é sempre assim? De uma maneira ou de outra. Que uma violência leva a outra. Essa pista existe na história há tanto tempo quanto a origem da vida dos seres humanos.

— Sim, mas não podemos ouvi-la de novo com base nisso — diz Sven Sjöman. — Já a pressionamos bastante. E os antecedentes sujos e os problemas familiares existem tantos quanto as pessoas do mundo.

Karim parece concentrado. E Malin imagina o que está passando por sua cabeça. De certo, está se lembrando da imagem do pai dele, de quando se suicidou por não encontrar o seu lugar na sociedade sueca. “O pai que morreu amargurado, de uma maneira que você, Karim, jamais admitiria ficar.” Malin pensa, então, no chavão ao qual sua mãe sempre lançava mão diante da mínima adversidade ou desapontamento: “Não é o que acontece que significa algo, mas, sim, a maneira como cada um reage diante do acontecido”.

E, em seguida, Malin pensa nas palavras do filósofo Cioran: “A pessoa verdadeira é aquela que se recusa a ficar desapontada”.

“E você é a pessoa mais desapontada do mundo, mãe?”

Tenerife.

Mas agora a questão é outra.

— Hipnose — diz Malin. — Eu gostaria de ouvir Josefin Davidsson sob hipnose. — E agora é a vez de Zeke ficar zangado e se perguntar: “Que é isso? Eu sabia que estava pensando nisso. Podíamos ter discutido o assunto antes, não?”.

— Sabemos que é possível recordar coisas durante a hipnose, coisas que, em geral, não conseguimos recordar. Sou amiga da psicanalista Viveka Crafoord que se ofereceu, de boa vontade, para ouvir Josefin sob hipnose.

Waldemar Ekenberg ri.

— Hum — balbucia ele. — Parece uma boa ideia.

— Isso não pode chegar aos ouvidos da imprensa. Vai parecer que estamos desesperados — diz Karim. — E isso nós não queremos.

— A descrição é total — afirma Malin. — Viveka Crafoord trabalha sob sigilo.

Zeke já conseguiu dominar a raiva momentânea.

— Os pais dela estão de acordo?

— Isso não podemos saber antes de perguntar.

— E a própria Josefin?

— Vale também o que disse.

— Se o interrogatório funcionar, poderá nos levar a algum lugar? — pergunta Sven Sjöman.

— Poderá nos levar para uma nova pista — comenta Karim.

— Então, o que estamos esperando? — pergunta Waldemar. — Leve logo a garota para a vidente.

Malin não sabe o que dizer, não se decide, se o durão de Mjölby está brincando ou se fala sério. E para simplificar:

— *Hocus pocus* — diz Malin, levantando-se da cadeira. — Agora mesmo vou enfiar a agulha na boneca vodu.

Ekenberg vai até a mesa de Malin depois da reunião. “Que será que ele quer?”, pergunta-se Malin.

— Você, Fors — diz ele —, parece tão feliz.

— Feliz?

— Sim, assim como se tivesse acabado de transar. Aonde uma pessoa vai nesta cidade se quiser descarregar os...

E Malin não sabe de novo que reação tomar. Nunca ficou tão surpresa, desde que, com três anos, por engano, bebeu um copo de água quente que ela pensou ser um suco de frutas.

“Devo dar-lhe uma bofetada?”

Mas logo se recompõe.

— Seu merda! Nesta cidade, não existe uma única mulher que queira tocar em você sem usar luvas de borracha. Entende?

Ekenberg já vai longe.

“Com certeza, com uma careta de sarcasmo”, pensa Malin.

“Não caia em provocação. Temos coisas sérias para resolver.”

Mas ele tinha razão.

Ela continua sentindo Daniel dentro de si.

Quer conter o sorriso que se espalha pelos lábios.

— Está e estará sempre fora de questão.

Ulf, o pai de Josefin Davidsson está sentado no sofá cor de vinho, na sala de estar de sua casa geminada, em Lambohov. Movimenta, preocupado, os dedos dos pés no tapete rosa. O rosto bronzeado pelo sol é redondo, abaixo de cabelos que começam a ficar ralos e com um nariz cuja pele está descascando.

— Hipnose — repete. — Há casos de gente que ficou presa nessa situação. E Josefin precisa descansar.

Malin acha que a esposa Birgitta, ao lado no sofá, está hesitante, provavelmente julga a situação, tenta seguir a opinião do marido para evitar brigas. As atitudes de agora são as mesmas de quando ela os viu pela primeira vez no hospital. Recusaram a proteção da polícia para Josefin. Disseram que ela precisava descansar e de tranquilidade acima de tudo. Birgitta Davidsson é uma mulher elegante e está com um vestido florido azul. Tão elegante que se perde ao lado de Ulf, de calças de sarja. Ou não?

Zeke, ao lado de Malin:

— A psicanalista Viveka Crafoord, que realizará a hipnose, é uma pessoa com muita experiência.

— Mas por que haveríamos de querer que Josefin se lembre?

As palavras de Ulf Davidsson são agora menos forçadas.

Malin hesita, responde em pensamento. Seria até melhor para a filha não ter de recordar. Ela consegue viver muito bem sem a recordação do que aconteceu, mas acaba dizendo:

— Seria extremamente importante para a investigação. Duas garotas foram assassinadas. Não temos nenhuma testemunha. Nós precisamos de toda a ajuda que pudermos ter.

— E vocês têm certeza de que se trata do mesmo criminoso?

— Totalmente — responde Zeke.

— Não parece justo — diz Ulf Davidsson. — Arriscado demais.

— Tem razão, meu querido — diz Birgitta Davidsson. — Quem sabe como ela se sentirá depois de recordar o que aconteceu?

— Nós não sabemos quando o criminoso vai atacar de novo — diz Zeke. — No entanto, mais cedo ou mais tarde, isso vai acontecer. Por isso, essa sessão, essa hipnose é de absoluto...

Zeke é interrompido pela voz fraca, mas clara, de Josefin Davidsson, que vem do andar de cima.

— Será que ninguém vai me perguntar o que eu acho?

Ulf Davidsson mostra certa irritação:

— Nós somos os seus pais. Nós decidimos o que é melhor para você.

— Quer dizer que você quer ser hipnotizada?

Josefin desce rapidamente as escadas, senta-se numa poltrona, com curativos nos ferimentos, contrastando com o vestido leve, vermelho-claro.

— Quero.

— Você...

— Sem discussão.

— Mas, pai, eu...

— Cale a boca.

E o silêncio volta à sala, o único ruído que se escuta é o zumbido de uma abelha que tenta sair por uma janela, mas não encontrando a saída bate no vidro várias vezes, produzindo o zumbido.

— Nós queremos encontrar...

— Eu sei quem vocês querem encontrar. É o diabo que, talvez, está lá fora à solta. Droga! Procurem por ele e parem de perturbar a minha filha.

— Você é um tremendo hipócrita, pai! — exclama Josefin. — Quando disse que podiam tirar uma licença do trabalho para ficarem comigo, vocês aproveitaram, mas partiram direto para o campo de golfe.

— Josefin, agora basta! — exclama a mãe.

— Eu faço um apelo — diz Malin.

— E eu, também, pai. Eu quero fazer a hipnose, independentemente de vocês quererem ou não.

Ulf Davidsson parece ter envelhecido uns 15 anos em questão de segundos, como se durante todos esses anos tivesse pretendido estabelecer mil princípios e pontos de vista, mas, ao final, sempre tivesse de ceder.

— É a coisa certa a ser feita, pai. Se eu me lembrar de algo que leve à prisão do criminoso, o senhor será o herói do mês.

— Você não sabe o que está pedindo — diz Ulf Davidsson para a filha. O seu olhar está claro, mas triste. — Mas tudo bem. Se a hipnose é o que você quer, então, que seja hipnotizada.

A caminho do estacionamento.

O Sol como uma bolha de gás em chamas em contraste com o céu azul-claro. Uma luz tão forte que nem óculos escuros pareciam capazes de conter. Até a terra parece transpirar, apesar de seca, tão seca que Malin chega a pensar que vai se incendiar por autocombustão. E ainda persiste o cheiro da fumaça dos incêndios na floresta, como ela atinge o nariz e provoca uma ligeira perturbação em seu organismo. As expressões de agradecimento, ainda há pouco, dentro da casa:

— Obrigada. Vocês estão fazendo a coisa certa.

Promessas de segurança.

— Não tem perigo nenhum. É melhor para ela recordar.

A questão prática:

— Daremos notícias assim que eu falar com Viveka Crafoord. Talvez ainda esta noite ou o mais tardar

amanhã pela manhã. Daremos notícias. Fique atenta num lugar em que possamos encontrá-la.

E agora Viveka na linha, em casa, em Svartmåla.

— Acabo de sair de um mergulho no lago.

O corpo de Daniel Högfeldt.

As águas do lago Stora Rängen.

A chave dessa história está no passado.

— Ela concordou em ser hipnotizada. E os pais deram o consentimento.

— Quando?

— Quando é melhor para você?

— Onde?

— Também depende de você.

— Então, esta noite, às sete horas, no meu consultório. Está bem?

— Perfeito, a menos que aconteça algo de novo.

Nathalie Falck está segurando um ancinho cujas garras, já desgastadas, apontam como se fosse a copa de uma árvore morta, para um céu azul, quase branco, de tanta luz e calor.

Estão entre os túmulos a um canto do cemitério. Ao fundo, vê-se o telhado de Valla Liv e, na estrada Vallaleden, ouvem-se os carros passando através de uma atmosfera carregada.

— Eu uso o ancinho para limpar a brita do caminho — diz Nathalie. — É a melhor ferramenta.

— Tudo parece bem limpo — comenta Malin, apontando para o caminho que leva até a capela onde são realizadas as cerimônias fúnebres. — Você é muito eficiente.

— É... Tudo fica diferente quando se trabalha com eficiência.

Zeke continua em silêncio ao lado de Malin, à sombra de um velho carvalho. As flores da maioria dos túmulos já estão queimadas e secas, prematuramente envelhecidas pelo calor.

— Vejo que está olhando para as flores. É lamentável, mas não conseguimos regá-las com a frequência que este calor exige.

Malin acena com a cabeça. Concorda.

— Está muito quente — diz ela. Depois, pergunta: — Não nos contou tudo o que sabe, não é verdade?

— Como pode afirmar isso?

— É apenas intuição. Duas garotas da sua idade foram assassinadas, portanto está na hora de começar a falar.

— Mas eu não tenho nada para contar.

— Tem, sim.

Nathalie Falck balança ligeiramente a cabeça.

— Não.

— Muito bem — diz Zeke. — Então, diga: o que você fez na noite de segunda para terça-feira?

— Fiquei em casa. Isso, meus pais podem confirmar.

— Duas garotas — diz Malin. — Theresa. Você não lamenta a morte dela?

Nathalie Falck encolhe os ombros, mas Malin vê logo como os olhos dela se enchem de lágrimas. E, então, ela toma uma decisão:

— Ok.

— Ok, o quê? — pergunta Zeke. E Malin nota que ele se esforça para não deixar a raiva dominar a situação.

— Calma, Zeke. Deixe-a falar.

Nathalie Falck dá alguns passos na sombra da árvore e senta-se na grama, em frente do carvalho.

— Li no jornal — começa ela — que vocês fizeram uma busca na casa de Lollo Svensson. Mas nem tudo estava na reportagem. Vocês não sabem que eu tive um caso com ela, que convivi com ela, exatamente como Theresa. Presumo que é isso que vocês querem saber, se é que já não sabiam.

Malin e Zeke se olham espantados.

Era isso que Theresa fazia quando dizia que estava com Peter Sköld? Era esse o segredo deles?

Louise “Lollo” Svensson.

Você está voltando para a investigação.

Será você a Lovelygirl?

— Louise Svensson e Lovelygirl são uma e a mesma pessoa no mural do Facebook de Theresa?

— Que eu saiba, não.

Lollo.

Lollo é uma neblina quente que passa pelas linhas errantes da investigação, toma forma, desaparece, surge de novo e toma forma novamente.

Uma sombra.

— Que porra é essa? — murmura Zeke.

— E você achava que nós não precisávamos saber disso?

— Achei, sim.

— Nossa Senhora, que... — Malin abafa o palavrão que ia dizer. Fica em pensamento. Esse é o tipo de silêncio necessário. Todas as vivências que ficam em sigilo se tornam, assim, uma glorificação. E o silêncio, uma espécie de água benta.

— Agora já sabem — diz Nathalie Falck, sorrindo. — Achei que esse relacionamento com Lollo fosse uma questão particular, pura e simplesmente.

— Como vocês estavam juntas?

— Fiz sexo com ela na quinta-feira. Ela me dava dinheiro. E Peter Sköld, se querem saber, tem um namorado em Söderköping. Peter estava com ele quando disse que estava com Theresa. E Theresa, em vez de estar com ele, estava comigo.

— Quer dizer que você e Theresa tinham um caso?

— Não. Ela não fazia o meu tipo.

“Não era ‘seu tipo’”, pensa Malin.

— Fazíamos sexo de vez em quando — acrescenta Nathalie Falck. — Mas era apenas sexo entre amigas.

Zeke telefona para Sven Sjöman.

— Manda uma viatura para o sítio de Lollo Svensson, perto de Rimforsa, com ordens de levá-la imediatamente para o departamento para ser interrogada. Ela teve uma relação com Theresa Eckeved.

Pausa.

No estacionamento da igreja, o carro está fervendo. Zeke abre as portas para diminuir um pouco o calor do interior.

— Eu sei, Sven Sjöman. Mas podemos prendê-la por ter tido relações sexuais com menores de idade.

Não seja muito dura com ela.

Olhe para ela como o ser humano que ela, de fato, é.

Lollo. Não há nada de errado com ela. Ou será que há? O que é?

Eu me lembro de suas mãos na minha pele. E como ela colocava o dinheiro, depois, nas minhas mãos. O gosto de sua vagina, molhada, de contornos suaves, macios. As palavras sussurradas: Theresa, Theresa, Theresa. E o som do meu nome ressoava no lençol florido de algodão, na floresta que se avistava pela janela, no céu escuro, decorado com bonitas estrelas de esperança.

E ela descontraía-se com o toque da minha língua. E eu não tinha nada contra isso, porque aprendia muito sobre o meu corpo que já não existe mais.

Anjos.

Como eu, como Sofia.

Seremos nós as eternas virgens?

Será ela a Lovelygirl, Malin?

Será Slavenca a Lovelygirl?

Isso, Malin, você terá de descobrir sozinha.

Portanto, escute o que Lollo vai dizer, tente entender por que ela faz o que faz, por que ela é o que é.

Posso sentir sua excitação, Malin.

Como gosta de farejar a verdade.

Acho que isso vai ajudar você.

Essa esperança é que nos faz avançar, não é verdade?

Waldemar Ekenberg está sentado à mesa que lhe foi designada, na grande sala dos inspetores do departamento de investigação da polícia de Linköping. As pernas enormes, com calças de linho, estão plantadas em cima da mesa e ele bate com a caneta no braço da cadeira. Per Sundsten, na frente dele, está olhando os jornais na internet para saber o que está saindo sobre os assassinatos.

No *Expressen*: “Cidade apavorada”.

No *Aftonbladet*: “Quem é o criminoso?”.

No *Dagens Nyheter*: “Um assassino sueco em série?”.

No *Corren*: “O assassino de Linköping: homem ou mulher?”.

Per Sundsten examina os textos. Nada de novo. Nada que eles também já não saibam. Entrevistas com gente da rua, garotas jovens no balneário Tinnis:

“Nós estamos com medo. Já não saímos à noite.”

“A atmosfera na cidade é horripilante.”

“Eu tenho uma filha de 14 anos. Fico preocupada quando ela sai.”

Antes de desligar o *laptop*, Per circula pelos mais diversos *sites* e para no que apresenta imagens de uma praia na Tailândia.

“Meu Deus, como eu gostaria de estar lá agora”. Vê que Sven Sjöman se aproxima. A distância, parece que está ofegante, cansado, bufando só de andar pela sala. “Será que eu me aproximo dele?”, pergunta-se Per. “Tão cansado e tão lento.” Mas, ao contrário do corpo cansado, o olhar de Sven está atento. Per vê logo que Sven tem uma missão importante para eles.

“Dois estranhos”, pensa Sven Sjöman ao se aproximar da mesa onde estão Per e Waldemar. “Forasteiros, embora pertençam à mesma categoria. Um acréscimo de forças, aliás, forças brutais, segundo os rumores que correm. Ekenberg é um ovo podre que tem tido a sorte de escapar.”

Sven já viu diversos Ekenbergs durante seus muitos anos na polícia. Sempre tentou ficar longe deles. E, como chefe, tenta se livrar deles.

Os fins não justificam os meios.

Sven lembra-se do corpo da garota no Järnvägsparken. Os olhos dela, brancos e cegos como os de um animal doente, pedras polidas sem brilho e sem beleza.

Sven chega à mesa onde estão Per e Waldemar, quatro olhos atentos, dois, os de Per, ainda parecem estar em algum outro lugar, mas os de Waldemar demonstram grande concentração na missão a cumprir.

— Telefonaram da Telia. A chamada pôde ser localizada como vinda da rua Mariavägen, no bairro Wimanshäll. Nessa rua, vive um certo Suliman Hajif, que pertencia ao grupo de Karami que cometeu

estupros no inverno passado, mas não foi confirmada a suspeita. Ao que parece, os dois tiveram um desentendimento e, por isso, Suliman quer dificultar a vida para Karami.

Ambos os forasteiros se levantaram.

— Já estamos a caminho — diz Waldemar. E Sven nota que seus olhos ficaram negros, que as pupilas se dilataram diante das expectativas. Expectativas que Sven Sjöman preferia não classificar com palavras.

— Vão com calma.

Per Sundsten faz um aceno de OK.

— Quem sabe — diz ele — não estamos perto de resolver o mistério?

Então, 10 minutos mais tarde, os dois estacionavam na rua Mariavägen, diante de um prédio residencial, de dois andares, rodeado de um jardim formado de macieiras adultas.

O calor e a luz caem sobre eles ao saírem do carro.

— É melhor colocar os óculos escuros — sussurra Waldemar.

O ar-condicionado do carro estava na potência máxima. E, agora, fora do veículo, a diferença de temperatura devia ser de uns 20 graus. O calor quase os sufocava, acentuado pela luz ofuscante.

Aproximam-se do prédio por um caminho de brita, já quase todo coberto por ervas daninhas.

— Acha que ele está lá dentro?

— Provavelmente — responde Waldemar. — Os preguiçosos costumam dormir durante o dia e aprontam à noite.

— Você... Vamos com um pouco mais de calma, está bem?

Waldemar não reage. Aperta o número do interfone de um apartamento, mas não o de Hajif.

Nenhuma resposta.

Quatro apartamentos.

— Sabe o código postal?

— Não faço a menor ideia. Vamos tentar outro.

Apartamento número dois. Sem resposta. E, por trás, Per nota como os músculos de Waldemar se retesam por baixo do tecido do casaco, antes de segurar a grade e empurrar o portão do prédio com toda a força. O portão cede, e Waldemar quase cai para a frente, mas consegue continuar de pé.

— Agora, ele já sabe que estamos a caminho.

— Não gosta de porteiros desleixados? Esse portão já devia ter sido trocado há muito tempo. Vamos rápido.

E eles sobem correndo até o segundo andar. Nenhuma das portas está aberta. Ninguém quis saber o que causou o barulho na entrada.

Apenas o silêncio e o vazio. Um chão de pedra e paredes pintadas de azul-claro, com a tinta já meio desbotada. A porta de Hajif está pintada de cor de rosa.

Tocam a campainha.

Ouvem-se ruídos dentro do apartamento.

A porta não tem olho mágico.

Passos se aproximam da porta e logo se afastam.

— Ele está saindo — diz Waldemar. — Está fugindo.

Novamente atira o corpo contra a porta, que também cede, sem muita resistência. Na entrada, pequena e estreita, encontra-se um jovem, com um tronco malhado, bem desenvolvido, de cabelos negros e rabo de cavalo. Os olhos escuros espantam-se diante das “visitas” inesperadas, enquanto ele se apressa a vestir uma calça esportiva branca. O pênis parece meio intumescido, com *piercing* e anel metálico.

— Olhe aqui, negrinho, nós precisamos falar com você — diz logo Waldemar.

E Suliman Hajif veste rápido as calças e corre para dentro do único cômodo do apartamento em direção à porta que dá para a sacada, que fica na parte de trás do prédio.

— Agarre-o — grita Waldemar. E Per Sundsten corre atrás de Suliman Hajif; joga-se sobre o suspeito e pega-o pelas pernas, justo no momento em que ele já se preparava para saltar. Hajif fica de cabeça para baixo, por cima do parapeito da sacada. Grita. A queda seria de uma altura de quatro metros.

— Você não vai cair, não! — grita Per Sundsten, enquanto, ainda estendido no chão, segura as pernas de Suliman Hajif. A seguir, emprega toda a sua força para puxá-lo para dentro. Se caísse de cabeça, iria quebrar o pescoço com certeza. E morto, de que serviria?

Waldemar segura, então, uma das pernas de Suliman.

Ambos puxam o jovem de volta para a sacada, já sem qualquer resistência, quando Waldemar coloca as algemas nos seus punhos e o traz para dentro do apartamento.

— Que loucura você ia fazer, rapaz?

Per ofega, recupera o fôlego e dá uma pancada nas costas de Suliman Hajif.

— Queremos apenas falar com você, porra!

— Não apenas... — acrescenta Waldemar que já abriu o armário embutido. Per Sundsten olha e vê um montão de jornais, as portas de dentro do armário cobertas de fotografias pornográficas, bem escandalosas, com mulheres amarradas em bancos longos, corridos, e outras sendo chicoteadas.

Brinquedos sexuais bem organizados.

Máscaras.

Chicote especial.

Cinturões de virgindade.

E, isolado na última gaveta do guarda-roupa, um vibrador azul, com a tinta raspada de sua superfície estranhamente transparente.

Sala de interrogatórios número um.

Um teto escuro parece querer desabar e levar junto quatro paredes ainda mais escuras.

Um gravador na mesa de tampo negro, Zeke e Malin de um lado, Lollo Svensson de outro, vestida com uma camiseta na qual se lê “Bitch Power”. Traz no rosto e no olhar expressões desafiadoras. Ela nem pediu advogado.

Malin pensa, procura, “como abrir aquela fechadura, arranjar uma chave, venha de onde vier?”. Pensa, também, que será impossível, até que de repente fala:

— Quer dizer que você gosta de mulheres jovens?

Louise Svensson encara Malin com espanto total, seu olhar, agora, cheio de ódio. “Mas não contra mim”, pensa Malin, “contra outra pessoa qualquer”. E pensa ainda que, se ela e Zeke encontrarem o motivo desse ódio, podem encontrar o criminoso. Aquele ódio pode ter origem em alguma maldade ou violência sofrida.

— Mulheres jovens? Como assim?

Zeke, coçando a cabeça raspada:

— Você pretende tomar conta delas?

— E aí tudo acabou, saiu do controle, no caso de Theresa e de Sofia, enquanto Josefin conseguiu fugir? Não é verdade?

Lollo Svensson concentra-se, a boca fechada, os lábios parecem uma linha, parecem grudados com cola.

— Quis ser agradável para elas? Tem um cômodo especial para receber essas jovens? Ou alguma casa anexa em seu sítio? Nathalie Falck já esteve no sítio? Theresa também esteve lá?

Lollo Svensson junta as mãos, fecha-as uma na outra.

Há gotas de suor em sua testa e por cima do lábio superior.

Como é que uma pessoa pode ficar tão zangada?

E Malin pergunta:

— Por que está com tanta raiva assim? O que lhe aconteceu?

— Você não tem nada a ver com isso, detetive.

— E a queixa de sua mãe registrada em nossos arquivos? Não há nada a esse respeito que você queira nos contar?

— Não, foi tudo uma invenção de minha mãe.

Uma voz aguda e forte, oscilações elevadas, registradas no gravador, cordas brancas, frias, envolvendo o coração de Malin.

— E os coelhos no sítio? Você costuma cortar as unhas deles?

— Que pergunta doentia. Eu crio coelhos porque gosto deles.

— Você e Theresa trocavam *e-mails* para marcar os encontros? — pergunta ainda Malin. — Enviava mensagens para o *e-mail* de Theresa no Yahoo?

— Não.

— Você deixou algum comentário na página de Theresa no Facebook?

— Eu nem conheço nada desse maldito livro de rostos!

Há raiva na voz de Lollo Svensson.

— Você é a Lovelygirl?

— Já respondi essa pergunta.

— Vá com calma, está bem? — pede Zeke. — Quantas vezes você e Theresa fizeram sexo?

— Afinal, eu sou suspeita de quê?

— Manter relações sexuais com menores de idade. E podemos provar. Nathalie Falck confessou que teve relações sexuais com você antes de ter completado 15 anos. E você sabe que nós sabemos que teve relações sexuais até com Theresa Eckeved.

— E daí?

— E daí o quê?

— E as outras? Vocês acharam alguma relação minha com as outras?

— Conte para nós — diz Malin. — Conte.

— Quando se encontrou com Sofia?

— Eu nunca me encontrei com Sofia Fredén. Nunca.

— E com Theresa? Vocês usaram um vibrador? Um azul?

Malin e Zeke já sabem a respeito do que foi encontrado no apartamento de Suliman Hajif. Per Sundsten e Ekenberg estão ouvindo-o na sala número dois. Vão pressionar aquele merdinha. Quem sabe o caso já esteja resolvido. Karin e o departamento técnico estão exultantes com o vibrador encontrado. Não precisam mais procurar o vibrador certo entre centenas de fabricantes e modelos. Se é que essa façanha seria possível. Talvez a verdade venha do outro lado dessa parede escura, a sala dois.

Os olhos de Suliman Hajif, expressão de puro medo.

“Você está com medo, seu merda”, pensa Waldemar Ekenberg.

“E deve estar mesmo.

“Porque eu não lhe quero bem, não.”

A sala dois é igual à outra, apenas invertida, como num espelho. Pelo corredor, as pessoas podem se movimentar à vontade entre as duas salas e ver o cômodo das confissões através de espelhos falsos.

— Você violentou e assassinou Theresa Eckeved e Sofia Fredén. Josefin Davidsson conseguiu fugir. Nós sabemos que foi você, temos o vibrador que, com certeza, foi usado nos crimes.

As palavras de Per Sundsten em tom amigável, firme.

— Vai sentir-se bem melhor se confessar. É mais fácil.

— E toda aquela quantidade de pornografia. Você é louco. Precisa de tratamento, Suliman Hajif.

— Eu não tenho nada a ver com essas porcarias. Quero um advogado.

— Ele virá mais tarde — diz Waldemar. — Nós temos o direito de fazer o primeiro interrogatório só com você.

— O que fez na noite de quarta para quinta-feira?

— Já disse que fiquei em casa descansando nessas noites que vocês estão interessados. Está quente demais para sair.

— Mas ninguém pode confirmar isso, não é, Suliman?

Os músculos de seus braços mostram-se inchados por baixo da camiseta de presidiário, com certeza dois números abaixo do que devia ser.

— E a pornografia?

— Porra, eu gosto de pornografia e gosto de enfiar o vibrador nas garotas. Meto duas, três vezes e, então, elas pedem mais.

— Onde é que você comprou o vibrador?

— Isso não importa nem um pouco.

— Você resolveu denunciar Behzad Karami. Por quê?

A voz de Waldemar está agora, também, mais firme.

— Foi ele quem fez isso.

— Provavelmente, não foi. E como é que você pode saber disso? Uma falsa denúncia pode dar até dois anos de cadeia.

— Ele sai sempre durante a noite. Portanto, deve ser ele. De qualquer maneira, pode ser ele.

— Que tipo de desavença teve com ele?

— Deixem isso para lá. Não interessa.

Waldemar levanta-se, dá alguns passos em volta da mesa, finge que se desequilibra e cai sobre Suliman, cujo nariz bate com toda a força contra o tampo da mesa, produzindo um som seco.

— Porra, pare com isso!

Suliman Hajif grita de dor, o sangue sai pelo nariz. Per Sundsten espera ver Karim Akbar ou Sven Sjöman entrarem e pararem com aquela movimentação, mas nada disso acontece. Suliman continua em frente dos dois, o sangue escorrendo e manchando a camiseta.

— Nós vamos ter logo uma resposta do departamento técnico a respeito do seu vibrador — diz Waldemar, de novo sentado em sua cadeira.

— Não tenho nada para confessar.

Waldemar volta a levantar-se.

Suliman Hajif encosta-se na cadeira e apoia as mãos na mesa para se defender.

O corredor que dá acesso às duas salas está na semiobscuridade, a temperatura é amena e a umidade é

regular. As luminárias no teto, com lâmpadas halógenas, tornam o ambiente agradável. Karim e Sven acompanham os interrogatórios de Suliman Hajif e de Lollo Svensson, paralelamente, e observam as atitudes de Ekenberg, deixando que ele aja, desde que não vá muito longe e passe dos limites.

— Que acha?

O rosto de Karim demonstra indecisão. A cada nova investigação, ele se mostra mais humilde, adota uma postura mais aberta em relação ao trabalho dos inspetores. À medida que foi adquirindo mais confiança em Malin, Zeke, Börje Svärd e Johan Jakobsson, passou a ficar descontraído, a adotar um estilo de liderança mais suave em relação ao que tinha quando chegou, o do touro que sabe tudo.

Será que reconhecem que o trabalho de investigação é uma espécie de brincadeira em que a curiosidade e o bom-senso são um *must* caso se queira obter resultados? Que têm de trabalhar em conjunto para realizar as missões que lhes são impostas? Ou, então, passou a compreender que todos os inspetores se sentem solitários, que estão na frente contra a maldade e que precisam se ajudar para que não sejam arrasados, destruídos.

— Não sei em que acreditar — diz Sven Sjöman. — O departamento técnico está agora analisando o vibrador dele e revistando seu apartamento. Karin Johannison está lá, e ela costuma ser rápida. Estamos analisando, também, o computador. Isso poderá levar mais tempo.

— E Louise Svensson?

— Ela está mais enrolada do que se pode imaginar. E não sei até onde esse rolo a levará. Nunca vi nada parecido.

— Mas acha que ela é a criminosa?

Sven não afirma nada, mas diz:

— Talvez tenhamos de falar com a mãe dela. Escutar o que ela tem a dizer a respeito dos antecedentes da filha.

Na sala um, de repente, Lollo Svensson cospe na cara de Malin, mas a detetive mantém-se calma, apenas limpa o rosto.

Malin sente-se obrigada a continuar a sua linha de interrogatório.

A voz forte nesta investigação.

Depois de remover o cuspe, Malin insiste:

— Quer dizer que falar de seu pai é uma questão sensível... Desculpe, eu não sabia disso.

— Que é que ele tem a ver com isso aqui?

A voz está agora mais controlada, depois da explosão de raiva em reação à pergunta de Malin.

— A queixa apresentada de que lhe falei. Aconteceu alguma coisa em sua infância. Seu pai lhe fez algum mal?

— Será que fez?

Zeke tenta parecer compreensivo, compadecido, e consegue.

— Não vou falar disso. Passei toda a minha vida tentando esquecer.

Lollo Svensson está agora calma, como se tivesse encontrado outra personalidade dentro de si.

— Com quem podemos falar?

— Com a minha mãe.

As palavras de Viveka Crafoord: *A chave dessa história está no passado.*

— E onde a podemos encontrar?

Um nome. Um endereço.

— É mesmo necessário?

— Nosso dever é procurar saber tudo.

— Eu confesso que tive relações com essas meninas. Mas sempre fui atenciosa com elas. Carinhosa, amiga. E até lhes dava dinheiro depois. Mais do que elas esperavam.

— Você não espera que acreditemos no que diz, não é? Quantos vibradores azuis existem nesta cidade?

Waldemar sentou-se novamente, depois de empurrar mais uma vez a cabeça de Suliman Hajif contra a mesa.

Ao voltar para a cadeira, olhou para o espelho da sala. O rosto parece se derreter, envelhecer a cada dia, a cada momento. Um rosto coberto por uma máscara. E o que existe por trás da máscara está marcado pelos impulsos assumidos, pelas concessões feitas aos instintos mais simples.

Violência. Sexualidade. A mesma coisa. Ou não?

E sabe que nunca mais vai aguentar mudar ou fazer qualquer coisa nesse sentido.

Não está inclinado a seguir qualquer tipo de terapia.

— Eu não tenho nada a ver com isso aí.

Suliman Hajif dá uma fungada, leva a manga da camiseta ao nariz para estancar o sangue que escorre. Soluça e acrescenta:

— Sou inocente.

Waldemar inclina-se sobre o gravador:

— Fim do interrogatório com Suliman Hajif, terminado às 16h17.

Malin, sozinha no banheiro.

Fez xixi, mas continua sentada, sentindo o assento do vaso nas nádegas.

Fecha os olhos e pensa.

Suliman Hajif ficará preso na cela até que os técnicos cheguem às suas conclusões, até que seu vibrador seja comparado com as provas obtidas das vítimas. E depois, 20 anos na prisão, recluso? Ou de volta para casa e para o computador onde continuará navegando pela pornografia?

Eles deixaram que Lollo Svensson voltasse para casa.

Havia confessado o que eles queriam saber. De resto, não havia nenhuma prova contra ela. Tal como Sven Sjöman afirmou, mais tarde, ainda no corredor, quando os dois interrogatórios terminaram:

— Existem limites que determinam até onde podemos pressionar uma pessoa quando as provas são

fracas. Devemos, porém, mantê-la sob observação.

— Quero falar com a mãe dela — disse Malin.

Sven Sjöman hesita.

— Será que devemos perturbar uma velha senhora só porque a filha surgiu numa investigação policial?

— Temos de saber o que aconteceu no passado de Lollo Svensson. Poderá servir para esclarecer alguma coisa. Viveka Crafoord disse...

Sven.

O rosto dele se contrai ao ceder ao pedido de Malin.

— Ok, Zeke e Malin. Ouçam o que a mãe tem a dizer. E façam isso agora. Vamos ter de olhar embaixo da pedra enquanto ainda está quente. Procurem saber os antecedentes da história.

Sven nem notou como foi estranha a expressão usada.

— E a hipnose? — lembra Malin. — Temos de fazer isso às sete horas da noite.

— Não pode ser um pouco mais tarde?

— Fica tarde demais.

— Tem razão.

— E eu vou ter de ir buscar Janne e Tove em Nyköping, pouco depois da meia-noite.

Olha o rosto de Sven Sjöman. Ela poderia oferecer o salário de um ano por aquele olhar. Como ele se alegrou em saber do reencontro programado. Como ele parecia compreender a preocupação de Malin e como aquela ausência provocava nela uma inexplicável sensação de tristeza.

Malin levanta-se do vaso sanitário.

Arruma a saia.

Olha-se no espelho.

Está pálida, apesar de todo o sol deste verão.

Tove e Janne.

Em breve.

Em breve, estarão de novo em casa.

Zeke leva a lata de Coca-Cola à boca, bebe um pouco antes de dar uma valente mordida no *wrap*. A salada de camarão escorre como um magma grosso pelos cantos do sanduíche enrolado e cai no chão. Na entrada do hotel Sandic, param dois carros Saab, pretos, e de lá saem homens de ternos escuros que entram no saguão do hotel.

Zeke e Malin estão no quiosque de salsichas, perto do batalhão dos bombeiros e da rotatória que dá acesso a Stångebro. Comem, para restabelecer as energias, antes de ouvirem a mãe de Lollo Svensson. Malin ainda tem de viajar até Nyköping, mas isso fica para mais tarde.

— Está vendo aqueles homens?

Zeke aponta para os homens na entrada do hotel.

— São com certeza representantes de alguma grande empresa ou de algum governo que deseja analisar algum sistema novo de armamento.

— Ou talvez os jatos.

— Não acredito. Eles não vão querer comprar nunca aquele jato. Bilhões investidos e o avião já nasceu velho.

— Deve ter razão, suponho.

O dono do quiosque, um homem de barba escura, de 50 anos, enxuga uma grelha, não parece estar ouvindo a conversa dos dois.

— Aqueles aparelhos que eles fabricam na Saab, quem sabe onde eles vão parar e que destruição vão causar.

— Mas aqui são úteis — afirma Malin. — Geram muitos empregos.

O dono do quiosque escuta a conversa. E, com um forte sotaque, diz:

— Desculpem-me por me meter na conversa. Minha mulher morreu numa explosão por causa de um ataque de mísseis em Falluja. Ninguém sabe quem os disparou. Poderiam ser mísseis fabricados na Saab. Mas que diferença faz? Podiam ser de outro fabricante. Tudo depende de cada um e daquilo com que quer trabalhar.

Zeke atira o resto de seu sanduíche no cesto de lixo.

— Você venderia salsichas para aqueles homens? — pergunta Zeke ao dono do quiosque.

— Eu vendo salsichas para quem está disposto a pagar.

Os dois andam e passam pelo batalhão dos bombeiros, em direção a um prédio residencial.

Não há caminhões nem ambulâncias vermelhas atrás dos portões de vidro do batalhão.

É onde Janne trabalha.

Ele ama este lugar. Tanto quanto um lar, como a sua casa em Malmslätt.

— Droga, como está úmido hoje. — diz Zeke. — Está úmido demais, não acha?

Malin não chega a responder. O celular toca. Ela atende a ligação sem reparar no número no visor.

— Malin!

A voz do pai.

“Agora, não.

“Mas como vou fazer?”

— Pai!

Ao seu lado, Zeke faz uma careta.

— Como é que vocês estão?

— Aqui o tempo está maravilhoso.

— Aqui está um calor tremendo.

— Devia ver como os campos de golfe estão bonitos e não há problema nenhum em arranjar horário para o *tee-time*.

— Tove e Janne estão bem lá em Bali.

— Malin, como está o apartamento?

— Não tive tempo de ir lá.

— Mas...

— Estou brincando, pai, as flores estão bem, obrigada. E a mãe, como está?

— Bem, como habitualmente.

Eles chegam ao portão do prédio. Zeke pressiona o botão do interfone. O suor escorre pela mão. Malin, ao lado, vê sua figura espelhada no vidro do portão, uma imagem difusa, impossível de melhorar.

— Algum assunto urgente, pai?

É a primeira vez que ele telefona na semana.

— Não.

“Qual a razão do telefonema, então”, pensa Malin, “se, normalmente, não se interessa em saber o que acontece comigo e com Tove?”

Nessa altura, ouve-se o sinal do portão abrindo.

— Pai, foi bom ter ligado. Mas agora eu vou entrar numa reunião.

— Não faz mal, Malin. Eu volto a ligar.

No minuto seguinte, Malin está subindo num elevador que estremece muito. No espelho do elevador, vê seu rosto com nitidez e descobre como o calor cria novas rugas.

“Os pais”, pensa ela, “na realidade, para que eles servem?”

— Tudo tem um preço.

A voz de Svea Svensson, depois de muitos e longos anos fumando, é rouca. O rosto mudou com as rugas, o cabelo é branco e uma franja rala cai sobre os olhos verdes. O olhar é de expectativa, mas

acolhedor, como se as pupilas escondessem o desejo de soltar os segredos conservados nos labirintos eletrificados do cérebro.

O apartamento está no último andar do prédio de esquina na rua Tanneforsvägen.

A sala está cheia de móveis antigos, cadeiras barrocas da década de 1950 e um sofá de estilo imperial, tapetes *wilton* e reproduções de pinturas de Krouthén em contraste com o papel de parede cinza prateado, porcelanas decorativas e um relógio de parede que acaba de bater seis horas da tarde.

Através das pequenas janelas da sala, eles podem ver a planície de Östgötaslätten por trás dos telhados da cidade, em direção a Ljungsbro. Eles podem imaginar as águas quentes do lago Roxen, quase conseguem ver o vapor a elevar-se no horizonte e como ele entranha-se nas árvores ardidas, transformado em leve neblina que esconde a vida sedenta que resta no lugar.

Os pilares de fumaça na floresta reúnem-se numa nuvem negra que não sabe para onde ir na ausência completa de ventos.

“É como se o mundo tivesse parado”, pensa Malin, enquanto Svea Svensson diz mais uma vez:

— Tudo tem um preço. Se existe algo que a vida me ensinou, foi isso.

Zeke e Malin sentam-se nas cadeiras barrocas.

Svea Svensson sentou-se no sofá, atrás da mesa de centro. A boca movimenta-se, as palavras formam uma história que jamais deveria ser contada e que, no entanto, é bastante comum.

Zeke:

— Conte-nos como foi a infância de Louise.

— Isso é importante?

— É importante, sim. — responde Malin.

— Posso começar bem antes. Posso? Antes de ela nascer. Quando eu ainda era menina?

— Comece por onde e quando quiser — diz Zeke.

E as palavras começam saindo em enxurrada pela boca de Svea:

“Eu tinha sete anos quando meu pai nos deixou, a mim e a minha mãe. Vivíamos no sítio do meu avô, pai do meu pai, em Övraby, perto de Brokind, numa casa longa, à moda antiga. Meu pai era caixeiro-viajante e um dia não voltou para casa. Minha mãe, então, soube que ele vivia com outra mulher em Söderköping. Vivíamos praticamente sem dinheiro, de modo que minha mãe teve de trabalhar como cozinheira numa outra propriedade, uns 30 quilômetros em direção a Kisa. Eu continuei na casa de meus avós e lembro-me de que esses foram os melhores tempos da minha vida. A seguir, minha mãe encontrou um novo homem que tinha uma sapataria em Kisa, morava em cima da loja, e nós, eu e minha mãe, nos mudamos para lá. Demorou apenas três noites para ele vir ao meu quarto. Lembro-me de como suas mãos frias afastaram minha coberta para o lado e ele penetrou em mim. E isso aconteceu muitas vezes até que, uma noite, minha mãe apareceu na porta do meu quarto quando ele estava em cima de mim. Ela ficou olhando ainda por algum tempo, mas, depois, virou as costas e se dirigiu para a latrina, fora da casa, como se nada tivesse acontecido.

“Eu a culpo?”

“Não.

“Para onde poderíamos ir? Meu avô teve um ataque cardíaco, sua propriedade fora vendida.

“Tivemos de ficar com ele, com o diabo do sapateiro, mas eu fugi quando tinha 17 anos. Fui parar em Motala, na cozinha de uma oficina, e encontrei um homem no Stadshotel.

“Ele era caixeiro-viajante, exatamente como meu pai, mas trabalhava com produtos químicos para a indústria. Ele me engravidou e Louise nasceu. Quando ela tinha oito anos, meu homem deixou-nos sozinhas com um apartamento em Motala. Tinha encontrado uma nova mulher em Nässjö.

“Vivemos sozinhas durante alguns anos, a menina e eu. Depois, tal como aconteceu com minha mãe, eu encontrei outro homem. Sture Folkman. Ele vendia produtos para a agricultura, e nós nos mudamos para a sua vila, perto do canal em Motala.

“Louise não disse nada.

“Eu perguntei-me muitas vezes por que ela nunca contou nada para mim sobre o que acontecia.

“Nós já vivíamos havia três anos na casa quando descobri o que ele fazia, para onde iam as mãos frias dele à noite, o que ele fazia com o corpo de minha filha.

“Para onde poderíamos ir?”

“Mas eu não deixei que isso continuasse.

“Bati com uma frigideira na cabeça dele, e nós, Louise e eu, passamos a noite num ponto de ônibus, embaixo da chuva. Foi numa noite fria de outubro. Os arbustos e as árvores nos jardins das vilas transformavam-se em monstros, silhuetas dos filhos do diabo.

“Na manhã seguinte, pouco depois do amanhecer, com a luz do dia a iluminar a verdadeira natureza dos arbustos e das árvores, chegou o primeiro ônibus que nos trouxe para Linköping. Eu nunca mais voltei a Motala, nem voltei a ver aquele famigerado. Meu primeiro homem, o pai de Louise, morreu afogado durante uma pescaria.

“Eu me culpo, detetives.

“Abandonei a minha menina, a minha filha. Por muita dor que isso possa causar, ninguém deve abandonar seus filhos, virar as costas para eles. Mas eu virei as costas para ela e, por isso, não vi o que tinha de ver.

“Fomos parar num hotel perto da estação. Eu dei queixa à polícia, mas eles não podiam fazer nada. As amáveis senhoras do serviço social nos arranjaram um apartamento para ficar. Consegui um emprego num café, e Louise foi para a escola. No entanto, desde então, de certa maneira, tudo o que eu fizesse, era tarde demais.

“Eu nunca mais deixei, a partir daí, que nenhum homem passasse pela porta de meu apartamento.”

Malin anda de um lado para o outro em seu quarto. Acabou de tomar uma ducha e veste apenas calcinha e sutiã. Jogou seus três vestidos de verão em cima da colcha da cama e está indecisa, pensando em qual escolher: o azul com flores brancas, o amarelo curto ou o totalmente branco que vai até os tornozelos?

Acaba por escolher o amarelo. Veste-o e vai até o espelho da entrada do apartamento para ver como está. E acha que a expectativa da chegada a faz parecer bonita, mais bonita do que acha que é, desde há muito tempo.

O interrogatório na casa de Svea Svensson, apenas uma hora antes. As palavras ainda lhe soam nos ouvidos: mãos frias em cima do cobertor, por baixo do cobertor, como cobras no corpo.

Ela lembra-se do que lhe disse um velho numa outra investigação: “É o desejo que mata, senhorita Fors, é o desejo que mata”.

Eles perguntaram a respeito de Louise, se Svea Svensson sabia de alguma coisa a respeito da filha que pudesse ser interessante para eles, mas a mãe recusou-se terminantemente a responder.

— Sture Folkman ainda está vivo?

Foi a pergunta de Zeke para Svea.

— Vive.

— Sabe onde?

— Acho que vive em Finspång com sua mulher. Constituiu família.

— E?

Malin esperava ainda mais alguma coisa.

— Que Deus ajude essas pessoas.

Depois, silêncio, os lábios fechados como se já tivessem contado as recordações de uma vida inteira.

“Será que devo usar o vestido branco?”

“Não.”

Malin olha em volta no apartamento e verifica que está suficientemente bem-arrumado.

Desce até o carro, no estacionamento da igreja, dá a partida, olha para o relógio e vê que ainda é muito cedo, apenas 7h30 da noite. O avião de Tove e Janne só chega à 1h45 da madrugada. Levará no máximo uma hora e meia para chegar a Skavsta, mesmo dirigindo devagar. Mas ela quer chegar cedo. Se é para padecer de saudades, poderá ficar em qualquer lugar.

Ao subir a rua Järnvägsgatan na direção da rotatória Berg, um rosto surge em sua memória. Ela não sabe por que, mas sabe que aquele rosto é importante.

Slavenca Visnic sorri ao abrir a porta do apartamento em Skäggetorp.

Minutos depois, Malin está sentada, com um copo de Fanta na mão, na sala de estar de Slavenca, tentando encontrar alguma coisa para perguntar. Precisa ser cautelosa, ter cuidado, diante de uma pessoa envolvida na investigação. Mas essa ideia desfaz-se logo e fica apenas a sensação de que Slavenca Visnic é importante.

— O que é que você quer saber?

Slavenca Visnic não se mostra surpresa com a visita, apenas curiosa em saber o que Malin deseja.

— Na realidade, eu não sei. Pensei apenas em lhe pedir para tentar se lembrar de alguma coisa importante que ainda não tenha nos contado.

— O que seria? Eu tento ser apenas uma boa cidadã, cuidar bem de meus negócios. E isso é tudo.

Malin compreende como sua visita deve parecer idiota para uma pessoa tão racional e prática como a mulher que está na sua frente.

— Então, está bem...

— Calma, beba o seu refrigerante. Hoje, tenho apenas de buscar o caixa do dia em Glyttinge e vou aproveitar para dar um mergulho noturno na piscina. Lá eles começam a limpar a água às 9h30 da noite, e se a pessoa mergulhar num dos cantos da piscina já limpo, a sensação é muito boa.

— Um mergulho noturno? Boa ideia. Vou ter de ir a Skavsta buscar meu marido e minha filha.

Malin arrepende-se, imediatamente, do que diz. Slavenca Visnic perdeu toda a sua família, mas os olhos dela agora estão cheios de calma e de calor humano.

— Eu gostaria de mostrar-lhe uma coisa — diz Slavenca Visnic. — Venha.

Logo estão diante de um computador em seu quarto, a luz aparece no monitor.

Slavenca Visnic abre alguns documentos que parecem folhas de um álbum para crianças. Em cada uma delas, colocou as poucas fotografias que tem de sua família, ao lado de curtas descrições da infância, da vida de seus filhos, dos curtos anos de convivência que teve com suas crianças.

Slavenca Visnic aparece ainda jovem nas imagens, um olhar de indisfarçável esperança e responsabilidade. As crianças no colo, o rosto belo, emoldurado por cabelos negros e longos, o seu marido, com um rosto amigável, fugaz, definido por um queixo forte.

— Faz bem montar recordações como estas — diz Slavenca Visnic. — Escrever. Tentar recriar a vida, o que teve de melhor, feita de simples amor.

— Muito bonito — diz Malin.

— Acha?

— Acho.

— Acha que um dia eles podem voltar?

— Não, isso não — responde Malin, mas a pergunta de Slavenca Visnic parece-lhe perfeitamente normal. A ressurreição dos mortos é possível, às vezes, em nossa memória, por força do amor.

— No entanto, no futuro, você vai encontrá-los de novo — diz Malin. — O amor deles flutua neste quarto. Eu sinto isso.

Slavenca Visnic desliga o computador, acompanha Malin até a porta.

— Dirija com cuidado. Certamente eles querem que você chegue lá. O seu marido e a sua filha.

— Nós estamos separados — diz Malin. — Separamo-nos há mais de 10 anos.

Um crepúsculo dourado e tardio, como acontece nestas latitudes nórdicas, no verão.

O dia entrando numa inevitável escuridão, em sua luta de morte aparecem os tons de ouro, vermelho e laranja.

Florestas, planícies, prados, águas, casas pintadas de vermelho amontoadas, em desordem, à beira das florestas, carros estacionados nas áreas de acesso à estrada, luzes nas janelas e, por vezes, silhuetas por trás dos vidros, seres humanos como pesadelos, esfomeados, ainda não preparados para ver o dia acabar.

Mas o próprio dia murmura: Não aguento mais. Basta.

O carro corre a 120 quilômetros por hora. Mas pode muito mais.

Um pássaro de metal lá no céu, onde o ar de verão é muito rarefeito para se respirar. Em breve, uma descida, barreiras laterais de metal para defesa dos corpos.

Mantém os olhos na estrada. Cansaço perigoso.

O asfalto parece uma cobra que passa por Norrköping, Kolmården e, novamente, pela noite.

Estocolmo.

A estrada segue para lá. É claro que, às vezes, ela tem saudades da vida em Estocolmo, de uma comunidade maior, de uma regularidade maior de casos que, realmente, aceleram as almas dos investigadores.

Um caso como o deles.

Pistas que são percorridas sem destino, fios de meadas que atingem o chão, quando todos os policiais envolvidos esperam uma explosão, que a verdade surja de cima e apareça diante de seus olhos. Em vez de uma granada que não detonou e fica latente na sala de reuniões, na grande sala dos detetives no departamento, num murmúrio que, sarcasticamente, lembra-lhes um futuro curto.

A loucura dos meios de comunicação.

Karim Akbar, cada vez mais macio no trato, em compasso com uma decaída como porta-voz, mas cada vez melhor como chefe de polícia.

Sven Sjöman.

Malin nunca o viu tão cansado fisicamente como nos últimos dias.

O calor desgasta o seu corpo pesado. “Tomara que seu coração aguente. O bom coração de Sven.”

Per Sundsten. “É impossível chegar a conclusões a seu respeito. Quem ele é, o que quer, o que pensa. Um bom detetive deve saber disso”, pensa Malin, “porque se um inspetor sabe quem ele é e o que quer, nessa altura, pode deixar sua intuição voar livremente. Ou não?”

“O que é que eu quero?”

“Não importa.

“Não, não é bem assim. Preciso saber.”

Waldemar Ekenberg é, nitidamente, um entre poucos. Seu machismo é quase, comicamente, natural. Deus sabe o que ele fez nos últimos dias, o quanto deixou que os fins justificassem os meios. Em algum momento, o tempo vai alcançá-lo.

E Zeke. Como eles trabalham juntos, talvez de uma maneira mais simples e mais concreta do que nunca, sem discussões a respeito de tomar ou não iniciativas individuais, uma confiança mútua, sem a necessidade de ser expressa por palavras. É como se Zeke controlasse a própria violência só porque Ekenberg faz parte do grupo na investigação, como se tivesse de haver um equilíbrio permanente entre a violência e a compaixão, como se esse equilíbrio fosse necessário para que eles pudessem transformar as suspeitas em verdades.

“E eu própria.

“Sei o que estou fazendo.

“Será que estou aprendendo alguma coisa?

“Aproximo-me cautelosamente das garotas, isso é certo e verdadeiro. Será que consigo sentir e compreender seus medos? Talvez eu possa até compreender quem lhes fez mal.”

Os imigrantes.

Karin Johannison ainda não finalizou a análise do vibrador. A semelhança é grande, notória, o vibrador encontrado pode ser o usado nos crimes. E, então, amanhã, todos já poderão ter um dia de folga.

A pista da lésbica.

Um homem malvado em Finspång. Para onde leva o amor entre mulheres?

Slavenca Visnic. Os quiosques. E as águas dos lagos e das piscinas.

As águas.

Amanhã é dia de Josefin Davidsson ser hipnotizada. Malin telefonou para Viveka Crafoord quando estava a caminho de casa, depois da audição com Svea Svensson. Disse-lhe que era preciso adiar a hipnose. Viveka pareceu desapontada, mas disse: “Acho que posso tirar alguma coisa dela, conseguir que conte o que aconteceu”.

Placas na estrada com números que indicam a distância que falta para acabar a tristeza e a saudade. E ter a certeza de que a distância terminou e passou a existir apenas o presente.

Nyköping, a 32 quilômetros.

Dezessete.

Skavsta.

“Será que devia ter chamado o Markus?

Nem pensei nisso.”

Malin estaciona, entra na sala de desembarque, pilares brancos que parecem oscilar logo abaixo do teto abobadado, uma sala simples cheia de sonhos arrebatadores.

O relógio na parede indica que são 10h15.

O avião chegará no horário.

Dentro de duas horas e meia, a proximidade do amor vai substituir a tristeza e a saudade.

A sua Tove chegará logo, Malin.

Nós estivemos com ela e o seu Janne há pouco, e os dois estavam dormindo, exaustos da viagem tão longa e de tanta coisa nova que viram.

Ambos sorriam.

O momento era de felicidade, assim como você ficará feliz em breve.

E nós?

Eu e Sofia. Nós estamos a flutuar aqui por cima, na sala de desembarque. Estamos vendo você e talvez fosse melhor se você se dedicasse a nós, ao que nos aconteceu, em vez de se dedicar aos seus.

De qualquer maneira, é isso que nós queremos.

O cuidado que cada um tem em relação a si mesmo não desaparece aqui, onde nós estamos. Mas é diferente, é mais amplo, como se compreendesse tudo o que existe, o que existiu e o que vai existir.

O cuidado em relação a si mesmo torna-se cuidado em relação a todos.

Eu e Sofia somos uma e a mesma. Nós somos Josefin, Tove, você. Nós somos todas as garotas e as que foram garotas. Nós somos os rapazes também.

Parece estranho?

Eu compreendo, Malin. Tudo é, de fato, muito estranho.

Por onde começará?

Comece pelos seus.

Mas quem é que não escolhe o amor se tem a oportunidade de escolher entre o amor e a violência?

Você me ouve, Malin?

Aqui, Sofia Fredén.

A minha mãe e o meu pai estão tristes, muito tristes. A tristeza deles jamais se transformará em saudade. Ou não? Apenas o tempo poderá dizer, não é? Agora, os dois estão sentados no sofá, no apartamento em Mjölby. A televisão está ligada, mas eles não veem o que se passa na tela.

Os olhos deles estão cheios de lágrimas.

É por mim que eles choram, Malin.

Você pode fazer tanto por eles, Malin.

Você pode fazer com que parem as lágrimas deles. Ou, de qualquer maneira, que elas ocorram por outros motivos.

Espere apenas um curto segundo para respirar fundo, antes de prosseguir.

Tove segura a mão do pai. A pressão nos ouvidos faz a cabeça doer. Metro a metro, o avião baixa sobre a pista, pelas janelas crescem as luzes das casas no meio da floresta e dos bosques, uma linha de fogo

ainda permanece no horizonte, e Tove pensa que o mundo vai acabar naquele lugar, mas sabe que há a eternidade, que a vida neste planeta é um ciclo vicioso, independentemente do que uma pessoa pense ou diga.

“Mamãe.

“Senti a sua falta.”

Com um pequeno tranco, o avião atinge o asfalto da pista e, depois, aproxima-se das luzes da ala de desembarque.

“Pai, segure a minha mão.

“Será que ela trouxe o Markus?

“Dele não senti muito falta. O que isso significa?”

— Em terras suecas! — diz o pai e parece feliz com isso. — E agora vamos ver se sua mãe chegou a tempo ou se teve que fazer hora extra.

As malas.

Janne odeia essa parte da viagem.

Mas lá vêm elas. Quase as primeiras. Nenhuma ficou pelo caminho entre os aeroportos de Heathrow e Stansted.

“A bagagem.

“Nós.

“Está tudo em ordem.”

— Vamos, Tove.

É bom voltar para casa.

Malin está de olhos fixados nas portas automáticas.

Bate com as sandálias no chão de pedra branca. À sua volta, pessoas alegres, concentradas, na expectativa.

Ajeita o vestido com as mãos, leva os cabelos para trás das orelhas, está com vontade de fazer xixi, mas não quer sair dali agora, o avião já aterrisou há tempo, e eles devem sair a qualquer momento.

Agora.

E a porta abre-se mais uma vez.

Ali.

Lá estão eles. Malin vai ao encontro deles, corre, nota que estão cansados, mas quando Tove a vê, o cansaço desaparece. Tove corre para ela. Malin continua correndo. E o ar desaparece entre as duas, os corpos encontram-se, juntam-se.

As mãos, os braços, em volta uma da outra.

Malin levanta a filha no ar.

“Quanto está pesando agora?”

“Só 3,143 quilos quando saiu de mim.

“E agora?”

Malin olha para Janne.

Ele está atrás do carrinho com a bagagem. Parece preocupado em saber o que deve fazer. Malin coloca Tove no chão. Faz sinal para ele, chama-o. E, nesse momento, ambos, na sala de desembarque, sentem que o calor ficou mais quente e mais puro do que qualquer outro verão conseguirá reproduzir.

PARTE 3

**DEVE VIR ANTES
QUE SEJA TARDE**

Eu ainda não estou pronta.

Agora sei o que vai acontecer.

Nada poderá evitar que este verão arda, nada poderá evitar que o nosso amor renasça.

O mundo, o nosso mundo, vai ser limpo e livre. E nós vamos compartilhar as palavras mudas das cobras nos ouvidos uma da outra. E sentir como elas nos tornarão grandes e invencíveis.

Ele vai desaparecer, vai ser arrasado, e você vai ousar avançar de novo.

Tudo ficará branco, com a brancura do começo. Uma brancura de paixão e de virgindade.

Ninguém vai tentar me conter.

As unhas puderam arrasar as longas prateleiras do depósito, as pernas das aranhas subiram em seu rosto.

Os meus anjos de verão.

Elas podem sossegar agora e, em breve, vão ganhar a companhia e o amor de alguém que compartilha sua história. Exatamente a espécie de amor que eu também vou receber.

Eu vou encontrar outra garota. Ela será você.

Tudo será devidamente corrigido. Não vai doer, porque, em breve, não haverá mais dor.

Tove voltou.

Dorme em seu quarto, debaixo de um lençol limpo. Malin acha que é como se ela nunca tivesse viajado e ficado ausente. É como se a Indonésia e Bali, assim como as bombas e as correntes marítimas e o outro lado do mundo não existissem, nem mesmo como suposição.

Uma viagem de carro em silêncio, desde Nyköping. Tove, quase dormindo no banco de trás. Ela própria e Janne ligados numa permanente ausência de palavras, um silêncio que nunca chegou a ser incômodo, mas fazia cada um se sentir mais só do que a verdadeira solidão.

Apenas palavras soltas.

“— Vocês se divertiram?”

“— Os incêndios nas florestas estão sob controle?”

“— Em alguns lugares começa a parecer um verdadeiro desastre.”

Janne subiu para o apartamento, carregando a mala verde *Samsonite* de Tove. Malin convidou-o para tomar um chá e, para seu espanto, ele aceitou. Disse que poderia chamar um táxi quando quisesse.

Tove adormeceu antes de a água começar a ferver, e eles beberam o chá na cozinha. Da rua, embaixo, ouvia-se uma discussão entre um homem e uma mulher, e depois que a briga terminou a única coisa que se ouvia era o tique-taque do relógio Ikea.

Já eram 3h30 da madrugada.

— Nós nunca fomos bons nisso — diz Janne, ao colocar a xícara na bancada da cozinha.

— Bons em quê?

Malin posiciona-se tão perto dele quanto acha que pode ousar. Não quer espantá-lo.

— Em discutir.

Malin sente a irritação aparecer dentro de si e a aumentar, mas consegue dominar a sensação inútil, reencontra a calma e o desejo.

— Às vezes, a sensação é de que nunca nem chegamos a começar.

— Talvez.

— Pode até ser bom gritar de vez em quando.

— Acha que sim?

— E você, o que acha?

— Eu nem mesmo sei o que devo achar.

Nessa altura, Malin passa a contar sobre o caso em que está trabalhando. Diz que é como se o céu ou a terra se abrisse e deixasse abater sobre a cidade toda a maldade desesperada do mundo. E que ela não sabe como resolver a situação.

— É exatamente como o fogo que se alastra pelas florestas — diz Janne. — Parece que eles não sabem como pôr fim às chamas.

Depois, os dois ficam em silêncio na cozinha, durante algum tempo, até que Janne se levanta e segue para a entrada do apartamento.

— Empresta o telefone para eu chamar um táxi?

— Claro.

Janne levanta o fone do gancho.

Malin está com ele na entrada e quando o vê digitar o número, diz:

— Você pode ficar aqui.

Janne para.

— Eu prefiro a minha cama ao seu sofá, Malin.

— Você sabe que não é isso que eu quis dizer.

— Você sabe que não vai dar certo, Malin.

— E por que não? Basta entrar no quarto e se deitar. Nada além disso.

— É uma tolice, Malin. Aonde irá nos levar? Nós já chegamos à conclusão...

Malin põe o indicador sobre os lábios dele, sentindo o calor de sua respiração na pele.

Ao mesmo tempo, aproxima seu corpo do dele.

— Olha, não diga mais nada. Será que nós não podemos deixar apenas que esta noite seja uma noite?

Janne olha para ela, que pega em sua mão e o leva para o quarto. Janne segue-a sem hesitar.

Duro ou suave.

Um castigo ou uma recompensa.

É assim que o amor físico pode ser.

O peito de Janne contra o dela, uma das pernas dela em volta do corpo dele. Há muito tempo que isso não acontecia, mas ela se lembra exatamente de como o pênis dele se encaixava dentro dela, de como ele a dominava e de como ela se acalmava e, ao mesmo tempo, se excitava e deixava o corpo seguir o instinto, movimentando-se agora por cima, do jeito certo, pronto para receber os fluidos de seu amor.

Gotas que se agrupam.

“É você ou sou eu quem respira?”

Ela fecha os olhos. E os abre para ver que os de Janne também se fecharam, como se ambos quisessem acreditar que, se não vissem um ao outro, então, nada estaria acontecendo.

E ambos são jovens de novo, jovens demais de novo e, de repente, uma camisinha se rompe e nasce Tove. Malin continua a olhar para Janne, ambos os corpos apressam-se e explodem numa espécie de dor que é a mais agradável que ela conhece na vida.

A consciência do ato junta agora os corpos e os anos.

A distância entre a sensação e a ideia da sensação desaparece.

Ela deita de costas.

Em silêncio, mas, pesadamente, ele a procura, e as mãos dela procuram as costas dele, cada centímetro quadrado de sua pele é uma recordação.

Ela relaxa.

Transforma-se em uma criança que dorme com os braços esticados por cima da cabeça.

“Volte para mim.”

Assim é o amor.

“Prometa nunca mais desaparecer novamente.”

“Está aí, deitada, minha amada Malin.

“À luz do amanhecer estou vendo seus lábios mexerem-se, deve estar sonhando, preocupada, não é verdade?”

“Acabo de puxar o lençol para cima de seu corpo.

“Nós não vamos falar do que aconteceu, nem amanhã, nem em qualquer outro dia. Vamos fingir que nada aconteceu.

“Adeus, Malin.”

Janne deixa o apartamento, mas antes pega as chaves do carro de Malin na entrada. Desce para a rua.

No carro, abre o porta-malas e retira a sua mala. Volta ao apartamento, deixa as chaves no mesmo lugar.

A manhã já está quente. A torre da igreja parece vibrar na ainda fraca luz do Sol nascente.

Há um vago cheiro de fumaça de incêndio, quase imperceptível, mesmo para seu nariz treinado.

Janne desce a pé para o batalhão de bombeiros, puxando a bagagem pela mão.

No batalhão, troca de roupa, veste o uniforme e segue com o primeiro veículo para a floresta, para a vida dura, entra diretamente no calor da batalha contra o inferno.

Daniel Högfeldt viu quando Janne — “É assim que se chama o ex-marido de Malin?” — saiu pelo portão do prédio onde ela mora.

Ele tem uma maneira especial de andar.

Daniel estava a caminho da redação, bem cedo. Tinha acordado no meio da noite e não conseguiu dormir mais.

Agora está sentado à sua mesa de trabalho. E pensa no ritmo dos movimentos do andar de Janne, em como esse ritmo expressava grande suavidade e, por estranho que pareça, também amor.

“Não vou poder concorrer com ele”, pensa Daniel, ao criar um novo arquivo no computador. Entretanto, já jogou um monte de textos ligados à palavra “estupro” na lixeira.

“Não aguento mais escrever sobre esse assunto.

“Não aguento mais ficar sentado aqui.

“Tenho de reencontrar a minha velha inspiração”, pensa Daniel. “Preciso encontrá-la.”

“Mas a inspiração não existe quando se trata de escrever a história dos estupros em Linköping. Que

outra pessoa faça isso. Talvez você, Malin.”

O sonho de uma noite de verão.

Um rapaz, junto à cama dela, grita: “Mãe, mãe, mãe, ajude-me a respirar”.

Ela grita de volta.

“Não pode respirar?”

O rapaz responde.

“Não. Mãe, ajude-me.”

“Eu não sou sua mãe.”

“A senhora é a minha mãe. Ou não?”

“Não.”

“Ajude-me a respirar.”

“Por quê?”

“Porque eu sou o seu irmão.”

“Não pode respirar?”

“Não, você tem de me ensinar como.”

— Como está quente. Tem estado sempre assim?

Tove tem diante de si, na mesa da cozinha, um prato de cereais com iogurte. Malin está de pé, encostada à pia e bebe a terceira caneca de café. Prepara-se para obrigar o estômago a aceitar um sanduíche qualquer.

— Tem estado muito quente, é de doer, Tove. E na televisão disseram agora que vai continuar assim.

— Ótimo. Então, vou dar um mergulho.

— Com Markus?

— Com ele ou com alguma outra pessoa.

— Você tem de me dizer com quem vai nadar.

— Eu posso nadar com quem quiser, não?

— Leia o jornal e entenderá por que eu quero saber o que vai fazer.

Tove folheia o *Corren*. Tem várias páginas sobre o assassinato.

“A polícia esconde, não fala” é uma das manchetes.

— Nojento — diz Tove, mas não pergunta se a mãe está trabalhando na investigação, já sabe que está.

— Acha que o culpado é aquele que está na cadeia?

— É realmente horrível, Tove — diz Malin. — Nós temos um cara preso, sim. Mas você precisa ter cuidado. Não saia sozinha. E me diga onde está.

— À noite também?

— Sempre, Tove. Eu nem sei se existe dia ou noite para o criminoso que tentamos prender.

— Não há um pouco de exagero nisso?

— Por favor, não me contrarie. Se há alguma coisa que eu entendo melhor do que você é justamente essa situação.

Malin nota a irritação em sua voz. Um verão de calor letal provoca violência, agressões, e Malin vê que Tove está espantada, sente-se agredida, ficou com medo e, ao mesmo tempo, triste.

— Desculpa, Tove, eu não queria dizer...

— Mãe, estou me lixando para o que você queria dizer.

A caminho de Finspång, eles passam por Tjällmo. Também passam perto das florestas em chamas.

Já são 9h30. Dispensaram a ida à reunião matinal desse dia. Poderão reunir-se mais tarde.

Malin pensa em Janne.

Sabe que ele, certamente, já está ali, em meio à fumaça, trabalhando, na tentativa de apagar as chamas, de fazer com que o fogo não se espalhe mais.

— Ele já está ali, não é?

Zeke segura o volante do Volvo com uma mão, o olhar fixo no caminho, vendo chegar mais um caminhão dos bombeiros pela pista contrária.

— Não esperou nem um segundo.

— Vocês dois são iguais, Malin, sabe disso.

— De que maneira?

— De muitas maneiras. Mas a que me referi agora é em relação ao trabalho. Vocês dois adoram trabalhar, o que é uma maneira de fugir da realidade.

— Zeke. Vou fingir que não ouvi essa última frase. Como é que vão as coisas para o Martin neste período entre temporadas no hóquei no gelo?

— Devem ir muito bem. Ele gosta de correr, é o que faz no momento.

— Mais algum novo convite dos Estados Unidos?

— Seu agente deve estar trabalhando no assunto, contatando vários clubes. Deve obter algum resultado. É só esperar.

Martin foi chamado para a seleção da Suécia, pela primeira vez, para o campeonato mundial, em maio passado. Zeke esteve em Praga e viu um jogo, obrigado por sua mulher. Malin sabia que ele odiava viajar de avião, tanto quanto odiava ver os jogos de hóquei.

— Martin vai acabar muito rico — comenta Malin.

— Com certeza. Dando porradas num disco de borracha. E andando de patins no gelo.

— E para divertir a todos nós, Zeke — diz Malin, que pensa em seus sonhos a respeito de Tove. Acha que ela deve estudar para ser médica ou advogada, profissões direitas e descomplicadas que todos os pais sonham para os filhos. Ou escritora. Ela é viciada em leitura e escreve redações na escola que deixam os professores de boca aberta.

— O hóquei é para idiotas — diz Zeke. — E não se fala mais nisso.

— Não seja tão duro com ele.

— O garoto pode fazer o que quiser, mas jamais vou gostar desse jogo.

O carro prossegue entre as florestas.

O mundo está deserto, dos dois lados. Todos os animais fugiram das chamas. Em apenas 50 minutos estão em Finspång.

A cidade onde vivem os De Geer.

A cidade dos canhões.

Deixada de lado. Esquecida.

Mas uma cidade boa para educar crianças. E uma cidade boa para uma pessoa se esconder.

O GPS mostrou-lhes um bom caminho.

A rua onde mora Sture Folkman é um trecho curto por trás de uma fileira de lojas no centro. A construção de número 12 é um prédio de três andares que tem no térreo a Associação Nacional dos Deficientes Físicos, com uma loja direto para a rua.

Estacionam.

Consideram normal que o velho esteja em casa.

O portão de entrada para o prédio não está fechado. Finspång é uma cidade tão pequena que nem precisa de travas nas portas. Deixam que as pessoas entrem e saiam como quiserem durante o dia.

No quadro com o nome dos moradores, eles veem que Folkman mora no terceiro andar.

— Aqui está a besta — diz Zeke.

— Vá com calma — diz Malin. — Ele está velho.

— É claro que é velho. Mas certos pecados não desaparecem nem se desculpam.

— Desapareçam! — É uma voz rouca que chega através da abertura da caixa do correio. Nela existe uma virulência, uma maldade, em um nível que Malin nunca havia notado antes. Até as paredes, cor-de-rosa, da escada pareciam ter ficado vermelhas de sangue, prontas para cair em cima deles.

— Não quero comprar nada. Desapareçam!

— Não estamos vendendo nada. Somos da polícia de Linköping e queremos apenas falar com você. Por favor, abra a porta.

— Desapareçam!

— Abra. Agora. Senão, eu arrombo a porta. — O homem percebe a seriedade nas palavras de Zeke.

Gira a chave e abre a porta.

Apareceu um homem alto, magro, as costas já encurvadas, com o corpo tremendo como se sofresse de Parkinson.

“Não foi você que fez isso”, pensa Malin, e nem eles, realmente, acreditaram nessa possibilidade.

Um nariz longo que desvia o foco das linhas do queixo. Sture Folkman olha direto para os olhos deles, os seus, cinzentos e frios.

A frieza das tundras.

A frieza do círculo polar ártico.

Como num mundo sem luz, tão frio é o seu olhar.

Está de calças escuras, uma camisa branca de náilon e um colete de lã, apesar do calor.

— Afinal, o que vocês querem?

Malin olha para as mãos do velhote.

Dedos longos, muito brancos, exangues, pendentes na direção do tapete da entrada, tentáculos prontos para subir, ajeitar, penetrar.

Sofás esverdeados de veludo.

Fotografias em preto e branco das fazendas da família, propriedades vendidas há muito tempo.

Cortinas pesadas de veludo vermelho que evitam qualquer entrada de luz. Uma estante com livros sobre química e com uma enorme coleção dos dicionários *Duden*, em alemão.

— Não tenho nada a lhes dizer.

Essa é a resposta de Sture Folkman quando lhe dizem o motivo da visita.

Mas, mesmo assim, Malin e Zeke entram na sala, sentam-se em poltronas e ficam à espera.

Sture Folkman continuou na entrada.

Ouviram quando ele entrou na cozinha extremamente limpa. Malin notou a limpeza quando passaram por ela. Havia um faqueiro à moda antiga, com cabos de baquelita, ao lado da pia, na bancada.

Agora Sture entra na sala onde eles estão acomodados.

— Desapareçam!

— Não antes de você responder às nossas perguntas.

— Desapareçam e voltem para Linköping. Deve ter sido de lá que vocês vieram. Uma porcaria de cidade com ares de distinta! Estive lá no mês passado, num hospital especializado, com um urologista de merda.

Senta-se, então, numa cadeira de estilo Windsor, perto da estante.

— Nunca tive nada a ver com a polícia.

— Mas devia.

— Por quê?

— Você violentou sexualmente Louise Svensson várias vezes. Não tente negar. Nós sabemos de tudo.

— Eu...

— E, certamente, fez o mesmo com sua nova família. Onde ela está agora?

— Minha mulher morreu há quatro anos. Câncer na cabeça.

— E suas duas filhas?

— O que é que vocês têm a ver com elas?

— Responda.

— Elas estão muito longe, na Austrália.

— Moram lá?

Sture Folkman não responde.

— Você sabe alguma coisa sobre os assassinatos de jovens em Linköping?

— Por que deveria saber?

— Acha que Louise Svensson tem alguma coisa a ver com esses crimes?

— Louise? Eu não falo com ela há décadas.

Sture Folkman aperta as mãos uma na outra, leva-as ao nariz, cheira-as e depois deixa-as sobre as pernas, em cima das calças escuras.

— Você tem mais crimes sexuais na consciência?

Zeke toma mais uma de suas atitudes que pronunciam um desenlace para a violência.

— Tem, não tem?

— Zeke...

Sture Folkman levanta as mãos para eles, os dedos brancos, querendo formar uma parede de defesa.

— Afinal, o que é que vocês querem? O que vocês querem?

No caminho de volta para o carro, Malin vê como Zeke estremece de desprezo e rancor.

Atira as chaves para ela.

— É melhor você dirigir.

É Malin quem está ao volante ao deixarem Finspång, entre florestas densas de abetos. Zeke retoma a palavra:

— Afinal, o velho tinha razão. O que é que nós estávamos fazendo ali?

— Seguindo uma das linhas da investigação, Zeke. É isso que temos de fazer. Nós procuramos enxergar o passado para, eventualmente, caminhar para a frente.

— Mesmo assim. Um passado tão distante que quase significa desespero.

Malin não responde.

Prefere prestar atenção na estrada. E pensar o que pode acontecer com o espírito de uma pessoa que recebe a visita noturna daqueles dedos brancos, justamente nos anos em que a confiança pelos outros seres humanos deveria tomar forma.

Isso faz com que se desconfie de todos.

Com medo.

Na convicção de que todos nos querem fazer mal.

Que ninguém gosta de nós.

A tendência para se isolar, se fechar. Antes, uma inclinação para tentar procurar o errado em tudo. E que isso possa confirmar o que há de errado consigo mesmo.

A vida como uma viagem errante e solitária.

Tudo o que se possa chamar de autoestima dispersa pelos caminhos do mundo.

Vãos de portas que escondem abismos de escuridão onde cada um, sem defesa, pode cair.

O balneário perto de Sturefors começa a sumir com o entardecer. O calor faz o casaco grudar no corpo de Waldemar Ekenberg. Ele está à sombra de um carvalho, do lado de dentro da barreira marcada por uma fita de isolamento.

A pistola no coldre está a uma temperatura amena contra o seu peito. Apesar da sombra, até o metal escondido por baixo do tecido do casaco não consegue se manter frio.

Suliman Hajif está junto ao que fora a cova onde alguém enterrou Theresa Eckeved. Está vestido com calças jeans e uma camiseta branca. Foi autorizado a trocar a roupa da prisão para realizar um tipo de reconstituição. Suas mãos estão algemadas atrás das costas. As algemas bem apertadas para que não tente fazer nenhuma bobagem.

Os banhistas vieram ver.

Olham através dos óculos escuros, cheios de curiosidade, para ver o que está para acontecer, mas voltam aos mergulhos. Certamente, acham que o motivo da visita é demais horroroso para estragar um dia de verão tão maravilhoso: *Foi ali que eles encontraram o corpo da garota. É a polícia. Foi ali que aconteceu tudo. Quantos anos ela tinha? Uns 14... Sangue no verão. Lá em cima, por baixo do carvalho. Foi lá que aconteceu.*

Apenas dois rapazes, ambos de calções de banho azuis, permanecem próximos da área delimitada pela fita e olham com os óculos azuis para a cena do crime. O quiosque de sorvete continua fechado. Caso contrário, cada um dos rapazes estaria com uma casquinha na mão.

Curiosos.

— Desapareçam daqui!

Per Sundsten tenta dar à sua voz um tom autoritário.

Sven Sjöman ainda hesitou diante da ideia:

— Levá-lo ao local do crime para que ele, eventualmente, perdesse o controle e confessasse.

— O advogado dele precisa estar junto.

— Que se lixe o advogado. Nós não temos tempo para isso — disse Waldemar. — As garotas, Sjöman, pense nas garotas.

— Ok, mas vá com calma. Nada de ir longe demais.

O rosto de Sven Sjöman adquiriu novas rugas, por trás de sua mesa, na sala grande do Departamento de Polícia.

— Desapareçam daqui!

Waldemar dirige para os dois rapazes um olhar que não deixa dúvidas, e eles logo descem a pequena rampa, chegam à praia e mergulham nas águas do lago.

— Portanto, foi aqui que você a enterrou. E foi aqui que você a matou antes, não?

Suliman Hajif balança a cabeça e sussurra:

— O meu advogado também devia estar aqui.

— Nós tentamos encontrá-lo — diz Waldemar. — Mas ele não atendeu ao telefonema. Está se lixando para você.

— É melhor confessar logo — diz Per Sundsten. — Se sentirá melhor. A qualquer momento, chegará a prova do departamento técnico. E, então, saberemos que foi você quem usou o vibrador que foi enfiado na vagina dessas garotas.

Suliman Hajif balança a cabeça novamente.

Waldemar dá um passo para a frente e agarra-o pelo pescoço, brutalmente, mas de uma maneira que, para os banhistas, devia parecer um ato paternal, de carinho.

— Quer dizer que você prefere brincar de silêncio?

Uma porrada.

Mas nada de palavras.

— Vamos para outro local do crime — diz Waldemar, puxando Suliman Hajif.

O telefonema para Malin acontece no momento em que passam pelo limite com a cidade de Tornby.

A voz de Karin Johannison, excitada por trás do tom formal.

— É a mesma tinta. A tinta do vibrador de Suliman Hajif é igual à tinta daquele usado nos crimes.

— Então, é o mesmo objeto?

— Isso é impossível afirmar. São iguais, isso é certo. Mas saber se a forma das amostras coletadas é semelhante às falhas do vibrador de Suliman Hajif? Eu até tentei, mas não existe qualquer chance de comprovar isso.

Malin sente o estômago encolhendo.

Tudo por causa do formato das lascas de tinta. Mas quais são as possibilidades de vibradores diferentes do mesmo fabricante surgirem na mesma investigação?

— Alguma outra pista encontrada?

— Não.

— Alguma novidade?

— *Sorry*, Malin. Nenhuma.

O mesmo vibrador.

Sincronismo.

Freud.

“Vamos, então, para o consultório de Viveka Crafoord e para a sessão de hipnose. Será mesmo preciso?”

— Obrigada, Karin. Por favor, informe Sven Sjöman, sim?

— Claro.

— Quer dizer que é o mesmo vibrador? Não, apenas se constatou que a tinta é a mesma. Mas, então, o caso está esclarecido ou não?

Waldemar está excitado ao volante do seu Saab azul, com Per Sundsten e Suliman Hajif sentados no banco de trás. Estão saindo do paraíso de Sturefors e, ao lado do carro, na ciclovia, segue um casal de idosos, pedalando num Tandem novinho em folha.

— Nós estamos aqui com ele. Vamos voltar. Não, nada. Ele não disse uma palavra.

Desligam.

Sem largar o volante, Waldemar vira a cabeça para trás e diz:

— Agora, meu estrangeirinho de merda, pegamos você.

Depois, sai da estrada e segue por um caminho entre a floresta. Per Sundsten sabe o que vai acontecer, não quer que aconteça, mas deixa que aconteça.

Zeke reage às informações sobre o vibrador:

— Então, desistimos da hipnose? Está mais do que claro. Agora, precisamos apenas espremer dele uma confissão.

— Não está claro, não — diz Malin, sem tirar os olhos da estrada. — Vamos executar a hipnose como planejado. Josefin Davidsson já deve estar no consultório de Viveka Crafoord. É melhor ter mais uma testemunha. E, independentemente do que ela venha a dizer, a hipnose vai nos dar mais informações. Não é verdade?

Zeke concorda, com um aceno.

Sabe que ela tem razão.

— Quero que esta investigação termine logo — diz Zeke. — Quero que os habitantes desta cidade leiam amanhã de manhã no *Corren* que nós prendemos o filho da mãe e que podem deixar suas filhas viverem como antes, sem preocupações ou medos.

“Tove.

“Estou preocupada?

“Não.

“Sim.”

— O caso vai terminar, sim, Zeke — diz Malin. — Em princípio, está solucionado. Agora, basta apenas amarrá-lo como deve ser.

Waldemar Ekenberg fecha o punho e dá um murro no estômago de Suliman Hajif, naquele lugar onde a dor é maior e onde a batida não deixa nenhuma marca. Nada de marcas visíveis.

Suliman Hajif cai logo no chão, encolhido.

Per Sundsten desempenha o papel do bom policial, ajuda-o a se levantar, porém apenas para ele levar mais outro murro.

O jovem continua em silêncio.

Nenhuma palavra sai de sua boca, apenas gemidos, enquanto fica deitado no chão, protegendo os olhos. Em volta, o silêncio do caminho de brita no meio da floresta. O musgo cobre a terra, mas está seco e amarelado. E os bordos perderam o verde, mas a vida continua dentro deles, pedindo chuva.

— Foi você quem violentou e matou Theresa Eckeved e Sofia Fredén? Quem violentou Josefin Davidsson? Quem? Seu porco maldito! Vou matá-lo, se não confessar.

Suliman Hajif ouve bem a voz de Waldemar Ekenberg e nota que ele está falando sério.

Tenta se levantar, mas as pernas não lhe obedecem. Fica cambaleando, para a frente e para trás. O medo está estampado nos seus olhos.

Waldemar Ekenberg tira a pistola do coldre.

Inclina-se para Suliman Hajif e encosta o cano em suas costas.

— É muito simples. Vamos dizer que você tentou fugir e que nós fomos obrigados a disparar para tentar capturar o meliante. Assassino e esturador. Ninguém vai duvidar. O povo vai até nos agradecer.

Per Sundsten hesita.

— Levante! — ordena Waldemar. Suliman Hajif fica de quatro, tenta se levantar, grita:

— Eu não posso confessar uma coisa que não fiz.

A pistola está agora contra a sua têmpora.

— Não tente fugir.

Nesse momento, Per dá um passo para a frente e tira a pistola da mão de Waldemar, que reage:

— Que droga você está fazendo?

— Agora chega. Não entende? Agora chega!

Sopra um vento mais forte pela floresta, passa pela folhagem seca dos bordos e milhares de folhas resolvem soltar-se de uma vez. Parece chuva dourada caindo sobre a floresta.

— Eu comprei o vibrador no Stene, da loja Blue Rose — diz Suliman Hajif. — Ele me disse que vendera mais de 20 vibradores iguais àquele. Portanto, como é que vocês têm certeza de que foi o meu?

— É um inferno — sussurra Waldemar Ekenberg. E Per pensa e dá razão a Waldemar: “É um inferno!”

— Porra, por que ainda ninguém foi verificar quantos vibradores foram vendidos no único *sex shop* da cidade? Ficam pensando em vendas pela internet. As pessoas continuam comprando essas coisas em lojas.

Per Sundsten pega no braço de Waldemar.

— Fique calmo. É um verão infernal. Nós temos recebido pressões de todos os lados. Às vezes, nem dá tempo para ver o que está bem na frente do nariz...

Quinze minutos depois, Waldemar está no balcão da loja Blue Rose, na rua Djurgårdsgatan, o único *sex shop* que resta, desde há muito, na cidade.

O dono, Stene, sorri por trás da barba ampla e densa que cobre seu rosto.

— Um vibrador azul?

Stene vai até uma das prateleiras do interior da loja mal iluminada e volta com uma caixa rosa e laranja na mão, na qual está escrito com letras grandes: “Hard e Horny!”. Dentro, o vibrador azul.

— Tem sido vendido como manteiga. Se não me falha a memória, já vendi mais de 40 peças em um ano e meio. Mas há mais de um mês que não sai mais nenhum.

Waldemar cospe logo a pergunta:

— Tem algum controle dos nomes dos clientes?

— Está maluco? Claro que não! A descrição é a alma do negócio, e eu tenho a memória fraca para rostos.

— E os pagamentos com cartões de crédito?

— Essas empresas malditas tiram sete por cento do valor da compra. Aqui, pagamentos só em dinheiro.

Malin, no estacionamento da Igreja de Filadélfia, ignora o pagamento do parquímetro. Ela e Zeke cruzam a Drottninggatan. No caminho, matam a fome e a sede no McDonald’s.

Tocam a campainha do consultório de Viveka Crafoord, num portão da Drottninggatan, 12. A psicanalista atende o interfone e abre.

No consultório, sentada na *chaise-longue*, está Josefin Davidsson com sua mãe, nervosa, ao lado.

Viveka está sentada numa cadeira de couro, atrás de sua escrivaninha, com o rosto iluminado pela luz que entra pela janela. Uma luz bem mística, por sinal, pensa Malin.

— Vamos em frente — diz Josefin. — Quero saber o que, de fato, aconteceu.

“Você não é a única a querer saber isso”, pensa Malin.

A lembrança da violência está em algum lugar em sua memória, Josefin.

As sinapses ligam-se umas às outras e, então, você se recorda. A questão é saber se você quer mesmo se lembrar.

Nós nos lembramos. Podemos ver o que nos aconteceu. Como desaparecemos. Queremos descrever essa situação, a de como desaparecemos, e como, depois de muita solidão, nos reencontramos no nosso espaço sem forma.

Eu e Sofia, agora, fazemos companhia uma à outra.

Talvez estejamos no bonito lugar que existe antes da consciência e da inconsciência? Antes de tudo de que nós, seres humanos, sentimos falta em vida.

Podemos nos lembrar de quem fomos antes, o nosso espaço pode ficar da cor que quisermos e podemos ser quem quisermos ser, onde quisermos.

Estamos agora contigo, Josefin, na sala da psicanalista.

Precisamos de suas recordações.

Porque agora precisamos acertar contas com a verdade para alcançarmos o descanso que merecemos, para deixarmos de ter medo do escuro. Porque assim é o nosso espaço, um espaço que pode receber uma tinta que faz o preto parecer branco.

Não tenha medo.

São apenas recordações.

Claro. A vida é sua, de certa forma. Mas nós precisamos dessas recordações.

Mas lembre-se, Josefin: a única coisa que nós, anjos de verão, temos na realidade é uma à outra.

“O pêndulo diante de meus olhos.

“As cortinas, os livros encadernados com couro, pinturas de paisagens. Assim é esta sala. Como se fosse na Inglaterra.

“O pêndulo.

“Não se faz isso apenas em filmes?

“Aqui cheira a mofo. Não podem arejar a sala? Ou perfumá-la?”

“Este estranho sofá é confortável”, pensa Josefin, tentando concentrar-se no pêndulo, mas os pensamentos e o olhar vagueiam pela sala, pelas pessoas que ali estão.

“A policial.

“Malin.

“Está de pé, atrás da psicanalista.

“O que é que Malin faz ali? Parece calma, mas qualquer pessoa nota que, no fundo, está confusa. Talvez não confusa, parece obcecada.

“Ela olha fixamente para mim. Pare de me olhar assim. Pode ser que tenha conseguido ler meus pensamentos. Parou de me olhar.

“O policial de cabeça raspada está sentado na cadeira preta, perto da janela. Calmo, mas perigoso. Pai do jogador de hóquei. E a minha mãe, cheia de medo. Eu não estou com medo. Será que ela está com medo de que a sua filhinha esteja suja? Eu não sou nenhuma santa, mãe, pare de acreditar nisso.

“E a psicanalista.

“Um olhar severo. Nota que estou pensando em outra coisa.”

— Olhe para o pêndulo e escute a minha voz.

“O quê? O que ela disse?”, pergunta-se Josefin. E diz:

— Vou me concentrar.

— Respire fundo. — “E eu respiro fundo.” — Concentre-se nos movimentos do pêndulo. — “E eu sigo o pêndulo com o olhar.” — Sinta como se desaparecesse. — “E eu sinto como se tivesse desaparecido.”

As pálpebras descem. Os olhos se fecham.

“Está escuro, mas, mesmo assim, iluminado.

“Mas, espere...

“Onde estou?”

“Finalmente”, pensa Malin quando vê Josefin Davidsson desaparecer dentro de si mesma, ao atender aos comandos de Viveka Crafoord.

Malin escreveu para Viveka as perguntas que ela deve fazer, perguntas precisas e claras, visto que só ela pode falar com Josefin durante a sessão. Caso contrário, seria difícil. Não pode ser como uma conversa normal. Havia que seguir imagens e palavras, em vez de sujeitos.

Viveka coloca o pêndulo em cima da mesa.

O barulho dos carros na Drottninggatan penetra na sala.

“Pode-se ouvir a respiração das cinco pessoas presentes”, pensa Malin, “como se fosse uma única respiração.” O rosto de Zeke sem qualquer expressão. Malin sabe como ele está cético em relação à experiência, embora não o confesse.

Viveka pega o papel com as perguntas na estante de livros.

— Está ouvindo a minha voz, Josefin? Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Está disposta a responder?

“Uma sala sombria.

“Uma voz estranha, a minha própria voz.”

— Faça as perguntas, se é isso que quer.

— Vou fazê-las.

— Estou cansada, quero dormir.

— A Associação de Jardinagem, o parque — diz a voz estranha. E entra uma luz clara e pura através de um buraco na parede, a janela fica escura antes de desaparecer.

— Foi lá que eu acordei.

— O que aconteceu antes de você acordar?

— Dormi. Antes de dormir, estive no cinema.

A luz agora desaparece, a sala fica no escuro e aproxima-se uma figura negra em minha direção. Pode ser um lobo ou um cachorro, ou um coelho, ou ainda uma pessoa, mas que pessoa anda de quatro?

— Saia daí, cachorro.

— Foi um cachorro que fez você dormir?

— Ele já foi embora.

— Quem fez com que você dormisse?

— Mamãe.

“A sala está iluminada de novo, e eu estou sozinha. Lá em cima estão penduradas as prateleiras de um depósito como se fossem lâmpadas gigantescas. Vejo-me dormindo nesse lugar, um par de mãos me dá tapinhas nas costas, cheira a água de piscina e a uma manhã de verão, sem orvalho.”

— As mãos.

— Fez com que você dormisse?

— Sim.

— Mãos de homem ou de mulher?

— Isso eu não sei.

— Lembra-se do início dessa noite?

“As paredes da sala desaparecem, eu me vejo andando de bicicleta num pequeno bosque, por um caminho asfaltado, através de Rydskogen, e em direção à cidade. Não sei por que escolhi este caminho? Por quê?”

— Entrei numa floresta.

— Que floresta?

— A floresta errada. Por quê?

“A voz estranha que só me questiona. A voz de uma mulher. Mais velha do que a maioria.”

— Por que a floresta era a errada?

— Porque alguma coisa esperava por mim.

— O que estava lá na floresta?

— Uma coisa.

— Que floresta era?

— Uma floresta.

— Que floresta?

“Uma força que me empurra para baixo. Sou apenas eu agora. E eu adormeço. E acordo ao barulho das

vibrações de um carro.”

— Depois, andei de carro.

— Para onde?

— Para as prateleiras do depósito de que falei há pouco.

— Está agora num depósito?

“Meu corpo em cima do estrado de uma cama. A lavagem dói, cheira mal. O que esse corpo faz comigo? Seus dentes brilham. Está me cortando, e todo o meu corpo dói. Pare de me apertar, pare de me apertar.”

— Pare de me apertar, PARE DE ME APERTAR, PARE DE ME APERTAR, PARE COM ISTO!

A voz, a figura estranha:

— Está tudo bem, está segura aqui. Pode acordar.

“Estou de volta na sala branca, a figura negra desaparece, eu fujo. Perco o sentido, acordo num pavilhão de jardim. É de manhã, e uma boa pessoa me acorda, embora eu não esteja realmente dormindo. Será mesmo uma boa pessoa?”

— Eu fugi, estava acordada, mas não vi nada.

— Quem encontrou você no parque?

— Talvez uma pessoa. ERA UMA PESSOA?

— Agora pode acordar. Acorde.

Escuro.

Olhos abertos.

A policial, o policial, a mãe de olhar tranquilo e a psicanalista. Todos têm a mesma expressão. Todos parecem confusos.

Josefin Davidsson e sua mãe deixaram o consultório. Zeke estendeu-se na *chaise-longue*. Parece disposto a ter a primeira de uma longa série de sessões de terapia.

Viveka está sentada atrás de sua mesa, Malin está à janela. Olha para os carros que passam na Drottninggatan, até que eles quase desapareçam na escuridão.

— E com isso sabemos um pouco mais — diz Zeke. — De qualquer maneira, um pouco mais bem informados.

— Se eu entendi direito — diz Malin —, ela foi assaltada numa floresta, levada de carro para um depósito, em algum lugar, e foi atacada antes de conseguir fugir. Na fuga, chegou ao parque.

— Ela foi anestesiada na floresta — diz Viveka.

— Mas não disse nada sobre o criminoso — comenta Zeke.

— Nem uma merdinha sequer — completa Malin.

— Lamento — diz Viveka —, mas durante a hipnose, raramente, há respostas claras. A consciência resiste a se lembrar de coisas horríveis.

— Você fez o melhor que pôde — diz Malin.

— Querem fazer uma nova tentativa daqui a alguns dias?

Zeke mudou de opinião, parece agora acreditar no método.

— Acho que não vale a pena — diz Viveka. — A memória tem uma ligação com o instinto de autopreservação. Ela fechou-se novamente.

Malin sente-se cansada.

Com vontade de voltar para casa e para Tove.

Desejaria que a investigação, finalmente, tomasse um rumo.

Serviria qualquer um.

O relógio na parede da sala de reuniões marcava 18h15, com o ponteiro dos segundos firme, mas ao mesmo tempo desorientado, na eterna função de girar. Reunião para conferir resultados.

O grupo de inspetores em volta da mesa.

Todos estão cansados, os rostos brilham de suor, as roupas amassadas e cheias do pó fino do verão.

A reunião acaba de começar.

Malin falou dos encontros com Svea Svensson e com Sture Folkman, além da hipnotização de Josefin Davidsson.

Más notícias de Karin Johannison. A busca no apartamento de Suliman Hajif não produziu resultado. O computador dele tinha muita pornografia, mas nada que pudesse ligá-lo a qualquer um dos assassinatos.

Blue Rose vendeu 34 vibradores. Um dos assistentes técnicos encontrou cerca de uma dezena de *sites* que vendem o mesmo produto. Portanto, sem uma confissão ou novas provas, não há nada de concreto contra Suliman Hajif.

— Como é que pudemos esquecer de averiguar o Blue Rose? — pergunta Zeke.

— Nós pensamos que esses brinquedos são agora comprados apenas pela internet — diz Malin. — Nenhum de nossos cérebros, assados pelo calor infernal, pensou nessa deplorável lojinha.

— Sempre há erros nas investigações — contemporiza Sven Sjöman. — Poderíamos ter poupado um pouco do trabalho do departamento técnico. É impossível fazer qualquer controle dos clientes do Blue Rose que compraram esse produto. É claro que podemos pedir a eles para entrarem em contato conosco, mas não dará em nada. Ninguém vai querer se declarar um comprador de vibrador. Sobre isso, acho que estamos de acordo. Ou não? Há algum motivo para prosseguir nesse caminho?

— Hajif não tem nenhum álibi concreto, mas, de uma maneira geral, o que temos é igual a zero.

Malin consegue notar o cansaço na voz de Waldemar Ekenberg, o que ele deseja é voltar para a sua vila em Mjölby, para a rotina de ameaçar infratores.

Uma assistente, Aronsson, seguindo instruções de Malin, conferiu o passado de Sture Folkman e a situação dele. Procurou nos arquivos e soube, então, que uma das duas filhas do casamento com Gudrun Strömholm, Elisabeth, cometeu suicídio aos 17 anos. Os investigadores jamais duvidaram da causa da morte e a perícia deu um resultado decisivo: Elisabeth Folkman enforcou-se. Motivo: desconhecido.

Não mais tão desconhecido.

Aronsson.

A assistente mais competente de sua turma na escola de polícia.

Ela também checkou com a polícia de Nässjö o afogamento do pai de Louise Svensson.

O corpo foi encontrado flutuando perto de um barco a remo num lago, o Ryssbysjön, com um ferimento

na cabeça. Concluiu-se que Gunnar Svensson escorregou no barco, bateu com a cabeça na borda, desmaiou, perdeu o equilíbrio e caiu na água. Restos de sangue foram encontrados na borda do barco.

Sven Sjöman conta que recebeu um inesperado retorno do Yahoo, oferecendo a senha para a consulta dos arquivos de Theresa Eckeved. No *e-mail* de Theresa havia apenas 10 mensagens, todas enviadas para Lovelygirl, que, a julgar pelo conteúdo dos *e-mails*, deve ser Louise Svensson. Inclusive, o seu sítio fora mencionado. Segundo o conteúdo dessas mensagens, nenhum encontro marcado coincidiu com a data e a hora do assassinato. Do Facebook, nenhum retorno.

“Você queria esconder seus segredos sujos, Louise”, pensa Malin. “Esperava que não conseguíssemos saber nada a respeito de seu comportamento? E quando soubemos, você continuou a se defender, a proteger suas recordações, a esconder sua verdadeira personalidade.”

“Uma pessoa solitária no meio da floresta. Sexualmente perigosa, apesar de tudo.”

Em seguida, Sven informa que uma unidade especial de Estocolmo está estudando o perfil psicológico do criminoso, mas isso levará tempo para ser concluído. Todo o departamento entrou em férias coletivas. E o psicólogo convocado para o serviço está muito resfriado.

— Psicólogos são todos loucos — comenta Waldemar.

Malin reflete sobre o que Viveka Crafoord lhe disse a respeito do perfil do criminoso, mas resolve guardar para si o comentário. São apenas suposições aleatórias de Viveka, baseadas em material quase inexistente, especulativo.

— Vocês terão de continuar trabalhando em todas as linhas de investigação — diz Sven Sjöman. — E ainda tentar encontrar outras. Sejam inteligentes. Ekenberg e Sundsten, tentem ouvir todos os criminosos sexuais que possam encontrar.

Ao lado de Sven, Karim Akbar está preocupado, sabe que será ele quem terá de enfrentar a mídia, esquivar-se mais uma vez às perguntas, sem poder divulgar nada de substancial. A entrevista coletiva com a imprensa está marcada para as 19 horas.

No momento em que todos estão prontos para se retirar, Karim pede a Malin para permanecer ali e que se sente novamente.

— Malin — começa ele —, você sabe que estou com vontade de dar um mergulho no mar, perto de minha casa de veraneio, lá, em Västervik.

“Será que ele quer falar agora comigo a respeito de banhos de mar?”

— Alguma coisa em especial?

— Sim, quero que me acompanhe na coletiva para a imprensa.

— Na coletiva para a imprensa? Sabe que eu odeio essas coisas.

— É uma ordem, Malin. Já que não tenho nenhuma novidade para dar a eles, pelo menos posso proporcionar-lhes alguns momentos com o rosto mais bonito da polícia de Linköping.

Malin sente muita raiva.

Mas, embora contra a vontade, sente-se lisonjeada pela observação de Karim.

— Malin, brincadeiras à parte, não quero ficar sozinho, não tendo nada de novo para dizer. Seria bom

se você pudesse estar junto comigo e me ajudar. E bem... Isso pode servir para acalmá-los um pouco.

— Quer dizer que aquela coisa de eu ser a mais bonita não valeu?

Karim faz uma careta.

— Olhe para você no espelho, Malin.

— Podemos contar a história do vibradores?

— Que eram do mesmo fabricante?

— Sim.

— Não, isso poderá levar Suliman Hajif a ser condenado pelo público. Isso ele não merece. Hajif deve ter lido os jornais de ontem. Já foram longe demais.

Os jornais estavam cheios de imagens de Suliman Hajif com uma faixa preta sobre os olhos. E manchetes como “Preso o assassino estival?” e “O terror de Linköping”.

“*O rosto mais bonito?*”

“Vale perguntar, até onde este verão maluco está me levando?”

“A ser boneca de vitrine.”

Vinte minutos depois, Malin e Karim estão diante de um grupo de jornalistas no saguão do Departamento de Polícia. Entre as redes de televisão, apenas a SVT está presente. No mais, veem-se vários radialistas, no mínimo, uma dezena de repórteres e dois fotógrafos, certamente, do *Corren* e da agência *TT*. No dia anterior, o número de jornalistas fora o dobro. Os anjos de verão de Malin estão ficando menos interessantes, estão vendendo menos jornais, já que não há novidades. As investigações entraram num beco sem saída.

— Hoje, durante o dia, continuamos investigando uma série de pistas — informa Karim.

Os *flashes* irrompem na sala, e ele acrescenta:

— Nós esperamos para breve um grande avanço nas investigações, mas no momento não posso falar mais nada.

— E você, Malin, pode dizer alguma coisa?

Nova série de *flashes*, com Malin olhando para a plateia.

Daniel.

Não o vira antes. Deve ter chegado depois.

— Não.

— Nada?

E Malin olha para o bando de repórteres, a fome por notícias em seus olhos, a curiosidade e o cansaço, os mesmos sintomas que assaltam os inspetores. E, sem que pudesse se controlar, as palavras saem da sua boca:

— Bom, hoje tivemos um contato com uma psicanalista que fez um perfil do criminoso ou da criminosa. Trata-se, provavelmente, de alguém que sofreu antes algum tipo de violência sexual, que tem problemas de personalidade e baixa autoestima. Uma pessoa que faz parte da comunidade, mas que, ao mesmo

tempo, vive fora dela. Mais do que isso não posso falar.

— E o nome da psicanalista?

— Isso também não podemos revelar.

Karim confirma a informação, apesar de surpreso, visto que Malin não a compartilhou com ninguém, por julgá-la inócua.

— O perfil é extraoficial. Mas o departamento criminalista do reino, em Estocolmo, está neste momento trabalhando um perfil mais profundo.

— E Suliman Hajif. Ele continua preso? Há novos indícios contra ele?

— Continua preso, sim.

— Mas vocês acham que podem retirá-lo das investigações?

— Sem comentários — diz Karim. — E é tudo.

Vários repórteres insistem, querem entrevistar Malin sozinha, mas ela consegue afastá-los, com comentários como: “Minha filha está em casa à minha espera” e “Eu vou para casa, agora, para rever a minha filha. *Sorry.*”

Tove e Malin comem os últimos pedaços da pizza que ela comprou no caminho para casa. Já estavam meio frios, mas na temperatura ambiente eram até, talvez, mais saborosos.

Tove ainda continua cansada da viagem.

Dormiu quase todo o dia, não saiu para dar um mergulho, nem sequer chegou a encontrar Markus, mas falou com ele.

— Quando se encontrará com Markus? — pergunta Malin, antes de meter na boca o último pedaço de pizza.

— Amanhã — responde Tove. Malin percebe pelas palavras sem entusiasmo da filha que a história desse amor está no fim.

“Pena”, pensa Malin, “porque eu gosto, realmente, da Biggan e do Hasse, os pais de Markus, gosto de seus jantares e da companhia descontraída e alegre deles.”

— Sentiu falta de Markus em Bali?

— Não sei, mamãe. Podemos falar de outra coisa? Precisa me chatear com Markus?

Na sala de estar, a televisão começa a apresentar o noticiário das 21 horas, o programa *Aktuelt*.

— Acho que vão falar de mim — diz Malin. E Tove fica alegre e interessada.

— Quero ver!

É a terceira entrada. Falam desde o perfil do criminoso à falta de mais informações. Um *close* no rosto de Malin quando ela responde às perguntas. E Malin acha que está ficando velha, que devia ter se maquiado, arrumado os cabelos, mas não fez nada disso, apesar de Karim ter sugerido.

— Você é superbonita, mãe — diz Tove, sorrindo de lado.

— Obrigada, Tove, isso consola e aquece o coração.

— Está com frio?

— Não brinque...

Mais um *close* em Malin quando os repórteres pedem uma entrevista, a que ela recusa:

— Minha filha está em casa à minha espera.

Tove dirige-lhe um olhar interrogador.

— Por que disse isso?

— Não sei. Acha que foi uma idiotice?

— Não, mas foi diferente.

A seguir o programa apresenta a previsão do tempo.

O calor vai continuar. Nenhum alívio à vista.

“A detetive.

“Malin Fors.

“Na televisão, na minha frente, na minha sala secreta. As estantes do depósito curvam-se diante de sua presença. O mau cheiro continua, mas eu não o sinto. Sinto apenas o calor, um inferno que eu procurei e pelo qual preciso passar.

“Eu vi você nadar.

“No Tinnis.

“Refrescando o corpo no inferno.

“Ela acha que sabe quem eu sou? Que pode telefonar para qualquer psicanalista e logo saber quem eu sou?

“E diz isso na televisão para que todos vejam.

“Se alguma coisa nesta maldita vida fosse assim tão fácil, eu já teria alcançado sucesso naquilo que há muito tempo é o meu único desejo.

“Poderíamos ficar juntas novamente.

“Nenhuma de nós precisaria ficar sozinha ou ter medo.

“Vou fazer como o fogo. Destruir, para criar a possibilidade de uma nova vida.

“Agora, a profanação vai terminar. Você me profanou. Como todos sempre me profanaram.

“Você se movimenta dentro de mim.

“E aquilo que eu acabo de ver deve ter sido um sinal, ou não? Marcas de pernas de aranhas com unhas de coelhos espalhadas na cama. Será que devo sacudir as unhas de coelho por cima de seu pescoço? É isso que você quer?

“Vou testar com as unhas. Elas vão arranhar você de novo. E vou lavá-la com leite, bem branco. Vou mesmo. Sua pele vai se transformar num vestido branco. Impossível de achar qualquer pista, não é? Como no caso do vibrador. Comprei-o na cidade e paguei com dinheiro há mais de um ano. O vendedor já vendera muitos, disse ele. Eu sabia que ia precisar de um.

“Vou usá-lo em você. Ela vai passar a ser você. E você passará a ser ela.

“Você me conduz na direção certa, Malin Fors. A dor provoca dor que produz amor de novo. Você

mencionou sua filha na televisão. Por quê? Ela deve ser todo o seu mundo. Não é?

“Espero que tenha a idade certa.

“Meu anjo de verão.

“Os anjos de verão são amor puro.

“Vejo isso em você.

“Você deseja a restauração do amor, exatamente como eu.

“Vou aprofundar os meus desejos, os seus começarão.

“Equilíbrio.

“Talvez seja isso que falta?

“O que me falta?

“O que nos falta?”

Veja como Tove anda de bicicleta lá embaixo. É preciso cautela para que não sofra nenhum acidente no trânsito. É melhor andar devagar e chegar do que com pressa e ficar pelo caminho.

O telhado do hotel Ekoxen. O parque da Associação de Jardinagem como uma miragem esverdeada, meio amarelada. As águas do balneário Tinnis como uma cintilante promessa azul.

Ela se encontrará com alguém, não é verdade?

Sim, acho que sim.

Será conosco?

Não.

Isso eu não quero, me deixaria confusa.

Está passando pela ponte sobre o riacho Tinner e, em seguida, terá de fazer força para subir a encosta na direção de Ramshäll.

É lá onde os ricos moram.

Ela não é rica.

Não.

Agora não a vejo mais.

Ela está embaixo das árvores.

Mas você conhece esse caminho, também, Sofia, não é verdade?

Sim, eu o conheço bem.

Ela precisa ter cautela.

Cuidado.

Markus.

É estranho. Primeiro, ela não podia ficar sem ele, depois passou a ser um hábito, não realmente chato ou coisa parecida, mas um hábito. Ela não era tipicamente uma amiga, mas também não era como no começo do namoro.

Tove sabia que não ia sentir a falta dele em Bali. Apenas sabia e entendia o que isso significava.

Está mais quente aqui do que em Bali.

E a luminosidade é 10 vezes mais forte.

“Sorte que eu tenho bons óculos de sol.

“Minha mãe não gosta de usá-los, acha que distorcem a realidade. Eu gosto quando o mundo fica um pouco mais dourado.”

Seu coração quase salta pela boca ao subir até Ramshäll, entre vilas de tijolo aparente e grandes casas de madeira, habitadas pelas mais proeminentes personalidades da cidade.

A mãe e o pai de Markus pertencem a essa classe. São médicos. Disso ela gostou, também, de início. A grande residência onde tudo não era como na sua casa, onde tudo era um pouco como nos livros que lia: a jovem do povo, o rapaz de fina ascendência, tipo príncipe ou conde.

Mas a casa passou a ser uma coisa normal, não era mais como nos livros. Bali é diferente.

Ela está a caminho da casa grande, indo encontrar Markus. Ele queria fazer alguma coisa e deve ter achado, pelo tom da sua voz, na noite anterior, que Tove estava hesitando. Ela pensou nisso antes de dormir. Como nem pensava em se encontrar com Markus como fazia antes. É claro que podem continuar a se ver, mas não daquele jeito.

“Como lhe dizer isso?”

É como se ela significasse mais para ele do que ele para ela.

Uma caminhonete branca passa por Tove, lentamente, com certeza está procurando algum endereço. Deve ser algum jardineiro.

Finalmente, ela chega. Na sua frente, uma casa grande, branca. A grande macieira parece triste, seus troncos parecem querer fugir do calor. O portão de entrada abre-se, antes mesmo de ela ter tempo de parar a bicicleta no caminho de acesso.

Markus.

Magro e pálido, mas sorridente.

Tove sorri: “Espero que o meu sorriso pareça autêntico”.

“Ainda bem que ele não pode ver meus olhos.”

Depois, pensa:

“Será sempre assim? Quando não se ama mais, tudo fica apenas triste? Não existe nada além disso?”

Karin Johannison, irrequieta em seu escritório. Levanta-se, senta-se, põe os pés em cima da mesa, as unhas pintadas de rosa combinam perfeitamente com as sandálias Prada, de finas listras também rosas. Adquiriu-as em Milão, na primavera, quando ela e Kalle estiveram lá para um fim de semana de compras.

Irrequieta.

Karin não sabe bem por que, mas um dos motivos, provavelmente, é o fato de ela e Kalle terem feito sexo como dois loucos durante toda a noite. Abriram a janela e o calor noturno, úmido, mas puro, fez com que ficassem ainda mais excitados do que o normal.

Ela ainda o sente dentro de si, quer que ele a penetre de novo. Será por isso que não consegue ficar sentada e quieta?

Os dois não conversam mais como antes.

Não falam nada sobre nada.

E nunca a respeito do fato de não terem tido filhos, apesar de terem ido a mil médicos e outras tantas

visitas aos especialistas. Tudo bem. Podem fazer amor à vontade. O que já fazem desde que se encontraram pela primeira vez. Atualmente, fazer amor significa a confirmação de que estão bem, que se gostam. Karin acha que isso dá pano para mangas, mas sabe que uma criança, mesmo que fosse apenas uma, os levaria ainda mais longe.

Não há o que temer em um amor sem palavras. As palavras não servem para se ir muito longe.

Mas o mesmo não se pode dizer do desejo sexual, do prazer ainda vivo, o que faz com que ela fique irrequieta.

“Será que eu perdi algo de importante?”

“É por isso que estou agitada?”

Karin senta-se novamente, liga o computador, lê novamente o relatório a respeito de Josefin Davidsson. Perfeito. Irretocável.

Lê o relatório sobre Theresa Eckeved.

Provavelmente morta no balneário.

Por quê?

Nenhuma marca no corpo assinala que fora transferida de lugar depois de morta.

A terra por baixo das unhas era igual à terra do balneário, com estrutura e características iguais.

Mas...

“Será que verifiquei todas as unhas? Toda a terra?”

“Não.

“É o que devia ter feito. Pode haver terra diferente nas outras unhas.

“Preguiça mental que só pode ter sido causada pelo calor.

“Talvez estivesse com pressa, querendo terminar o relatório para Malin e os outros. Então parti do princípio de que a terra seria a mesma em todas as unhas.

“Devo verificar isso agora. Espero que a terra ainda exista sob as outras unhas.”

Ainda se lembra do corpo todo lavado.

Lavado, esfregado, mas ainda há restos de terra sob as unhas, apesar de estar em quantidade mínima, quase invisível. Por que razão o criminoso deixou escapar esse detalhe? Ou, então, para o assassino, a sujeira não existia mais, no ambiente escuro no qual deveria estar.

Ela está perto daquilo que uma vez eu fui aos olhos dos outros. Retira a terra debaixo das unhas do dedo médio e do indicador de minha mão esquerda.

Sei quem essa mulher é, papai.

O que ela quer agora?

Eu nunca me habituei ao frio desta sala. As pequenas janelas perto do teto, as bancadas de aço, os armários de aço inoxidável onde nós descansamos, as gavetas de metal que podem ser puxadas e onde estou agora deitada. Sem mencionar o cheiro de álcool e de câmara fechada. É um cheiro puro, limpo, mas pesado de tanta tristeza. Uma sensação de que foi assim que tudo aconteceu, nem mais nem

menos.

O que ela quer dos meus dedos?

Da terra?

Precisa ser tão metódica? Eficiente? De fato, sou eu a pessoa que está deitada em cima do aço inoxidável. Meu corpo está completamente frio, esfregado e limpo, com o sangue congelado nas veias.

Mas apesar de tudo sou eu mesma.

Conte para ela, papai.

Quero que ela pare de me tratar como se eu fosse uma coisa. Está ouvindo, você aí, Karin?

Quero que afague a minha testa, que demonstre que represento algo para você, aqui onde estou deitada. Mas você trabalha em silêncio e metodicamente. Isso faz com que eu tenha mais medo.

Por favor.

Afague a minha testa.

Arrume meus cabelos.

Mostre-me que eu ainda sou um ser humano.

O ar-condicionado do laboratório está quebrado e a ventilação do prédio não consegue senão bombear o ar quente de fora para dentro. Para certos testes que precisam de frio, o ambiente seria letal. Por isso, Karin telefona para o departamento de manutenção.

Para a análise de terra não é preciso estar em ambiente frio. Karin sente as gotas de suor formarem-se em sua testa. Nem sequer vestiu o avental branco do laboratório, e sua regata Ralph Lauren brilha à luz branca das lâmpadas halógenas. O corpo está dentro de novo.

Karin não sabe por que, mas antes de fechar a gaveta afaga a testa da jovem. Várias vezes. Calma e cautelosamente. Passa a mão pela testa de Theresa. Nunca antes havia feito uma coisa dessas.

Os restos de terra estão em cima de um papel, prontos para uma primeira análise.

Prontos para serem analisados pelo microscópio.

Seus olhos acomodam-se ao aparelho.

Logo Karin vê que a terra não possui a mesma característica que a análise anterior. A terra debaixo daquelas unhas é de um outro lugar qualquer. É mais arenosa, seus cristais mais regulares.

Karin faz novos testes. A nova terra é rica de minerais e orgânica, é um tipo de húmus que se pode comprar em qualquer floricultura e loja de jardinagem. Aquela terra vem de um jardim ou de um parque.

“Portanto”, pensa Karin, “ela pode ter sido transferida depois de morta. Ao se debater para fugir, deve ter cravado as unhas na terra, para se segurar e se livrar. Ela fez isso em outro lugar, e não no balneário. A terra do balneário foi parar embaixo de algumas das unhas quando o corpo foi lançado para a cova ou quando foi atirado para o chão.”

“Mas onde?”

“Malin vai gostar de saber disso; vai achar interessante, embora também possa significar pouca coisa. Ou nada.”

Karin abre as cortinas.

Observa a fachada amarelada do hospital.

Falta uma semana para entrar de férias.

“Vou ficar doente, se não sair daqui e viajar”.

Karin olha em volta do laboratório. Os tubos de ensaio, os balões de vidro, o armário com os mortos, os chuveirinhos para limpar os olhos, tudo é sensual para ela, de uma maneira difícil de explicar. Ela se vê deitada na bancada, com a saia de algodão levantada... Kalle a penetrá-la e, mais uma vez, exercendo a sua virilidade.

Tão fundo como só ele consegue.

Markus está a cerca de um metro de Tove, afastado, no sofá. Embaixo do telhado da churrasqueira.

É mais arejado aqui embaixo, junto à piscina coberta, vazia, por trás da parede de vidro.

— No verão, nadamos lá fora! — explica a mãe de Markus, Biggan, quando Tove lhe perguntou, em junho.

Markus quer que ela se aproxime mais. Nem precisa falar, nota-se em toda a sua postura. Mas Tove não quer, antes gostaria de lhe dizer que precisa ir embora, mas não sabe como começar.

Ele ficará triste.

— Sente-se aqui, perto de mim.

A camiseta Iron Maiden de Markus é infantil. Como toda a música *heavy metal*. Como se não quisesse ficar adulto, apesar de seu corpo desejar isso.

Eles ainda não fizeram sexo.

Markus quer. E ela também, mas ainda não. No início, chegaram a ficar deitados, juntos, no salão de jogos, sob um cobertor grosso xadrez. Ela pegou na mão dele, nada mais do que isso. E os dedos dele chegaram a tocar sua calcinha, nada mais do que isso.

A excitação, além daquela que sentia só de olhar para ele, dava-lhe medo.

Tove não sabe por quê.

A conversa foi curta. Aconteceu logo depois de uma reunião matinal sem novidades.

Karin Johannison contou a Malin que o corpo de Theresa Eckeved fora transferido de lugar e que a terra encontrada sob as unhas era inicialmente a de um jardim. Malin afirmou que, se ela foi transferida, deve ter sido, provavelmente, de sua casa onde os canteiros estavam cheios de terra nova. Portanto, valia a pena fazer uma nova averiguação no local.

Zeke e Malin foram apanhar Karin no estacionamento do laboratório, pois achavam que era melhor chegarem juntos, ainda que Karin fosse em seu próprio carro, com o porta-malas cheio de equipamentos.

Estão diante da casa dos pais de Theresa.

Ao passarem pela casa onde nasceu, Malin resolveu olhar para a construção. Foi como se a casa tivesse gritado qualquer coisa inaudível. Era como se a casa quisesse que ela voltasse e tentasse recriar o passado.

“Segredos”, parecia que as vozes gritavam isso.

“Vem cá, que nós vamos lhe contar alguns segredos.”

— Você vem? — pergunta Zeke para Karin, franzindo a testa e num tom de voz mais agressivo do que impaciente. “Talvez”, pensa Malin, “esteja irritado pelo fato de Karin ter errado e ter deixado passar um detalhe de suma importância. Mas quantas vezes ele deixou de notar detalhes? Como no caso da loja de pornografia?”

“Afim, ninguém é perfeito. Os descuidos fazem parte de todas as investigações.”

— Já vou. Pode me ajudar com esta mala?

Zeke vai ao encontro de Karin, pega a grande mala escura, e os dois seguem por um caminho de pedras brancas, entre arbustos sedentos por água, esquecidos.

Tocam a campainha e Sigvard abre a porta após meio minuto de espera.

Surpresa e desconfiança, mas também esperança.

“Vocês já o prenderam?”

Malin vê a esperança nos olhos azul-esverdeados e um brilho de vida. Ela diz que têm razão para acreditar que sua filha fora assassinada num lugar diferente. Não no balneário. Por isso, precisam fazer uma pequena vistoria na casa, apenas para excluir a hipótese de ela ter sido assassinada no próprio lar.

— Vocês não acham que eu, nós...

— Nem por um momento — diz Zeke. E com isso Sigvard Eckeved sai da frente e dá passagem. Seu corpo está pesado, como se a tristeza tivesse penetrado nele a fundo e consolidado, permanentemente, a sua presença.

— Se puder ajudá-los na investigação, vocês podem até queimar a casa inteira.

— Isso não será preciso — diz Zeke, sorrindo. — Já há incêndios demais na nossa área.

— De fato — completa Sigvard Eckeved. — Façam como quiserem. A minha esposa está na cidade, foi ao psicanalista, ao “espremedor de cérebros”...

Malin anda ao longo da cerca viva que rodeia a piscina, à procura de pistas, ramos partidos ou sinais de luta, mas tudo o que encontra são rosas vermelhas, já murchas, que estão sofrendo com o excesso de calor.

Ela fica exposta ao sol e, por várias vezes, enxuga o suor dos olhos e da testa. Vê que Zeke está do outro lado do gramado, na parte do jardim onde há plantações maiores entre o gramado e as estacas que separam a propriedade da do vizinho.

Karin está dentro da casa.

Malin pensa como Karin combina perfeitamente no ambiente chique da piscina, com a regata clara de grife e ridícula.

Nesse momento, Zeke exclama em voz alta:

— Aqui!

Malin nota na voz dele a certeza de que encontrou algo importante.

— Ela deve ter tentado correr para o vizinho.

O terreno está coberto com folhas murchas do que seria uma plantação de batatas, de cenouras e de beterrabas que ninguém colheu. É possível notar os sinais da luta, que ficaram intactos, quase empedrados pela seca, pela falta de chuva e de irrigação. Podem ver as pegadas, como o corpo de Theresa deve ter caído em cima dos caules e das plantas, como foi contido e arrastado para trás, como ela deve ter esperneado, enterrado os dedos na terra, na tentativa de se salvar.

— Vamos chamar a Karin — diz Zeke. — Onde ela está? Dentro de casa, no ar-condicionado, claro!

Sigvard Eckeved deixa-se cair pesadamente numa das cadeiras da varanda, a morte da filha está agora ainda mais próxima, presente em sua casa. E Malin pode imaginar como ele está arrasado, que vai ser difícil para eles continuar morando naquele lugar, naquela que é agora a morada da violência.

Malin ajoelha-se ao seu lado.

— Lamento muito — diz ela.

— Tudo bem — diz Sigvard Eckeved. Mas Malin entende que essas suas palavras não significam nada, que as coisas para ele não podem ficar piores do que estão, que talvez até haja um consolo no fato de a filha estar em casa quando foi atacada.

— Não sei — diz ele — como é que eu vou contar isso à minha mulher. Essa história vai acabar com ela.

Ao terminar o trabalho na plantação, Karin vira-se para Malin, que esperava à sombra de uma pereira.

— Ela deve ter vindo da piscina — diz Karin. — O criminoso saltou para cima dela ainda na piscina e,

então, ela tentou fugir nesta direção. Mas não encontrei nada, nenhum sinal de sangue, nada.

— Veja em volta da piscina, por favor.

— É o que eu ia fazer, Malin.

Minutos depois, Karin contorna a piscina, a água parece ferver, convidativa e ao mesmo tempo repulsiva, com a superfície azulada. Karin lança um *spray* com luminol no estrado de madeira e na cantoneira de pedra e espera que o produto faça com que os mínimos restos de sangue apareçam no escuro, produzido pela sombra da toalha azul que ela segura.

— Eu sabia — diz Karin, quando chega à passagem que dá acesso à garagem. — Eu sabia — repete.

Malin corre em sua direção e Zeke logo chega, vindo de dentro da casa.

Sigvard Eckeved continua sentado na cadeira, o rosto sem expressão, paralisado.

— Olhe aqui — diz Karin, chamando-os para ver por baixo da toalha, talvez, umas 20 gotas de sangue que brilham. O criminoso tentou lavar as manchas. Mas posso garantir que foi aqui que Theresa recebeu o ferimento na cabeça.

— É possível saber o tipo de sangue?

Zeke aguarda a resposta.

— Infelizmente, não. Não vai ser possível — responde Karin. — Isto aqui são como suspiros da realidade.

Malin se agacha diante de Sigvard Eckeved.

— Quem poderia ter motivos para estar aqui?

— Quem?

— Sim.

— Não sei.

— Não se lembra de ninguém?

— De ninguém. Lamento.

— Ninguém mesmo?

— Não. Pode ter sido qualquer pessoa.

— Nenhum jardineiro? Ninguém de serviço?

— Sou eu e minha esposa que cuidamos do jardim.

— E da piscina?

— Temos uma pessoa que vem todos os anos, no começo de maio, quando enchemos a piscina. Mas, este ano, fui eu que limpei e fiz tudo. E, no verão do ano passado, estive aqui um artesão que lixou toda a varanda.

O celular toca no bolso do casaco de Malin.

— Aqui é Fors.

— Malin? É Aronsson. Acabei de fazer uma pesquisa mais profunda sobre Sture Folkman. Posso falar agora?

— Estou ocupada. Podemos falar daqui a uma hora? No departamento?

— Claro. Faltam apenas alguns detalhes obscuros que ainda pretendo esclarecer.

Malin desliga e guarda o telefone.

Sigvard Eckeved começa a chorar, todo o corpo estremece. Malin quer ajudá-lo, mas não sabe como.

Em silêncio, apenas poussa a mão em seu braço. Não diz que tudo vai ficar bem nem que tudo acabará por se acomodar de novo.

Não chore, papai.

Estou com medo, mas estou bem.

Tive medo quando tudo aconteceu junto à piscina e no jardim. Foi horrível, horrível.

Mas agora tudo vai ficar novamente em ordem.

Sinto isso.

Maldade.

Até a maldade tem um ponto fraco em que tudo se rompe, se quebra.

Em que tudo fica visível e pode ser forçado a recuar. Com desprezo.

As pessoas vão poder curtir suas férias de verão, com toda a tranquilidade, exatamente como achamos que deve ser, sem dores, sem males.

Mas, primeiro, é preciso que as coisas tenham uma solução. Aquilo que vocês chamam de verdade tem de ser desvendado, por mais horrível que seja.

E você, Malin, tem uma visita a fazer.

Tem de fazer uma visita a você mesma. Talvez valha a pena olhar o passado para ver o futuro. Ou o que acha, papai?

Sei que nunca vai se esquecer de mim.

E, enquanto se lembrar de mim, estarei contigo, com vocês.

É uma consolação, não é?

Não tem ninguém em casa, mas ao dar uma olhada pela janela da sala de estar Malin vê um monte de brinquedos e imagina logo ouvir gritos de crianças, risos abafados, barulhos e choros de disputas por um carrinho de plástico, por um urso de pelúcia ou por um lápis de cor.

Na casa onde ela cresceu, agora mora uma família com crianças.

Malin pede a Zeke e a Karin para voltarem sem ela, diz que quer ficar sozinha e andar pela área por algum tempo, que vai tomar um táxi para voltar. Karin diz que pode levar Zeke, e ele não protesta. Para surpresa de Malin, diz apenas: “Está bem”.

Ela toca a campainha, mas não há ninguém em casa. Dá uma volta até os fundos. A grama está queimada, certamente não recebe água durante todo o verão, e as estacas em frente da varanda estão com a madeira ressequida, por ninguém ter tido tempo de passar um verniz.

“Seu pai iria sentir-se mal ao ver tudo assim”, pensa Malin. “O senhor Pedante, o senhor Perfeccionista, sempre dominado pela mãe, a senhora Mais-Fina-Do-Que-Realmente-É.”

“A mãe. Porque jamais pôde reconhecer a realidade?”

As desculpas em Tenerife: ‘Podíamos ter comprado uma casa, mas uma casa dá tanto trabalho, com o jardim e a piscina’...”

A cerca viva que separa os vizinhos, agora outros, moradores jovens. Malin lembra-se dos tempos em que brincava com uma bola de futebol no gramado da casa, nas tardes longas do verão, com o pai chamando a sua atenção, aos gritos, para não acertar a bola nas macieiras, nem nos arbustos das amoras silvestres, enquanto a mãe ficava deitada na rede, bebendo o vinho branco gelado e olhando em frente, no vazio, em vez de olhar para ela. Sempre com uma expressão de quem preferia estar em um outro lugar.

O inverno.

Bonecos feitos de neve, passagens secretas na neve, noites e dias de uma escuridão que parecia não ter mais fim, as faces rosadas pelo frio e as disputas com Ida, a garota vizinha, em quem bateu um dia a ponto de tirar-lhe sangue do nariz. E como se arrependeu depois, passando mal só de pensar na violência que cometera.

O silêncio de mamãe e papai. Como eles passavam um pelo outro como cobras silenciosas. Malin com aquela dor de barriga, sempre com a sensação de que havia algo de errado, algo que devia ficar em segredo a qualquer preço.

“O que foi que eu não vi?”

“Por que fui tão ríspida com o papai na última vez que ele telefonou?”

Malin sente a falta deles naquele momento. Vê-os no apartamento de Tenerife que ela nunca visitou. A mãe de vestido florido, o pai de camiseta e bermuda, tomando o café da manhã na varanda e falando dos

vizinhos, dos vizinhos e do tempo, mas nunca da filha ou da neta, Tove.

“Por que eles não se importam mais com Tove?”

Apenas o amor burocrático, conveniente. O menor amor possível. “Ela também tem um pouco de vocês!”, era o que Malin gostaria de gritar. “De vocês!”

Malin respira fundo o ar quente do verão, sente os anos e todas as recordações inalcançáveis tomando conta de seu corpo, se transformando naquilo que ela é hoje. Agacha-se, pensa.

“O que é que eu não consigo ver?”

A neve transforma-se em água.

Sobe na varanda, olha pela janela da cozinha e, apesar do vidro, consegue ouvir o som de gotas de água caindo de uma torneira.

A cozinha é nova, os armários brancos da Ikea e da Faktum brilham na luminosidade relativamente fraca. A sala de jantar, à esquerda, possui uma mesa quase igual à que eles tinham, madeira de pinho, pintada de branco, e cadeiras de encosto alto, desconfortáveis.

A torneira que goteja.

A água.

Sempre essa água.

Piscina com cloro, os balneários de veraneio. Jovens trabalhando no verão e seus movimentos aparentemente desorientados.

“O que você tem a ver com essa água?”, pergunta-se Malin. “Quer fazer alguma ligação entre limpeza e água, é isso?”

Malin afasta-se da casa com passos rápidos, não tão rápidos como deseja. Já é tarde.

— O que tem contra mim, Zacharias?

Karin Johannison acelera. Zeke olha para a saia dela, branca, de algodão com bordados, que destaca bem a forma de suas coxas. Levanta os olhos e vê seus cabelos longos, finos e louros, emoldurando as maçãs marcantes do rosto.

— Eu não tenho nada contra você, Karin — diz Zeke.

— Nós trabalhamos juntos há tanto tempo — diz Karin. — Seria mais simples se nos entendêssemos.

Zeke olha para a frente. Fica em silêncio, apreciando a paisagem, as árvores do outro lado da ciclovia. Ele se pergunta por que pensa tão mal, instintivamente, de Karin. Será por causa do muito dinheiro que ela tem? Da sua autoconfiança que advém do fato de ter nascido em berço de ouro? É por causa de sua descontração em todas as situações? Ou há alguma razão para a antipatia dentro dele mesmo? Mulheres. Será que ele cultivava algum problema por ela ser mulher? E ainda por cima tão atraente? Uma mulher que não se enquadra na imagem de uma perita criminal?

“Mas isso é apenas um preconceito meu”, pensa Zeke. Enfim, chegou a uma conclusão. Reconhece o que sempre soube, desde o primeiro momento em que a viu. Uma atração impossível leva a um distanciamento. Se eu não puder ter você, posso, em contrapartida, fazer com que se sinta mal, com que

se sinta menos apreciada, valorizada, embora isso seja, exatamente, o contrário do que eu gostaria de fazer.

— Eu não sei — diz Zeke.

— Não sabe o quê?

— A razão por que eu me mantenho distante de você. Mas isso agora acabou.

Karin não diz nada. No entanto, após um momento, desvia os olhos da estrada e olha para Zeke, agradecida, cheia de carinho. E talvez, também, com certo interesse sexual.

A assistente Aronsson foi agraciada com seios fartos que quase não cabem dentro do uniforme. Malin sabe que ela é um foco de piadas entre colegas do sexo oposto: *Bustobuster*, em associação com *Blockbuster*, grande sucesso. Os colegas brincam, dizendo também que ela é a garantia do “nosso pão de cada dia”.

Aronsson é inteligente e persistente, não faz questão de se impor aos colegas, nem tem ilusões “testosteronizadas” a respeito de como a profissão era ou devia ser.

No momento, Aronsson coloca as anotações em cima da mesa de Malin enquanto ela se senta. Zeke faz o mesmo. Estão prontos para escutar o que Aronsson tem a dizer.

— Fiz uma ampla pesquisa sobre o passado de Sture Folkman, tal como me pediram.

O rosto de Aronsson é suave, os dentes levemente protuberantes.

— Ele veio da Finlândia como “criança de guerra”. Ao que parece, viu toda a família morrer queimada no istmo de Karelia. Foi parar na casa de alguns camponeses no norte da Escânia, perto de Ängelholm, onde fez o curso secundário.

Aronsson recupera o fôlego, antes de prosseguir:

— Em 1980, separou-se da segunda mulher, com quem teve duas filhas. Uma delas cometeu suicídio em 1985. Até aí, a investigação foi fácil e dá para entender isso, pela leitura do relatório. Encontraram-na enforcada e consta que, durante alguns anos, mudou de um psicanalista para outro.

Mãos frias e brancas por cima do cobertor.

Pare com isso, pai, pare. Eu sou sua filha.

E daí, e daí...

Malin afasta a imagem de sua mente. Certos homens deviam ser castrados e enforcados publicamente.

— A outra filha parece que foi viver na Austrália, não é? Folkman deu a entender isso.

Aronsson balança a cabeça.

— Ela mora na cidade. Mora há uns dois anos no bairro Vasastan.

— Mais algum detalhe sobre ela?

— Chama-se Vera e está com 42 anos. Não existe mais nenhuma informação a seu respeito.

Uma reunião rápida e improvisada para atualizar a situação.

São quase 6 horas da tarde. Todos estão cansados do calor, de muitos dias de trabalho intenso e

Malin quer voltar para casa e para Tove.

Sven Sjöman está em uma das pontas da mesa de Malin. Tranquilidade na grande sala do departamento. Karim Akbar já foi para casa. Disse que estava com dor de cabeça. “Ele nunca se queixou disso antes”, pensou Malin.

— Quer dizer que Theresa Eckeved foi assassinada na casa dela?

A voz de Sven Sjöman, menos cansada do que em reuniões anteriores.

— Isso ainda não sabemos. Mas foi lá que alguém a atacou. Pode ter sido levada para outro lugar antes de ser enterrada no balneário — diz Malin. — O criminoso também pode ter alguma ligação com a casa. Se bem que nada foi confirmado pela família, nem pelos familiares mais próximos. E o álibi dos pais é intocável.

— Mais alguma novidade?

— Vera Folkman. Seu pai havia informado que a filha morava na Austrália, mas ela está em Linköping. Pretendemos falar com ela amanhã de manhã.

— Ótimo — diz Sven Sjöman. — Na verdade, são essas pequenas discrepâncias que precisam ser investigadas para seguir em frente, em casos como este.

— Sabemos que vai ser difícil ouvir Vera Folkman — diz Zeke.

Sven desvia o olhar para Waldemar Ekenberg e Per Sundsten, que estão em pé, na outra ponta da mesa:

— E vocês?

— Nós vamos ouvir o último da lista de criminosos sexuais — informa Per. — Depois, pensamos inquirir mais alguns dos que estão ligados a Suliman Hajif. Com este, achamos que não vale a pena falar mais.

— Podemos conseguir que o promotor o mantenha na prisão por mais algum tempo?

— Duvido. Falei com ele há pouco, e as provas que temos são muito fracas para mantê-lo preso.

E Sven Sjöman continua:

— É melhor deixá-lo sair e saber aonde vai e o que faz. E Louise Svensson? Alguma novidade?

— Vigiamos seus passos esporadicamente. Mas ela trabalha apenas em seu sítio — diz Malin. —

Quanto a Slavenca Visnic, estou em dúvida.

— Vamos trabalhar mais amanhã — diz Sven, franzindo a testa e dirigindo seu olhar a Malin.

— Mais alguma coisa, Malin?

— Não. Apenas uma impressão.

— Fale.

— É melhor esperar — diz Malin. Sven não insiste. Mas chama a atenção:

— Nós ainda não sabemos quem nos telefonou avisando sobre Josefin Davidsson. E também ainda não encontramos a bicicleta.

Tove não atende o telefone fixo, nem o celular.

Onde estará?

Malin ainda está sentada à sua mesa de trabalho, sente que suas preocupações estão passando dos limites. Telefona para a casa de Markus e ele diz que Tove saiu há duas horas. Foram ao balneário Tinnis e ficaram lá o dia inteiro.

Tove.

Eu disse para ter cuidado.

Malin levanta-se e segue para o carro.

Malin sobe correndo as escadas, abre a porta do apartamento. Grita:

— Tove, Tove, está em casa?

Silêncio.

O quarto em silêncio.

A cozinha vazia.

A sala de estar vazia.

O banheiro vazio.

— Tove! Tove!

Malin abre a porta do quarto:

— Tove, diga que está deitada na minha cama.

Karim Akbar serve-se de uma xícara de café expresso e olha em volta da cozinha. A bancada e a pia de aço inoxidável foram especialmente encomendadas para cobrir todo o espaço abaixo das placas vitrificadas que sua mulher escolheu inspirada em revistas internacionais de decoração que costuma pegar gratuitamente na loja Presstop, na praça Trädgårdstorget. Os armários também foram especialmente encomendados e pintados num tom de verde *British Racing Green*, a mesa e as cadeiras são de carvalho, compradas em Estocolmo, na *Room*.

Nada de dor de cabeça.

Apenas a sensação de precisar estar só.

Pensa no livro que deve escrever, mas que, certamente, nunca sairá de sua mente.

Nem ele mesmo acredita em suas teses sobre integração.

O silêncio paira na casa em Lambohov.

Existe coisa mais silenciosa do que uma casa de veraneio quando as pessoas que deveriam habitá-la estão em outro lugar?

Karim e a esposa têm brigado cada vez mais desde a última primavera. Discutido por nada. E ele sabe que o filho se sente mal diante dessa situação. Fica apreensivo quando está perto deles. Evita falar. Karim tem pena do filho, mas não sabe o que fazer, nem aguenta fazer seja o que for. Todo o esforço de manter uma máscara no trabalho e em todas as manifestações públicas, além da situação em casa, faz com ele se sinta muito cansado.

“Por que brigamos?”

Karim inspira o ar da casa. Na semiobscuridade, os cantos e recantos surgem para ele agora de uma maneira diferente.

“Ela não está feliz. Isso é evidente. Acha que está tudo errado e que, talvez, eu tenha tendência a ser impositivo. Serei? Não. Mas eu a irrita, e isso, por sua vez, me deixa irritado.

“O rapaz.

“Está em época de formação.

“Eu, ela, nós não podemos prejudicá-lo.”

E Karim pensa no próprio pai, ao encontrá-lo pendurado, sem vida, no apartamento em Nacksta, numa manhã dominical de verão, quase tão quente como este.

“Eu tinha 12 anos.

“Aprendi, então, o que significa desespero. Mas me recusei a aceitar que até o amor tem limites.”

“Às vezes, acho que vou longe demais”, pensa Waldemar Ekenberg enquanto rega as rosas plantadas no

fundo de sua casa, em Mjölby.

A mulher está na cozinha, fazendo salada para acompanhar um grelhado para a noite: lombo de porco em vinha-d'alhos, garrafa de vinho aberta na hora. Aqui em casa, nada de comida pré-pronta, vendida em caixas. Isso é porcaria.

“Ou vou mesmo longe demais?”

“Os colegas já me denunciaram. Diabruras. Mas não houve consequências disso. Meu desempenho é melhor do que o dos outros. E no caso atual? Com um diabo à solta como esse, ninguém se importa se alguém leva umas porradas, desde que não fique ferido.

Assim agem as pessoas.

Às vezes, é pressionado pelas circunstâncias. Isso sempre acontece. Resta aceitar a situação, tal como acontece com as vítimas.

“Ela, lá dentro, na cozinha, quer ter filhos.

“Para mim, isso não é tão importante”, pensa Waldemar. E Deus sabe que eles tentaram. Tubos de ensaio aqui e ali, espermatozoides dentro de vidros em cabines escuras, alguma revista pornográfica nas mãos.

Até que ela fez 45 anos e o assunto morreu.

Eles compartilham esse destino com muitos outros casais.

“E, agora, aqui estou eu, no jardim. O céu escurecendo. As estrelas aparecem em longínquas galáxias. A vida na Terra fecha-se em si mesma. A única coisa que eu posso dizer, com toda a sinceridade, é que continuo a amar a mulher que está lá dentro.”

Per Sundsten está diante de um quiosque de salsichas em Borensberg. O quiosque foi construído na década de 1950 e representa o protótipo de um quiosque sueco, com a sala de espera para passageiros de ônibus. Per encomendou um *Snitsare* com queijo para levar consigo para o canal de Göta e comê-lo com calma, vendo os barcos passar, antes de continuar o caminho para o seu apartamento em Motala.

As vantagens da vida de solteiro.

“Faço o que quero do meu tempo. Ninguém me diz o que devo fazer.”

— Aqui está!

O imigrante, dono do quiosque, estende-lhe o *Snitsare*, o queijo ainda escorrendo pelas bordas da carne.

Ele senta-se num dos bancos, ao lado do canal.

Um homem e uma mulher, mais ou menos da mesma idade que ele, passam de barco na sua frente, num barco de velas azuis. Bebem vinho e acenam para ele, que bebe um gole de refrigerante *Pucko*. Per acena de volta.

“Ekenberg é louco.

“Mas, ao mesmo tempo, é uma segurança tê-lo ao nosso lado. Ele sabe como fazer as coisas. Por mim, acho que eu me encaixo melhor na unidade contra crimes ambientais, em Estocolmo.”

Motala. Não muito diferente de Kalmar, onde nasceu e cresceu. Uma antiga área industrial, atualmente

cheia de drogas e de problemas a enfrentar, sob o manto idílico de uma pequena cidade do interior. Mas jamais uma cidade para um homem de 30 anos morar.

No caso em que agora estão trabalhando, não consegue descobrir nada de substancial. As pistas cruzam-se umas nas outras, mas ele fica com a sensação de que apenas está acompanhando o caso, como se, na realidade, não tivesse mais nada a fazer.

“Fors.

“Ela é impetuosa, quase maníaca, e chega a meter um pouco de medo. Às vezes, até parece que está com medo dela mesma. Mas se alguém pode resolver o caso é ela.”

Per dá mais uma mordida na carne de seu *Snitsare*.

Passa mais um barco.

“Um homem ao leme. Parece aborrecido, sozinho”, pensa Per Sundsten.

Zeke mete na boca um bom pedaço de linguado. A esposa olha para ele e baixa os olhos, depois vai para a mesa da cozinha e, intencionalmente, começa a ler os folhetos de propaganda de diversos lugares para passar férias: Sunny Beach, Creta, Costa Dourada. Sonhos embalados como sonhos.

— Eu não aguento nem pensar nisso agora. Em viajar.

Ela senta-se na frente dele, aponta para Sunny Beach.

— Aqui, parece que é barato. O que acha?

— Não ouviu o que eu disse?

“De repente, a cozinha parece ter ficado infinitamente pequena, os armários de pinho parecem querer inclinar-se sobre mim”, pensa Zeke. A pressão é grande. Ele gostaria de poder voar para o jardim, mas ela não está disposta a largá-lo.

— Lennart e Siv estiveram em Creta no ano passado. Disseram que foi muito bom. E é fácil arranjar passagens nesta época do ano. Há muitos voos para lá.

— Muitos peixes. Nesta época os linguados estão sempre bons.

— Ou o que acha da Espanha? É uma viagem clássica.

Ela abre um dos folhetos.

— Faça uma reserva. Mas, se não conseguirmos solucionar o caso em que estamos trabalhando, eu não poderei viajar.

— O que acha de Rimini?

Ele olha para a mãe de Martin, sua esposa. “Quem é você?” E Zeke pensa na investigação, no calor, na luz, na poeira e nas pernas de Karin Johannison, no carro, por baixo do tecido branco do vestido. Tudo isso cria um novo distanciamento, transforma-o num estranho, dentro de sua própria vida.

Karin Johannison está nua na beira da piscina, na grande varanda da casa, a maior de Ramshäll. Os grandes arbustos em volta do jardim impedem a visão de quem está do lado de fora. A noite cheira a enxofre e a resina.

Kalle, diante da televisão na sala de estar.

Está assistindo ao canal TCM, um daqueles antigos filmes que adora, uma comédia de Frank Capra.

Eles mandaram construir a piscina na primavera passada. Há muito tempo que queriam uma.

Também tiveram ajuda para conseguir alguém que cuidasse da piscina por meio de um vizinho. É uma mulher que só faz isso no bairro. Ela sempre chega quando eles não estão em casa. Limpa tudo, joga na água a quantidade certa de cloro, mas Karin nunca chegou a se encontrar com ela. Kalle disse que ela parece saber o que está fazendo, embora seja uma mulher de poucas palavras. E só aceita receber em dinheiro.

Whatever.

Karin pensa no que Martinsson lhe disse no carro.

Pensa nele.

Quase 10 anos mais velho. Sempre se questionou se Martinsson tinha alguma coisa contra ela, mas confiava nele. Agora, porém, a situação ficou esclarecida. “Da maneira como ele olhou para mim, eu podia ter parado ali mesmo, para fazer com ele aquilo que muitas pessoas fazem na beira das estradas.”

“Um verão longo, quente e louco.

“É muito calor à minha volta.

“E dentro de mim.”

“Está na hora de escapar”, pensa Karin, e salta, dando um impulso nas pernas, flutua por um curto momento e cai na superfície tranquila da piscina. O corpo desce nas águas refrescantes e fica por algum tempo, em silêncio, deslizando no fundo.

Malin enfia-se na cama, ao lado de Tove.

Tove estava dormindo, ainda cansada do passeio. Malin acordou-a, repreendeu-a. E ela justificou-se:

— O celular estava sem bateria. Encontrei-me com Júlia, compramos sorvetes no *Bosses* e, depois, fomos passear no largo *Storatorget*. Mamãe, tenha calma.

E Tove adormeceu de novo. Malin também se sente cansada. Na cozinha, bebe meia dose de tequila. Pensa no fato de eles estarem se aproximando de uma solução, que em breve tudo terminará. Sente-se inquieta.

Depois, volta para o quarto e para Tove.

Tira a roupa e fica só de calcinha.

Enfia-se por baixo do lençol e sente no corpo a pele quente da filha e as leves batidas de seu coração, motivos suficientes para continuar a lutar e a viver.

O que vamos fazer com essas pessoas? Aquelas que não sabem como ordenar seus desejos, aquelas que ferem outras por causa de suas próprias feridas?

Uma grande prisão na província de Norrland.

Um precipício para os desejos.

Castração química.

Castração.

Vigilância eletrônica.

É de manhã, e Per Sundsten não consegue pôr em ordem seus pensamentos, ao seguir com Waldemar Ekenberg, ainda sonolento, à procura de Arto Sovalaski, passando pela entrada de sua *stuga* vermelha, num dos extremos de Linghem, uma cidade-dormitório, a leste de Linköping. Já haviam passado por um jardim bem cuidado, embora queimado pela seca como toda a vegetação em volta. Viam-se groselheiras espinhosas ladeando o caminho que levava à entrada da casa.

— Eu sei por que estão aqui. E ainda por cima num sábado. Não deviam descansar neste dia e a esta hora?

— Pelo menos, deixamos de ir à reunião matinal — diz Per Sundsten, ao ver como Arto Sovalaski arrastara-se até a porta. Era, talvez, o homem mais cansado do mundo, com o rosto refletindo noitadas de muita bebida e de muito fumo, sem sinais de sonhos em relação ao futuro.

Cheiro de suor dentro da casa.

— Devíamos estar de folga — continua Per —, mas Linköping foi assolada por uma série de crimes hediondos.

Arto Sovalaski, o último de uma lista de conhecidos criminosos sexuais na sua área de investigação.

Está usando uma camiseta com o desenho de uma pá no peito.

— Você trabalha? — pergunta Waldemar Ekenberg ao entrarem na sala de estar. Arto Sovalaski deixou-se cair em cima de um sofá de listras amarelas e castanhas, o único móvel da sala. Garrafas e cinzeiros espalhados pelo chão de madeira.

— Não. Sou pensionista. Aposentado prematuramente.

“Você não deve ser bem-visto entre as pessoas normais”, pensou Per. “Foram quatro estupros em quatro meses, há mais de 10 anos, em cidades diversas: Växjö, Karlstad, Örebro e aqui, em Linköping. Desde então, nada mais.”

— Então, você sabe por que estamos aqui?

— Sim, já aconteceu antes, quando houve outros crimes sexuais na cidade. Nessas horas, vocês sempre

vêm aqui. Mas podem ir embora logo. Eu estive fora quando tudo aconteceu. Estive em Öland, na casa de alguns amigos. Podem telefonar para eles.

Waldemar aproxima-se dele.

“Não de novo”, pensa Per.

Mas Waldemar, dessa vez, recua.

— Pode nos dar os números dos telefones de seus amigos?

— Claro.

E, 10 minutos mais tarde, estão de volta ao carro e a caminho da cidade. O álibi de Arto Sovalaski foi confirmado por um finlandês bêbado, no outro lado do estreito de Kalmar.

— Com isso, a investigação foi concluída — diz Waldemar Ekenberg. — Voltemos para o departamento, para dar mais uma sacudidela em Suliman, antes de o soltarmos.

— Ele foi solto ontem à noite — diz Per Sundsten.

— Assim, sem mais nem menos? — reage Waldemar.

Foi uma boa manhã de sono. Nada de levantar cedo.

Uma autoconcessão feita nessa manhã de sábado. Às 9 horas Malin desceu para encontrar Zeke.

É o segundo sábado de investigação no caso. Passou-se um pouco mais de uma semana, desde a sua erupção. Mas é como se fossem anos. Como se estivessem enfrentando uma epidemia.

O calor continua. Talvez mais forte, cada vez pior.

A fachada da igreja tremula no ar, empalidece e fica com uma cor doentia. Com a tremulação, Malin nem consegue ler a inscrição da fachada.

“Zeke, onde está?”

Ele telefonou 10 minutos antes, passava por Berga, portanto já devia estar aqui.

Tove continua dormindo no apartamento.

Malin desce pela rua, olha as vitrines na galeria St. Lars, vê os quadros com as cores alegres de artistas como Madeleine Pyk e Lasse Åberg. A arte não é seu forte, mas aquilo que está pendurado nas paredes em St. Lars faz com que ela se sinta mal.

“Vera Folkman.

“Até que ponto está destruída?

“Quebrado, produtos quebrados. Deveríamos fazer uma reclamação.

“Como no caso do casal nos Estados Unidos que adotou uma jovem da Ucrânia mas que acabou tendo distúrbios graves. Conta-se que o casal resolveu mandá-la de volta, dentro de uma dessas caixas da FedEx, e a criança morreu de frio no caminho, no compartimento de carga de um jato, a 10 mil metros de altitude.”

Um sinal sonoro.

Zeke.

Momentos depois, Malin está sentada no ambiente mais ameno proporcionado pelo ar-condicionado do

carro. Recupera o fôlego. Nota a presença de uma caminhonete branca estacionada ao fim da rua Ågatan.

Tove espreguiça-se ainda na cama, na cama da mãe. Ainda é maravilhoso dormir nela de vez em quando.

Ela vai encontrar-se com Markus mais tarde. Hoje vai lhe dizer que o namoro terminou, que continua a gostar dele, mas não da mesma maneira de antes. E que eles podem continuar sendo amigos.

Mas isso ele não vai aceitar.

Enfim, Tove levanta-se da cama.

Apenas pela luz que entra no quarto pelas frestas das persianas, sabe que o dia vai ser o mais quente desde que voltou de Bali.

Eles tocam a campainha de Vera Folkman na rua Sturegatan. Ela mora no segundo andar, mas ninguém atende. Todo o apartamento, até o exterior dele, dá a estranha impressão de abandono.

— *Gone, baby, gone* — diz Zeke. — Porra, como está calor, parece ficar mais quente a cada segundo que passa.

Quanto mais ficam diante da porta do apartamento, mais eles sentem o mau cheiro que vem lá de dentro.

— Cheira a excremento de animal — diz Zeke.

— Talvez ela tenha gatos lá dentro.

— De qualquer forma, cheira muito mal.

— Talvez ela esteja na Austrália — diz Malin, virando as costas e começando a descer as escadas — e deixou os animais lá dentro.

— Na Austrália, certamente, está uma temperatura mais amena do que aqui, até mesmo em Alice Springs — completa Zeke.

— Pelo que se diz, esse é o lugar mais quente do mundo.

— Errado. Linköping é que é o lugar mais quente do mundo.

Tove anda com sua bicicleta em alta velocidade.

A camiseta rosa contorna, perfeitamente, seu corpo.

O mundo sonolento, amarelado, através dos óculos de sol.

Ela pedala e passa pelo balneário Tinnis, mas, em vez de subir a encosta para Ramshäll, toma o desvio pelo hospital e volta na direção do hotel Ekoxen. Tove tem a estranha sensação de que alguém a segue e a observa, tentando se aproximar. Ela continua a pedalar. Fica um pouco sem fôlego, mas acha que é do nervosismo por causa da conversa que terá com Markus, o que a deixa meio confusa.

Tove está com essa sensação desde o momento em que pegou a bicicleta no lugar de sempre, perto da igreja.

“Mas onde estavam esses olhos?”

Ela olha em volta, ninguém suspeito, nada diferente, apenas menos gente do que o habitual, por causa

do calor. A cidade está muito vazia.

No momento, segue em direção ao hotel e olha de lado: “Aquela não é a mesma caminhonete que viu estacionada perto do apartamento e que passou por ela, quando saiu de casa do Markus?”.

Está com medo.

Para no hotel.

Abre o portão de madeira do parque da Associação de Jardinagem.

Foi aqui que eles encontraram uma das garotas.

Mas, de qualquer maneira, lá dentro o carro não poderá segui-la.

Uma figura escura ao volante. Quem?

“A filha dela é muito veloz na bicicleta e eu não posso me descuidar. Vou apanhá-la como apanhei as outras, vai ser rápido.

“Ela não pode me ver. Parou no portão de entrada do parque. Abriu-o e entrou, mas parece estar com medo.

“Mas eu não sou uma pessoa de quem se deve ter medo.

“Vou fazer apenas o necessário para que comece a viver de novo. Sou uma produtora de anjos. É isso que sou.

“Mas não a vejo.

“Desliza rápido no parque. Já me viu, com certeza. Vou passar em frente, vou baixar o boné sobre o rosto. A hora, a minha hora, a nossa hora está chegando. Segure firme o volante.

“É a hora?

“O Tinnis está em frente. Pode ser o lugar.”

“Será que devo telefonar para a mamãe?

“Não.

“O carro passou em frente, não parou, e a pessoa com o boné, lá dentro, já vai longe.

“Estou apenas confusa.

“Deve haver mais de uma centena de caminhonetes brancas em Linköping.”

O parque está quase vazio. E Tove volta para o portão do parque perto do hotel.

Não há caminhonete branca à vista.

Tove segue direto para casa de Markus, decidida, consciente do que quer fazer. “Exatamente como mamãe”, pensa.

Zeke está à sombra de um guarda-sol amarelo, já meio quebrado, no quiosque do balneário Tinnis. Acaba de tirar o plástico de um sanduíche de carne moída. Malin quer dar um mergulho durante o almoço. Primeiro, ele protesta. Não tinha mais nada em que pensar, senão em nadar?

Mas ela insiste. Diz que não aguenta ir para o ginásio naquele calor.

Quer ir à piscina. Malin insiste de uma maneira contida, mas ainda assim impositiva. Ele sabe escutá-la quando ela fica assim. Sabe que está procurando significados e conteúdos que podem fazer avançar a investigação.

O sol permanece livre num céu sem nuvens.

As árvores fazem sombra do outro lado do lago artificial. No *hall* da piscina coberta as luzes estão apagadas. Lá dentro, as piscinas estão fechadas para que a limpeza possa ser feita.

Zeke prefere não mergulhar.

Gente demais, principalmente na hora do almoço.

As águas do lago artificial também não parecem limpas. Ao chegar, os dois encontram uma mulher. Está vestida de branco, com uma mala preta numa das mãos e um tubo de ensaio na outra. Deve ser alguém que faz o controle de qualidade da água.

“Para mim, não faz diferença nenhuma”, pensa Zeke, dando mais uma mordida no sanduíche. “Mesmo que ela seja a maior perita do mundo em limpeza de piscinas, vou tomar banho aqui.”

Malin não se importa.

Está de maiô vermelho e pronta para se atirar na água.

A água da piscina limpa o corpo.

É refrescante. Malin dá longas braçadas, sente que o cloro limpa a pele. O ar limpa os pulmões, o esforço faz bem. Chegar aos limites dói, mas se não doer não há resultado. As boias vermelhas da corda entre as pistas da piscina transformam-se numa linha única à medida que ela aumenta o ritmo das braçadas.

Respira fundo, os músculos explodem, ela recupera-se, braçada a braçada. Luta e aproxima-se mais uma vez da cabeceira da piscina, faltam mais uns 30 metros.

As impurezas no crânio desaparecem.

Restam apenas a clareza e a dor do esforço feito.

Conclui o exercício.

Ela segura na borda da piscina, está ofegante, olha para Zeke, que continua sentado no quiosque, sob o guarda-sol.

Malin sai da piscina, fica sentada, os pés ainda na água, respira fundo, sente-se limpa e purificada, como se o suor e a poeira tivessem desaparecido para sempre, como se ela entrasse numa nova fase da vida. Uma fase melhor, como se tivesse renascido. A superfície da água reflete mil tons de azul, fortes e claros, que ela absorve.

A piscina da casa da família Eckeved.

A água na piscina do balneário.

O balneário de Glyttinge.

Sofia Fredén, no trabalho temporário, aqui, no Tinnis.

Josefin Davidsson, no trabalho temporário, no verão, no balneário de Glyttinge, onde também houve problemas com a limpeza da água, segundo noticiado no *Corren*.

Gotas escorrem como linhas, limpezas realizadas como um mantra.

A violência como um rosário de lamento.

Zeke levanta-se quando Malin se aproxima da mesa.

— Pode me emprestar o celular? Preciso fazer uma chamada imediatamente.

Zeke tira o aparelho do bolso, os movimentos são lentos por causa do calor. Algumas crianças com boias fazem uma grande algazarra, não se atrevem a saltar na água, chamam pelos pais para ganhar coragem e segurança, querem saber se não há perigo.

Três toques, antes da resposta.

— Sigvard Eckeved.

— Olá, aqui é Malin Fors. Esqueci de lhe perguntar uma coisa. Vocês têm alguém para limpar a piscina, não é? Você citou alguém que trabalhou aí na primavera passada.

— Está falando da pessoa que veio aqui?

— Sim.

Zeke encara Malin fixamente, esperando. Ela passa a outra mão pelos cabelos. A resposta demora.

— Sim. Costumava vir aqui uma mulher na primavera, para regular a bomba de limpeza. O seu telefonou tocou ontem justamente no momento que eu falava sobre isso. Depois, achei que não era importante. Afinal, vocês estão à procura de um homem, não é?

— Uma mulher? Foi o que disse?

— Sim.

— Qual é o nome dela?

— Elisabeth.

— E o sobrenome?

— Não faço ideia. Devo dizer que eu pagava em dinheiro. Eu tinha dado o meu número de telefone para um vizinho, e foi ela quem me telefonou depois. Das outras vezes em que veio aqui, era sempre ela quem telefonava, para oferecer os seus serviços. Eu nunca cheguei a ter o telefone dela. Também faço assim com a faxineira, uma polonesa que vem aqui. Mas, como disse, em relação à piscina, fui eu que fiz

a última limpeza.

— Ok, muito obrigada. Você tem o telefone do seu vizinho?

Silêncio.

— Infelizmente, ele teve um ataque de coração e morreu há um ano.

— E a esposa dele, será que ela tem o telefone?

— Ele morava sozinho. Mas o novo vizinho talvez tenha continuado a utilizar os serviços dessa mulher.

E pode ter o número.

Sigvard desaparece da linha, mas volta um minuto mais tarde e fala um número que Malin memoriza.

— Obrigada.

— O que significa isso?

— Não sei — diz Malin. — Vamos descobrir.

Assim que desliga, ela vira-se para Zeke.

— Você ainda se lembra do nome da filha de Sture Folkman, aquela que se suicidou?

— Aronsson nunca mencionou o nome dela durante a nossa reunião — diz Zeke. — Mas eu me lembro de ter lido no relatório que ela se chamava Elisabeth. Eu guardei esse nome porque é o nome da minha primeira namorada.

Malin vira e dirige-se a passos rápidos para o vestiário. No caminho, certifica-se de que não esqueceu o número de telefone.

Lembra-se, sim, do número.

Como uma imagem. Como se o número fosse um cartaz de néon num prédio velho de Los Angeles.

Zeke ficou no mesmo lugar, olhando para todo o balneário e observando como as pessoas tentavam aproveitar a bolha de calor, com as crianças e suas boias manifestando toda a inocência do mundo.

Primeiro, Markus ficou triste.

Não que começasse a chorar, mas Tove pôde vê-lo se encolher dentro do si, os ombros abaixarem e os olhos expressarem preocupação. Os dois estavam sentados à mesa da cozinha, com a luz do Sol refletindo no aço inoxidável da geladeira e do *freezer*, de modo que Tove foi obrigada a fechar um pouco os olhos. Tinham acabado de comer sanduíches, beber leite e falado sobre o que iriam fazer durante o restante das férias. Markus tinha previsto que ambos iriam ficar juntos, talvez fossem para a casa de campo de seus pais, até que Tove, finalmente, conseguiu dizer as palavras que queria. E, nessa altura, as palavras não saíram no tom que desejava:

— Eu quero terminar com você.

Como uma chicotada. Rápido demais, sem a mínima delicadeza.

As palavras saíram brutais. E Markus foi tomado de surpresa.

— O que você disse?

— Quero...

— Eu achei que...

— Sinto que quero ficar livre este ano e, ao mesmo tempo, não sinto mais, não sei, como era no início... É melhor que continuemos só amigos.

As palavras saem rapidamente da boca, como se estivessem queimando lá dentro.

— Quero me concentrar nos estudos.

Markus não disse nada.

Era como se deixasse as palavras assentarem primeiro. Como se o significado delas penetrasse lentamente dentro dele. Mas o que devia dizer?

— Eu senti sua falta durante o tempo em que estive em Bali.

— Mas eu não senti saudade de você.

E, diante dessas palavras, a tristeza dele se transformou em fúria. Levantou-se e gritou:

— Não poderia ter dito isso antes de viajar? Que queria acabar? E eu, aqui, passando o verão à sua espera, sem sair e sem ir a festas!

— Não grite comigo!

— Esta aqui é a minha casa e eu posso gritar quanto quiser.

Tove levantou-se logo, correu para a entrada, colocou os sapatos e abriu a porta.

Ele chamou-a de volta.

— Volte! Não queria ter ficado zangado.

E Tove sentiu-se 20 anos mais velha, adulta, ao ouvir como ele estava desesperado.

Mas, mesmo assim, resolveu ir embora.

Ainda ouviu a batida da porta quando ela se fechou.

E também a sua própria respiração. A adrenalina rolava solta pelo corpo e fazia com que se sentisse meio tonta.

“Deixe-a ir embora, de bicicleta. Deixe-a ir.

“Encontrei sua mãe há pouco a caminho do Tinnis.

“Você é para ela uma preocupação constante.

“Venha para mim, venha.

“Deixe que eu a transforme em anjo.

“A inocência renascida.

“Ela está zangada ao sair da casa, correndo.

“Fechou a porta com força.

“Não olhou na minha direção nem viu o carro estacionado no topo da rua.

“Venha descansar, ficar em paz.

“Em breve, nunca mais precisará ficar zangada.”

A morte espreita mais além.

Cuidado, Tove, muito cuidado. Não queira ser uma de nós.

Nós flutuamos e gritamos em coro no seu ouvido, mas nossas vozes de anjos não chegam até você.

Pare, pare.

Mas você não ouve.

Afaste-se do perigo, procure um calor humano que saiba que existe em algum lugar.

Escute o que dizemos.

Pare.

Mas você está surda, não ouve nossas vozes, que não passam de vibrações e murmúrios em seu ouvido.

Em vez de parar, continua pedalando. Indignada. Continua pedalando rumo à catástrofe.

Diretamente rumo ao fogo, mais fundo, cada vez mais fundo, rumo ao centro das labaredas.

Quem poderá salvar você?

Não nós!

A sua mãe?

Tudo dependerá do amor de quem tem por ti, afinal, o amor maior! Ou não?

— A água, Zeke, este caso está ligado à água.

Malin diz isso rápido, no caminho de volta para o carro que está no estacionamento do balneário. Explica o que quer dizer: como todas as garotas movimentavam-se em volta de piscinas e foram lavadas freneticamente, como até o odor correspondia, o Klorin de Josefin e Theresa, e o odor do cloro das piscinas.

Malin sente-se quase febril a caminho do estacionamento. A realidade, o ar, os prédios, os carros, o calor, o céu, parece que tudo vai cair em cima dela, mas Malin consegue recuperar-se.

— Quer dizer que temos de procurar alguém que limpa piscinas?

Zeke não se mostra cético, apenas espantado.

— Sim. Uma pessoa em particular.

— Uma em particular?

— Precisamos andar rápido, Zeke.

Zeke tosse.

— Por onde vamos começar? Aqui?

— Por que não?

Quando voltaram ao balneário, Malin telefonou para o número que Sigvard Eckeved lhe deu, mas o vizinho não conhecia nenhuma limpadora de piscinas e disse que ele próprio fazia a limpeza. Agora os dois estão sentados numa sala quente de azulejos amarelos, ao lado da cafeteria, falando com o administrador do balneário, Sten Karlsson, um pacote de músculos vestido de calção de salva-vidas e uma camiseta vermelha com o emblema do balneário, um leão-marinho com uma bola.

Diante deles, a mesa do escritório toda coberta de papéis.

— Na realidade, a minha função não é exatamente a parte administrativa. O que querem saber?

— Queremos saber quem limpa as piscinas daqui.

— São os nossos salva-vidas e os técnicos. Os salva-vidas fazem a limpeza com redes e aspiradores.

Os técnicos cuidam da qualidade da água.

— Todos os salva-vidas são funcionários da empresa? — pergunta Malin sem esconder como fica impaciente quando não consegue obter a resposta que deseja.

— Sim.

— Alguém cuida da desinfecção das piscinas?

— Não. Esse serviço é delegado a um profissional autônomo.

— Então, foi ela que eu vi — diz Zeke. — Ela estava aqui há cerca de uma hora, não é?

— Sim. É uma mulher que cuida da qualidade química da água das piscinas.

— Quem é ela?

Malin atira a pergunta no ar.

— Ela se chama Elisabeth. O sobrenome, eu desconheço. A firma chama-se... Um momento.

“Elisabeth.

“A mesma mulher?

“Será que Elisabeth é Vera Folkman? Que age em nome de sua irmã morta. E se é ela, na realidade, o que isso significa? Se é Vera Folkman, o que suas experiências fizeram com ela para que faça o que faz?”

Sten Karlsson procura entre os papéis em cima da mesa.

— Esperem. Está aqui.

Ele pega uma fatura. Linköpings Vattentekniska AB, uma sociedade anônima.

— Apropriado, não?

Malin pega a fatura da mão de Sten Karlsson.

Lê o endereço e o número do telefone.

— Você sabe para onde ela foi depois de ter saído daqui? — pergunta Malin.

— Não faço a menor ideia. Ela não fala com ninguém, é extremamente discreta.

Sten Karlsson aponta para a fatura.

— Ela deixa essas faturas aqui sem dizer nada, a não ser que queira receber em dinheiro. Mas o serviço ela sabe fazer. Trabalhamos com ela já há dois anos, e as piscinas sempre estiveram bem tratadas, sem reclamações.

Malin e Zeke estão lado a lado diante do escritório de Sten Karlsson. O papel onde escreveram o nome da firma, o endereço e o número da fatura está na mão de Malin.

— Johannelundstigen, 17 — diz Zeke. — Eu nunca ouvi falar deste lugar, Johannelundstigen.

Malin lê o número de telefone: 013 17 02 66.

Digita o número.

Ouve uma gravação.

“O número 013 17 02 66 não existe.”

— Droga — diz Malin.

— Telefone para a central telefônica — sugere Zeke. — Verifique com eles.

Ela liga 118 118!

A cordialidade da telefonista deixa Malin irritada.

— Está confirmado. Esse número não existe.

— Não existe! E existe o endereço Johannelundstigen?

— Bem, nesse caso, acho melhor ligar para a receita federal.

Depois de um longo tempo de espera, finalmente, uma pessoa atende e diz que, em princípio, a receita federal está fechada aos sábados, no mês de julho. A seguir, mais um tempo de espera para a transferência da ligação e uma nova voz feminina atende de maneira formal e burocrática, como era de se

esperar. Zeke continua ao lado de Malin, batendo os pés no chão e com a testa suada.

— Você disse Linköpings Vattentekniska AB, empresa com o número de inscrição 5-987689?

— Isso mesmo.

— Não existe nenhuma firma com esse nome e esse número de inscrição. Lamento.

Malin desliga, depois de ter anotado o número de telefone direto da funcionária.

Sente a pressão de calor no peito, o coração bate mais forte lá dentro. Por quanto tempo uma pessoa pode manter uma falsa empresa funcionando? Um ano, dois, três? Talvez mais, dependendo de como organiza seus negócios. Mas quem sabe há quanto tempo essa mulher está trabalhando na cidade? Ou será que ela esteve, realmente, na Austrália como Sture Folkman disse? E voltou de lá há dois anos com as piores ideias possíveis na bagagem?

— Alguém tem muita coisa a esconder — diz Malin. E, ao seu lado, Zeke sorri, com uma expressão de confiança no rosto.

Os dois seguem para o balneário de Glyttinge.

O quiosque de Slavenca Visnic parece vazio e fechado para sempre. No estacionamento, o cheiro de fumaça dos incêndios florestais ainda continua forte, os ventos vêm do nordeste, trazem esse cheiro, diretamente, para o balneário, partícula por partícula.

O dono do balneário.

Hakan Droumani.

Um homem de 55 anos, vindo do sul da Europa. Ele explode de alegria, negócios fantásticos durante um verão como este. Convida Malin e Zeke para tomar um café na pequena cafeteria do balneário, no mesmo prédio do vestiário, com vista para a piscina principal.

Perguntas e respostas rápidas.

— Sim, ela se chama Elisabeth. Sobrenome? Não faço ideia. Se eu sei alguma coisa sobre ela? Não. O nome da empresa dela é Linköpings Vattenteknisk AB. Pago em dinheiro, sempre em dinheiro. Isso não é problema para mim, claro que não há conta bancária mencionada na fatura. A tarifa bancária custa dinheiro, e ela, certamente, quer economizar.

Perto da piscina, está uma mulher com burca disposta a cair na água vestida como está.

Hakan Droumani ri.

— É a única vestimenta que eu permito.

— Você nunca teve necessidade de telefonar para ela? Por exemplo, em junho, quando a água da piscina ficou ruim?

— Foi ela quem me telefonou. As autoridades de saúde passaram o problema para o jornal antes mesmo de me informarem sobre o assunto. Nunca precisei telefonar para ela.

Malin liga novamente para a central de informação e para a receita federal: “Não existe. Lamento.”

— O que fazer?

Malin guarda o celular no bolso e olha para Zeke com uma expressão indagadora. Em torno deles, no

estacionamento do balneário, as pessoas andam devagar, indo ou chegando para se refrescar.

— Podemos voltar ao apartamento de Vera Folkman, verificar se a encontramos agora.

A voz de Zeke está segura. Adotou as teorias de Malin, de como tudo se encaixa e caminha para uma solução, embora ainda falte confirmar.

— Vamos lá — diz Malin. — Vamos ver se Vera Folkman é mesmo essa Elisabeth.

— Vamos precisar ser rápidos — diz Zeke.

E os dois entreolham-se. Dois inspetores à caça no verão, ambos sentindo como estão próximos da problemática violência, como estão sendo atraídos para o seu núcleo, para o olho do furacão, para o centro do vulcão prestes a explodir.

Malin sente o seu estômago se contrair.

E não é de medo.

Mas ainda não consegue se convencer disso.

Zeke passa a mão pelos ombros de Malin.

— Calma, Malin — diz ele. Mas nem mesmo a voz de Zeke consegue penetrá-la e apaziguar as suas preocupações.

“Agora, está entrando na biblioteca.

“Milhares de livros lá dentro, orações, palavras e pontos. Cada sinal mais insignificante do que o outro, cada história mais falsa do que a outra.

“Você gosta de livros, não é?

“Seus cadernos, a fuga.

“Mas não dá para fugir.

“Vou ficar aqui à sua espera.

“Vai sair pelo parque?

“Ou pela rua?

“Meu anjo puro.

“Meu anjo de verão.

“Vou trazer a vida para você, é o que vou fazer.”

Tove adora a biblioteca.

A nova, moderna, esplêndida, construída depois de a antiga ter pegado fogo numa noite fria de janeiro.

Adora os espaços acima dos livros e o verde que penetra na sala através de uma grande janela envidraçada, de frente para o parque do castelo, o Slottsparken. Adora o cheiro dos livros antigos, apesar do mofo. Acha-os repletos de expectativas e de sonhos, sugerindo que o planeta e a vida podem seguir o curso normal. O cheiro de mistério é atraente, mas também perigoso.

Tove está sentada numa cadeira negra tipo ovo, de frente para o parque, absorta de novo na leitura de *O grande Gatsby*, as festas e o amor entre Jay e Daisy, completamente diferente de seu caso com Markus, um namoro que nunca se transformou em amor. Ou será que o amor vem depois?

“Será que me vou arrepender?”

“Tentar recriar um sentimento que talvez nunca tenha existido de verdade?”

Ela já leu o livro, com certeza, cinco vezes. “Precocemente madura”, foi o que disse o professor de língua sueca a respeito de sua redação sobre o livro.

Sure.

Ela poderá ficar sentada ali horas e horas, deliciando-se com as letras, vendo a manhã se transformar em tarde e chegar o anoitecer. O tempo está bom lá fora e assim tem estado ultimamente.

No parque, homens de pele mais escura, vestidos de macacão verde, varrem os gramados, juntando as folhas das árvores que este ano caíram cedo.

Vira a página.

Lê mais um pouco, antes de voltar para casa e comer alguma coisa.

O dedo de Zeke na campainha do apartamento de Vera Folkman, na rua Sturegatan. O calor é muito forte na escada. O vidro da janela da escada parece até encurvado. Parece que há chamas subindo do chão, queimando as pernas de Malin.

Ninguém abre a porta, e os dois permanecem em frente à entrada, em silêncio, por alguns instantes. Um cheiro de podridão no ar.

— Vamos arrombar a porta?

Malin pronuncia as palavras mais como um incentivo do que como uma pergunta. Não quer deixar espaço para dúvidas.

— Não podemos, Malin. Sabe disso.

— O que faremos então? Como vamos pegá-la? Ela é como o nevoeiro, como a fumaça, uma sombra. O que é que você quer?

— Calma, Malin. Vá com calma.

— Desculpe. É este calor que me deixa louca.

— Vamos voltar para o departamento e ver o que podemos fazer. Talvez convocar uma reunião.

— Ok. Vamos.

Antes de entrar no Volvo, Malin telefona para Tove. Quer saber o que a filha está fazendo, se está bem.

Uma bétula espalha a sua sombra sobre o carro. Zeke estica-se para ligar o ar-condicionado do veículo.

Tove atende após um único toque.

— Mamãe, estou lendo na biblioteca. Teve sorte, pois eu me esqueci de desligar o telefone. Aqui dentro, não podemos falar. Mas acho que não perturbei ninguém.

— Pensei que estaria com Markus.

— Eu terminei com Markus hoje, mamãe.

“Não me falou nada a esse respeito”, pensa Malin, “embora eu já esperasse por isso. Por que não falou comigo, Tove?” E ela prepara-se para censurar a filha, dizendo: “Por que não me disse nada de que terminaria com ele? Quando isso aconteceu?”.

Não houve tempo.

Por isso, o silêncio de Tove, o sigilo.

E por causa de outra coisa. Uma explicação que dói no estômago de Malin, uma explicação que ela vive tentando esquecer.

Malin já esperava que eles fossem terminar. Mas tão cedo?

Talvez essas coisas aconteçam assim, de repente. Como uma revelação?

— Mãe, ainda está aí? Eu disse que terminei hoje com o Markus.

— Ele ficou triste?

— Sim, ficou.

— Foi difícil?

— Não sei, mamãe. Mas me senti aliviada depois.

— Tove, falamos mais sobre isso em casa à noite, está bem?

“Existem tantos livros”, pensa Tove, andando entre as estantes, à procura de um, para levar emprestado para casa. Embora tivesse pouco tempo para ler.

Acaba pegando um livro, *I en klass för sig, Em uma classe à parte*, de um autor norte-americano. Trata-se de uma escola, um internato para ricos.

Tove leu alguma coisa a respeito do livro num jornal.

Escreveram que é bom.

Após 10 minutos, saía da biblioteca com o livro debaixo do braço.

“Comida?”

“Não estou com fome, e minha mãe não vai estar em casa. Não tem graça nenhuma comer sozinha.”

Os homens da limpeza já não estão mais no parque. A sombra, debaixo das árvores, junto ao estacionamento e a caminho para o castelo, parece convidativa.

“Vou me deitar naquela sombra e ler mais um pouco”, pensa Tove. “Senão, o que é que eu vou fazer?”

“Você está se aproximando de mim.

“Será que vou ter a sorte de vê-la deitada no gramado, embaixo do carvalho, ao meu alcance?

“Está pedalando em minha direção.

“Vou avançar caso se deite aí, apenas a cinco metros de distância. Posso pegar você e ninguém notará.”

Tove encosta a bicicleta na árvore, olha em direção ao estacionamento, mas não nota a caminhonete, meio escondida atrás de uns arbustos. Deita-se na grama, cresce a vontade de ler o livro, as palavras, as letras, a ficção.

Tira a toalha de banho da bolsa, estende-a na grama e deita-se de lado, abre o livro e começa a lê-lo.

Ao fundo, os ruídos da cidade. A sirene de uma ambulância. Os carros e o som contínuo de um coro de centenas de equipamentos de ventilação, além do burburinho das pessoas.

Uma porta de correr que se abre.

Mas os ruídos da cidade são logo abafados pelo ritmo da entrada das palavras em sua cabeça.

“Está na hora de eu me aproximar.

“Ninguém perceberá nada. É começo de tarde, mas mesmo assim estamos sozinhas aqui. E eu vou pegar você.

“Não existe ninguém perto do castelo, nem fora do prédio da administração local nem no parque.

“Nem na entrada da biblioteca, nem por trás da janela envidraçada. Está chegando a hora do seu renascimento. Vou levar você para Ele, para a evolução final.

“Eles vão dizer que eu estou louca.

“Ou que estou fora de mim.

“Mas vou fazê-lo agora.

“Encher você com o *nada*.

“O asfalto do estacionamento cede lugar à grama do parque, debaixo dos meus pés. Já estou perto, já compartilho com você a sombra da mesma árvore. O pano molhado de éter na minha mão. A minha roupa é branca, sem manchas, e você nem escuta a minha chegada. Ajoelho-me ao lado da sua toalha alaranjada e coloco o pano com éter em cima de seu nariz.”

“O que é isto?”

Um cheiro acre e um pouco úmido queimando o nariz. Tove quer se virar, mas o corpo não obedece. Por que não obedece? Pelo canto dos olhos, vê uma figura branca, sente o peso dos braços de alguém, e o

mundo começa a desmoronar. “Fico sonolenta, tão sonolenta, mas, afinal, não devo dormir, não aqui, nem agora. Mas sinto uma força que me arrasta pela grama, por cima de um piso mais duro que deve ser asfalto. Logo os sentidos me abandonam, o mundo se transforma num sonho, antes de ficar tudo escuro e frio, sem sonhos, vazio. Antes de o mundo ficar mudo, sem palavras e, por isso, parar de existir.”

O céu estremece.

E como num sonho encantado, todo branco, ela estende uma das mãos em direção a uma membrana transparente, sente a membrana antes de retirar a mão, se entrega, sonha estar presa ao mundo, sonha em acordar de um pesadelo e voltar a viver de novo.

Há fogo por todos os lados.

O fogo salta da copa de uma árvore para outra, ruga quando transforma em cinzas tudo o que encontra pelo caminho.

O verão está quente.

Mas o inferno na floresta está ainda mais quente. Lentamente, o fogo espalhou-se e desceu em direção ao lago Hultsjön. Janne e seus colegas correm dando as costas para o lago, as mangueiras forçam a passagem pela vegetação, zigzagueiam entre os arbustos ainda vivos, na direção do lago de onde os geradores sugam as águas quentes através de possantes bombas.

De noite, Janne dormiu no chão do caminhão dos bombeiros, no espaço agora vazio, onde antes estavam as mangueiras. A noite cantava à sua volta, estalava e ressoava com estrondo. O cheiro da fumaça, de animais e insetos carbonizados, de terra coberta de cinzas.

As chamas como uma parede instável, a 100 metros de distância, na sua frente. Elas aproximam-se cada vez mais rapidamente. As pessoas contra o fogo, o fogo contra as pessoas.

Janne está molhado de suor, quer tirar a roupa, fugir do calor, mergulhar no lago.

O fogo é um monstro.

Eles ficam no lugar, apontam suas “facas” líquidas contra o monstro, injetam-nas no seu pescoço.

Reunião à tarde.

Karim Akbar limpa a voz. Com um olhar vazio, observa a sala de reuniões, talvez tentando encontrar um grão de poeira dançante no ar onde fixar a vista.

Malin tinha acabado de contar sobre suas suspeitas a respeito de Vera Folkman, das piscinas, das falsas indicações de sua firma, uma empresa que talvez nem exista. Revelou que não sabem como encontrá-la, que “ela é como a fumaça dos incêndios, não é possível vê-la, mas todos sentem a sua presença”.

— Temos de arranjar um mandado de busca para invadir o apartamento dela — diz Sven Sjöman, sentado ao lado de Zeke. As persianas foram levantadas, o parque infantil em frente da janela está deserto, as creches continuam fechadas durante o verão. — Alguém tem alguma ideia de como encontrar essa mulher?

— Nem sabemos ao certo se essa Elisabeth é Vera Folkman — diz Karim.

— Podemos supor que é — afirma Malin.

— Mandamos procurar todas as caminhonetes brancas — informa Zeke. — Ela circula numa delas, mas existem muitas na cidade.

— E investigamos se existem outras firmas registradas com nomes semelhantes — comenta Malin.

— Mais alguma ideia? — pergunta Sven Sjöman. — Ainda não temos motivos suficientes para entrar no apartamento dela, você sabe disso, Malin. Mesmo considerando que o mau cheiro do lugar indique maus-tratos de animais.

Malin pensa: “Mas tudo bate, Sven, as vozes das investigações dizem-nos isso, não é? E, além disso, temos o velho ditado: *É o desejo ardente que mata*”.

Waldemar Ekenberg e Per Sundsten, em silêncio.

Silenciosos como só policiais com faro pela verdade podem ficar numa sala de reunião.

— Ouvimos os seis últimos criminosos sexuais esta manhã. Sem resultado — diz Per.

— Também sem resultado foram as coberturas dos passos de Suliman Hajif e de Louise Svensson. Assim como, também, de Slavenca Visnic. Ela se dedicou ao controle dos quiosques, embora a tivessem perdido de vista pela manhã.

— E ela também circula numa caminhonete branca — diz Per. — Portanto, em teoria, Slavenca Visnic também pode ser Elisabeth.

— Nós vimos o interior de sua caminhonete na floresta — diz Malin. — E ela não tinha nada lá dentro que pudesse ser relacionado com limpeza de piscinas. Nada de produtos químicos, nada. E o administrador do balneário de Glyttinge também a teria reconhecido logo, já que é a dona do quiosque de lá.

— Investigue isso, só para ter certeza — diz Sven, dirigindo-se a Per Sundsten.

Ouviu-se, então, a voz de Waldemar, cheia de ceticismo:

— Será mesmo que uma mulher fez tudo isso? Com vibrador ou sem ele? Não é ir contra a natureza feminina?

— Preconceitos — diz Malin. — Não faltam, de forma alguma, casos na história de mulheres que cometeram crimes e violências sexuais. E, na maioria dos casos, elas próprias sofreram antes ataques semelhantes, como é o caso de Vera Folkman.

— E de Slavenca Visnic — acrescenta Per.

— Eu acho que devemos pressionar mais uma vez Suliman Hajif — diz Waldemar, mas ninguém quis comentar sua sugestão.

Malin, por sua vez, fecha-se aos comentários dos outros. Pensa em como poderá entrar em contato com Vera Folkman. Pensa em coincidências, em como as piscinas e todas as outras ligações poderão ser apenas acasos. E que Vera Folkman talvez nem seja Elisabeth. Ou será?

Pessoas que são pessoas que são pessoas que são uma e a mesma pessoa.

Uma vontade de se decompor e de renascer como outra pessoa.

A pessoa como fumaça à deriva sobre a planície marcada pelo fogo. Um único sentimento, uma única qualidade.

Amor e ódio.

Falso nome de uma empresa.

A intenção de se tornar invisível.

As mãos brancas e frias.

Mas como?

— Vamos lá de novo — apela Karim. — Ninguém tem ideia de como encontrar Vera Folkman?

“Onde está agora?”, pergunta-se Malin.

“Onde estou?

“Porque está tão escuro e o que está pressionando meus olhos? Minha cabeça dói e estou me sentindo mal, mas isso ainda não é o pior. Há algo muito pior, mas o que é? Ainda respiro”, pensa Tove, “e isto é um sonho.” Lembra-se da sombra da árvore, o papel do livro nos dedos. “Que espécie de sonho é este, o que é que ele quer de mim? Markus, é você?” E ela sente como ainda respira, sente o cheiro de material de limpeza e tenta levantar-se, mas as pernas estão presas.

Tenta apoiar-se nos braços, mas também estão presos. “Mãe, mamãe, mamãe, onde você está? Alguma coisa está errada. Eu ainda não estou morta. Será que este é o meu túmulo, mamãe?” Tove tenta gritar, mas não sai nenhum som de seus lábios.

Um pano na boca.

Como poderia sentir um pano na boca se estivesse morta?

Ou se estivesse sonhando?

Malin olha ao redor da grande sala cheia de mesas de escritório.

São 6 horas e pouco.

Como é que esta tarde passou tão depressa?

E ainda tem de escrever o relatório.

Procura no registro outra empresa semelhante a Linköpings Vattentekniska.

Tiro perdido.

You are out.

Esperar por alguma mensagem positiva dos carros e das patrulhas.

Mas não aconteceu nada.

A procura por Vera Folkman e a investigação no apartamento dela não deram resultados, a mulher permanece como um fantasma. O mesmo aconteceu com Slavenca Visnic, que parece ter se evaporado, não apareceu em seus quiosques e o carro que ela usou para ir até os incêndios também não foi achado.

Entretanto, uma boa notícia. Andersson, do departamento técnico, telefonou. O Facebook mandou informações, confirmando que Lovelygirl era mesmo Louise Svensson, tinham conseguido encontrar o seu número IP.

Malin também conseguiu falar com Janne por telefone.

Foi ele quem telefonou. Contou que tiveram de fugir das chamas perto do lago Hultsjön, que os geradores foram consumidos pelo fogo, que uma casa de campo, própria para organizar caçadas, ardeu por completo e, ainda, que alguns loucos quase morreram, cercados pelo fogo, na tentativa de salvar a

casa.

A casa era dos irmãos Murvall. Do caso com Bengt Andersson.

— Estou tão cansado, Malin.

— Vá para casa e durma.

— Não posso.

— Não pode, por quê?

— Precisam de mim aqui. E, além disso, sinto uma maldita e estranha inquietação no corpo.

— Eu também.

A eterna agitação de Janne.

Hultsjön. Foi lá que ela teve de desvendar um outro caso, no inverno passado. Foi lá que a maldade surgiu no caminho de Maria Murvall.

O mesmo ódio?

Não.

Ou quem sabe?

Quando apanharmos Vera Folkman, ela terá de deixar uma amostra de seu sangue para compararmos com o do estuprador de Maria Murvall. Slavenca Visnic? Já pedi a Karin para tomar conta do assunto.

Já são 6h25, na tela do computador.

Malin telefona para casa, espera que Tove responda.

Mas não.

Celular.

Cinco toques, depois veio a gravação.

Inquietação. “Não é de se estranhar”, pensa Malin, enquanto, rapidamente, desliga o computador e deixa o departamento.

Quando o quarto fica frio e ouço as tábuas do chão estalarem no andar de cima, tento pensar no verão, em vez de pensar no monstro.

Num verão desses, eu e Elisabeth andávamos de bicicleta ao longo do canal e o vento ameno soprava em nossos cabelos finos e claros. Eu me lembro do vestido branco de algodão colado ao corpo dela, afagando a sua pele, a cada pedalada.

Você é a minha irmã mais velha, e eu a acompanho. Mas para você não existe competição. Para e espera por mim.

A luz do Sol passa pelas folhas do carvalho da margem do canal onde as árvores são bem antigas. E lá está você, com a bicicleta vermelha, à espera, sorrindo para mim.

“Pedalei depressa demais? Não era minha intenção. Vá na frente. Eu vou logo atrás. Não precisa olhar para trás. Estarei sempre aqui, cuidando para que nada lhe aconteça.”

Eu tenho 12 anos. Você, 14.

Você é todo o meu mundo de verão. Tomamos banho juntas, nuas, entre nós não existe timidez. E se pedalarmos bastante, indo longe, longe, pelo caminho que existe ao longo do lago Vättern, podemos chegar a lugares onde estaremos sozinhas, em paz, onde o verão obriga as dores a saírem do nosso corpo.

Lugares onde ele não pode nos alcançar.

Nós compartilhamos o segredo da escuridão, você e eu, irmã.

Ele vem até nós, com a mesma frequência para uma e outra. Eu quero gritar. Você quer gritar. Mas ele põe seus longos dedos brancos sobre nossos lábios, passa-os depois para baixo e nós deixamos que aconteça, caso contrário, para onde iríamos?

A casa é dele e nós estamos presas à sua vida.

E dói muito. Quero gritar, mas, em vez de gritar, choro. E, depois, escuto como você chora, durante horas, até que a luz do dia começa a voltar, quando as paredes de nosso quarto, cor-de-rosa, voltam a aparecer. E a dor fica bem dentro de nós.

Uma aranha tece a sua rede em cima da janela, à luz do luar. Suas pernas são brancas. No jardim, os coelhos continuam a raspar o chão de suas gaiolas.

Nós jamais podemos nos lavar o tempo suficiente.

O sabonete também não é suficiente. Encontramos o detergente debaixo do lava-louça na cozinha e, na garagem, encontramos garrafas azuis com um líquido leitoso que cheira como o hálito dele. O líquido queima dentro de nós, abre feridas, mas, de certa maneira, faz bem, ajuda a estragar o que ele quer tirar de nós. Como se nunca a dor fosse suficiente. Mas ele é forte, determinado, e seus dedos tão frios.

Mamãe, você prefere não ver nada. Por que prefere não ver nada? Se, com certeza, você vê, você sabe.

Ele é o nosso pai.

Nós somos suas filhas.

Ele chega durante as noites e, nessa altura, não existe saída, o único caminho a seguir é para o interior de nós mesmas.

Como o verão é maravilhoso.

Ventos fortes nos cais do canal. Nós fingimos que não dói, no momento de nos sentarmos no selim da bicicleta. Mas nós temos uma à outra: o nosso amor talvez possa subjugar-lo.

É isso que você vê, mamãe.

Um dia, ela abriu os olhos e decidiu ver. E nos levou para a casa da vovó, um apartamento de dois quartos em Borensberg. Os dois gritaram e brigaram, e eu fiquei com medo de que ele viesse atrás de nós, mas não veio. E demorou muito tempo para eu compreender que ele, de qualquer maneira, sempre iria fazer parte de nós.

Nós nos amontoamos num apartamento apertado, de quarto e sala, em Klockrike, para onde nos mudamos.

Eu tinha 13 anos quando fomos ao médico. Encontro sem palavras onde ninguém nos pediu uma explicação. Instrumentos metálicos, frios, dentro de mim e, então, vi expressões de repugnância e de compaixão, mas também de receio e de desprezo em seus olhares.

É para mim que eles olham.

A reencarnação do monstro deve ser banida.

Eu sou a prova viva de como é doloroso viver, sentir uma dor que poucos querem ou ousam encarar com coragem.

Você fica em silêncio, irmã.

Completa os 15 ou 16 anos sem bolo de aniversário. Nós ficávamos num canto da escola, junto a uma árvore, sozinhas, como se todos soubessem e não houvesse nenhuma consolação em estar com os demais. Os verões passam, sem cores brilhantes e sem vento. E nos dias mais quentes, nós nos deitamos uma ao lado da outra. Mas você não diz nada, nem responde quando eu pergunto se quer passear de bicicleta.

O hospital. Está sentada em cima da cama, em um canto. Já são várias as vezes que você vai para lá.

Eu chamo por você, por seu nome.

Vou da escola para casa e chamo por você, grito seu nome quando chego em casa.

“Elisabeth”, grito eu na entrada, mas você não responde.

A sala está vazia. E eu quero sair dali, ir para a rua, correr, andar de bicicleta, voar para um outro mundo, diferente deste pequeno apartamento em que compartilhamos as nossas vidas.

Mas você, não.

O banheiro cheira a mofo, os azulejos brancos começam a soltar-se, mas os ganchos no teto, que seguram o secador de roupa acima da banheira, são suficientemente fortes para aguentar seu peso.

A corda branca está enrolada com duas voltas no seu pescoço, o seu rosto, arroxeados, a expressão é de

pânico e seus olhos, os meus olhos azuis, parecem querer sair de órbita. Os cabelos louros descem pelo corpo nu, incrivelmente limpo, os pés suspensos, imóveis.

Há pequenas feridas em suas axilas e nas canelas. Como se você tivesse se arrependido e tentasse se soltar.

Urina amarela no fundo da banheira.

Nada de água da ducha. Nesse momento, senti falta de água. Queria que ela jorrasse, cheia de vida.

Avancei e segurei seu corpo, minha querida irmã, sonhei que você e eu voltaríamos a esperar uma pela outra, a compartilhar novamente os segredos da escuridão. Mas estava muda e fria, e a única coisa que eu ouvia eram as minhas próprias lamentações. Soavam como solidão concentrada.

Segurei seu corpo, minha irmã, abracei-o fortemente, e senti o amor perdido escorrer entre nós.

“Você não tem mais medo, querida irmã?”, perguntei. “Não é verdade?”

Mas você não respondeu.

Não havia mais inocência em seu olhar.

E eu fiz uma promessa para você, para mim mesma, para nós, de um dia corrigir para sempre a situação.

Que o nosso mundo, o nosso amor, um dia, renasceriam.

Foi você que o deixou entrar, papai.

Se não tivesse nos deixado, a mim e à mamãe, ele nunca teria passado por nossa porta, pela minha vida, deitado na minha cama, por baixo do meu lençol e penetrado no meu corpo, sim, em mim, em mim.

Ele queria que eu o chamasse de papai, papai, aquele maldito Folkman.

Chegava durante as noites.

As tábuas do chão rangiam quando ele vinha.

E ele dizia: “Louise, quero apenas sentir você um pouco, sente como eu estou, como eu me sinto”. Em seguida, se aproximava. Suas mãos eram frias, todo o seu corpo era frio e duro, com cheiro de pós-barba da marca Explorer.

Às vezes, nas noites em que as tábuas não rangiam, eu pensava em você, meu pai, como você desapareceu e nos substituiu por outras mulheres, por aquela que a mamãe contou ter encontrado e que tinha duas filhas que você adotou.

“Esqueça-o”, dizia a mamãe.

“Nós não existimos para ele.”

E eu odiava você nas noites em que Folkman vinha.

E agora, todas as noites, eu ainda odeio você.

E, no entanto, a única coisa que eu queria que acontecesse era avistar aquele carro prateado chegar diante de nossa casa, vê-lo saindo do carro, vindo me abraçar e dizer: “Você vai comigo, a partir de agora ficará tudo bem. Você é minha filha, e eu vou amá-la como todo pai deve fazer”.

Porém você, meu pai, nunca chegou.

Mais tarde, mais velha, eu costumava ir de carro até Nässjö, onde vocês moravam. E ficava sentada no carro diante de sua casa, vendo você entrar e sair, vendo as filhas da nova esposa. E, quando via vocês todos juntos, eu notava que você as amava, essas novas mulheres, um amor errado, um amor que, na realidade, me pertencia.

O meu amor.

Nunca percebeu o meu carro.

Nem mesmo quando eu o seguia.

Mas deve ter percebido que era eu quem telefonava para você, que fazia aquelas ligações; que era eu quem estava na outra ponta da linha.

O que eu poderia dizer, papai?

Porque, embora eu o visse, você era para mim apenas cheiro, pele, imagem e a voz de quando eu era pequena e o esperava, lá em Skogalund. Ficava esperando para ver o seu Vauxhall prateado entrar na garagem de ré. Queria vê-lo, não como o outro, entrando no meu quarto, no porão, e brincando comigo e com os meus brinquedos.

Um dia, você foi pescar, como costumava fazer.

Começava a envelhecer, a idade avançava.

Estacionei o carro um pouco mais longe e caminhei pelo píer, aproximei-me.

Naquele momento, eu era a criança, a menina e a mulher, tudo ao mesmo tempo.

Era um dia de outono que chegou cedo, frio, mas com sol bonito. Você me viu quando eu atravessava a floresta. Sabia quem eu era, logo viu quem eu era. E, enquanto eu caminhava pelo píer, você gritou:

— Desapareça, não quero saber do passado, desapareça, estou apenas pescando.

Se uma pessoa pode morrer mais de uma vez, eu morri, naquele momento, enquanto caminhava no píer.

— Eu não quero ser visto com você, desapareça!

Um dos remos ainda estava em cima do píer, longo e duro, com lâmina de metal na ponta.

“Sabe quem você deixou entrar na nossa vida?”, eu queria lhe perguntar. Eu vim para receber o seu amor, era o que eu queria dizer.

— Desapareça — gritou de novo.

O remo.

Após a morte, no testamento, você declarou que tudo devia passar para a sua nova mulher e suas crianças.

Contestei e acabei recebendo 5.320 coroas. Na época, apenas um pouco mais de 500 dólares.

— Tove? Tove. TOVE! TOVE! Tove? Tove.

Malin procura por todo o apartamento, corre, anda, passa por todos os cômodos da casa, mas Tove não se encontra lá, nem embaixo do lençol de sua cama nem da cama da mãe. Nem no guarda-roupa nem nos armários da cozinha. Afinal, como é que ela poderia entrar nos armários da cozinha?

E como está quente.

— Tove!

“Não entre em pânico, agora, Malin Fors, nada de pânico.” E ela senta-se numa das cadeiras da cozinha, sente o suor se formando na cabeça. E insiste:

“Pense, pense, pense.

“Não deve estar com o Markus.”

Mas liga para a casa dele, para ele.

Pega no celular, digita o número, Hasse atende.

Não sabe, evidentemente, que eles terminaram.

— Não, Malin, Tove não está aqui. Ela desapareceu?

Sem tempo para conversar.

— Hasse, o meu outro telefone está tocando. Vou ter de desligar.

“Amigos?”

“Quem é que está na cidade? Com quem ela tomou sorvete? Julia? Telefonar para Julia.”

Malin corre para o quarto, liga o computador de Tove e procura por Julia Markander na lista.

— Olá, Julia. Aqui é Malin, a mãe de Tove. Ela está aí com você? Não. Sabe onde ela pode estar?

“Filippa e Elise.

“Elas estão nas suas casas de campo.”

No computador, o relógio marca 19h37.

“A esta hora, ela já devia estar em casa ou ter telefonado.

“Que inferno!”

“Nada de pânico, agora, Fors.” E, de repente, seu quarto parece velho e desgastado, o papel de parede amarelou nos últimos seis meses, as cortinas parecem surradas e antiquadas, com seus pequenos enfeites em lilás e amarelo, as paredes estão nuas, sem fotografias, e os vasos de plantas fazem o quarto parecer estéril.

“Existem enfermarias com mais encanto.

“É melhor me concentrar.

“Janne. Será que ela foi para a casa do pai? Mas ele está nos incêndios.

“Ou será que ela chegará a qualquer momento? Foi ao cinema.

“Mas devia telefonar. Tove faria o certo, pois sabe que fico preocupada sem notícias, considerando o que está acontecendo na cidade.”

“Uma grande apreensão.

“Pode ter acontecido o pior.

“Nunca se deve aparecer nas entrevistas coletivas para a imprensa.

“Quem sabe o que pode passar pela cabeça desses idiotas?

“Telefonar para Janne.”

Três toques antes de ele atender.

— Aqui é Janne. Malin?

— Tove. Acho que ela desapareceu.

Ele nota a apreensão, a angústia na voz de Malin.

— Estou a caminho — diz Janne. — O fogo pode continuar sem mim por algum tempo.

Malin deixa-se cair no sofá da sala de estar. Esfrega os olhos, pensa:

“Como é que pôde acontecer uma coisa dessas comigo?”

Quanto é que você pesa, meu anjo de verão?

45 quilos?

Não mais.

Enrolei você num tapete, coloquei você no ombro e a trouxe para cá, para o ambiente em que estamos agora.

Não estou com pressa.

Está dormindo em cima de um estrado de madeira. Durma, minha querida. É sempre difícil saber qual é a quantidade necessária de éter. Com Josefin usei um produto diferente, um que não deixa vestígios no corpo. E eu a trouxe para cá, para a minha sala, e quando ela estava deitada, eu a lavei, esfreguei bem, e ela ficou limpa. Usei Klorin. E como eu a esfreguei. Mas com todo o cuidado, para não estragar a pele dela, aquela de que você precisa.

Apanhei-a na floresta, na Rydskogen.

Quando ela voltava para casa de bicicleta.

Bicicleta que eles nunca chegaram a encontrar.

Fiz sinal para ela parar. E ela parou. Ficou com medo quando viu a máscara no rosto. Ainda resistiu, mas logo adormeceu.

Os ferimentos e as marcas nas axilas, fui eu que fiz, com uma tesoura que ganhei de presente aos 10 anos. Esfreguei-a, fiz com que ficasse limpa. Cheirava a Klorin. É claro que podia limpá-la ainda mais, usando os produtos químicos da limpeza das piscinas, mas estes são fáceis de serem detectados. Depois, tirei as minhas roupas, fiquei nua, e enfiei em mim o vibrador azul, deixei as unhas de coelho arranharem livremente. Transformei meus dedos em pernas brancas de aranha. Ela acordou e viu a minha máscara.

Gritou, mas estava presa.

Presa.

Exatamente como você está, meu pequeno anjo de verão.

E, depois, enfiei nela o *nada* azul.

Para dentro e para fora. Ela pareceu desmaiar, e eu gritei para que ficasse acordada. Para transformar-se em minha querida irmã. Era preciso que ela ficasse acordada. Mas logo vi que não valia a pena.

Ela não era, nunca seria como você, minha irmã.

Aquela prostituta jamais chegaria aos seus pés. Além disso, aquele talvez fosse o lugar errado, não?

Dei-lhe um remédio.

Levei-a para fora.

Ela estava sangrando depois de ter usado o *nada* azul.

Desci com ela e deixei-a numa rua, Tinnerbäck, de onde deve ter seguido, depois, para o parque. Ela não me viu e continuou a viver como aquela que jamais poderia ser você.

Mas essa que está deitada agora no estrado, perto das gaiolas dos coelhos e das caixas com as pernas de aranha, essa vai ser você. Ela pode ser a ressurreição do nosso amor.

Sei agora como fazer.

Mas... E nós?

Por que nos matou?

Não a mate, deixe que ela viva. Ela não poderá flutuar como nós, ainda não. Tenha compaixão, escute bem, deixe que a corrente de lava ardente da violência recue e fique no subsolo. Essa corrente já foi longe demais, tem de reconhecer isso. Mostre o seu rosto. Afinal, quem é você? As pessoas vão entender o que a falta de amor fez com você, o que o impossível pode fazer de um ser humano quando este se defronta com um monstro, quando o que deveria haver é amor.

Janne, já na entrada do apartamento, suado e com fuligem no rosto, calças finas de algodão e camiseta amarela, escrito Kuta Beach.

Eles abraçaram-se, tentando sem sucesso expelir a preocupação de suas mentes.

Logo, ele perguntou:

— Telefonou para a polícia?

Ficaram mudos, com o medo e a preocupação como espetos de aço, inflamando e destruindo seus pensamentos.

— Telefone agora. Comece a busca.

Malin telefona para o departamento, pede para transferir para o comandante de plantão, Löving, para quem explica a situação.

— Nós vamos procurar sua filha imediatamente. Pode contar com todo o nosso esforço, todos nós estamos no caso.

Zeke.

“Devo ligar para Zeke.” Liga e ele atende. Malin respira fundo e no aparelho. Sabe que ele tem consciência do que a situação significa para ela. Imagina como ele deve estar se sentindo. “Esperemos que não seja tarde demais.” Janne está ao lado, com uma expressão inquieta, querendo saber todo o conteúdo da conversa. Zeke termina por dizer:

— Eu vou sair, Malin, e telefonar também para os outros.

— Que outros?

— Sundsten e Ekenberg. Sjöman. Karim.

— Mas onde vamos procurar?

— Por toda parte, Malin. Por toda parte. Eu vou ver no apartamento de Folkman.

— Ela a sequestrou.

— Sim, é muito provável. Vou cuidar para que todos estejam armados.

— Eu levo a minha arma.

Depois de desligar, ambos se preparam para sair.

— Venha — diz Malin para Janne, depois de apanhar a sua pistola no armário de armas, no quarto.

Coloca-a no coldre escondido por baixo de um leve casaco de algodão branco.

— Vamos para sua casa, para ver se ela está lá.

— Que horas são?

— São 9h15.

— Ela já devia estar aqui em casa, depois do filme das sete.

— Não acha que um de nós deve ficar aqui para o caso de ela voltar?

— Bem pensado, Janne, mas não — diz Malin. — Ela é a nossa filha.

Malin escreve então um recado num papel e coloca-o bem no chão da entrada:

TOVE TELEFONE!

Mamãe e papai.

“Alguém se aproxima.

“Estou acordada. A cabeça quase explode e dói tanto que eu nem sei como estou acordada. Onde estou?

“Estou deitada numa coisa dura e não posso me mexer. O que é que está arranhando as minhas costas? E o cheiro? Cheira mal aqui. Eu não estou em casa. Onde está o meu livro? Adormeci debaixo da árvore?

“Todo o meu corpo dói.”

Tove tenta levantar os braços, mas estão presos.

“Alguém se aproxima.

“Um rosto sem rosto. Um rosto parado. Eu grito, mas sinto que tem um pano em minha boca.

“Está bem próximo.

“Tento me soltar. Esperneio.

“Mãe.

“Pai.

“Depois, um frio no nariz e o sono que volta. Um sono miraculoso. Quero sair daqui.

“Não posso ficar dormindo.

“Quero sair daqui, apenas isso!”

O prédio situado perto do bairro Malmslätt, num recanto solitário, próximo da floresta, está em obras. A fachada amarela de madeira será trocada por uma nova. O tempo acabou vencendo. Malin olha para os carros de Janne, um, dois, três, quatro sucatas. Só Deus sabe de que marcas.

É o *hobby* de Janne.

Reformar e depois vender.

E com isso fazer um dinheiro extra.

O problema está no fato de ele nunca vender nenhum dos carros. Na oficina e na garagem, se encontram quatro carros norte-americanos em perfeito estado. Mas ele não os usa, não os mostra para ninguém, é o único dono.

Ela nunca entendeu esse interesse exagerado por carros.

Acha o máximo da falta de sofisticação.

Coisa de maluco. Somente há pouco mais de um ano Malin entendeu a incompreensão de sua mãe diante de tudo o que era desagradável, deselegante, que aparecia em sua casa. Como ela, sem saber, herdou as manias da mãe, e como isso influenciou o seu relacionamento com o único homem no mundo que ela, verdadeiramente, amou.

Os dois moraram juntos nesse lugar.

Antes da catástrofe.

Antes do divórcio. Antes da Bósnia e de todos os outros lugares estranhos onde Janne esteve.

“Fique com a casa, Janne.

“Nós não estaremos mais aqui quando você voltar.

“E agora estavam juntos, os dois. Éramos ‘nós’ de novo.” É isso que acontece. Janne abre a porta da casa e ficam os dois a gritar no escuro: “Tove! Tove!”. Mas o tom deles não era muito convincente.

Janne acende a luz.

“Nós estamos aqui e é aqui que nós deveríamos ficar.”

Eles vão de cômodo em cômodo na casa à procura da filha, mas ela não está em lugar nenhum.

— O que faremos agora?

É Janne quem faz a pergunta, perto da bancada da cozinha, com um copo de água na mão.

— Circulamos por aí.

— Não deveríamos ficar em casa para recebê-la?

— Acredita nisso, Janne? Vou enlouquecer se ficar aqui. Vamos circular. Procurar por ela nos parques, em qualquer lugar.

— Ela não pode ter ido a algum outro lugar?

— A Tove, não. Isso você sabe tão bem quanto eu, Janne.

A lâmpada da cozinha pisca, hesita, antes de estourar e apagar.

Os dois ficam em silêncio por um momento, em frente um do outro, no escuro.

— Droga — diz Janne, antes de abraçá-la fortemente, contra o seu corpo.

Zeke está no carro na Sturegatan, perto do apartamento de Vera Folkman.

Lá está escuro como em um ninho de morcegos.

Ele já esteve ali.

Tocou a campainha.

Como um túmulo.

E o cheiro.

Cheiro de cadáveres, agora ainda mais acentuado.

Vera não apareceu. Nem Tove.

“O meu problema é com o hóquei de Martin.

“Problema de luxo.

“Afinal, estou aqui parado fazendo o quê? Lá em cima pode haver uma pista. Pode até ser que Tove esteja lá.

“Malin, vou fazer isso por você.”

E, então, Zeke sai do carro, atravessa a rua e entra no prédio.

O mau cheiro que sai do apartamento é insuportável.

“Algo apodrece lá dentro.”

Uma imagem na mente de Zeke: um ventre cortado, as tripas saindo, deslizando para fora do corpo.

“Posso justificar o arrombamento por motivos sanitários.”

Neste momento, a luz da escada acende-se, respiração intensa, alguém que carrega algo pesado está subindo.

“Está chegando?”, pergunta-se Zeke. Esconde-se um andar acima, encostando-se contra uma parede fria, de pedra. Escuta a própria respiração, o coração batendo cada vez mais acelerado.

Janne e Malin passam pela biblioteca. O edifício aparece como uma figura escura no meio do parque do castelo, o Slottsparken.

“Tove estava aqui quando falei com ela na última vez”, pensa Malin.

— Ela vem a essa biblioteca com frequência.

Janne não reage, olha para cima, para o parque, mas não vê a bicicleta de Tove.

— Vamos para Skäggetorp — diz Malin.

O apartamento de Slavenca Visnic está deserto.

— Quem mora aqui? — pergunta Janne.

— Uma mulher que tem ligações com o caso.

Malin conta a história de Vera Folkman ao voltarem de Skäggetorp e confessa que tem a sensação de que o pior já aconteceu ou que está prestes a acontecer.

O olhar de Janne é de pânico.

Desta vez, precisa salvar a si próprio. Nem mais nem menos. Está com uma aparência cansada, sofrendo por causa da filha e do calor. À luz do poste da rua, nota-se que seu rosto continua com manchas de fuligem e que está abatido por falta de sono.

— Precisa dormir — diz Malin.

— Como é que eu posso dormir agora?

— Posso deixá-lo em casa.

— Malin, desista. Vamos em frente.

Waldemar Ekenberg empurra a porta do casebre de Behzad Karami de sua pequena plantação fora da cidade. O imigrante pula da cama ao ver quem entra.

Waldemar levantou a mão fazendo um sinal para que se acalme.

— Queria apenas saber se você estava sozinho.

Behzad Karami senta-se.

— Você quer? — E aponta para uma garrafa de vodca no chão.

— Sim — diz Waldemar.

Behzad Karami enche dois copos de vodca.

— *Skål!* Saúde!

— Achava que islamitas como você não bebiam.

— Eu bebo.

— O louco que procuramos, agora, apanhou a filha de uma colega nossa. Pode imaginar?

— Você veio para me pedir desculpas?

Waldemar bebe o resto da vodca antes de colocar o copo no chão.

— Neste mundo em que vivemos não existe lugar para desculpas, garoto. Nunca se esqueça disso.

A pessoa que subiu a escada, carregando alguma coisa, parou diante da porta do apartamento de Vera Folkman. Tenta recuperar o fôlego, voltar a respirar normalmente.

Zeke está de pistola na mão e já desativou o dispositivo de segurança. Desce a escada. O som da respiração dessa pessoa evita que ela escute os passos do policial.

“Espero?”

“Ou avanço?”

“A escada está escura.”

“Por que a pessoa não acende a luz?”

Barulho de chaves.

E Zeke pula dois degraus de uma vez, pressiona o botão vermelho da luz da escada e fica diante da porta bem iluminada do apartamento de Vera Folkman.

Aponta a pistola.

— Polícia! Não se mexa! Quietos. De joelhos.

O homem parece surpreso, cheio de medo. Ao seu lado, um pacote com o logotipo da Sony e a imagem de uma televisão de monitor plano.

“Porra”, pensa Zeke, baixando a arma.

O parque da Associação de Jardinagem está sem vitalma. Malin cruza com uma viatura ao sair do parque.

Acabaram de telefonar para a casa da detetive e ninguém atendeu.

Entram na rua Hamngatan, passam pelo McDonald's. Malin pergunta se Janne está fome.

— Poderia comer qualquer coisa, sim — responde ele.

Suas pálpebras fecham, está quase dormindo. “Quantas horas tenho dormido por noite? Duas, três...”

— Disse que ela trabalha na limpeza de piscinas, não é?

— Sim. Ou melhor, acreditamos que sim — responde Malin.

— Então, precisa comprar os produtos químicos em algum lugar, não é verdade?

— E daí?

— Esses produtos encontram-se à venda em lojas de tintas. Certamente, alguma loja já deve ter vendido esses produtos para ela. Para um endereço que vocês desconhecem, não é? Para a empresa dela?

Estão passando pela igreja de St. Lars.

Malin olha para cima, para o seu apartamento. Tudo escuro.

Zeke ajudou o homem a levar a televisão até o quarto andar, onde ele mora. A testa de Zeke pinga com o suor acumulado ao chegar lá em cima.

O homem, um aposentado chamado Lennart Thörnkvist, nunca viu sua vizinha e comenta sobre o mau cheiro:

— É assim que os cadáveres cheiram no verão.

Zeke voltou para a porta de Vera Folkman.

Olha para o relógio.

Faltam apenas alguns minutos para a meia-noite.

Pega impulso, mete o pé na porta, mas esta resiste. Não acontece nada.

Pega na pistola novamente, aponta para a fechadura e dispara.

O eco do disparo é ensurdecido. Fica ecoando nos ouvidos. Mas Zeke vai em frente e empurra a porta. O mau cheiro que enfrenta é, simplesmente, intolerável.

Um interruptor. Luz.

Uma entrada vazia. Ruídos vindos da cozinha e uma sala, a única divisão do apartamento.

Zeke entra e vai até a cozinha com a pistola em riste. Vê três gaiolas de coelhos, uma em cima da outra, animais vivos atrás das grades.

Na sala.

Nas paredes.

Uma visão que Zacharias Martinsson jamais esquecerá.

Vou buscar minha maleta.

Vou matá-la. Renascerá. Na maleta está o *nada* azul, as máscaras, as unhas dos coelhos, as minhas pernas brancas de aranha, todas as coisas de que preciso e que são minhas.

Incenso e flores pintadas.

Prendas para a vítima no meu templo.

Como tudo começou? A grande missão de minha vida sempre existiu. Primeiro, fugi para o outro lado do planeta, o interior queimado da Austrália, as praias de Bali. Cuidava das piscinas das pessoas que tinham dinheiro.

Mas não há como fugir da falta de amor.

Um dia estava dirigindo minha caminhonete branca pela cidade, ao longo da rua Hamngatan, quando, ao meu lado, parou um táxi. Na verdade, isso faz apenas algumas semanas. E lá estava você, meu pai, no banco do passageiro. Velho, mas os olhos e os dedos, atrás da janela do carro, ainda eram os mesmos. Com certeza estava a caminho do hospital para fazer algum exame.

Quando o vi, eu já sabia.

O saber e a inocência convergiram e percorreram todo o meu corpo. Fui obrigada a começar a agir de repente. Assim as coisas que nos podem dominar, nos dominam.

Fiz, então, um primeiro teste.

Procurei no escuro pela luz.

Durma de novo, meu anjo de verão.

Está lá no fundo, bem lá no fundo do escuro dos sonhos.

E você, minha irmã, está pendurada no banheiro.

Fui eu que a encontrei, sacudi, que chorei sobre seu corpo.

Sou eu que vou colocar tudo novamente nos eixos.

Depois, vamos andar de bicicleta, as duas. Vamos tomar banho na praia, nuas, num lugar onde ninguém nos conheça.

Coelhos pendurados nas paredes, unhas arrancadas, o sangue escorrendo pelas patas em pequenas linhas vermelhas, alguns animais ainda vivos, seus pequenos pulmões ainda respiram freneticamente, gemendo. Outros, pendurados há muito tempo, seus corpos já putrefatos, caídos, esfarrapados pelo chão de tábuas de pinho.

Uma cama a um canto, luvas cirúrgicas brancas usadas, um estrado no meio do chão, uma fileira de

latas de produtos químicos junto às paredes e latas de tintas que devem ter sido usadas para pintar sobre as flores nas paredes. Manchas de sangue no chão, bisturis ensanguentados e um mau cheiro que chega a provocar tonturas em Zeke, o que o leva a baixar a arma e a se dirigir para a janela que dá para um jardim interior, abrindo-a de par em par, a fim de inspirar ar puro, respirar, respirar...

Depois, já um pouco refeito, virou-se para dentro.

“Porra.

“Parece um quadro de Francis Bacon.

“Mas nada de Vera Folkman.

“Nada de Tove.”

Janne adormeceu rapidamente depois que Zeke telefonou para eles. Malin notou como ele ainda tentou ficar acordado naquele curto espaço de tempo entre a rotatória de Abisko e a rua Sturegatan, mas a necessidade de sono acabou por vencer.

Desmaiou no carro.

Com a cabeça inclinada contra a janela.

“Está sonhando com o quê, Janne?”

“Com o tempo em que éramos jovens?”

“Com o momento em que ganhamos Tove?”

“Somos uma família. Por que razão nós nunca vimos isso?”

“Mas, em vez de ser uma família, cada um foi para o seu lado. Embora ainda próximos.”

Estão agora na escada, em frente do apartamento, bebendo o café que Per Sundsten comprou no posto de gasolina, Statoil, em Stångebros. Karin Johannison andou pelo apartamento, procurando provas, recolhendo amostras.

Sven Sjöman respira fundo, pesadamente. No rosto é visível o cansaço. Per Sundsten e Waldemar Ekenberg permanecem em silêncio, à espera, também sonolentos. Karim Akbar está um pouco afastado, coçando o rosto.

Já são 3 horas da madrugada.

Logo as luzes da manhã viriam afagar os telhados de Linköping e a sussurrar: “Chegou um novo dia, as pessoas vão acordar e sair para a rua, voltando a circular no calor”.

Zeke está cansado, mas ainda atento e perspicaz. Explica pela terceira vez:

— Entrei. Cheirava tão mal que logo suspeitei de alguma atividade criminosa no apartamento.

— Sem problema, Zeke — diz Sven Sjöman. — Você fez o certo. E os produtos químicos lá dentro são da mesma pessoa.

— Agora precisamos encontrar Vera Folkman — diz Per Sundsten. E nenhum dos policiais ali reunidos quis comentar o que a frase implicava: “Temos de encontrar Vera Folkman, porque assim encontraremos Tove. Tove, a única filha da nossa colega Malin.”

— Alguma ideia?

Malin balança a cabeça, não para responder, mas para afastar o sono. Olha para os outros, vê como todos também estão precisando descansar, que nenhum deles tem condições de raciocinar direito, que todos podem deixar escapar pontos importantes, que o cansaço pode prejudicar a solução do problema.

— Aqueles que quiserem podem dormir um pouco — diz Sven. — Não estamos em condições de resistir ao cansaço.

Nenhuma reação.

Eles bebem lentamente o café. Sentem como o valioso tempo está passando.

— Que inferno! — diz Malin. Sven passa o braço pelos ombros dela.

— Vamos resolver este caso, Malin. Sem dúvida.

Karin sai do apartamento, segurando numa das mãos uma das latas de um produto químico e apontando com a outra para o rótulo.

— Esta lata e várias outras foram entregues aqui por uma empresa de tintas, a Torssons Färg, da rua Tanneforsvägen. Talvez vocês devam falar com eles, não? Talvez saibam de mais alguma coisa?

“Estou sonhando.

“Multidão de pessoas vestidas com roupas coloridas, com presentes nas mãos, está a caminho de um templo construído para honrar os mortos. As essências queimadas invadem o ar. Elas cantam e suas canções são cheias de sol e de luminosidade.

“Sonho com você, mamãe.

“Sonho que aparecerá quando eu acordar.

“Que você e papai estarão lá.

“Agora corro por uma planície, depois por uma floresta. Sinto que há qualquer coisa que ainda não me contou e sobre a qual me falará agora.

“À minha volta a sala que vi ao acordar, vejo-a em meus sonhos.

“Não é uma sala bonita.

“Uma veneziana, paredes de cimento, pintadas com flores e expressões de medo. Mas eu já estou correndo, novamente, por uma floresta em chamas. A vegetação em chamas está em meu encalço, quer me cortar em pedaços, mamãe, e eu quero acordar. No entanto, há qualquer coisa que me prende no sonho, um cheiro forte que me faz voltar a sonhar, mamãe.”

O número de telefone da loja de tintas está na lista telefônica.

“Às vezes, temos sorte”, pensa Malin.

Os colegas olham para ela, todo o ambiente no patamar da escada desaparece, todos os olhares estão voltados para Malin e para a chamada telefônica.

Uma voz ainda sonolenta, rouca, atende:

— Palle Torsson.

— Aqui é Malin Fors, da polícia de Linköping.

— Pode repetir, por favor?

Malin repete seu nome.

— Arrombaram a loja?

— Não, queremos apenas algumas informações sobre uma cliente, da Linköpings Vattentekniska. Vocês entregaram material na Sturegatan.

Do outro lado, a sonolência desapareceu da voz.

— A mulher das piscinas — diz Palle Torsson. — Ela não fala muito, mas paga sempre em dinheiro.

— Você sabe alguma coisa sobre ela? Já entregaram material em algum outro lugar, além da Sturegatan?

— Não que eu saiba. Mais tarde, posso ver no computador.

— Mais tarde, não. Agora! — exclama Malin. — Vamos entrar na loja e ligar o computador já. Se você não chegar dentro de 10 minutos, eu mesma, pessoalmente, vou enfiar um pincel bem grosso em você...

Ao chegarem à loja Janne acorda.

O relógio no painel do carro indica 3h20. A luz do dia já começa a aparecer. A suspeita noturna de que o tempo iria refrescar desaparece. Já deve fazer uns 30 graus fora do carro.

— Onde estamos? — pergunta Janne.

— Espere aí — diz Malin.

— Não espero nada...

A loja de tintas foi construída para ser um estabelecimento comercial, vendas no térreo e armazém no primeiro andar. Há também uma espécie de depósito para carga e descarga de produtos. “Deve ser uma loja atacadista”, pensa Malin, “que vende principalmente para empresas.”

Nenhum dono por perto, nenhum Palle Torsson.

— Vamos agir juntos, você e eu — diz Janne. Malin olha para ele e conta como chegaram ali, depois de terem encontrado o nome da firma no apartamento de Vera Folkman.

— O dono está chegando — diz Janne, quando ela acaba de relatar o que se passou. Malin percebe a chegada de um Toyota SUV e vê sair do carro um homem baixo e forte, de bermudas e com uma camiseta azul-clara.

Malin e Janne saem do Volvo e aproximam-se do homem que deve ser Palle Torsson.

Zeke também sai do seu carro e se aproxima.

Eles voltaram a separar-se. Sundsten e Ekenberg andam ao acaso verificando se algo surge de algum lado. Sven e Karim voltaram para o departamento “para pensar”.

Malin estende a mão para Palle Torsson que a aperta, mas parece zangado.

— Posso perguntar do que se trata?

As suas faces redondas exprimem ódio.

— Claro que sim — diz Zeke. — Estamos à caça da assassina sobre a qual você já deve ter lido nos jornais. E agora a pista trouxe-nos aqui.

— Como assim?

— Computador — diz Malin. — Vamos verificar.

Deitei você sobre o estrado, já está aí deitada há bastante tempo, a minha caminhonete branca está lá fora. Vamos sair para o céu na Terra.

Acredita em Deus, nosso Pai?

Ou existe apenas um pai para cada pessoa?

A esperança.

Ela existe em Deus, nosso Pai?

Podemos sugar a esperança de alguém?

Está limpa e pura agora. Já a esfreguei toda, está purificada, pura de novo.

Está mais pesada agora? Logo vou saber. Vou levá-la nas costas.

O monitor do computador ilumina-se diante dos olhos de Malin.

Ela, Zeke e Janne olham sobre os ombros de Palle Torsson, agora mais compreensivo. Está clicando no programa de controle de vendas.

O pequeno escritório fica atrás do balcão com as paredes cheias de prateleiras com pastas e o piso coberto de linóleo amarelo.

— Vamos ver — diz Palle Torsson. — Vera Folkman, Linköpings Vattentekniska, Sturegatan, 17. Pelo que vejo, não existe outro endereço para entrega.

— Algum outro número? — pergunta Zeke.

— Não, *sorry*.

— Tente encontrar Elisabeth Folkman — insiste Malin.

Palle Torsson volta a clicar no computador.

— *Sorry*.

— Apenas Elisabeth.

Novas clicadas.

— Bingo — diz Palle Torsson, em voz baixa. — Uma Elisabeth Folkedotter fez uma encomenda para entrega na Linköpings Poolrengöring, endereço em Tornby, na rua Fabriksvägen, 11, um lugar com muitos armazéns.

Antes mesmo de Palle Torsson terminar de falar, Malin, Zeke e Janne estavam a caminho da porta.

Linköpings Poolrengöring.

Não há nenhuma firma registrada com esse nome.

Segundos.

Minutos.

Horas.

“Quanto tempo nós temos?”

“Ou já é tarde demais?

“Tove.”

“Eu não quero ser uma morta viva”, Malin pensa e sai correndo para o carro.

Vai ficar aí deitada?

Já vamos chegar. Escuto que está se mexendo de um lado para o outro. Não fique preocupada. Não falta muito.

Theresa.

Eu a vi na piscina do jardim e era igualzinha a você. Minha irmã. Senti, então, que podia acontecer. Fui atrás dela.

Toquei a campainha, disse que ia verificar a qualidade da água na piscina. Depois, aconteceu o que aconteceu. Ela esquivava-se e eu a agarrava. Gritava, mas ninguém a ouvia. Eu então bati com a maleta metálica em sua cabeça, e Theresa desmaiou.

Trouxe-a para o armazém. Fiz umas incisões com o bisturi, com todo o cuidado. Abri as feridas cautelosamente. Ficaram bonitas. Depois, lavei-a com Klorin. E, então, ela acordou. Theresa. E eu não estava com a máscara. Olhou fixamente para mim, o que não devia fazer, não devia me ver, porque para ela se transformar era preciso que não me reconhecesse, não é verdade?

De qualquer forma, enfiei o nada azul dentro dela. Tinha as minhas pernas brancas de aranha para me ajudar, finas, muito finas como elas são, e pensei: “Vou abraçá-la”. E, então, segurei com as mãos o seu pescoço. Mas ela não se transformou. Não era você.

Embrulhei-a num plástico.

Enterrei-a bem perto de umas águas isoladas. Talvez seu corpo purificado, sem manchas, pudesse transformar-se em você, debaixo da terra, minha irmã...

Mas o cachorro, o animal, encontrou-a, antes que isso acontecesse.

Meu Deus, como eu sinto a sua falta.

Minha amada irmã.

Eu estarei com você.

Você estará comigo.

Está morta.

Renascera.

Todos os carros para Tornby.

Janne está ao lado de Malin. A ação é da polícia, mas ela não pode mandá-lo embora. Também nenhum de seus colegas sequer chegou a pensar nisso.

Janne.

Tantas coisas que nós não fizemos antes, e estamos agora compartilhando isso.

A rotatória de Berg.

O Sol ilumina os telhados de Skäggetorp com fortes raios que acabaram de nascer. As casas brancas agora mais bonitas, em sua abandonada quietude.

Descem a rua.

Estão a 130, 140 quilômetros por hora.

Zeke segue atrás deles. Malin não consegue ver mais nenhum outro carro.

“Chegamos primeiro. Janne respira fundo, mas não diz nada. A adrenalina deve estar fluindo no corpo dele, tanto como no meu. Mas ele está mais habituado. Quem sabe quantas vezes Janne conviveu com a morte em suas viagens no estrangeiro? Talvez também nos incêndios perto de Hultsjön? Ou em outros incêndios?”

Entram num desvio para a área de Tornby. Passam pelos armazéns de todas as grandes empresas: Ikea, Ikano, Askö, Willys, Plantagen e, mais no interior da área, o atacadista Vansito.

Viram novamente e entram na Fabriksvägen. O número 11 é um armazém de um andar, de tijolos vermelhos, uns 30 metros de largura, com quatro entradas ao longo de uma plataforma de carga e descarga.

Param, saltam do carro, correm.

Qual a entrada certa?

Correm de porta em porta, escutam, procuram pelo nome da firma nas portas, mas nenhuma delas está identificada.

O calor e a luz forte do Sol não existem mais. Apenas o suor e o cansaço que, lentamente, sobrepõem a adrenalina.

Vem um som de um dos armazéns.

Um arranhado, sincopado.

As sirenes estão chegando.

Uma veneziana fechada. O Sol bate forte, a plataforma está banhada de luz. Malin ajoelha-se, olha pela fechadura, tenta abri-la, mas suas mãos estão tremendo.

— Espere — adverte Zeke, que avança em direção a Malin, de arma em punho. — Saia daí! — Aponta contra a fechadura e dispara.

“Uma explosão, ouvi um tiro”, pensa Tove, “e também um barulho surdo. Onde estou? A minha cabeça explode e o meu corpo está imobilizado, mas ainda existe.”

“Estou parálitica?”

“Não posso me mexer.

“Mãe, é você? Está chegando? Papai? Venham me salvar deste pesadelo.

“Alguém se aproxima de mim novamente.

“Um fecho de luz. É uma porta que se abre? Vou ser salva agora?”

Malin e Janne, além de Zeke, pegam a porta por baixo e levantam-na. Não há mais portas. As sirenes são desligadas. Malin consegue ouvir os colegas gritando, vozes de comando. São as vozes de Ekenberg e de Sven Sjöman? De Karim?

A porta está toda levantada.

Janne a segura e Malin entra no armazém de arma em punho, vê um estrado vazio, as latas, a camiseta rosa de Tove no chão, rasgada, um livro, os óculos de sol, além das gaiolas com coelhos ao longo das paredes, latas de tinta, uma caixa com luvas cirúrgicas brancas, produtos químicos em prateleiras por toda parte, garrafas vazias de Klorin, bisturis, uma torneira pingando água. Manchas de sangue pelo chão de cimento, sangue seco, e filetes de carne já podre e malcheirosa. Todo o lugar está repleto de mau cheiro e de morte.

“Que inferno! Que inferno!”

“Vocês já estiveram aqui”, pensa Malin.

E ela vê Janne cair de joelhos, pegar a camiseta de Tove e dizer:

— Fui eu que comprei esta camiseta para Tove.

— Maldição — grita Malin, antes de cair no chão, chorando, cansada, desesperada. Janne abaixa-se, abraça-a, respiram juntos, e se preparam para um mal maior. E pior.

Em volta, policiais uniformizados, Sven e Karim falam com Zeke. O carro de Waldemar acaba de chegar. Falta apenas Per Sundsten.

Que talvez tenha adormecido em algum lugar ou então foi para casa em Motala. Quem sabe?

Malin levanta-se.

Janne está atrás dela.

Foram abertas as portas de outros armazéns, sem nada dentro que lhes pudesse interessar.

— Chegamos tarde demais — diz Sven. — E o que é que vamos fazer agora, porra?

Um tiro.

Foi com certeza um tiro de espingarda. Alguém está caçando ilegalmente na floresta, antes da temporada de caça.

Mas também pode estar relacionado com você, meu anjo de verão.

Você acordou.

Deixamos os incêndios para trás e eu fiz com que você adormecesse de novo.

Agora durma tranquila, na caminhonete branca, até chegarmos ao derradeiro lugar.

Não é muito longe.

E você não precisa ter medo. Vai morrer, mas apenas por um curto período. Depois, será a mais bela de todas as mulheres.

Malin, Malin!

Nós estamos gritando em coro, eu e Sofia.

Pense!

Pense!

Aí, onde você está, encolhida, desesperada, no asfalto, em frente do armazém, em Tornby.

Não escute o que os outros dizem.

Ainda há tempo de salvá-la.

Ainda há tempo para evitar que ela fique como nós.

Pense bem e faça com que nós tenhamos menos medo, salve Tove e dê-nos de presente a nossa paz.

Deixe-nos descansar em paz, Malin.

Você sabe para onde ela está sendo levada, para onde Vera Folkman está indo.

Elas estão a caminho do derradeiro lugar, logo, logo, elas chegarão lá. A caminhonete branca aproxima-se do fim da viagem.

Agora, tem de ficar acordada.

Vou amarrá-la e poderá ver o que eu farei. Ao ver o que vai acontecer, certamente, voltará, não há mais nada de que ter medo, não é?

Minha amada irmã.

Vou estacionar o carro aqui em frente.

Ele deve estar dormindo.

Cheira a verão aqui fora. É uma bela manhã de verão, e este é o dia em que um sonho de verão começará, minha querida irmãzinha, meu anjo de verão.

Abro as portas traseiras do carro.

Está tremendo. Não acorde depressa demais. Poderá ver agora o meu rosto, já não faz diferença. Logo deixará de existir. Acho que o rosto já não tem importância.

Tove olha.

“A luz voltou. Ainda vivo? Estou viva, mamãe? Acho que ainda vivo, já que todo o corpo dói. Alguém me puxa, mas não está doendo, apenas fica cada vez mais quente, quente, quente, pois estou exposta ao sol.

“Casas em volta.

“Casas velhas, cimentadas, plantas amarelas, casas da década de 1950 que eu não reconheço e que vejo de baixo para cima.

“Tenho de correr.

“Fugir daqui.

“Mas, por muito que tente, meu corpo não me obedece.

“Mamãe!

“Vem de novo aquele rosto, mas desta vez com contornos, uma mulher bem gorda.

“Mas ela muda de ideia.

“Levanta-me de novo e volto a ficar no escuro.”

Toco a campainha.

Toco.

Toco novamente.

Espero, espero, até que vem abrir, olha para mim, tenta fechar a porta novamente, mas agora eu sou mais forte, mais forte, e, além disso, coloquei o pé para que ela não fosse fechada. Empurro a porta e

empurro o seu corpo para dentro do apartamento e para cima do sofá, amarro os seus braços e os seus dedos brancos e frios de aranha. Atiro um cobertor em cima de você. Agora, está velho, mas a maldade, as más intenções no seu olhar jamais desaparecem, meu pai.

Espere.

Vou buscá-la.

Tirá-la do carro.

Ela vai vê-lo morrer.

Seus olhos estão bem abertos, arregalados, cheios de medo. É como se as pálpebras tivessem perdido a capacidade de piscar. Todo o apartamento cheira a álcool e a mijó. Está velho e fedido, sujo. Mas eu sei tudo sobre limpeza, pai.

Espere aqui.

Ela está pesada. Sinto isso quando a coloco no ombro. Também tive de colocar novamente a mordaza na sua boca, para que não gritasse e acordasse todo o quarteirão.

Ninguém está vendo o que eu faço.

Pela manhã, os olhos de Finspång ainda estão fechados, mortos.

Fecho a porta.

“Há quanto tempo estou aqui parada?”, pensa Malin. “Tempo demais.”

O corpo oferece uma sensação complexa de muitos sentidos: preocupação, raiva, cansaço, resignação, desespero, fúria e calor. Um cérebro esgotado não consegue raciocinar. Numa hora em que pensar é preciso, salvar é preciso.

O asfalto ferve debaixo dos sapatos de couro.

Malin não aguentou procurar por uma sombra. No verão, o sol já é insuportável mesmo antes das 4h30 da manhã.

Janne e Zeke estão à sombra, encostados numa das paredes do armazém, um ao lado do outro. Malin nota que eles estão poupando forças para o próximo ato.

O último ato?

Sven Sjöman, agachado, ao lado de Malin. Levanta-se.

— Tem alguma ideia? — pergunta.

Seu hálito ainda cheira a café.

As vozes, Malin, escute o que as vozes dizem.

É o desejo que mata.

Nesse momento, Malin endireita as costas. De repente, uma corrente forte passa por todo o seu corpo. Ela pula, grita por Janne e Zeke:

— Venham, eu sei onde ela está!

Sven dá um passo para o lado. Abre espaço para que Malin passe correndo em direção ao carro.

— Venham imediatamente, rápido, mexam-se!

Ao redor deles, todos os policiais pararam, entreolharam-se, como se a voz desesperada da detetive fizesse o tempo e o momento congelarem, dando a todos uma sensação de eternidade.

Sven gritou:

— Para onde vocês vão, Malin?

Mas ela não respondeu, não queria que eles seguissem para lá, pois muitos policiais poderiam detonar alguma ação idiota, se é que já não era tarde demais. Também não queria que Sven telefonasse para os colegas de Finspång, todos meio lentos. “Quem sabe do que seriam capazes?”

“Não.

“Agora sou eu, somos nós, contra você.

“Eu sei onde você está, Vera Folkman. E eu sei por que você faz o que faz.

“É lamentável a sua loucura. Acha que pode fazer a irmã renascer? Fazer renascer o amor entre vocês duas? É compreensível a sua loucura. Mas a minha missão é destruí-la, acabar com ela.

“É também a missão de Janne.

“E de Zeke.

“Mas é em primeiro lugar, a nossa missão, minha e de Janne. Nós temos uma filha. Temos de defender a vida dela.”

Malin está no banco de trás do carro. Janne, encostado em seu ombro. Falam sobre a paisagem por onde passam para que Zeke não adormeça ao volante.

— O lago Roxen parece convidativo à luz da manhã.

— O convento Vreta Kloster é bonito.

— Agora vamos parar aquela maldita mulher.

Malin começou a viagem explicando que Vera Folkman, com toda a certeza, levou Tove para a casa do pai, Sture Folkman, para terminar lá uma dança da morte que já durou tempo demais, afetando um verão que ninguém na região nunca mais esquecerá.

Passam pelo campo de golfe de Vreta Kloster a 150 quilômetros por hora, depois de atravessarem, primeiro, por uma Ljungsbro ainda quase deserta.

Passaram pelos incêndios, pelos carros estacionados e por caminhões de bombeiros com homens cansados, rostos sujos de fuligem, dentro de suas cabines, olhares de resignação, como se o fogo e o calor fossem superiores às suas forças, como se estivessem prestes a ceder diante das chamas e deixar que o fogo acabe de vez com todas as florestas e transforme a província de Östergötland numa terra de ninguém.

— Queria estar ali? — pergunta Malin a Janne, mas ele nem responde.

Papel de parede cor de vinho, chão de madeira que range.

Já o imobilizei. Em breve, estará aqui.

Coloquei tudo no devido lugar, minha irmã.

Poderá renascer numa brancura brilhante e total.

Estou no lugar, no derradeiro lugar.

Eu, Sture Folkman, tinha 17 anos quando pela primeira vez cedi aos meus desejos.

Em Ängelholm, perto da fábrica, havia um quiosque onde ela, que tinha 11 ou 12 anos, costumava comprar cigarros para sua mãe.

Usava um vestido branco.

Que chegava apenas até as suas coxas. Era um dia quente, quase tão quente quanto tem estado este verão.

Ela seguiu por um caminho do quiosque, por trás da área da fábrica, onde as azaleias, as mais bonitas que eu já vi, estavam floridas.

Eu a segui.

Derrubei-a.

Ela ainda nem tinha pelos entre as pernas. E eu soube, então, que aquela seria para mim a primeira de muitas vezes, não dava para parar. Eu vi em seus olhos cheios de medo que, no fundo, ela gostou, exatamente, como todas as minhas meninas gostaram, embora algumas acabassem tendo alguns problemas na cabeça. Eu sempre tinha coelhos em gaiolas para fazê-las felizes. As meninas adoram coelhinhos.

Aquele vestido branco foi manchado de sangue.

Eu sussurrava palavras em seu ouvido enquanto a segurava pelo pescoço.

“Não vai dizer nada a ninguém, menina, senão o diabo virá buscá-la.”

A vergonha é mais forte do que o amor.

Ao longo dos anos, a vergonha tem sido a minha melhor aliada. Foi mais simples e mais agradável quando eu tive as minhas meninas dentro de casa. Deus sabe como eu ficava excitado só de ouvir o ranger de meus passos no chão, a caminho dos quartos.

Elas estavam sempre cheias de grandes expectativas.

Ficavam acordadas à minha espera, aguardando as carícias dos meus longos e habilidosos dedos e da minha maravilhosa arte.

Eu sempre fui cuidadoso.

Retirava as cobertas de cima do corpo delas.

Acariciava a pele jovem delas, branca e cristalina.

Fossem filhas de outros ou do meu próprio sangue, não fazia a menor diferença. Dei o meu amor a todas as meninas que apareceram na minha vida.

Está acordada agora, minha querida menina, meu anjo de verão.

Estamos aqui, no derradeiro lugar. E você verá o que eu farei primeiro.

Bati quatro pregos grandes no chão de madeira e preendi você a eles. Deve olhar sempre em minha direção.

Sento-me ao lado de meu pai no sofá.

Estou com a máscara, e o meu rosto não tem contornos. Coloquei minhas pernas brancas de aranha, pus o colar com as unhas de coelho e com elas arranho o rosto dele. Arranho, arranho, e o velhote grita, mas, na realidade, já não resta muita vida nele.

Você vira a cabeça, olha para o outro lado.

OLHE PARA MIM, SUA BESTA!

E você olha.

Ela está nua e com a máscara.

A cabeça dói, mas Tove pôde ver a cena claramente. Entende que está num apartamento malcheiroso, sabe Deus onde, e que uma mulher, nua, está sentada ao lado do pai a quem faz mal.

“Por quê?”

“E ela grita para mim que devo olhar, mas eu não quero olhar, não quero ver o que ela está fazendo, arranhando o rosto do pai, repetidamente. E ele grita.

“Ela se levanta.

“As luvas brancas e finas reluzem à luz fraca do ambiente.

“Eu não consigo me levantar.

“Cheira a Klorin, um líquido que mamãe costuma usar para tirar manchas.

“Mamãe, papai, vocês precisam se apressar.

“Escuto-a num outro aposento, ouço gavetas sendo abertas, ela está procurando alguma coisa. E o homem tenta gritar, mas ela colocou uma mordaça na boca dele, assim como na minha.

“Nenhum de nós dois consegue se levantar.

“Nenhum de nós consegue fugir.”

A faca.

A velha faca de cozinha com a qual eu e Elisabeth fantasiávamos enfiar no corpo dele, ainda está aqui. Ele não jogou fora esta longa e grosseira faca, com cabo de baquelita.

Retiro-a da gaveta do armário.

Seguro-a pelo cabo. Penso que foi lamentável o que aconteceu com Sofia Fredén. Eu a vi quando ela trabalhava na cafeteria do Tinnis, no ano passado. Notei que se movimentava exatamente como você, Elisabeth. E, então, pensei em agir rápido com ela e num lugar em que pudesse conseguir o que eu queria. Arranhei-a e rasguei-a com as unhas, o que fiz pela primeira vez, mas isso não significou nada. Os coelhos são apenas animais, o amor deles não vale nada.

Limpei-a ali mesmo. Trabalhei rápido.

Mas Sofia ficou mole em meus braços, assim que eu apertei o seu pescoço.

Morreu antes de você voltar, Elisabeth.

Mas, minha querida irmã, deve saber que eu jamais duvidei. Agora, eu sei como fazer.

Espere um pouco. Basta olhar de onde você está.

Depois, venha para mim, com todo o amor. Deve saber bem como eu sinto a sua falta.

Ela está com uma faca na mão.

Tove vê os reflexos do aço e ouve ela gritar, mais uma vez, “OLHA BEM PARA MIM!”. E, então, sentou-se ao lado do homem no sofá que Tove acha que é o pai dela.

Ela levanta a faca no alto.

Grita.

ISTO NÃO É UMA FACA! É O *NADA!*

Depois, ela enfia a faca no homem, no peito, no ventre, uma, duas, várias vezes, um movimento repetido, do alto e para baixo. A íris desaparece, os olhos ficam brancos e todo o corpo estremece. O sangue começa a jorrar, e ela continua com os mesmos movimentos, enfiando a faca no corpo do homem. O sangue sai aos jatos, mancha a camiseta castanha e as calças cinza dele.

“O homem parou de sacudir o corpo.

“E eu estou apavorada. Não poderia estar mais perto.

“Agora, ela pega na mão do homem, mamãe.

“E com a faca corta e o esquarteja. Os dedos dele caem no chão, um a um. O sangue, mamãe, o sangue.

“A mão está agora em cima do sofá. Sem os dedos.

“Acho que acabou.

“Virou-se para mim, mamãe.

“Eu tento soltar-me, esperneio, grito, choro.

“Mas nada acontece.

“Se está a caminho, mamãe, por favor, venha depressa.”

Finspång.

Já são 6h15 da manhã e as ruas da área industrial continuam vazias. Zeke erra a entrada na rotatória, quase atropela um jornaleiro, felizmente bem acordado.

Centro.

Os prédios cinzentos, os quiosques dos cachorros-quentes, as árvores encolhem-se ao sol, as plantações não tão bem tratadas como em Linköping, mas a sensação de um idílio sonolento é constante, como se a área industrial tivesse se transformado num grande dormitório.

Alguma coisa está para acontecer.

— Vire aqui — grita Malin, no momento em que seu celular toca. Vê que é Sven Sjöman de novo. Ele já tentou ligar 10 vezes, também os chamou pelo rádio. “Mas esse trabalho nós vamos fazer sozinhos.”

— Pare.

E Zeke freia o carro de repente.

Abrem as portas e saem do veículo. Malin corre na direção do prédio onde Sture Folkman mora. Abre o casaco e tira do coldre a sua arma. Zeke segue logo atrás, também segurando a arma. Janne segue na sombra dos dois, baixa o corpo, precisamente como se esperasse fogo inimigo das janelas do prédio.

Sobem cautelosamente pelas escadas, bem encostados nas paredes.

Malin coloca o ouvido na porta, faz um sinal pedindo silêncio, escuta o que se passa dentro do apartamento.

Gemidos.

Uma voz de mulher que diz “vamos lá, vamos lá”.

O que significa isso?

“Ela colocou um avental azul, cortou as minhas calças e a calcinha com uma faca. E agora estou nua.

“Não acredito no que está acontecendo.

“Digam-me que isso não está acontecendo.

“Os dedos em volta do meu corpo, em círculos, como lesmas, como filhotes de cobras sem olhos.

“Tento fechar os olhos e chorar, mas ela abre minhas pálpebras a todo momento. É como se eu fosse obrigada a ver tudo.

“Minha pele dói como se ela a esfregasse com algum ácido.

“Ainda em pé, ela sacode agora um colar com unhas de animais em cima de meu corpo.”

— Está vendo os dedos?

“O rosto dela está coberto, as mãos estão com luvas brancas de plástico e o sangue do homem no sofá

escorre em minha direção.

“Ela aproxima-se mais, está bem perto. Cheira a vísceras e a ferro, e eu não quero que me toque.

“Saia, saia, sangue, não!

“E o que está fazendo agora?

“Fala, pensa.”

— O que será melhor?

Uma voz curiosa, de expectativa.

— O *nada* ou dedos de aranha em seu pescoço?

Ela olha para o teto como se procurasse uma resposta.

Vai ser agora.

Vou matá-la e, depois, você renascerá.

Os dedos desapareceram.

Depois, vamos andar de bicicleta, com o vento batendo em nossos cabelos, até chegarmos à água onde o amor é eterno, onde poderemos ficar deitadas ao lado uma da outra, acreditando que o mundo é assim e que a vida nos quer bem.

Vou colocar tudo em ordem.

Vamos lá, não tenha medo.

Vou começar extraíndo a sua vida. Depois, vou penetrar o *nada* uma última vez. E a seguir você o verá. E verá a si própria. E ao mundo que nos aguarda, seguro e aberto.

Você verá que eu coloquei tudo em ordem.

Juntas, vamos ser levadas pelo alto, por cima da paisagem, como anjos amantes, a veranejar.

Malin!

Não hesite mais.

Entre!

Ainda não é tarde demais para Tove, como é para nós. A verdade está atrás dessa porta, ao alcance de você.

A visão atrás da porta é horrível.

Mas você aguentará, vocês aguentarão, suas vidas estão em jogo lá dentro, no escuro.

Tratem de dar um fim a isso tudo.

Acabem com o nosso medo e nos ajudem a lembrar nossas recordações e a retomar a nossa liberdade. Deem às nossas mães e pais o alívio que existe no momento em que a maldade ganha um nome, um rosto.

Abra a porta, Malin.

Faça isso agora.

Está na hora.

Minhas mãos no seu pescoço.

Pare de resistir.

Não levará muito tempo. Entendo que esteja com medo, que sinta dor, mas você voltará. E, no retorno, você será amor puro. Será a pessoa mais bonita do mundo.

Sua pele está quente, tão quente, vou apertar mais.

Desista, aceite, vamos lá.

Eles hesitam.

Em voz muito baixa, falam:

— Como vamos fazer?

— Entramos direto...

— Mas...

Nada de mas, não há alternativa. Malin dá um passo para trás, pega impulso, com toda a força, arromba a porta com o corpo e entra. E vê, quatro metros adiante, um animal, em forma de uma pessoa, com manchas de sangue, debruçado sobre um corpo lavado, deitado no chão. Os dedos do animal, as mãos, em volta do pescoço do corpo deitado. Vê a pessoa como um magma negro, orgânico, com as veias cheias de serpentes brilhantes. Tove está deitada no chão. Malin grita:

— Solte! Solte! Pare com isso!

E mantém a pistola apontada, bem a sua frente. A mulher-animal vira-se, olha para Malin, encara-a. Depois, vira-se novamente para Tove.

“É você mesmo, Tove?”, pensa Malin.

“Ela está olhando para os meus olhos. E eu desapareço, fica tudo branco. Eu pareço estar flutuando. Mamãe, é você quem está gritando? Papai, é você que eu estou ouvindo?”

Seus olhos. Você desaparece dentro deles e algo de novo vai surgir.

São os seus olhos, minha irmã, você está de volta. Eu vejo isso nas suas pupilas e sinto um infinito amor.

O *nada* já nem é preciso.

Vou abraçar você, irmã. E, depois, explodir de alegria.

Malin aperta o gatilho.

Não há tempo a perder. Apenas para reagir como um vulcão, ser parte de um vulcão.

Malin puxa o gatilho várias vezes.

Zeke, outras tantas.

Muitas vezes. O ambiente cheira a sangue, um odor que se mistura com o da pólvora. E, nesse

momento, Janne grita:

— Tove, Tove! Parem de atirar!

Janne corre pela sala, escorrega no sangue, desequilibra-se, dá um pontapé e afasta o corpo sem vida que havia caído sobre Tove. Leva dois dedos à carótida de Tove para sentir a pulsação.

— Merda! — grita Janne. E logo se abaixa ainda mais e coloca a sua boca sobre a de Tove, levando ar novo aos pulmões da filha.

Malin e Zeke estão ao lado, nada mais podem fazer.

O cadáver retalhado que está no sofá, as mãos como tocos ensanguentados, o rosto branco, exangue, o cadáver nu da mulher ao lado de Tove, perfurado por mais de 10 balas, o sangue saindo por cima do colar de unhas. E, então, a voz de Janne:

— Não fiquem aí parados, soltem-na!

E, sem pensar, Malin pega uma faca grande de cabo escuro e solta Tove do chão, cortando as cordas uma a uma, com Zeke soltando palavrões atrás e dizendo:

— É a coisa mais diabólica que eu já vi na vida!

Janne continua fazendo respiração boca a boca em Tove. Conta, pressiona, insufla, conta, pressiona, insufla... Ao lado, Malin afaga a testa da filha e apela:

— Minha querida, minha querida, filha minha, minha querida. Não deixe que isso aconteça...

Mas nada parece ajudar.

Janne, porém, continua a respiração na filha.

Sem vida.

Tove.

Onde está?

— Volte para nós, querida Tove — sussurra Malin em seu ouvido.

“Eu estou aqui, mamãe, eu a vejo, mas não sei como acordar.

“Vejo duas garotas flutuando em volta do seu corpo e as suas bocas se mexem, dizendo palavras que não consigo ouvir, mas compreendo mesmo assim: elas não querem que eu fique com elas, querem que eu volte.

“Voltar para onde?

“Siga a voz, dizem elas.

“E eu escuto, mamãe, escuto a sua voz... Volte, volte, volte... E sinto o ar entrando e enchendo meus pulmões. As imagens voltam para meus olhos e já consigo ver vocês, você e papai, vejo como o medo e a tristeza transformam-se em seus olhos em alegria, amor e vida.

Malin e Janne estão sentados, cada um de um lado de Tove.

Ela respira, ela consegue vê-los com plena consciência.

Os três abraçam-se, então, num momento cheio de suavidade, como se prometessem entre si que esse

abraço nunca mais terminaria. Afinal, o sangue circula nesses braços, ativo, sangue do mesmo sangue fazendo recuar a violência para as cavernas.

Zeke abre as persianas.

O derradeiro lugar está agora cheio de luminosidade.

Aquele que souber ouvir poderá escutar a canção feliz dos anjos de verão, de um verão inesquecível. Uma canção sem palavras, um murmúrio sobre espírito comunitário, amor e solidariedade, uma canção que as pessoas esqueceram há muito tempo e que, por isso, nunca esperam escutar de novo.

Mas essa canção existe. Existe, pelo menos, para aqueles três seres humanos, de joelhos, abraçados, no meio do derradeiro lugar.

Epílogo

NOS ARREDORES DE LINKÖPING,

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE AGOSTO

Estamos juntas aqui em cima, embaixo, por toda parte, em todos os espaços que são nossos.

Assim deve ser.

Nós somos as garotas jovens, eternamente jovens, os anjos de verão de Linköping. E já esquecemos todos os horrores.

Nossas mães e nossos pais continuam tristes, a tristeza deles não lhes dá trégua.

Mas agora eles sabem o que aconteceu.

Você agora sabe o que aconteceu, querido pai. E não existe lugar para culpas.

E ainda bem que é assim.

Nós, nós temos uma à outra.

Partilhamos tudo.

Exatamente como o planejado.

Estamos juntas, agora, Elisabeth.

E podemos vê-lo, como ele sofre, sofre, sofre, onde está agora.

Podemos ajudá-lo?

Não.

Em vez disso, flutuamos ao longo do canal de Göta, fingimos sentir o vento em nossos cabelos. Afinal, somos irmãs, você e eu.

E assim seremos para todo o sempre.

Malin está sentada numa rede, no jardim do fundo da casa de Janne. Ela os observa varrendo as folhas que caíram das árvores muito cedo este ano. Os andaimes ao redor da casa já foram retirados.

Está um dia agradável, cerca de 20 graus à sombra, uma luminosidade suave, e nas florestas os incêndios estão, finalmente, sob controle.

Karin Johannison comparou todas as amostras de DNA de todos os envolvidos com o DNA do estuprador de Maria Murvall, mas sem qualquer resultado positivo.

A mesma violência, com diferentes apresentações.

“Por que isso aconteceu? Por que é que Vera Folkman passou dos limites neste verão superquente?”

Malin não chegou a nenhuma resposta segura. Acordada, durante a noite, pensou: “A história chegou ao seu final, o chão vulcânico explodiu e de lá a maldade soltou-se, numa corrente de lava, cansada de ficar presa e silenciosa numa escuridão latente”.

Malin telefonou para Josefin Davidsson que revelou que se sentiu mais calma depois da hipnose. Eles continuam sem saber quem telefonou para a polícia, ninguém se apresentou.

Malin encontrou-se com Slavenca Visnic na cidade. Slavenca contou que havia vendido os quiosques e ia voltar para Sarajevo.

— Chegou a hora — disse ela.

O apartamento de Malin perto da Igreja de St. Lars foi alugado para um estudante. As coisas de Malin e de Tove continuam dentro de caixas na sala de estar da casa.

Tove e Malin passeiam pelo jardim cuja grama, depois da chuva, voltou a ficar verdejante, cheia de vida.

As flores de muitas cores ousaram aparecer novamente, confiam que o calor exagerado já passou. As pétalas se enroscam aqui e ali por conta de um vento que sopra suavemente, confirmando que tudo voltou ao normal.

“Tove e Janne.

“Vocês são as pessoas da minha vida”, pensa Malin.

“Nós estamos ligados.

“E ficaremos ligados para sempre.

“Este é um presente com o qual precisamos aprender a conviver.”

© Mons Kallentoft, 2008

© da tradução: Jaime Bernardes

Título original: Sommardöden

Publicado originalmente por Natur och Kultur, Suécia.

Publicado mediante acordo com Nordin Agency, Suécia.

Todos os direitos reservados.

Diretor editorial: Thales Guaracy

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves

Editora: Débora Guterman

Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches

Direitos autorais: Renato Abramovicius

Edição de arte: Carlos Renato

Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Capa: adaptada do projeto original de Niklas Lindblad

Imagem da capa: Eva Lindblad/1001bild.se

Conversão para o arquivo ePub: Eduardo Amaral

Preparação: Maísa Kawata

Revisão: Mônica Reis e Raul Drewnick

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A. Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Benvirá, um selo da Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270 | 8o andar

05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP

www.benvira.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K22s

KALLENTOFT, MONS, 1968-

SANGUE NO VERÃO [RECURSO ELETRÔNICO] / MONS KALLENTOFT ;

TRADUÇÃO DO SUECO POR JAIME BERNARDES. - SÃO PAULO : BENVIRÁ, 2012.

480 p., RECURSO DIGITAL

TRADUÇÃO DE: SOMMARDÖDEN

FORMATO: EPUB

REQUISITOS DO SISTEMA: ADOBE DIGITAL EDITIONS

MODO DE ACESSO: WORLD WIDE WEB

ISBN 978-85-64065-95-6 (RECURSO ELETRÔNICO)

1. ROMANCE SUECO. 2. LIVROS ELETRÔNICOS. I. BERNARDES, JAIME. II. TÍTULO.

12-8916CDD: 839.73

CDU: 821.113.6-3

1a edição, 2012